

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA CAROLINA LINARDI MUNGUÍA PAYÉS

**DESEJO E CUIDADO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS EM
CRECHES**

(Volume 2)

**São Paulo
2017**

ANA CAROLINA LINARDI MUNGUÍA PAYÉS

Desejo e cuidado na educação de crianças pequenas em creches

(Volume 2)

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Psicologia e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Lajonquière

**São Paulo
2017**

SUMÁRIO

VOLUME 1

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1. O CUIDAR E EDUCAR INDISSOCIÁVEIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ELEMENTOS HISTÓRICOS E DISCUSSÃO ATUAL NO CAMPO DA PEDAGOGIA	16
CAPÍTULO 2. ELEMENTOS TEÓRICOS A PARTIR DA PSICANÁLISE: DESEJO, CUIDADO E CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DA CRIANÇA	37
2.1. Os cuidados primordiais e a função materna e paterna no enlaçamento ao bebê	39
2.2. De ser de necessidade a ser de desejo	47
2.3. Os três tempos do circuito pulsional	50
2.4. O Complexo de Édipo e a metáfora paterna como operador simbólico	61
2.4.1. Pré-história do Édipo: O Estádio do espelho	62
2.4.2. Triangulação Edípica.....	66
CAPÍTULO 3. DESEJO E CUIDADO NAS CRECHES	68
3.1. A Metodologia IRDI nas creches.....	94
CAPÍTULO 4. À ESCUTA DAS EDUCADORAS	97
4.1. Da apresentação das creches A e B.....	104
4.2. Das análises das entrevistas	110
4.2.1. Violeta - Creche A	114
4.2.2. Rosa - Creche B.....	121
4.2.3. Esmeralda - Creche B	125
4.2.4. Celeste - Creche B	129
4.2.5. Branca - Creche B.....	132
4.3. Respondendo a dois anos: entre o desejo e o discurso institucional	137
CONCLUSÃO	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155
SITES CONSULTADOS	160
ANEXO A. Carta de intenção de pesquisa	161
ANEXO B. Roteiro semi-estruturado de perguntas	162
ANEXO C. Termo de consentimento livre e esclarecido	163

VOLUME 2

ANEXO D. ENTREVISTAS.....	165
Primeira entrevista com Branca, Outubro de 2015	166
Segunda entrevista com Branca, Dezembro de 2015.....	183
Primeira entrevista com Rosa, Outubro de 2015	200
Segunda entrevista com Rosa, Dezembro de 2015.....	212
Primeira entrevista com Esmeralda, Outubro de 2015	220
Segunda entrevista com Esmeralda, Dezembro de 2015.....	234
Primeira entrevista com Celeste, Outubro de 2015	245
Segunda entrevista com Celeste, Dezembro de 2015.....	259
Primeira entrevista com Violeta, Setembro de 2015	267
Segunda entrevista com Violeta, Outubro de 2015.....	277

ANEXO D. ENTREVISTAS

Os caracteres linguísticos utilizados foram aqueles da Tabela abaixo.

Caracteres linguísticos da transcrição

Caracteres linguísticos	Significados
/	Palavra interrompida
(())	Comentário da própria autora
(pausa)	Pausa no discurso
(...)	Omissão de trecho do discurso
“ “	Alteração do tom de voz da entrevistada, sugerindo imitação da fala de uma terceira pessoa
MAIÚSCULA	Intensificação do tom e volume da voz, intensidade.

PRIMEIRA ENTREVISTA COM BRANCA, OUTUBRO DE 2015

E: Então, Branca, queria que você contasse um pouquinho pra mim como que foi, pra você, esse percurso até ser professora de bebês, quais foram as suas motivações?

Branca: Então, quando eu comecei na creche, quando eu comecei a trabalhar como professora eu trabalhei numa EMEI, então eu trabalhava com crianças maiores, de 4 ou 5 anos. Foi bem difícil, tal, mas eu era nova também. Então eu não sei se foi difícil porque era uma faixa etária que eu não gostava tanto, ou era porque é difícil mesmo, no começo, EMEI é difícil. Aí quando eu entrei na creche, eu entrei pra trabalhar com crianças, com os bebês do berçário só que os maiores. Então de 1 ano a dois, mais ou menos. Dois, dois e meio, tal. E eu gostei muito dessa faixa etária, muito, muito, muito. E eu já tinha um fi(pausa), um bebê. Então, quando eu entrei na creche o meu filho tinha um ano. Ele tinha exatamente a mesma idade dos bebês que eu trabalhava. Então era muito cansativo, era a mesma coisa de casa, assim, mas eu, era uma faixa etária que eu não conhecia, profissionalmente, mas que eu gostei muito de trabalhar. Aí desde então eu trabalhei com crianças 1 ano, ou mais velhas, de 2 pra três, mas sempre voltando pra essa faixa etária dos bebês. Esse é o primeiro ano que eu trabalho com bebês pequenos. Desse primeiro grupo da creche. Mas você perguntou por que que eu gosto, porque que? Como foi a minha história até chegar aqui?

E: Como que foi o seu percurso...

Branca: É, porque eu queria muito trabalhar, e eu tenho muito interesse também na relação com as famílias. Eu gosto muito de me relacionar com as famílias. Então, na minha trajetória como mãe, eu tenho dois filhos pequenos, um tem cinco e o outro tem três, então na minha trajetória como mãe de bebês eu participei muito de vários grupos, de mães, e eu tinha muito esse interesse de (pausa), eu percebo muito a necessidade de (pausa), das famílias serem apoiadas nesse momento da vida, de deixar os filhos na creche, mesmo das dúvidas que surgem, então eu tenho interesse de trabalhar com isso. Esse ano a gente não conseguiu trabalhar com isso porque é um grupo de quatro bebês, cinco, que as famílias já são as famílias da creche. Então não são famílias que demandam tanto quanto os pais do primeiro filho. Que é muito interessante, assim. Me interessa muito, assim, ah, “amamento ou não amamento?”, “come ou não come?”, e eu gosto dessa (pausa), desse lugar, dessa conversa, enfim. É... porque ao mesmo tempo em que a creche tem uma postura de não interferência na família, isso não é tão claro, tem coisas que tem interferência sim. Então como é que a gente faz pra apoiar os pais nesse momento, sem ser alguém que diz o que eles tem que fazer, mas que ajuda eles a encontrar o que eles querem fazer, né. Essa segurança. Mas muitas vezes eu sinto que a creche assume esse papel de “ai, o que eu faço, conta pra mim como é que é”... como a gente tira os pais desse lugar de “eu não sei e você sabe”, pra um lugar de vamos construir juntos, como um empoderamento, mesmo, de cada família. Então eu cheguei acho que um pouco nisso, assim, nesse lugar. E fugindo também da faixa etária dos meus filhos. É muito ruim trabalhar com a mesma faixa etária de casa assim, e conforme eles foram crescendo, eu fui voltando pra essa faixa etária dos menores, assim, que eu gosto bastante.

E: Você falou que o primeiro ano que você trabalhou aqui nessa creche, os seu filho tinha a mesma idade que os bebês dos quais se ocupava, e você poderia contar um pouquinho mais como que foi pra você? O que foi desconfortável, né, você comentou que foi difícil.

Branca: É, eu acho que o que é desconfortável naquela situação era assim, meu filho estava ficando pela primeira vez na creche. E eu estava pela primeira vez assumindo um grupo de bebês. E eu comecei a trabalhar com um grupo de educadoras que eu tinha muita dificuldade de

trabalhar. Porque eu via nelas posturas que eu não concordava. Assim. Isso me doía muito mais porque eu tinha um filho da mesma idade. Então era muito difícil assim, essa... não é que era difícil separar, eu conseguia separar bem. Mas eu me envolvia, eu me envolvo emocionalmente muito com as coisas. Nessa situação, me envolvia, me envolvia emocionalmente mais. Porque eu via coisas muito ruins, assim, jeitos de lidar com a criança muito ruins, que me machucavam muito, assim, sabe? Então era difícil, isso era o mais difícil, assim. Então, não era tão difícil “ai, o cansaço, porque troca fralda aqui, troca fralda em casa”... e, na verdade assim, eu tinha o meu primeiro filho, que tinha um ano e meio, e eu estava grávida já do meu segundo filho, nesse momento. Então, se eu tivesse... ainda estava me construindo como mãe, então tinham coisas que eu não tinha muito claras, assim, dos limites, como eu colocava (pausa), como que eu dizia não, assim de um jeito que não (pausa), que eu achasse que era um jeito que era ‘ok’, e eu fiz um pouco isso junto, assim, com a creche e em casa. Então, acho que foi um pouco isso. Eu lembro que tinha uma criança, a Jéssica, que eu sonhava muito com ela, isso é uma coisa interessante, do sonho e da subjetividade (risos). Era uma criança que assim, até hoje, a mãe trabalha... a creche fecha às 19:00, a mãe trabalha até 18:45, não, 19:45, então ela nunca, muito raramente ela vinha buscar, sempre era uma outra pessoa, às vezes era uma pessoa que ela pagava que ia buscar, que levava pra casa, às vezes era uma amiga, aí tinha uma época que era uma babá, que ela contratava, mas era uma amiga, assim, que não tinha muita grana, e que fazia um esquema para buscar a Jéssica. Uma mãe que também não tinha um companheiro, tal. E aí, a Jéssica ficava, eu ficava até 19, 19 e pouco, e a Jéssica sempre ficava, eu ia embora e ela ainda estava aqui. Era tipo a última criança a ir embora, e às vezes nem ia embora no horário que a creche fechava. E era uma criança que tinha uma necessidade de colo muito grande, uma coisa do limite muito difícil de colocar, muito ativa, muito inteligente, muito articulada, com dois anos ela falava tudo. E eu sonhava muito com a Jéssica. Sonhava com ela, e sonhava que eu acordava de madrugada e ela estava na minha casa. Eu tinha, eu acho que eu tinha, eu interpreto isso, eu não sei. Mas era uma sensação de abandono que eu tinha em relação a ela. Que eu abandonava ela, que ela era abandonada, que eu ia embora e a família nunca tinha chegado. E eu sonhava que eu acordava de madrugada e a Jéssica estava na minha cama, que a Jessica estava no quarto, eu chorava (*), escutava um choro, não era meu filho, era a Jéssica. Porque eu ainda acordava de madrugada pra amamentar o meu filho. Então eu sonhava que eu tinha que acordar de madrugada e que tinha uma confusão : “nossa, mas não é o José, é a Jéssica, mas o que ela está fazendo aqui?”. Então isso foi muito engraçado assim, esse envolvimento com as crianças, né.

E: De certa forma ela estava presente fora do trabalho também, né?

Branca: Tava. E a gente morava perto, então a gente se encontrava várias vezes no ônibus, e eu tinha uma relação difícil com a mãe. Porque a mãe, a mãe (engole, pequena pausa)... ela gosta muito das professoras que gostam dela. Como ela era uma pessoa um pouco mais difícil, quando ela tem uma professora que gosta dela, ela gosta muito, ela gostava muito de mim. E aí a mãe encontrava a gente, estávamos eu, ela e a mãe, e a mãe ficava brava porque ela gostava muito de mim, assim. Eu sentia isso, não sei se era isso, ou se era o jeito dela, mas eu interpretava assim. Que ela não gostava que a Jéssica gostava muito das professoras, assim. “Vamos Jessica! Vambora, Jéssica!”. E a Jéssica conversando (gesticula, risos). Era isso.

E: e a mãe que falava isso?

Branca: É, a mãe, tipo assim, não era “Ah, você é professora!”, não. “Jéssica, vamo embora, Jéssica, ahn, ahn”. Essa coisa meio acelerando ela assim nessa relação, no ônibus, na rua, sabe, era engraçado assim.

E: Mas você acha que nesse momento ela estava acelerando porque era você que estava lá, como era a relação delas com você?

Branca: Ah, então, a relação dela com a gente, ela era uma pessoa mais quieta, mais calada, mas eu acho que ela tinha uma relação (pausa) ... não tinha uma relação difícil, era, talvez, fosse uma relação difícil dela com a maternidade que, sei lá (pausa)... esbarrava na gente. Era uma relação difícil, era uma mãe muito jovem, que ainda estava na faculdade, então era uma relação difícil com a maternidade. A Jéssica muito determinada com as coisas, e tal, então era (pausa), eu acho que ela tinha uma relação meio áspera com a Jéssica... Não áspera no sentido dela ser grossa, mas de sempre estar em uma disputa, sabe quando você percebe que não tem uma... não flui assim, sempre está brigando com a outra, assim. E quando a Jéssica via a gente, a gente era a legal. Então eu sinto que pra ela isso era difícil assim. De fazer tanta festa quando ela via a gente, de chegar pra buscar e ela não fazia muita questão, sabe.

E: E pra você, como que era lidar com essa mãe, né, sabendo que a Jéssica tinha essa necessidade de estar tão próxima de você?

Branca: Ah, eu acho que era tranquilo, assim, eu acho que eu entendia que era o lugar dela, assim. Nunca... (pausa) Às vezes eu ficava um pouco constrangida, tipo me despedia mais rápido do que eu me despediria, porque eu entendia que naquele momento ela que tinha que ter o espaço dela. Então muitas vezes eu falava "Vai Jéssica, agora vai com a sua mãe! Tchau, agora eu vou cuidar do meu filho!". Que não era uma coisa que assim, que tem muitos professores que falam "Ah, fui não sei onde e encontrei um monte de criança da creche". E acham ruim, porque sei lá, querem ter o espaço privado do professor, né, tal. Eu nunca achei ruim, assim, nunca me senti incomodada de ser solicitada fora do meu lugar de trabalho. Mas eu sentia que incomodava a mãe, então muitas vezes eu colocava na Jéssica um limite, assim: "Agora você vai com a sua mãe. Agora eu vou cuidar do meu filho". Quer dizer, "agora eu tenho uma outra vida que não é só aqui, e eu acho que agora a sua mãe quer cuidar de você". Eu dizia de alguma forma isso pra ela, assim, que era uma maneira de dizer pra mãe: "fica tranquila, você tem o seu lugar, o seu espaço".

E: Cuidando da mãe também, né?

Branca: É, é. Cuidando da mãe também. Porque eu sentia uma fragilidade nela, uma coisa, uma relação difícil com o pai da Jéssica, assim, era uma coisa muito confusa. Então, era uma fragilidade, mesmo, assim.

E: E quando você tinha que colocar esses limites, né, pra cuidar tanto da Jéssica quanto da mãe dela, pra você era fácil, ou era difícil, ou como era?

Branca: Não, era tranquilo. Era tranquilo. Acho que entendi que ela, ela me escutava. A Jéssica me escutava, dos limites, assim. Eu lembro uma vez que ela chorou muito porque eu passei a catraca do ônibus, tipo assim, era o mesmo ônibus, e ela não podia passar porque ela estava com criança, então ela desce pela frente. Nossa, ela ficou muito, muito brava, ela chorou a viagem do ônibus inteira. Vinte minutos "ah... quero colo!!!". Imagina como é isso pra mãe, né? E aí, eu dizendo pra ela "Não, agora você vai com a sua mãe, eu vou descer aqui, vou encontrar meu filho, babababá, eu acho que ela foi entendendo sim. É isso.

E: ela era bem próxima a você, né?

Branca: É, a gente era muito próximas sim.

E: Você falou que você costuma se envolver emocionalmente com as coisas, aí eu fiquei pensando, como que é o seu envolvimento emocional com as crianças? Como que é pra você?

Branca: Deixa eu pensar... (pausa)... eu acho que ele é maior quando os filhos são da mesma idade. Eu já passei por essa situação. Dois anos. É.... O meu envolvimento é de outro lugar. Ele é muito maior. Não é de outro lugar, ele é misturado, assim. As emoções que você vive são as mesmas. Com os bebês esse ano, é um envolvimento que eu fui me deixando acontecer, assim, sabe, porque essa relação com o bebê é muito... é muito da intimidade. Eu brinco, eu falo muito assim com as meninas do módulo, a gente não deve falar mas a gente dá uns apelidos horríveis, assim, pros bebês. Mas é da intimidade, assim, porque quando os bebês são pequenos, eu chamava eles de macaquinhos: "Ah, vem cá meu macaquinho. Macaquinho, nham, nham, nham" (gesticula). Que é coisa dessa relação, sabe, quase da relação íntima que você põe apelido, a música, eu invento música pros bebês. E são músicas que eu não posso contar pras outras pessoas. E isso é uma coisa contraditória com o espaço da creche. Porque no espaço da creche, você está sempre com as outras pessoas. E eu sinto que o bebê precisa construir uma intimidade com cada adulto que está com ele, assim. Uma coisa, assim, que você só faz quando está você e ele. No momento da troca, que você põe pra dormir, que você canta desafinado e não está nem aí, que você faz brincadeiras, essa.... essa... infantilização, né, que a gente vive, né, quando está com o bebê, essa regressão, de fazer coisa de bebê, cara de bebê (faz caretas e bocas), isso. E aí, acho que eu me envolvi nesse sentido, assim. Fui aprendendo a me deixar na creche, ao longo do tempo, esse ano eu acho que eu estou bem a vontade, assim, a deixar isso vir pra fora, assim, e perceber que isso faz, isso é o meu trabalho. Assim, perceber que isso é muito importante. Que seja verdadeiro, né, que não seja... falso. Só porque eu trabalho com bebês, meu trabalho é fazer mamanhês (faz imitações), não. Meu trabalho é me ligar aos bebês, afetivamente. Então é interessante. E na creche tem uma coisa, com os bebês pequenos, que é o professor de referência. Então temos, lá, quatro, cinco bebês a tarde. A Rosa (outra professora)... é que um não vai muito a tarde, então eu sempre falo quatro. A Rosa fez a adaptação de duas crianças e eu fiz a adaptação de duas crianças. Então essas duas crianças que eu fiz a adaptação, rola uma proximidade. E as outras duas crianças, a Rosa tem mais proximidade. Mas, não é só a proximidade com a criança. Tem um pouco a ver com essa coisa da mãe, né. É como a gente perceber que no espaço da creche eu sou a mãe do fulano e do ciclano. E a Rosa é a mãe do fulano e do ciclano. E pra eu entrar.... como é que eu entro no espaço dessa outra mãe? Desse outro adulto que é referência pra Daniela, por exemplo? E como é que eu deixo a Rosa entrar no espaço entre a Rafaela e... a Rafaela é um bebê que no começo só ficava comigo. Só, só, só, só, só, só comigo. Como é que eu deixo espaço pra esse 'pai' entrar nessa relação, né? Essa outra pessoa. Que é quem vai te tirar a Rafaela de mim e fala: "agora a Branca precisa fazer xixi. Agora ela vai". Né, então... é muito análogo, assim, a coisa das relações da família, acho muito, muito análogo. Não tenho nenhum problema em fazer essa analogia. Mas por que que eu estou falando disso? Ah, porque você perguntou como que é esse envolvimento afetivo com os bebês.

E: É.

Branca: Eu acho que tem a ver com isso, então. Ah, eu fui criando intimidade com a Daniela e o Junior, que são as crianças que a Rosa fez adaptação, muito gostosa, e de conseguir abraçar e beijar, e fazer carinho, e lidar com os momentos de choro com mais tranquilidade. Porque quando você está com o seu filho, e o seu bebê chora, você lida de um jeito, mas quando você está com o filho do outro, não importa se você é uma professora super experiente, é como se fosse o bebê do outro. **Aí, eu preciso tornar esse bebê meu também, não só da Rosa.** Mas falando um pouco desse envolvimento afetivo, eu lembrei de falar da Rafaela, que é uma bebê que entrou, muito grudada com a mãe, nunca tinha ficado com ninguém além da mãe e do pai.

Muito com a mãe, menos com o pai, mas com o pai também já tinha ficado. E aí a gente foi criando uma intimidade, uma relação assim, que é muito parecida com a relação que eu tinha, que eu reconheço em mim com os meus bebês. Nos primeiros, sei lá, duas semanas, a gente tem 15 minutos de lanche, eu ia tomar lanche, e eu comia correndo, porque eu tinha que voltar, porque a Rafaela ia chorar, porque ela estava dormindo (gesticula encenando muita preocupação), aí a Rosa "Aproveita, Branca, vai tomar lanche que ela está dormindo", e eu falava, "Tá bom". (risos). Essa coisa (gesticula e encena uma 'afobação'), é muito parecida essa ligação que rola, assim "Essa pessoa precisa de mim". E eu fui aos poucos assumindo isso sem medo, porque no começo, quando eu entrei na creche, e com a Jéssica eu tinha isso, "como assim eu tenho uma relação tão íntima com um bebê? Não é meu filho, eu não posso ter essa relação". Mas não era uma coisa de eu não posso, porque eu achava que eu não podia. Eu me sentia observada, eu me sentia julgada pelas pessoas em volta de mim, né. "Como que você tem uma relação dessa com uma criança, não cabe isso aqui". E aos poucos eu fui me... ah, fui lendo coisas, fui me formando, e fui reafirmando essa posição de que não, o bebê precisa dessa intimidade aqui. Que é diferente da família, claro, é pra ele chorar quando se despede da mãe. E é pra ele querer ir embora com a mãe quando a mãe chega. Mas, naquele espaço da creche, é como se eu fosse a mãe da Rafaela, como se eu fosse a mãe da Jéssica, ela me elegeru, alguém em quem ela se vinculou, e a Rafaela tinha, no começo, as mesmas reações que ela tinha com a mãe, ela tinha comigo, então era muito engraçado, se a mãe sai ela chora, se eu saio ela chora, se a mãe volta ela fica feliz, se eu volto ela fica feliz. Ou mesmo o jeito da despedida, parece que toda vez que eu tinha que sair tinha uma despedida dela, como se fosse a despedida da mãe, ela me elegeru nesse papel. E eu fui ficando tranquila, assim, em assumir esse papel. E fui conseguindo também, no caso dessas crianças mais grudadas em mim, fazer essa, essa abertura pras outras pessoas entrarem, mas sem forçar a barra com a criança. Então, por exemplo, tinha uma professora, o ano passado, esse ano, que agora ela não está mais com a gente, ela era volante, que é uma professora que fica mais onde precisa mais, onde está faltando gente. Então ela ficou muito com a gente, depois ela foi ficando mais em outro lugar. Que ela tinha uma necessidade, engraçado, a Inajar. A mesma professora que foi a minha parceira quando eu era professora da Jéssica, ela também estava nesse grupo, e ela tem sempre uma necessidade de fazer um rompimento do adulto com a criança. Com a Jéssica, "não, a Jéssica está muito no seu colo, não, ela está muito nananana, não, deixa ela chorar um pouco". E eu não sou dessas. Pra mim não tem isso. Eu vou por outro caminho. E aí com a Rafaela ela queria fazer a mesma coisa, "não, deixa ela dormir aqui, deixa ela dormir aqui no carrinho porque ela precisa se acostumar. No dia em que você faltar, ela vai morrer". Aí eu comecei a ficar meio assim, e nesse dia eu meio que emprestava a Rafaela pra ela e ela queria mostrar pra mim que ela ia conseguir fazer a Rafaela dormir no carrinho. Aí depois de um mês que estava assim com a Rafaela, eu falei não, eu não concordo com isso, não vou ceder. Eu acho que ela precisa sim desse vínculo, e que na hora que ela estiver pronta e tranquila, ela vai ficar bem com as outras pessoas. E foi isso que aconteceu. Ela estava bem, ela começou a dormir no carrinho, ela começou a ficar com as outras pessoas, com a Rosa, e foi, assim, hoje ela está bem. Então, na semana, por exemplo, uma semana a mãe dela viajou cinco dias pra um congresso. Ela ficou grudada comigo. Ela me elegeru, minha mãe não está, e voltou a ser como ela era quando ela entrou. Mas é um momento, mas no geral ela está bem. Eu estou tendo mais segurança pra reafirmar, eu acredito que assim é o certo.

E: E esse processo que você foi procurando construir esse lugar que você acredita mais, né, numa posição que você se sinta mais confortável e que faça mais sentido junto com o bebê, tiveram pessoas lá dentro que te ajudaram a autorizar isso, ou foi uma busca que você fez mais sozinha?

Branca: Olha, eu acho que foi uma busca que eu fiz mais sozinha. Assim, eu acho que tem algumas pessoas, não, mais ou menos, vamos lá. Então, a gente trabalha no módulo com todo o grupo G1 que a professora Rosa, que eu nunca me senti, que ela é uma pessoa super bacana de trabalhar, que eu nunca me senti, é... desautorizada por ela a fazer isso, nunca senti que ela achava ruim, porque ela também é muito desse vínculo. Então ela sempre respeitou muito, do tipo, "ah, a Rafaela quer ir com você, então ela quer ir com você", ela nunca foi do tipo "ela é nossa aluna, ela tem que ir com nós duas, então para de ficar grudada nela". Não. Ela reconhecia que tinha um vínculo, assim como ela tinha um vínculo com as crianças que ela tinha adaptado, principalmente com a Daniela, que até hoje às vezes não quer ir comigo, e ela ia fazendo essa entrada de uma maneira muito sutil. Então ela sempre perguntava pra mim... é muito como se fosse mãe, gente! É muito como se fosse mãe. Porque ela perguntava pra mim assim: "ai, eu pensei que hoje eu podia dar um banho na Rafaela, o que você acha?"

E: Nossa!

Branca: "Ah, eu acho que é legal!". Ou então "ah, eu acho que hoje não está legal, Rosa, eu acho que hoje é melhor eu dar mesmo". "Ah, você quer dar o jantar ou você prefere que eu dê?". Sempre, quando ela vai entrar, ela reconhece que eu tenho um lugar. E aí ela pede permissão pra entrar nesse lugar, né. Não que ela pede permissão, ela checa qual é a minha opinião sobre ela assumir em tal e tal momento. Então, muito sutil, mas essa busca, tem esse apoio desse lugar, das meninas que estão com a gente o tempo todo, não só a Rosa, do tipo: "olha, gente, eu acho que agora eu preciso eu ir tomar lanche, porque eu preciso aproveitar porque a Rafaela está dormindo, tudo bem?". Ela "tudo bem, vai lá". Tinha esse apoio prático, e tal. Mas essa busca de afirmar, "eu acho que eu penso assim", foi muito individual. Não passou por uma conversa mais profunda ou mais teórica com o grupo.

E: Mesmo não sendo profunda e teórica, é o tipo de conversa que vocês tem espaço pra compartilhar ou é uma conversa que você não se sentiria bem em compartilhar lá?

Branca: Que nem "Ah, eu acho que a Rafaela precisa ficar comigo". Isso sim, tem espaço pra compartilhar.

E: Mesmo que tenham posições diferentes...

Branca: É, não tem muitas posições diferentes, destoantes, todo mundo que trabalha diretamente, a Inajar não está mais, era a única posição destoante. Todo mundo que trabalha diretamente com a gente não tem questionamento sobre isso. Porque é um grupo especialmente muito bom de trabalhar. Mas eu sei que tal pessoa, tal pessoa, tal pessoa da creche, se estivesse compondo esse grupo, seria radicalmente contra. Entende. Tem umas pessoas bem difíceis, mas esse grupo que eu to, é muito bacana, muito tranquilo de trabalhar. É... e eu percebo que as vezes tem algumas sutilezas, assim. De algumas pessoas que se incomodam, que apesar de, na conversa, concordarem, se incomodam um pouco com isso, assim. Mas é uma coisa que a própria pessoa (pausa), sabe quando você se incomoda com uma coisa, mas você não acredita que aquilo te incomoda? Então. Tem uma professora que eu sinto que ela se incomoda. Mas eu sinto que ela mesma questiona o próprio incômodo. Não é uma coisa assim que ela de fato acredita. Tipo, "ai, meu deus, tenho que ficar com a Rafaela e ela vai chorar, ela é tão grudada na Branca, ela podia ser menos grudada que aí ela ia ser mais solta". Eu sinto que tem esse pensamento, mas é um pensamento que a própria pessoa não justifica teoricamente, porque ela mesma sabe que o bebê precisa do vínculo e blá, blá, blá, blá... tem muito mais a ver com lidar com a situação de quando eu estou fora, que é chata. Mas tem espaço pra compartilhar sim.

E: E você falou que agora tem uma quantidade menor de bebê, né. Quanto tem uma quantidade maior, como era antigamente, vocês conseguiam manter esse vínculo como você está me contando agora?

Branca: Eu acho que o vínculo sim, mas eu acho que você dá menos conta das demandas da criança. Você deixa ela mais solta, e é isso. Mas eu acho que eu já observei assim, em mim, e nas outras professoras, que tem professoras que tem o vínculo com a criança, que nem a Nelma (outra professora), por exemplo, a Nelma está no grupo dos bebês maiores, que está completo, e a Nelma só fica com a Priscila e com a Lívia. Só. Então a gente sempre tenta manter, e eu sou uma pessoa que nas reuniões a gente discute muito sobre a Nelma, e eu sou uma professora que tenta sempre argumentar: tem que ter uma das duas. Ó, e a gente tem liberdade pra falar, "ó, eu acho que aquele dia que você saiu não foi legal, eu acho que você tinha que ter avisado a Nelma, tatata", a gente tem essa liberdade de falar sobre isso. Então, você dá menos conta, mas não é porque você dá menos conta, essa é uma coisa que eu defendo muito, não é porque você vai dar menos conta de todas as necessidades afetivas da criança que você não vai se vincular a ela. Então eu acho que o que a gente vive hoje é muito assim: "não, mas aí, então, já que eu vou sair pra tomar lanche, eu não quero que ela fique chorando, então também não dou colo o resto do tempo". Não, ela tem uma necessidade, ela vai chorar, e é melhor que ela chore muito quando você saiu porque ela ganhou muito colo antes, do que ela ficar apática o tempo todo porque ela não tem necessidade de... o contato físico dela suprid(pausa), atendida... não é porque você não vai atender tudo que você não precisa atender nada. Então eu acho que no nosso grupo a gente tem isso muito tranquilo, o Antônio era uma criança que no começo precisava da Maria (outra professora), e é isso, precisava da Maria. E quando a Maria vai fazer xixi, a Maria vai fazer xixi, e quando a Maria vai tomar lanche, a Maria vai tomar lanche. Mas, a Maria, porque eu já trabalhei em grupo no berçário, por exemplo no grupo da Lúcia, que cada uma troca dez fraldas. Você tem que trocar as suas dez fraldas, você não pode fazer a sua parceira trocar vinte fraldas pra você naquele dia. E lá no nosso grupo não, se a Nádia (outra professora) precisa ficar com a Angélica, a Nádia não vai fazer troca de fralda hoje, porque não precisa submeter a Angélica a um momento de abandono - não é um abandono de fato, né, mas e Angélica sente como um abandono - afetivo, porque tem que ser justo. Agora, se a Nádia diz: "eu to cansada da Angélica. Ela está chorando muito, está me irritando. Alguém pode ficar com a Angélica?". Aí é diferente. Porque aí entra o adulto como pessoa, que também participa dessa relação, então, a gente vai. Porque a gente vai, Angélica, agora, Nádia, agora ela vai ficar dentro de uma fralda, ela está cansada de ficar aqui, então você vai ficar aqui, a Angélica vai chorar, vai ficar triste, tal. Mas é real, né, não é fictício, né, "não vou me vincular a ela porque senão ela vai chorar, e eu vou ficar muito cansada, e ela vai chorar". Enfim.

E: Então vocês também tem espaço pra compartilhar, por exemplo, "estou cansada", quando não quer, quando é difícil...

Branca: È, a gente foi ganhando, talvez a gente ainda não consiga dizer com todas as palavras: "estou cansada", "quero, enchi o saco dessa criança", mas a gente consegue entender a outra. Mesmo que a outra não diga. Então, quando a Nádia fala: "Angélica, agora eu vou trocar a fralda, você vai ficar aqui" (em uma entonação específica). Eu já entendi que a Nádia está de saco cheio. Então eu vou ajudar a Nádia com essa transição com a Angélica. Então a gente tem uma... flui muito bem, assim, o nosso trabalho.

E: E, você falou antes também, que você sente que às vezes é contraditória essa postura que você se dispõe a ter com os bebês e talvez o contexto da creche. Eu não sei se entendi muito bem, mas eu ia te perguntar um pouco mais: o que que é contraditório?

Branca: Ah, essa coisa da intimidade com o bebê. Então, é difícil, você como adulto construir com o bebê pequeno, com o grande é menos, mas com esse bebê pequeno, de colo, assim, essa intimidade que a Sueli diria que é... como chama... pulsional, mas eu não sei, acho que eu entendi o que é, mais ou menos, eu nunca li nada especificamente sobre isso, que é desse "eu vou comer esse bebê" (gesticula e fala com intensidade), que é muito importante pro desenvolvimento psíquico, né, do bebê. E é muito difícil desenvolver isso perto das outras pessoas. É muito difícil. Não sei se é difícil, não sei se a... a... Índia, lá... Indu... se a mãe do bebê da Namíbia, se pra ela é mais difícil. Porque esses espaços de se regredir com o bebê era mais... então eu não sei se, assim... porque me vem uma frase na cabeça que é assim: "por isso que a gente tem licença maternidade", por isso que a gente fica enfiada na nossa casa pra construir essa intimidade com o bebê. Só que isso é uma coisa moderna também, né. Antigamente as pessoas não ficavam enfiadas na sua casa, elas viviam em comunidade. Então eu não tenho clareza se é esse mundo que não permite que eu seja, que eu me expresse assim com o bebê. Pode ser. Mas de qualquer forma, nesse mundo, é difícil você ter essa relação pulsional com o bebê, ainda mais quando não é o seu, porque parece que isso não cabe no espaço da creche. Parece que é esquisito. Parece que você está infantilizando a criança, que você está fazendo uma coisa boba. E aos poucos a creche foi formando os educadores pra perceber que isso é muito importante, ba-ba-ba, mas, ao mesmo tempo, não é só porque a gente sabe que é importante que a gente vai fazer. Porque isso tem a ver com intimidade. Então, não sei se a palavra é contraditório. Às vezes é incompatível. Pode ser incompatível. É mais difícil, demora mais tempo, pra construir essa intimidade com o bebê, dessa relação um a um, assim, não só porque tem um monte de bebê, também. Mas porque parece que a gente está em uma instituição, em uma instituição que você não pode ser... sabe... ser... sei lá...

E: E pensando nisso, você acha que tem alguns cuidados que a creche deveria dar pros educadores de bebês que são diferentes, ou algum espaço que dê mais possibilidade de criar essa intimidade que é tão delicado?

Branca: O que que a creche poderia fazer... é uma boa pergunta.

E: Talvez algumas coisas você até sinta que faça, outras talvez não.

Branca: É, eu acho que a gente tem uma fala, mas que, quando tem muitos bebês isso fica muito difícil. Não... já vou te dizer o que eu ia falar... comecei a falar ao contrário... é assim. Esse momento de troca, e de banho, é muito importante. É o espaço que existe. Por isso que o banheiro não é uma sala, que não é aberto. Né, porque ele é um lugar de intimidade. Né, o banheiro, o sono. É um lugar que, até nas nossas leituras e estudos, você vai entendendo como um lugar que é muito importante, da intimidade. Só que na rotina, esses momentos são os mais atropelados. Mas eu não acho que eles são os mais atropelados porque de fato, de fato precisa ser atropelado. Eu acho que é uma lógica capitalista de linha de produção que muitas vezes a gente faz com as crianças. Então, muitas vezes, acha ruim que a educadora, as companheiras: "ah, é, demora demais na troca", como se ela fosse uma vagabunda que está lá enrolando, pra ficar lá fora, sabe. Então, no primeiro grupo quando eu trabalhei no berçário, tinha muito esse entendimento. Que era uma máquina de fazer trocas de fraldas. E que o lugar da interação com o bebê é no momento da atividade. E isso ainda é muito valorizado na creche. Então uma coisa que a creche poderia fazer, **é valorizar mais o cotidiano**. E menos a produção da atividade, daquilo que aparece, que você vai e fala "ai, fiz um trabalho com os bebês de sensorialidade, bla-bla-bla, bla-bla-bla, bla-bla-bla, só que o banho do bebê eu dei em cinco minutos". Que trabalho de sensorialidade é esse. Né? Com esse grupo que tem quatro bebês, e com a parceira Rosa, é muito bom de trabalhar, porque a Rosa fala: "Branca, agora eu vou dar um banho na Daniela, porque ela está muito nervosa, vou ver se ela se acalma". E a Rosa vai, dá um banho, e

tal, tranquilo, sabe, é muito bom. Também tem a ver com o número, mas eu não acho que tem só a ver com o número, porque eu já trabalhei com a Rosa com um número maior, porque a Rosa é muito experiente, ela trabalha na creche há muito tempo. Eu já trabalhei com ela com um grupo maior, e ela tem, não é exatamente a mesma calma, a mesma tranquilidade, mas ela tem esse olhar. Tipo "Ai, essa criança precisa tomar um banho". Porque o banho pra mim é o símbolo. Porque o banho é o fardo das educadoras. Porque, no berçário menor, que é o nosso, tem, na rotina tem uma "lei" que tem que dar um banho no bebê, todo dia. Então, muitas vezes, eu já acompanhei grupos em que isso era o fardo das professoras. "Ah, tem que dar o banho no bebê". E no berçário menor, no maior, que são um pouco maiores, tem que fazer, toda troca de fraldas se dá meio banho. Você não limpa o corpo dela, mas você dá um meio banho. Porque tem um entendimento de que isso é bom pra criança, de que tem um relaxamento, né, limpa direito, enfim, né, gostoso. E, no primeiro grupo que eu trabalhei, era assim, um questionamento muito grande desse meio banho, uma necessidade muito grande de tirar esse meio banho porque não precisava, um questionamento das educadoras que faziam esse meio banho de uma maneira mais calma, porque às 16:00 é o momento da atividade. Então às 16:00 tem que estar todo mundo pronto. Então a gente foi quest(pausa), então, esse trabalho (havia comentado, antes de iniciar a entrevista, sobre um trabalho que apresentou), foi questionamento muito essas coisas, de um jeito sutil. A gente não dizia "ah, a creche está errada", não. E isso é muito importante, é nesse momento da troca de fralda, tem várias relações de troca de fralda que a troca era muito difícil, e tal, que esse contato é muito importante. Então eu acho que no nosso contexto, o que a creche poderia fazer, é valorizar o cotidiano, e nos formar mais pra lidar com esse cotidiano, porque parece que tudo está em função das 16:00 da tarde. Então troca a fralda rápido, toma lanche rápido, pi-pi-pi-pi pra tudo estar pronto e tal, tal tal, fazer aquilo que é importante. Tudo o resto que passou antes não era importante? No discurso é. Mas, quando às 16:00 horas você não está pronto pra atividade e entra o seu coordenador e fala: "nossa! Mas não tem nada acontecendo aqui hoje?". Como não tem nada acontecendo? Olha tudo o que está acontecendo! Sabe? Então... a gente está cavando esse lugar, esse ano, assim, está sendo bem duro pra gente, assim. Porque é bem diferente do grupo da manhã, que tem, às 10:00 da manhã para e faz a atividade. Então a gente está em um outro ritmo, então, o cara está brigando lá com o amigo lá do outro lado. A gente não grita com essa crian(pausa), a gente grita com essa criança porque a gente não é, né, pessoas (pausa), integral, assim, o tempo todo, mas a gente vai lá "olha, o que está acontecendo", mediar o conflito da maneira como a gente vai entendendo, que a gente vai melhorando. Mas que, eu já trabalhei em grupos que não queriam, e o cara "larga a mão do seu amigo" (imitando um grito). Não! Vai ser mais rápido assim? Vai. Tirar o cara e separar vai ser mais rápido? Vai. Trabalhar com duas crianças brigando, e ficar um tempo ali olhando elas brigarem pra entender o que está acontecendo, e pra deixar elas se expressarem um pouco também, é difícil, né. É difícil.

E: E... você falou muitas coisas importantes, né.

Branca: (risos). É impressionante que você não está usando papel. Nossa, você tem uma cabeça, assim...

E: É o formato da entrevista, né.

Branca: É, eu imaginei que era o formato, né, mas, é bonito de ver assim, você vai puxando assim sem seguir o roteiro.

E: Mas você deixou várias coisas que eu queria retomar. Você estava falando sobre... que dentro, da creche, você se sente um pouco como mãe. E como você acha que você ajuda as

famílias quando você ocupa esse lugar demais intimidade? Né, eu queria entender um pouco melhor...

Branca: Essa é uma coisa que eu não sei fazer, ainda, é uma coisa que eu estou aprendendo e quero aprender antes da creche acabar. Porque... é difícil pra mim... eu não sei... mas fala mais. Eu que te cortei, acho que eu queria ouvir mais a sua pergunta.

E: Vou falar um pouquinho mais, mas na verdade eu que queria entender o que você quis dizer, com a sua experiência, né. Porque, quando você ocupa esse lugar, que você se sente um pouco como mãe...

Branca: Do bebê, né?

E: Do bebê. Você também está ocupando um lugar com relação à família, porque está fazendo parte dessas relações. E de que forma você acha que consegue ajudar a família, né, a mãe, quando você se vincula mais, quando você consegue ocupar esse lugar, quando você de repente consegue separar esses lugares. Eu queria entender um pouco melhor isso.

Branca: Deixa eu pensar. Eu não sinto... eu sinto assim, quando a família chega... eu estou tentando reconstruir, né... que momentos que eu me encontro com a família... no nosso quadro da tarde é quando elas chegam pra buscar o seu bebê. Eu sinto com essas famílias uma comunicação muito fluida, assim, muito tranquila, muito... é... Com a Rafaela, especificamente, tem uma coisa muito a vontade da mãe com esse vínculo nosso. Muito feliz, até, porque é uma mãe muito aflita, que era a sensação dela de que a única pessoa que ela se vinculava na vida era eu (pausa), era ela mesma (corrige-se). Então ela se sentia quase que sufocada por essa relação com a filha. E aí eu acho que ela ficou feliz de perceber que a Rafaela consegue se vincular a outras pessoas e abrir seus leques de relações. Porque era uma mãe desesperada pra terminar o mestrado senão eu vou perder, mas aí "não, eu vou deixar a Rafaela, mas vai ser muito difícil, ela não vai se adaptar"... e aí ela se adaptou, ela ficou bem, então. A mãe é muito grata a essa intimidade que se criou, e eu não sinto nenhuma questão assim, com ela, e sinto que, como que ajuda... eu não me sinto nesse lugar de ajudar as famílias. Parece que não é o meu papel. Eu tenho a sensação de que eu queria na creche, criar uns grupos de famílias, porque eu acho que quem ajuda a família, é a família. Então eu me sinto muito mais ajudando a família, por exemplo, a Daniela, que é a referência da Rosa, a Rosa é referência dela, eu converso muito com a mãe, conheço a mãe, e tal, do outro filho que ela teve na creche, e tal. E ela vai me contando coisas: "não, porque ela não dorme de noite, ta-ta-ta, porque amamenta ou não amamenta, e pi-pi-pi", ela vai falando muitas coisas, e aí, como professora, o meu lugar, eu me sinto sempre nesse lugar, o meu lugar **é de relatar coisas** que a Rafaela faz na creche. "Ah, olha só, aqui na creche na hora de dormir é assim...". Nunca me sinto no papel de dizer pra ela o que fazer, mesmo de sugerir, tal. É, mas, eu sinto que como ela sabe que eu sou mãe, e ela conhece meus filhos, não que a gente tenha uma relação de amizade, quando ela vem falar pra mim essas coisas, ela não está esperando de mim, ela não está me buscando como a professora da Rafaela, ela está me buscando como mãe. Como parceira, como comunidade, como alguém que vai dizer ah, o José também não dormia, ah, o Pedro mamou até 2 anos e meio. E aí percebo, e eu entro no jogo dela. Porque eu percebo que é isso que ela precisa, que não é da professora da Rafaela que ela está interpelando, ela está interpelando a mãe que eu sou, que ela sabe que eu sou. Então é confuso. Então, o que eu me sinto, o que eu ajudo a família, não como é, relatando o que essa criança vive, mas que não é isso que ela busca. Ela busca... então, quando uma mãe vem falando mal do marido, que o marido não ajuda, o que que ela quer? Quer que eu fale mal do meu marido! Ela quer que eu fale "ah, nossa, pra mim também está difícil na minha casa, ai, nossa, mas olha só, meu marido só começou a lavar a

roupa quando eu parei de lavar toda roupa. E larguei tudo sujo". Por que é isso que as pessoas buscam, as pessoas buscam comunidade, as pessoas buscam trocar experiências, e eu sinto que a creche, ou qualquer instituição de educação infantil, precisa proporcionar um encontro dessas famílias, pra que elas troquem experiências entre elas. Ou para que eu possa trocar experiências com elas, mas de outro lugar. Entendeu?

E: Que às vezes elas te procuram a partir desse outro lugar, e às vezes não, talvez?

Branca: Às vezes não. Tem famílias que, tipo, que nem, teve uma criança que eu fiz adaptação que a família não me procura. Acho que a família, ou ela tem uma rede de apoio, uma comunidade muito bacana, que ela se sente suprida nisso, e não procura, porque está ok, está ok com as coisas, né. Tem outros pilares. Mas a mãe do zezinho, e a mãe da Rafaela, elas falam muito com a gente, falam muito, vamos ver se as meninas vão falar do zezinho. Porque é uma família com várias questões. Com as meninas da manhã, quando essa mãe chegava, ela falava acordou de manhã, brigou com o marido, a criança fez birra, ta-ta-ta-ta... a mãe d Rafaela chega com uma carga assim em cima das meninas, assim, muito grande. É essa busca da comunidade, não é uma busca da professora do filho. Entendeu?

E: E essa busca, às vezes como professora, às vezes como comunidade, desse lugar que você construiu, que seria um lugar junto com a família, você acha que você foi fazendo isso aos poucos, foi natural pra você?

Branca: Hmm... deixa eu pensar... eu me lembro, que quando eu trabalhei com esse grupo que tinha a Jéssica, que eu estava muito envolvida com os grupos de mães. E eu tinha algumas crianças que estavam, que tinham dois anos, quase dois anos, pra fazer dois anos, que ainda mamavam no peito, como meu filho mamava, da mesma idade. E eu sentia que essas mães se sentiam muito acuadas, muito como se elas estivessem fazendo alguma coisa errada. Porque a creche, não a creche como instituição, dava a entender que aquilo não estava bacana, porque era muito vínculo com a mãe, porque a criança chorava muito pra se despedir, ba-ba-ba, e essas mães sentiam (pausa), eu sentia que elas se sentiam muito sozinhas nisso. Muito não apoiadas pela instituição nessa decisão. E eu me lembro que eu fui começando a fazer isso, olha, eu nunca tinha elaborado isso, eu acho que eu fui começando a fazer isso muito por essa via, que era uma coisa que estava muito viva pra mim como mãe, como pessoa, que era de, como elas chegavam e falavam "ah, olha só, o Lucas, ele mama muito ainda, de madrugada, nunca sei se está certo, se está errado...". E vinham como, já falando comigo, sabe quando você vai falar, e fala assim "ai, não dei banho no meu filho hoje, não deu tempo", você já vai falando pra sua amiga que está errado. E eu me lembro de, muito sutilmente, dizendo não "é, é assim mesmo, lembra de madrugada mesmo", e ir apoiando essas mães. Não dizendo "eu concordo que você deve amamentar até os cinco anos", não, não era isso, mas era de dizer pra elas "isso também cabe aqui, pode falar sem culpa, me parece que você gosta de amamentar o seu filho, não tem problema. Né, é a sua escolha". Né, e fui fazendo um pouco essa entrada por esse caminho que eu sentia, de famílias que tinham feito escolhas, que não eram bem vistas pelas outras famílias e pelas professoras, e que eu fui meio que legitimando essas escolhas porque as delas eram iguais às minhas. Claro que se fossem diferentes talvez eu não tivesse tanta tranquilidade em legitimar, mas como a delas era parecida com a minha eu fui sentindo, me colocando no lugar delas como mãe, falando "nossa, que horror que deve ser isso, né, deve ser muito ruim". Fui apoiando, assim, e eu sinto que eu não fiz isso sozinha. Eu fui fazendo isso com uma rede de professoras. Porque, por exemplo, vou te contar uma situação, polêmica. O ano passado, e era professora do berçário maior, e no berçário menor, que eram essas crianças que eu trabalho hoje, que são essas crianças que estão agora, né, tinham várias mães que não queriam que eu oferecesse leite de vaca para as crianças. Isso era uma situação que já vinha vindo na creche,

há um tempo, a gente já vinha acompanhando muitas famílias que não queriam que o leite de vaca fosse oferecido por diversos motivos, ou porque amamentava, ou porque não tinha o diagnóstico de alergia mas tinha o entendimento de que não fazia bem, e tal, e eu tive que passar por essa situação com o meu filho quando ele entrou na creche, de não querer que fosse oferecido leite de vaca, e não me foi permitido, então era uma situação viva pra mim, e era uma situação viva pra muitas famílias que estavam entrando ali. A gente acompanhou muitas famílias que mentiam no atestado, iam num médico de confiança, o médico inventava, dava ali um diagnóstico de alergia ao leite pra criança não tomar leite. Mas a gente que é educadora e que está próximo da família sabia que era mentira, e logo, logo a coordenação também já sacava. Mas a gente não contava, tinha uma cumplicidade ali. E aí, a gente foi, só que o ano passado, as reuniões, sempre as reuniões do berçário maior e do berçário menor foram separadas. O ano passado eles resolveram unificar. E nessa de unificar as reuniões a gente foi colocando essa questão. Por que o que que é: quando o bebê, ele é pequeno e é amamentado, a mãe vem amamentar na hora do almoço. Quando dá 15:00, o bebê está morrendo de fome, muito diferente do bebê que tomou uma mamadeira de leite de vaca, porque o leite de vaca, ele é mais pesado, ele dura mais no estômago, e ba-ba-ba, e leite materno a absorção é muito mais rápida. E então tinha uma reclamação, as professoras começaram a ficar bravas com as mães que amamentavam, bravas com as crianças que eram amamentadas de tabela porque essa criança chorava muito. Porque tinha fome! E aí elas liam como, "ah, a mamadeira era melhor". E a gente, que é esse grupo que é hoje, que a gente trabalha junto, foi colocando essas questões: "não, não é isso, não é assim, é outra, é diferente, ta-ta-ta", e aos poucos a creche(pausa), e aí tinham outras questões: "ah, porque aí a mãe fica lá, com o peito de fora, ba-ba-ba-ba", uma hostilidade mesmo com as mães, uma coisa muito ruim, e aí a gente foi falando coisa, a Sueli (coordenadora) foi entendendo, a Sueli foi trazendo alguns textos pra gente ler juntas, tal, e aí a gente chegou numa situação no berçário esse ano, com essas crianças, que é uma situação inédita, porque elas estão sendo perm(pausa), está sendo permitido não tomarem esse leite. Elas não (pausa). Então há uns dois ou três anos atrás era impensável que você não ia dar o leite pra criança. Então tinha que ter uma receita, nem que fosse falsa, pra você dar outra coisa no lugar do leite. Esse ano não, esse ano a gente está oficializando que tem uma opção fruta. Para as famílias que não querem oferecer esse leite pras crianças, elas vão comer fruta. E as outras crianças todas podem comer fruta. Então... por que que eu estou trazendo isso? Qual foi a sua pergunta?

E: A gente estava falando sobre o lugar que você construiu junto com as famílias.

Branca: Isso, isso. Ah, a gente foi fazendo, não foi fazendo isso só individualmente, a gente foi fazendo isso institucionalmente, assim, né (com certo encanto na voz). Nessas experiências, desse reconhecimento de que tem vários jeitos de estar com as crianças, entre as educadoras, pra legitimar a escolha dessas famílias. A gente foi fazendo isso, assim, hoje está muito, muito tranquilo. É uma coisa que não tem mais questionamento sobre isso. Bem interessante, assim, esse processo.

E: é uma conquista, né?

Branca: É uma conquista, e eu sempre quis esse lugar também, né... uma coisa, um parênteses, né. Tem uma coisa da relação entre as educadoras como mães. Então tem várias educadoras que são mães de crianças mais velhas, ou de crianças da mesma idade, tal, e a elas falam, a gente vai fazendo essas conversas. E isso também faz o conhecimento circular entre a gente. E a relativização de algumas coisas, então eu lembro que tinha uma parceria que criticada muito as roupas de uma criança, e ela dizia assim "porque o fulano, olha a roupa dele, tudo rasgada, tudo manchada, ah, porque não tomou banho, porque a meia é pé de um e pé de outro". E eu

me sentia muito mais a vontade, porque eu sei que esse questionamento que a pessoa faz com a roupa da criança não é profissional, é uma coisa muito mais "ah, eu criei tão bem os meus filhos, imagina, lavava roupa, passava roupa", né, isso não é (pausa), que tem a ver com esses modelos de ser mãe. "Que o meu modelo de ser mãe, mesmo que eu tenha sido mãe há vinte anos atrás, mesmo que ele não esteja mais tão vivo, ele entra em choque com o modelo de ser mãe da mãe do meu aluno. E aí eu me incomodo com aquilo, porque pra mim usar o pé de um ou o pé do outro é ruim, é uma violência, é um desleixo"... tudo bem a pessoa achar isso. E eu sentia que o que questionava muito mais esse modelo da pessoa não era eu dizer "gente, temos que respeitar a escolha das famílias, blá-blá-blá", não, eu sinto que o que fazia isso era a pessoa entender que existem outros jeitos de ser família. Então, se ele fizer, eu "ah, eu também faço", aí a pessoa ficava vermelha. "Ai ai, meia de um, pé de outro?", eu "ah, eu também uso meio (pausa)". Às vezes nem era verdade, as vezes eu mentia. Mas era como dizer, eu, sua amiga, olha pra mim, eu sou branquinha, bonitinha, eu faço isso também com a criança. Isso não é sinônimo de uma mãe que é ruim. Né, existem muitos modelos. Mas eu nunca faço, nunca funciona fazer isso pela via teórica, profissional, de dizer, olha só... isso é o discurso que a Sueli (coordenadora) vai fazer. Olha só, pessoal, aqui na creche tem muitos tipos de família, a gente tem que respeitar a escolha, bla-bla-bla. Mas, do meu lugar de colega, de par, funciona muito mais... "Nossa, essa mãe também não passou"; "nossa, meu filho ontem não tomou banho, sabe, que ele chegou em casa dormindo, e acordou e veio pra creche sem tomar banho". Que desestabiliza o lugar de certeza de que todas as pessoas decentes dão banho no filho todos os dias. "Nossa, você é uma pessoa decente e não dá banho no filho todos os dias".

E: E aí, você acha que essa é uma coisa que vocês costumam fazer bastante, assim cada um colocar um pouco dos afetos, do que está vivendo?

Branca: Não, eu acho que não. A gente tentou, a gente tentou fazer isso nesse trabalho (o trabalho científico que ela comentou que havia preparado), assim, que a gente apresentou, a gente tentou bastante, mas algumas dúvidas era muito difícil de puxar. O que eu sinto, o que me incomoda naquela família, naquele bebê, é difícil puxar, parece que não tem lugar. Assim, essa subjetividade, tem lugar assim, a subjetividade: "ah, eu gosto do bebê, ah, o bebê tal é cansativo, tal". Mas desse miúdo, assim, do dizer: "me irrita a mãe não dar banho todo dia, porque eu dei banho no meu filho todo dia e eu acho que isso é um desleixo", isso não. Esse grau de clareza não tem.

E: Não tem dentro da creche.

Branca: Dentro da creche. Nem institucionalmente. Não é nem de dizer que "pode falar sobre isso, mas não fala", não, é uma coisa que nem entra, assim, a gente conversa muito pouco sobre as relações com as crianças, a gente conversa muito sobre o projeto pedagógico, sobre família, mas sobre (pausa), ou sobre o comportamento da criança a gente conversa muito, mas a gente não conversa quase nada sobre a minha relação com a criança. Como se fosse só **profissional**. Não fosse uma pessoa, e aí tem que falar dessa pessoa que eu sou, e o que que eu trago, né.

E: Será que pra você ia ser bom se tivesse esse espaço?

Branca: Pra mim seria o ideal de vida. A gente está tentando muito criar isso, assim, esse espaço pra trazer coisas, assim, é uma coisa que é fundamental na relação com as crianças. Mas que, como eu digo pra você, melhorando a palavra, não é contraditório, mas é muito difícil de conseguir o espaço institucional. Porque o espaço institucional pro adulto, é o espaço do trabalho, é o espaço do sério, mesmo que o sério seja brincar de boneca, mas é o espaço onde eu não posso falar das minhas coisas, não cabe o meu eu, a minha vida pessoal. E pra se

relacionar com bebês, com crianças, essas coisas precisam vir, né. Não tem muito jeito, tem que vir. E aí, entender que isso é profissional. Que olhar pra isso, faz parte da nossa profissão, falar de nós, olhar pra nós. Então... enfim, tem uns discursos assim que você percebe que são claros, assim, se a gente está uma reunião, que tem a ver com resolver tensões entre adultos, do jeito de trabalhar, da visão de mundo, tem um discurso que a gente ouve muitas vezes da direção, que é assim: "aqui não é uma sala de terapia em grupo. Aqui é outro negócio, a gente vai falar do trabalho, ba-ba-ba". Mas passa pelo meu trabalho, isso passa, não tem como não falar de si. Tem uma professora que sofreu violência a vida inteira, e que continua violentando verbalmente as crianças, tem que falar de violência com essa pessoa, a pessoa tem que sacar que ela está reproduzindo todas as opressões que ela sofreu na infância, com essas crianças. Não tem como você não ter uma mesa de terapia de algum jeito, né. Isso passa de alguma forma.

E: Talvez tivessem coisas que vocês pudessem compartilhar mesmo, né, de vivências. E eu ia perguntar antes, mas eu perdi a hora de perguntar, então eu vou perguntar agora. Né, você estava falando de quando você se sente mãe dentro da creche, né, você contou de várias coisas parecidas com o lugar da mãe, do jeito que a criança se relaciona com você. E o que você acha que é diferente do lugar da mãe?

Branca: O que é diferente... ah, eu acho que tem facilidade, mesmo com relação aos sentimentos, assim, quando a criança cai, eu não sofro. Se ela se machuca eu não sofro (coloca intensidade na palavra) com as coisas. No começo desse ano, com a Rafaela em adaptação eu sofria, eu sofria, não é que eu sofria de saber que eu estava lá fazendo xixi e ela estava chorando, não, era uma coisa assim: "era pra eu estar lá, eu preciso voltar, é importante". Não tem esse lugar de sofrer as coisas. Tem um pouco, né, tem um tanto, mas é um tanto que não chega perto do sofrer mãe. Acho que isso é uma diferença bem clara. É... eu acho que, não sei, acho que esse sofrimento fala de outras coisas, também, né? De... eu acho que tem uma separação emocional, não tem uma fusão, né, que a gente tem com o bebê quando é filho da gente, tem uma fusão. Eu não sinto que ela sente, quando você sente que o outro sente, assim, isso é muito diferente. É... que mais que é diferente... ah, eu não sei, acho que é isso que é diferente... mas isso é grande, na verdade. É diferente...

E: E você sente que quando o bebê vai crescendo, ele vai colocando você em outros lugares?

Branca: Sim, sim.

E: Como que é isso pra você?

Branca: Como que eu sinto ele me colocar nos lugares?

E: As duas coisas, o que você vai percebendo e como você vai se sentindo com essas mudanças?

Branca: Tá. Eu acho que é uma alegria, sabe? É gostoso assim ver o bebê crescendo, ficando com outras pessoas, é muito gostoso. É uma coisa gostosa, assim, é uma sensação, assim... pra mim é uma coisa assim... ele caminhou e foi por um bom caminho, sabe. Não precisa abandonar o bebê quando ele precisa, 'pra ele ficar bem depois sem você'. Não precisa ficar sem você quando ele precisa de você. Ele pode ficar com você quando ele precisa de você, e quando ele não precisa, ele não precisa, e você se alegra porque o processo dele foi orgânico, assim, né. Então eu acho que é uma coisa gostosa, assim, de confiar que esse vínculo é bom, ele é saudável, assim, não sei, é uma coisa boa. E aí, você vai percebendo, assim, que o bebê anda, ele vai com a outra professora, ele vai longe, ele vai, é gostoso. Muito bom. E é gostoso também criar um vínculo com esses bebês que eram mais grudados com a Rosa, é muito gostoso. Então,

sei lá, a Rosa tirou uma licença médica de 15 dias, isso aconteceu com nós duas, eu tirei uma licença médica de 1 semana, e a Rafaela super grudou na Rosa, e viraram super amigas, e a Rosa tirou uma licença médica de 15 dias. E a Daniela, que só ficava com ela, a gente ficou super próxima, agora ela está de volta, ela fica com a Rosa, mas a gente criou uma intimidade que quando a Rosa está a gente não tem como criar. Que não dá, porque ela se preferem, elas se gostam, não é só a Daniela que prefere a Rosa, a Rosa também gosta da Daniela. Então é gostoso você criar esse vínculo com a criança, é muito bom. Perceber que você também consegue fazer ela dormir, consegue acalmar quando chora, é muito bom.

E: Tem alguma outra coisa que você queira falar hoje?

Branca: Deixa eu pensar... é deve ter, mas agora eu não estou lembrando. Traz a sua última questão aí que (incompreensível)...

E: Você acha que tem coisas que, na creche, você como professora acha que não conseguiria suprir as necessidades da criança?

Branca: Ah, muito legal, isso... eu acho que tem algumas crianças, eu sempre penso nisso, é uma coisa que não sai da minha cabeça. Tem algumas crianças que não ficam bem na creche. Não era pra estar ali. É uma coisa que eu não sei nem explicar. Tipo, tem criança que chora muito na creche, que não fica bem. Que não interage com as outras crianças, que brinca muito pouco, e eu não tenho tanta clareza se isso é uma coisa dela, que ela também não ficaria bem em outro grupo, né, também é uma (pausa)... né, tem crianças que tem uma relação com a mãe assim, de um jeito estranho... talvez ela não ficasse bem mesmo. Mas eu sinto que tem limite, assim, a gente tem um limite, de... e pra mim é muito... legal você estar falando isso. Pra mim, eu estou em uma situação ambígua, assim, porque eu não acredito que o bebê tenha que ficar na creche. Não é uma coisa que eu acho... eu faço isso, é meu trabalho, mas eu não acho que é isso que tinha que ser. Eu acho que os bebês e as crianças tinham que estar no meio das pessoas. Eu acho que a gente institucionaliza, a gente separa as crianças do mundo dos adultos, eu acho que é uma discussão grande, assim, que eu tenho na minha cabeça sobre isso, assim. De que não era pra ser esse mundo, não era pra ser desse jeito, as crianças tem que estar com as suas mães, com os seus pais, na roça, a gente criou um mundo em que as crianças não cabem. Então as mães, desesperadas porque não tem vaga na creche, porque a creche não abriu vaga, e eu super estou lá na luta, vamos abrir vagas na creche, ba-ba-ba, mas de verdade, no fundo, no fundo, eu não acho. No fundo, no fundo eu acho que elas podiam ir pra aula com seus bebês e esses bebês tinham que caber nas aulas. A não ser que as mães não quisessem. Porque muitas vezes você não quer, você não quer ficar com o seu filho 24 horas por dia. Você quer o seu espaço. Mas eu sinto que a gente quer o nosso espaço muito mais porque as crianças não cabem nos nossos espaços, do que porque a gente de fato quer o nosso espaço desse tanto. Então talvez as mães de bebês fiquem felizes de ter um passeio semanal sem o seu filho. Mas eu não acho que elas são felizes ficando o dia inteiro longe das crianças. Pra mim isso é muito claro, assim, muito claro na relação com as famílias. Elas sofrem, assim, as famílias sofrem muito, as crianças... e a gente usa sempre uma expressão, que é: "ah, as crianças se adaptam muito bem". Se adaptam, se adaptam a morar na rua, se adaptam a coisas horríveis. Eu não estou dizendo que a creche é uma coisa horrível, eu acho que a creche é uma coisa boa, mas quando você diz que as crianças se adaptam, quando você vê que as mães não se adaptam, é um sinal de que não está legal. Não era pra estar. Então, pra mim, isso é um desconforto, assim, esse trabalho. Eu gosto, eu acho que eu tento fazer um bom trabalho, mas filosoficamente eu não acho que tinha que ser assim. Então eu acho que tem um limite, a sua pergunta é... vê se é isso que você perguntou. O que que a creche não dá conta, né, o que que a creche não supre. E eu acho que e até difícil listar o que ela não supre, porque é tão anterior,

sabe, é filosófico mesmo, é escolha de mundo, assim. É essa escolha de mundo, crianças pra cá, adultos pra lá, ela não contempla o que eu acredito. E aí você vê no cotidiano que não supre, que, né.. que não supre, porque tem uma atenção exclusiva que a gente não dá conta, porque tem uma mediação das relações que a gente não dá conta, não sei. Não sei nem listar o que não supre, eu acredito tanto que não supre, que é até difícil pontuar, sabe?

E: E essa mediação das relações que não dá conta, seria mais das professoras com as famílias, ou das professoras entre elas, ou entre quais pessoas?

Branca: Não, das brigas entre as crianças. Você que se as crianças se relacionam, briga das crianças, e você... não é que você tem que estar lá o tempo todo para abarcar tudo, porque isso também não é bom, né, o adulto ficar lá o tempo todo "vamos fazer isso, vamos fazer aquilo", é horrível, é até bom que a criança seja um pouco largada, no sentido, largada mas observada, sabe, no sentido: "eu estou aqui, estou entendendo", mas quando você chega no final de um semestre pra escrever o relatório de uma criança e você não tem o que escrever, é doloroso demais. Tipo, tem criança, nesse grupo de quatro não acontece isso, mas tem grupo de 15, 20, né, todo mundo, a gente faz um relatório da criança e cada educadora pega x crianças pra escrever, e chega no final... eu acho que pra algumas crianças tem, é de um lugar.. mas pra algumas crianças são muito invisíveis, e pra essas crianças eu sou muito preocupada, assim, quando você chega no final de um semestre e você vai escrever alguma coisa e você não tem, tipo: "do que que ele brinca? Do que que ele faz?" é como se ele estivesse 10, 11, 12 horas do dia dele invisível!! É muito triste isso, isso que eu sinto que a creche não dá conta. É dessa relação com ele, dessa criança. E tem um outro lado da institucionalização que é: todo mundo está comendo, e você não está comendo, vem sentar aqui e comer... quem é que dá cont(pausa) que a creche não dá conta de que cada um é um, que cada um tem um ritmo, e aí a gente, neste ano, nesse trabalho que a gente vem tentando fazer, a gente foi tentando cada vez mais dar conta dessas especificidades de cada um. Né, e eu acho que a gente está num caminho bacana, assim. Mas, não dá conta. Poderia dar mais conta, se a gente institucionalmente tivesse um outro lugar, uma outra visão. Poderia, mas não dá conta.

E: E isso tanto pros bebês quanto pras crianças maiores?

Branca: sim, sim. Quanto menores elas são, eu acho que isso é mais vivo. Mas pras crianças maiores também, eu acho.

E: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Branca: Não. Eu adorei a sua última pergunta, essa última, muito pertinente, assim. Principalmente nesse momento de luta, pela existência da creche... que eu sou muito envolvida politicamente, tudo, mas pra mim é muito difícil, assim, muito esquisito lutar por uma coisa que... Eu acredito aqui, no imediato, mas não acredito que eu deveria acreditar. É difícil.

E: Uma solução pros problemas que a gente mesmo inventou, né?

Branca: É, isso, isso, é.

E: Apesar que você é importante, muito importante pra essas famílias e essas crianças, né?

Branca: Sim, sim. É muito, eu sinto que tem um papel, é uma coisa que eu gosto muito de fazer, e tal, mas lá no horizonte é outra coisa, é esquisito.

E: Entendi. Eu gostei muito, eu queria agradecer porque você falou coisas preciosas pra mim.

Branca: Fico feliz também, de ver algumas coisas que eu não tinha clareza, é bom, né?

E: Bom, fico feliz que tenha sido proveitoso pra você também. Eu preciso ver o material, ver se a gente vai precisar de uma segunda entrevista, porque talvez nem precise. Se a gente precisar, por você, tudo bem?

Branca: Tudo bem.

E: Posso procurar por você lá na creche mesmo, a gente combina um outro dia?

Branca: Sim, sim. Todas as quartas-feiras do meio dia à 13:30, a gente tem a reunião desse grupo, então, talvez se você precisar, talvez seja um bom momento pra você, é um momento que se você precisar, você sabe que a gente vai estar lá disponível pra conversar, que foi aquele dia que você foi. São todas as quartas.

SEGUNDA ENTREVISTA COM BRANCA, DEZEMBRO DE 2015

E: Tudo bem com você?

Branca: Tudo bem. (risos).

E: Desde a nossa última entrevista, já deve fazer um mês e pouco, tem alguma coisa que te ocorreu que você gostaria de complementar?

Branca: Deixa eu tentar lembrar... (pausa)... então, a gente falou, eu acho que eu falei pouco da relação com as educadoras, eu acho que talvez seja uma coisa que eu poderia explorar mais, da relação com as parceiras. É... e eu queria até te falar que eu acho que foi muito bom a gente ter vindo pra cá (biblioteca), porque cria um ambiente de intimidade assim, que foi gostoso. A gente até conversou com as meninas depois, como foi bom não ter sido na creche. Porque a gente conseguiu falar coisas que talvez a gente não falaria, mesmo sabendo que ninguém ia ouvir, a gente fica mais... é, fica mais... preserva mais. Eu acho que eu poderia falar um pouco disso, dessa relação com as educadoras, de alguns desconfortos que eu venho tendo, que eu já ... já tinha um desconforto que eu não estava refletindo muito bem o que que era, e eu comecei a refletir um pouco mais. Hm... deixa eu ver se tem mais alguma coisa... é, não sei, talvez disso surjam outras coisas. Você pensou em alguma coisa? Tem alguma dúvida?

E: Tenho sim, mas aí eu vou perguntando no decorrer da entrevista.

Branca: Tá.

E: O que que te ocorre quando você fala do desconforto com as educadoras?

Branca: É... então... a gente teve algumas situações durante o ano e teve uma situação recente, com relação às famílias, assim. Às vezes eu fico um pouco desconfortável com a maneira como algumas das parceiras encaminha a relação com as famílias. Não como ela encaminha de fato a relação, mas como depois isso reverbera nos comentários, enfim. Por exemplo, teve uma criança que chegou muito doente na creche, a Rafaela. Ela chegou, a mãe deixou, ela vomitou duas vezes, a mãe ainda estava na creche com o irmão, elas chamaram a mãe, mas a mãe não podia leva, ou ela não quis, enfim, ou achou que não era necessário, enfim. E aí depois eu lembro que eu cheguei na creche, isso foi há duas semanas atrás, e isso estava incomodando muito as meninas, assim “nossa, mas ela não podia deixar a menina desse jeito, é muito ruim, é um absurdo”. Por um lado era um incômodo com a mãe, que deixou a bebê, e por outro lado era um incômodo com a direção, que não entreviu mesmo estando presente não entreviu, de dizer pra mãe que daquele jeito não tinha como ficar, enfim. Mas eu fiquei um pouco incomodada com... com... é... um... um... a creche tem um jeito de lidar que não é um decoro... é um jeito de lidar com a família que eu, como cheguei depois, eu meio que não peguei, que é assim: não se fala as coisas, algumas coisas o educador não fala com a família, quem fala é a direção. Então por exemplo, as meninas não sentem que elas tem autonomia pra dizer pra mãe, que a mãe perguntou “ ai nossa, ela vomitou, o que vocês acham que eu faço?” – a mãe perguntou. E eu lembro delas contando com uma super admiração “como assim o que você acha que a gente faz?” - elas, não dizendo pra mãe, mas contando pra mim. “Ela que é a mãe, ela que sabe”. Mas na verdade elas tinham uma opinião sobre o que fazer, que era levar pro médico, e não deixar na creche e aí a gente se encontrou e elas me contaram “ah, e aí a gente ficou olhando com aquela cara de nada, e aí ela deixou a menina”. Mas e aí, ela não perguntou qual era a opinião das educadoras? Porque a mãe, de alguma maneira, disse “o que vocês acham que eu faço?”, de alguma maneira ela estava perguntando, né, “ Vocês acham que tudo bem ela ficar? Por

vocês tudo bem? Ela vai ficar bem?”. De alguma maneira ela perguntou mas as educadoras sentiram que não era delas dizer isso, porque a diretora estava do lado ouvindo a conversa. E elas disseram: “não, mas a diretora tinha que ter falado, que não dava pra ela ficar”. Mas a mãe, ela não se refere à diretora, ela se refere à professora, que é quem está mais próximo, e enfim. Então eu senti um desconforto, essa situação trouxe um pouco desse desconforto em relação a como a gente fala das famílias, né, dessa expectativa que a gente tem que a família seja como a gente é como família, e eu acho que aí mistura um pouco dessa relação de mãe e de professora, porque eu acho que eu me identifico muito com essas famílias, essas quatro famílias do grupo, eu me identifico muito com o jeito delas, de criar os filhos, né. Que é um jeito mais tranquilo, menos... algumas sim outras não, mas de um modo geral. Já tem uma, menos, não é tão desesperada com remédio, com médico, não sei o que, muito tranquilas. E eu acho que elas se identificam com um outro jeito de ser mãe, que bate nelas de um jeito de “nossa, mas isso está errado”. E talvez quando elas dizem que o jeito de ser mãe das outras é errado, talvez eu me sinta... é... tem um tanto de desconforto profissional de dizer “não, eu acho que não é assim que se fala com as famílias, tal”, mas por outro lado tem um desconforto de “ai meu deus, não estou gostando, porque eu sou assim também”. Em alguns momento eu consigo dizer também “porque ahhh, na minha casa, gente, nossa, é uma bagunça, nossa”, porque se elas vem dizer que desse jeito “não, porque fulano não dorme em casa, não dorme a noite inteira, porque ele mama”. E eu sempre vou brincando com as meninas, dizendo “é...” pra eu mostrar pra elas que não é longe: não é aquela mãe. Quer dizer, aquela parceira que tem filho também tem vários jeitos, “ai, eu também, nossa, quando os meus dois eram pequenininhos” – brincando um pouco, né. Porque eu acho que essa, é muito misturado mesmo, elas vão se remetendo o tempo todo a elas como mães, eu como mãe, se referindo a mim perguntando como é... então sei lá, tem uma mãe lá, da Camila, que tem menos de organização, não dá conta de comprar comida no mercado, o marido não ajuda, uma situação bem difícil. E elas vão falando assim de um jeito tão pesado, mas tão pesado, que eu vou falando assim “meu deus do céu, mas há dois anos atrás eu tinha uma vida igual a dela, né”, e isso vai pegando pra mim de um jeito assim.

E: Posso falar o que eu estou ouvindo do que você está falando?

Branca: Sim, sim.

E: Eu estou ouvindo assim, que existem modelos e cada um tem o seu modelo de família, de mãe, de maternidade. E esse modelos acabam ficando muito presentes nas relações que vocês tem. Às vezes a conversa que acontece não é nem uma em relação à outra, mas tem mais a ver com as vozes desse modelos por trás da história de cada uma, né. Interessante isso.

Branca: É, mas isso é muito interessante que você falou, dessas vozes, porque às vezes nem é o jeito que uma pessoa é como mãe, ou que eu sou como mãe, são tipo, como se fosse um senso comum. Talvez as pessoas pressuponham que há um senso comum de ser mãe, de um jeito de criar um filho, e que se elas julgam que se aquela família... e não acho que elas acham que é uma coisa tão: “é assim, tem que ser assim”. Não, talvez tenha uma faixa, uma variação de coisas normais, e quando uma coisa sai muito daquela variação, aquilo assusta, né, aquilo é dissonante dessas vozes que são mais óbvias: se a criança está doente a gente tem que ir ao médico. A gente tem uma (mãe) que não leva nunca. É muito difícil ela levar, ela não vai. Toda vez que ela vai fala o médico fala que é uma virose, e todas as experiências que ela tem com médico não resolveu na vida dela. Então ela não leva, ela espera, ela observa, pra ela isso não é ruim. E pra elas isso incomoda muito, elas sentem como se fosse um... como se fosse um... um descaso mesmo com a criança. E eu não sinto assim porque eu me identifico com ela, né, mas acho que é essa faixa mesmo, dessas vozes. E eu percebo muitas vezes que eu vou - pra me

incluir nesse grupo de educadoras - eu vou adotando algumas vozes que não são minhas. Eu concordo com coisas que eu não concordo, eu falo "ah é, realmente, nossa".

E: Tipo o que?

Branca: Tipo, ah, sei lá, o Tiago respira muito mal. Tem épocas que ele está melhor, agora ele está melhor. De roncar, super entupido o nariz, tal, muita secreção. E aí as meninas se incomodaram bastante, foram conversar com a Ivonete (psicóloga). Eu também me incomodo, o menino ronca igual ao meu marido, é bem chocante assim. Quando ele está congestionado ele ronca muito alto, e dá apneia, de fazer (faz barulhos bem altos), fazer aquelas coisas assim.

E: Nossa, chama a atenção.

Branca: Chama a atenção. Chama a atenção das outras educadoras, e me chama a atenção também, não é uma coisa que não me chama a atenção. Mas é uma coisa que a gente já encaminhou pra família, a família encaminhou pro otorrino, o otorrino disse que não é nada, que era secreção, e colocou o soro e que vai cuidando. Eu acho que é um pouco assim, tem um tanto que a gente encaminha, a família vai num médico que ela confia e o médico trata como "olha, é ruim mas ele vai melhorar com o tempo. Está tudo bem. Não é uma coisa grave, é uma coisa que atrapalha ele, mas vocês vão tratar desse jeito mas ele vai ser feliz, está tudo bem. E que pra elas isso é uma coisa assim "não, mas não é possível, então tem que ir em outro médico, né?" Porque foge muito, não o sintoma dele, mas a conduta da família foge muito de não investigar atrás de um jeito totalmente exaustivo para ver porque que ele é assim ba ba ba. Pra mim é muito tranquilo, "ok, é ruim, a gente encaminha pra família, e a família está preocupada, é uma família super atenciosa, mas o jeito como ela encaminha é assim, de um jeito tranquilo". Né, põe soro 5 vezes no nariz, e cuida daquele jeito, não vai por um antibiótico mais forte, enfim, são maneiras de cuidar.

E: Me parece que não existe só uma maneira de cuidar, mas que tem muitas formas possíveis de cuidar.

Branca: É, exatamente, tem outras formas possíveis de cuidar que, eu muitas vezes vou percebendo que, sei lá. Nos nossos momentos de reunião, de reunião que somos nós quatro, a gente fica muito tempo discutindo essas coisas, e isso me incomoda muito. Assim, a gente tem cinco crianças e a gente fica conversando sobre o nariz das crianças, e a mãe das crianças, e a doença da criança, e a situação da criança, e a família da criança, e o choro da criança, e fica muito nesse... nessa conversa sobre os cuidados, e essa relação com a família, e eu acho que pouco a gente avançou, assim, em questões pedagógicas, assim.

E: O que te incomoda?

Branca: É... me incomoda que eu acho que mesmo com o grupo pequeno poderia ter avançado mais em questões pedagógicas, poderia ter pensado em coisas pra fazer com as crianças, né, bacanas e tal, e que esse tempo das reuniões que era pra isso é muito tomado por questões desse tipo. E toda vez que a gente encaminha uma proposta pedagógica é porque é uma cobrança da coordenação, mas que não é de iniciativa própria nossa. E eu me vejo nesse lugar também, que é de não conseguir sair disso. Então, não é que eu falo "não, vamos propor alguma coisa" e as meninas falam "não, vamos conversar sobre nariz", não, eu também não proponho nada, porque como eu sou mais nova, eu vou um pouco assim: vamos conversar sobre nariz? Ok, vamos conversar sobre nariz, mas na verdade eu queria conversar sobre "ai, vamos fazer uma sequencia de melecas, vamos fazer um não sei o que". E eu acabo tendo esse diálogo com as educadoras do G3 e do G4, que são mais ativas nessa parte, então eu vou meio que

grudando nelas e vou fazendo coisas junto, e planejando coisas junto, que tem uma outra reunião que é um pouco maior, mas com essas educadoras que a gente tem essa relação mais direta com a criança, essa é sempre a via: da alimentação, da doença, do sono, que é super importante, que elas sabem muito e elas fazem muito bem, e elas tem um olhar muito importante. E que até na outra entrevista eu falei um pouco disso, porque você perguntou 'o que atrapalha no trabalho', e eu falei que tinha uma cobrança da coordenação que tinha que ter esse tempo do cuidado, e eu acho mesmo. Mas o que me incomoda não é a gente dar o tempo pro cuidado, eu acho mesmo que a gente tem que focar mesmo nisso, na relação, isso pra mim é muito tranquilo. Mas que esses momentos de conversa com as educadoras eles poderiam estar mais ricos de outras coisas, e também mediados pela coordenação da creche que também não media. Ela só entra quando é alguma coisa que assim, o nariz, a gente chama a Ivonete pra falar do nariz, pra falar pra ela que ela tem que chamar a mãe pra falar do nariz. Então sempre é um momento que eu sinto o tempo todo FOFOCANDO, então é muito ruim. Apesar de saber que não é, que é importante falar, eu me sinto esquisita, porque não é uma coisa que eu vou conversar com o pai, porque é uma coisa que quando a gente conversa é de um jeito aqui, e depois com o pai vou conversar de outro jeito, polido, e quando o pai não está, você fala de um jeito mais espontâneo, para o bem e para o mal.

E: Será que é por isso que você sente que é como se fosse uma fofoca?

Branca: é, eu sinto, eu não consigo dizer das coisas que eu falo ali da mesma maneira com que eu falaria pro pai. Eu acho que a gente precisa ter... eu acho que tem coisas que a gente não precisa falar pro pai, eu acho que é normal. Até a gente faz essas escolhas, a gente não fica contando que o seu filho está mordendo todo mundo, porque a gente sabe que nem todas as famílias compreendem que é uma coisa normal, né, então a gente preserva um pouco as crianças, de contar algumas coisas. Mas a nossa opinião com relação ao procedimento daquele pai ou daquela criança, a gente expressa pros nossos pares mas a gente não compartilha com as famílias. Então é ruim isso, incomoda um pouco. Então eu acho que poderia ser uma conversa mais mediada pelo... mesmo que a gente fale sobre o nariz, sobre o sono, que seja mais mediada pelo... coisas mais concretas da educação mesmo, da profissão, e menos mediadas por esses conhecimentos da vida privada, que são super importantes, que precisam ter o seu lugar, mas que eu acho que às vezes é um lugar muito maior do que deveria ser, assim. Eu acho que a gente carece um pouco de estudar, de ler. Porque a gente precisa falar sobre as crianças. Mas como a gente não tem o... como a gente está estudando pouco, e como as meninas já estudaram muito em outra época da creche, e há um tempo está meio solto, então o nosso repertório é o repertório da mãe, eu digo como mãe, dessa observação mais intuitiva, eu acho. E se a gente estivesse estudando, o repertório seria outro, seria mais das reflexões do campo da educação. E eu sinto falta de encontrar pares pra conversar sobre esse repertório.

E: Você diz isso como uma ideia que você sente que seria uma coisa fértil, ou você já tem experimentado algumas caminhos?

Branca: Sim, sim.. ah, eu nem te mandei o trabalho.

E: Não, tranquilo.

Branca: eu preciso te mandar pra você entender. Tem um grupo de pessoas que está pensando várias coisas, e é bem difícil essa conversa com a coordenação da creche, porque o pedagógico é a tinta, é o movimento, o corpo. Mas esse pedagógico da relação, que é uma reflexão do campo da educação, e da psicologia também, mas especialmente da educação, que não é só PROJETO PEDAGÓGICO, A ATIVIDADE, DESSA COISA ESCOLARIZADA, mas que a educação tem coisas a refletir sobre as relações. Então a gente vem tentando trazer um pouco

isso, mas é bem difícil encontrar esse espaço como coisas que a gente legitima, entendeu? Porque vai desconstruindo muito a gente, né. Mas a gente tem experimentado sim, tem experimentado.

E: Porque ao mesmo tempo em que você diz que vocês ficam muito tempo falando sobre algumas questões, parece que esse tempo não está sendo aproveitado pra satisfazer essa necessidade que vocês tem de falar sobre as relações nessa perspectiva, né. Parece que está indo por outro caminho que talvez, eu fiquei aqui pensando o quanto você está conseguindo participar de fato desse grupo.

Branca: é, eu fico muito de ouvinte, fico muito de... eu concordo com algumas questões, outras eu discordo, mas não sei desse tom, dessa música, a música é essa. Às vezes eu falo: ah, é sol, ah não, é ré, sabe. A música é essa. Muitas vezes tem momentos que eu penso: gente, vamos conversar sobre um outro ponto de vista, né. De colocar as nossas coisas, de ter claro que a gente é mãe sim, que a gente traz os nossos valores pra cá, né, quando a gente tem isso claro, fica mais fácil de conversar, né. Quando a gente finge que não, que as coisas pessoais não entram no trabalho, fica meio misturado. De um jeito que, quase como se não pudesse entrar, e na verdade é só isso, nem tem outra coisa.

E: E como inserir o seu tom também, nessa música, né?

Branca: Sim, sim.

E: Ahm... uma pergunta que eu estava querendo fazer pra você, é assim, pensando na sua experiência, qual seria a sua função junto com os bebês?

Branca: A minha função junto com os bebês? Eu acho que eu tenho a função de fazer coisas por eles que eles não são capazes de fazer ainda sozinhos. Né, toda essa parte do cuidado, da alimentação, do sono, e tal. Mas eu sinto hoje, eu fui entendendo a minha função como acompanhar as crianças naquilo que elas vão aprendendo. ELAS vão aprendendo. Então, eu acho que tem a ver com o olhar assim, sei lá. E isso é da ordem dos incômodos, é uma coisa que eu sei que é minha função, mas que me incomoda exercê-la. Por exemplo, vou alimentar uma criança: tem criança que come sozinha. Que gosta de comer sozinha. E muitas vezes eu percebo que a gente como educador, eu, minhas colegas, algumas pessoas sentem que é da função delas por a comida na boca do bebê, e como se o bebê comer sozinho é um plus, sei lá. Então o prato ((pega o meu caderno e simula estar me alimentando)), “eu vou te alimentar, porque você ainda não consegue comer sozinha. Mas eu dou uma colher na sua mão, aí você pode dar uma comidinha, pode colocar um pouquinho na boca, mas o que você está fazendo não é se alimentar, sou eu que estou te alimentando”. E o que eu sinto que é minha função é: eles já sabem se alimentar. É o contrário, ele é o protagonista da educação, se ele já consegue, e eu sou a pessoa que vou ajudar. Que vai ver “ah, então, eu acho que ele está comendo um pouco devagar”, porque tem isso, às vezes a criança está comendo em um ritmo lento. Ele teria fome pra comer um prato inteiro, mas ele come meio porque a comida esfriou e ele cansou de ficar no cadeirão. Então é minha função é ajudar. Mas eu percebo que tem criança que não quer, que quer comer sozinha. E eu percebo o quanto eu fico desconfortável em não ajudar, pelo um grupo, e as pessoas pensarem que eu não estou fazendo nada, quando na verdade eu penso que é a minha função, às vezes, é não fazer nada. Ou não fazer nada que é atento ao momento em que eu preciso fazer alguma coisa, mas que muitas vezes é não fazer nada. E eu sinto que mesmo com as educadoras que são mais da minha idade, e que a gente conseguem ter um diálogo muito bom. Mas eu sinto que mesmo assim não tomam essa iniciativa, assim... como se não fosse válido você ficar sentado olhando o bebê ir prá lá e pra cá. Como se você tivesse o tempo todo que estar propondo brincadeiras, ou o tempo todo não deixando nada escapar. Nada

pode escapar. Por exemplo. Tem um nariz sujo ali. E eu estou aqui brincando e to aqui contemplando duas crianças que estão brincando, e eu estou olhando pra elas. Isso é tão importante quanto levantar daqui e ir limpar o nariz sujo lá do outro lado do pátio, e às vezes isso é até mais importante. E eu sinto que a gente tem quase uma coisa assim: “ah, eu vi esse nariz primeiro” (e simula sair correndo pra limpar o nariz). Sabe uma coisa assim, não de competição, mas de se mostrar uma educadora atenta a todos os narizes. “Ah, um sapato caiu do pé”. Ah, um sapato caiu do pé. Mas, assim, às vezes eu me vejo muito caçando o que fazer, sabe assim “ah, um nariz, vamos lá”, e não se dá esse direito de sentar e observar a criança. Uma outra situação que eu percebo que é muito importante pra mim, é que, nas coisas que eu venho, eu gosto muito de estudar e ler outras culturas, que é uma coisa que na nossa cultura a gente vai perdendo que é: a criança está fazendo a coisa dela e o adulto está fazendo a coisa dele. Em algum momento essa criança e esse adulto se cruzam, se encontram, ou se desencontram, e tal. Mas o adulto ele tem uma ação que é própria e tal. Eu acho que a gente tinha que estar o tempo todo em ação. Estar varrendo o pátio, tem escola que é assim. De estar varrendo o pátio, você é professora, você está cortando o papel, você está ali numa ação. Se você estivesse na sua casa, você estaria cozinhando, lavando roupa, limpando o chão e o seu filho estaria ali. Se você não é uma pessoa que tem só duas horas de manhã pra fazer toda a faxina da sua casa porque você tem que estar no seu trabalho às 9 da manhã, você teria todo o tempo do mundo pra parar, pra atender as necessidades de um jeito mais fluido, né, e não desse jeito como a gente vive aqui. E eu acho que a gente podia experimentar esse jeito aqui na creche, né. Eu estava conversando isso com as meninas, de o ano que vem a gente tentar fazer um pouco esse trabalho de viver o espaço com as crianças, de a gente não estar em ação. Porque se a gente não está em ação, a gente fica AGINDO SOBRE AS CRIANÇAS, de coisas que não é necessário. Às vezes é melhor propor coisas, a gente propõe outras coisas, mas a gente propõe muito a mais do que é da nossa formação, eu sinto que a gente faz pouco do que é da nossa função, que é não fazer nada, ou fazer muito dessa outra coisa que não é ficar em cima da criança o tempo inteiro.

E: Você poderia falar um pouquinho mais o que que seria esse não fazer nada? Algumas palavras me ocorreram mas eu não sei se faz sentido pra você. Me ocorreu “sensibilidade”, de saber quando o ‘não fazer nada’ faz sentido, e estar numa “quietude” junto ao bebê.

Branca: É uma observação, né, acho que é isso, é um “não fazer nada” que tem a ver com PRESENÇA. Presença inteira ali, onde você está. ... eu estou aqui fazendo, sei lá, tecendo uma coisa que tem a ver com a escola, sei lá, alguma coisa que a gente vai usar, ou alguma coisa que tem a ver com a sua casa, alguma coisa que tem a ver com aquele contexto. Tipo, eu gosto muito de brincar na areia com as crianças, porque é onde eu sinto que eu tenho o meu saber legitimado.

E: Perante quem?

Branca: Com os adultos. Então por exemplo, eu inventei um projeto na areia e até escrevi o projeto. Chama buracos. Foi a maior polêmica na creche. Que eu ficava fazendo buracos na areia. Dessa fundura aqui ((mostra uma profundidade grande)), eu fazia um buracões assim. E as crianças entravam dentro, sentavam lá. Colocavam o pé. Aí a areia que saia do buraco eu fazia uma montanha. Todo dia, quando a gente ia pra areia, quase todo dia, eu fazia um buraco. O que que é fazer esse buraco? É eu numa ação de adulto, porque a criança não consegue fazer um buraco, é uma coisa que eu preciso fazer pra ela, que possibilita pra ela outros estímulos corporais, mas que é uma ação minha, então eu me sinto agindo com as crianças. Porque eu acho que eu ensino pela ação, muito mais do que pelo que eu falo. Sabe, e eu vejo as crianças ali, me ajudando a fazer o buraco, e brincando, e tal. Mas eu estou quase como se eu me sentisse em um trabalho. Sinto falta de estarmos junto com as crianças como se a gente

estivesse em um trabalho, um trabalho que não é estar com as crianças. Nosso trabalho é outra coisa, é cavar o buraco, é cortar o tomate. Então eu gosto muito dessas atividades cotidianas com as crianças, de cozinhar. Então eu acho que faz muito sentido isso, da vida real mesmo. Esse não fazer nada é um não fazer nada preenchido, ou de trabalho pro adulto, atenta ao que a criança está fazendo, ou dessa observação atenta, ou da mediação de brigas, das crianças. Porque a gente está tão na ação, tão na ação, que o tempo todo a gente vai lá e fala “não, olha só, o seu amigo. Você pegou a pá dele?”. E ficamos tentando fazer justiça? Isso é muito ruim, não é meu papel, o meu papel é olhar, tentar evitar dela se machucar, mas tentar fazer as crianças se entenderem. O que elas estão aprendendo naquela discussão, naquela briga? Não tem problema uma puxar de lá, outra de cá, não tem nenhum problema, não tem ninguém se machucando. Só que as meninas não conseguem ver isso, é quase insuportável, como assim não fazer nada, eu tenho que fazer alguma coisa o tempo todo! Com as crianças! Você entendeu melhor?

E: Entendi melhor. E você falou assim, né, que você acha que você ensina mais com os gestos do que com a fala, aí você falou do buraco, você falou do tomate. O que seria pra você esse ‘ensinar’ e esse ‘aprender’ que você falou?

Branca: ah... deixa eu pensar...

E: Que sentido teria isso pra você?

Branca: eu acho que eu não entendi a sua pergunta. Você quer saber o que eu senti, o que eu acho? Fala mais, fala um pouco mais...

E: Porque eu queria entender melhor qual o sentido que você dá para esse ‘ensinar’ na relação com o bebê.

Branca: Tá. O que que é que... o que que é ensinar o bebê, né?

E: Isso.

Branca: Sim, já saquei. Eu acho que pra mim é CONVIVER. Eu acho que ensinar um bebê é conviver. E conviver considerando as especificidades das idades, a minha e a deles. Então conviver com um bebê, acompanhar o crescimento de um bebê, implica trocar fralda, implica em contato físico, eu gosto muito de contato físico. Tipo, ficar com o bebê no colo a toa, não é porque ele está chorando, é só porque é gostoso. Sabe, então estar com o bebê implica em contato físico, implica em cuidar das ansiedades dele, da alimentação, do sono. Isso tudo inclui essa relação. Assim como estar com o marido inclui outras coisas nessa relação. Mas eu sinto que é isso, que é uma relação entre duas pessoas, que o fato dela ter a idade que ela tem, estar longe da mãe, ter o tamanho que tem, enfim, ser quem ela é e estar nessa condição de criança na creche, tem implicações práticas dessa relação. Mas eu sinto que é uma relação. Que é só um – é que só tem o sentido de menor, mas não é no sentido de menor, é no sentido de apenas – é apenas um conviver. E esse conviver naturalmente traz a vontade de ensinar, traz a vontade de contar uma história. Porque o ensinar mais específico seria assim “vem cá, olha vou te ensinar, faz um buraco assim”, isso é uma PARTE DA NOSSA RELAÇÃO. Esse ensinar EXPLÍCITO é uma parte da nossa função, do nosso tempo com as crianças. Mas ele vem quando ele vem, é uma coisa natural do ser humano, como nos outros, mas eu não sinto que a minha função é ‘ensinar a dar de comer, minha função é ensinar’... não! Minha função é estar ali, e ele quer aprender a comer, ele gosta de comer sozinho, eu nem preciso ensinar, isso vai acontecer.

E: Se é uma parte, né, o que seria o restante? Você já falou acompanhar e cuidar.

Branca: É... conviver, acompanhar, cuidar, ser inteira nesse encontro. Por exemplo, quando eu estou fazendo buraco, eu estou me sentindo mais inteira do que quando eu estou só olhando. Eu tenho que considerar que é bom pra criança que eu, como pessoa, esteja bem naquele lugar, esteja feliz, esteja inteira, esteja completa – mas completa ninguém está. Tipo, mas minimamente esteja fazendo coisas que me fazem sentido. Então eu acho que uma parte do meu tempo com as crianças a gente precisa fazer coisas que me fazem sentido nesta relação, nesse encontro. Então, sei lá, me faz muito sentido – às vezes, às vezes não faz, mas tem muitos dias em que faz – compor o espaço para as crianças. Eu gosto desse momento de pegar uma laycra, esticar, pensar num escorregador, eles vão subir, eles vão escalar, eu gosto muito. E eu gosto de fazer isso com as crianças. Porque eu acho que eles precisam de adultos inteiros fazendo coisas que lhes fazem sentido. Porque é... essa é a contradição, aqui eu estou no meu trabalho, nesse lugar que eu trabalho, nesse mundo capitalista é isso. Nem sempre faz sentido, nem sempre eu queria estar ali, às vezes eu queria ir pra minha casa comer a minha comida. Mas enquanto eu estou ali, que o máximo possível de coisas que me façam sentido eu possa viver ali. Porque é isso que eles precisam viver, pessoas reais, e não pessoas que estejam ali cumprindo uma função. Porque não era pra elas estarem ali, era pra elas estarem no mundo, com diz a Nina, educadora, como o nosso mundo não tem – não é que não tem, nesse mundinho de classe média que a gente vive, né – não tem mais a rua como espaço de sociabilidade, a gente precisa produzir a rua dentro da creche, né, pra ter essa troca mais natural. Então é isso, né, como os bebês não estão lá na casa deles, com a vó, com o tio, com a mãe, e na convivência, na cozinha, que eles sempre estiveram até 50 anos atrás, então a gente precisa criar esse espaço aqui, que é o ambiente real da creche. E a gente ainda, é muito artificial a vida que a gente tem. Tem lá uma comida mágica que aparece. Quer coisa mais importante que comida, gente? Cozinhar é muito importante. Ali é tudo uma mágica, assim, as coisas aparecem limpas, então é um pouco desconstruir isso, em busca de uma vida real.

E: Aham, interessante. E como seria uma educadora que não consegue propiciar essa vivência dessa forma, quer dizer, o que faria de uma educadora insuficientemente boa, nessa perspectiva?

Branca: Eu acho que às vezes são as pessoas que se entendem como uma peça ali. Então eu tenho um trabalho -e isso é um elemento que também vale pra mim, tá. É o meu trabalho, é o meu sustento, esse é o meu trabalho. Mas eu acho que talvez tenham algumas pessoas que param ali. “Ah, então qual é o meu trabalho? O meu trabalho é fazer um projeto pedagógico bacana com as crianças, olhar as criança, olhar as crianças no pátio pra que ninguém se machuque, não deixar as crianças brigarem e chorarem”, e é isso. Ou outra coisa. Mas é quando a pessoa se entende ali como uma peça numa função que ela precisa cumprir naquele coletivo. Então, às vezes tem coisas bacanas, né, nisso tem valores bacanas: do coletivo. Isso é uma coisa muito forte na creche, do coletivo, do coletivo, do coletivo, mas é um coletivo quase sufocante. Porque ele é a justificativa pra não fazer muitas coisas: de cumprir, de trocar as fraldas, de fazer as tarefas, mas é uma coisa tarefaira, né, e é muito ruim. Então, sei lá, eu trabalhei com uma educadora que era assim: era uma pessoa com uma experiência muito grande, trabalha há muito anos na creche, e tem uma experiência muito importante na relação com as crianças, que era uma coisa que eu não tinha, no primeiro ano, imagina. Mas ela estava tão no ritmo da tarefa que aquela habilidade com as crianças na relação, ela não tinha tempo. Então é isso, eu tenho que trocar 20 fraldas. Então 1, 2, 3, 4, um depois do outro, “ah, mas aquele não quer, porque está brincando com o carrinho”. “Não, mas é a sua vez!”. Era uma pessoa que não conseguia fazer uma mínima negociação, era uma pessoa que, ai, então olha só “se o fulano está brincando com o carrinho, então vamos pegar aquele ali, olha, ele está entediado no pátio, vamos lá, ele está precisando de um aconchego, então vamos lá”. Então essas pessoas entram nessa tarefa, então não acho que – olha, foi bom eu ter falado isso –

então eu não acho que é uma característica daquela pessoa ser uma educadora suficiente ou insuficiente, ou uma característica daquela pessoa que não teve uma formação numa universidade x, ou que a creche não de a formação, não. Tem a ver com como a própria instituição vai conduzindo as coisas - que eu não sei como seria possível de outro jeito - que é esse jeito tarefeiro. Então, por exemplo, na creche a gente tem um histórico de punições dos educadores que cometem certos deslizes. Então as pessoas, elas não querem cometer aqueles deslizes de jeito nenhum. Uma criança cai e se machucou muito feio, ou então elas não veem que a criança ficou no pátio, sei lá. Então tem situações que já se sabe que historicamente, fulana de tal, em 1982, tomou uma suspensão, porque a menina levou uma tesoura de cabelo e cortou a franja da amiga. Então olha isso, uma educadora foi suspensa porque a criança cortou a franja da amiga! Não é, está tudo bem!! Né? Então isso faz as pessoas criarem uma mitologia em volta da tesoura, então a meta das pessoas é não deixar a tesoura ao alcance das crianças, sabe assim? "Ah, uma vez uma criança quebrou o braço naquele ferro". Então ninguém mais sobe naquele ferro. Não tem uma sistemática de como... isso afeta muito a maneira como as pessoas entendem competência. Então quando você fala, o que é uma educadora competente, as pessoas responderiam, é uma pessoa que dá conta de trocar todas as fraldas, uma pessoa, ta na na, uma pessoa que colabora com o seu coletivo, uma pessoa que não deixa o seu amigo na mão, sobrecarregado, as pessoas poderiam falar valores bacanas, ou uma pessoa que fazem projetos super bacanas. Mas tem a ver com essa coisa bem behaviorista de estímulo-resposta mesmo, de punição e recompensa, então aquilo que historicamente as pessoas são recompensadas, as pessoas vão entendendo como uma coisa boa, e aquilo que as pessoas historicamente são punidas, elas vão entendendo como uma coisa ruim. Eu sinto isso muito assim.

E: E por que será que não está sendo possível oxigenar esses espaços e dar outros significados pra essas passagens, que fazem parte da história, mas que podem ter outros significados com o passar do tempo.

Branca: Sim, sim. Mas uma coisa que estava acontecendo na creche, é que sei lá. Há sete anos tem um coordenador novo, e as pessoas brigam muito com ele. Mas isso é muito bom, porque as pessoas vão saindo do tarefeiro. Muito interessante essa coisa do conflito, eu nunca tinha pensado nisso. Porque as meninas mesmo, a Esmeralda, que tem muita experiência, elas tem muita experiência, elas podem entrar no tarefeiro, e eu também entro no tarefeiro, mas como elas discordam de coisas que o coordenador faz, elas vão respondendo não com argumentos, mas com ações. Você viu como elas falam. É uma, por exemplo: bebês dessa idade não dormem dois sonos. Mas esses dormem. Elas vão respondendo com muita assertividade, assim, e isso tira elas do tarefeiro, e tira a gente do tarefeiro quando tem alguém em cima que a gente não concorda, que a gente esbarra. Porque elas falam das coordenadoras antigas como pessoas que elas endeusavam, é muito esquisito. "ai, porque a fulana, ai, a fulana, porque no tempo da fulana não podia fazer isso" e uma OBEDIÊNCIA, e com o coordenador não tem obediência nenhuma, para o bem e para o mal. Mas esse não ter uma obediência tira as pessoas do automático, porque ela não concorda com o que ela vai ter que obedecer, porque ela fala tanta coisa nada a ver, que ela precisa recorrer, então o tempo todo ela recorre, "ah, então deixa eu ver como era no tempo da Jandira. Ah, nossa, eu lembro que no tempo dela ela dizia que era muito importante tal coisa e tal coisa. Então eu entendi, então eu leio de novo o que é, então mesmo com essa estrutura toda eu consigo me apegar a conhecimentos que me fazem muito sentido". É bem interessante. Não sei se você entendeu o que eu quis dizer, eu caminhei e fui pra outro lugar.

E: Eu acho que uma presença diferente nesse lugar de coordenador, ele vai alterar todos os lugares, né.

Branca: É, é. Mas eu sempre via essa presença como uma coisa ruim. Mas na verdade pra essas pessoas que estão há muitos anos é bom, é bom. Porque a pessoa tem que retomar aquilo que é mais dela e menos da obediência.

E: É verdade, eu acho que ela coloca algumas coisas dela a prova, e aí ela tem que olhar pra si, rever e se reposicionar, interessante. Então você falou várias coisas super interessantes a respeito da sua função com os bebês, você falou sobre o acompanhar, sobre o cuidar, ensinar, estar inteira. Se você puder falar mais um pouquinho sobre a sua função com os bebês...

Branca: Deixa eu pensar... é, eu acho que, eu sinto que é bem isso, proporcionar pras crianças momentos de vida real – é uma coisa que eu nunca elaborei desse jeito. Mas eu me sinto muito, tem isso, tem coisa que eu sei que é da minha função, e eu estou muito feliz com a forma com a qual eu estou atuando com ela, por exemplo, essa coisa do contato físico com as crianças, eu sinto que – estou fazendo uma auto-avaliação aqui, daquilo que eu quero ser e daquilo que eu sou – eu sinto que estou inteira, agora, tem algumas coisa, a coisa do cuidado eu sinto que eu estou inteira. Mas tem algumas coisas que eu sinto que eu poderia – mas por questões institucionais não são tão simples de fazer – mas eu sinto que eu poderia proporcionar pras crianças mais momentos de vida real, disso do cozinhar, do estar com as crianças mais velhas, dessa interação da vida cotidiana mesmo. E disso eu tenho já alguma maturidade, sei lá, de cinco anos, que antes eu não tinha, de ter alguma clareza de coisas que eu queria fazer com os bebês, nesse sentido, do cotidiano da vida real, né. Do contemplar uma brincadeira sem estar tão preocupada com o nariz, mas que eu ainda preciso melhorar um pouco nessa... nessa... não é autoestima... nessa segurança de dizer “não, eu acho que isso aqui é minha função, eu acho que isso aqui é importante, e tem mais três pessoas no pátio, elas limpam aquele nariz”. Então eu sinto que eu falho mais nessa função do que eu gostaria. Mas acho que são essas mesmo que eu falei. Por exemplo, a Rosa que é a minha parceira da tarde, ela é uma pessoa extremamente atenta, extremamente ágil. Então ela consegue brincar com os bebês, estar muito presente, observar as brincadeiras, ver todos os narizes escorrendo, todas as fraldas, eu não tenho essa visão assim!!! (risos) Aí eu me sinto assim “nossa, mas ela já limpou todos os narizes, eu não limpei nenhum!! Nossa, ela trocou todas as fraldas, eu não cheguei lá ainda”. Então eu fico assim, com a sensação de que eu estou atrasada. E isso porque eu acho que eu sou uma pessoa bem rápida, eu sou uma pessoa bem ágil...

E: Você acha que ela chega a ser um modelo de educadora, pra você?

Branca: (pausa)... não, não, não tenho essa sensação de modelo. Mas que nem, ela ficou 15 dias de licença médica. Pra mim foi uma coisa que ficou pesada pra mim, eu fiquei fazendo tudo sozinha, mas eu me senti muito aliviada de estar fazendo sozinha. Porque eu ia no meu ritmo, mas eu não sentia que isso era pior pras crianças. Mas eu ia num ritmo que eu conseguia me concentrar mais nas crianças, porque eu estava menos preocupada em não ficar sempre atrasada. Entende?

E: Interessante, porque você pode imprimir um outro ritmo, né?

Branca: é, eu fui imprimindo um outro ritmo mesmo, mas não que ela seja uma pessoa acelerada com as crianças, na relação. Mas tipo, ela “nossa, Branca, agora são 15:15. Então, 15:45 a gente tem que por as crianças pra dormir, e a gente não pode esquecer”. Eu falo “ah, é verdade, Rosa”. Mas se ela não tivesse me lembrado, eu teria posto as crianças pra dormir 15:45, mas eu não estaria desde as 15:15 lembrando que 15:45 tem que colocar as crianças pra dormir. É muito engraçado. Mas acho que é do ritmo do trabalho de cada um, não tem a ver com competência, tem a ver com você também ir adquirindo um pouco mais de segurança pra dizer

“não, esse é o meu ritmo, e está muito bom ser assim, e está tudo bem, porque tem outras coisas que ganham”.

E: Eu tenho a impressão de que esse é um caminho que tem o seu próprio tempo, né. E nesse caminho faz muita diferença quando a gente tem a oportunidade de receber o olhar das pessoas que legitimam a gente de volta, né, nos passos que a gente deu e que às vezes são novos naquele local.

Branca: Sim, sim. Isso é muito importante, assim. Mas é uma coisa que eu sinto que nesse grupo de trabalho maior eu tenho um... me sinto... que é uma coisa que eu sinto que tem esse respaldo, assim. Então eu sinto que nós as meninas mais novas é... 1, 2, 3, 4, comigo cinco. São cinco educadoras que são mais novas, que estão lá, a mais velha está há 7 ou 8 anos na creche, enquanto as outras estão há mais de 30 anos, que são as mais velhas, que são a Rosa e a Maria. Então eu sinto que está todo mundo experimentando muito as coisas. Então a gente sente que é o tempo inteiro no trabalho é “ah, deixa ela experimentar lá o jeito dela”. E mesmo a Rosa e Maria, assim, muito tranquilas, assim, de “Ah, esse jeito é diferente, mas também é muito legal”. Tem uma coisa de, com elas que são muito experientes, tem um respeito mesmo pelo seu jeito de experimentar, acho que nesse caminho aos poucos você vai encontrando o seu jeitinho. E não só o seu jeitinho, mas o seu jeitinho que tem a ver com o que você pensa, com o que você acredita. Vai vendo isso refletido no grupo de algum jeito. Por exemplo, hoje eu sinto que tem muito mais respeito, porque muitas vezes eu não vou lá e interfiro diretamente nas brigas das crianças, esse é um momento que eu me sinto mais respeitada assim, pelas educadoras. Mas que elas estão vendo que eu estou lá, acho que tem uma coisa de as pessoas terem uma necessidade de cuidar das crianças. Se elas sentem que estão sendo cuidadas mesmo que de um jeito diferente do meu, elas ficam tranquilas. Sei lá, se tem duas crianças brigando aqui e sei lá, um puxa pra cá e outro puxa pra lá, mas elas sabem que se alguém começar a morder eu estou ali pra socorrer, então elas sentem que eu estou cuidando, mas não é como elas cuidariam: elas cuidariam colocando cada uma pra um lado. Eu não, eu cuido assim, mas... não é da discordância do jeito, tudo bem discordar do jeito, mas o que eu sinto é que as pessoas ficam aflitas quando elas sentem que aquilo NÃO ESTÁ CUIDADO, né. Então quando elas sentem que está cuidado, mesmo de um jeito diferente, aí as pessoas ficam tranquilas.

E: Você poderia falar um pouquinho, pegando esse gancho mas ampliando bem, o que seria esse cuidado, pra você, com os bebês?

Branca: Difícil isso. Nossa, muito difícil! (pausa) É como, olha, eu vou falar uma coisa completamente vaga. Eu acho que cuidar de um bebê é fazer o que você acha... mas quando eu falo o que você acha não é uma coisa individual, mas é uma coisa, é porque assim. Introduções. Porque a gente vive em uma sociedade muito fragmentada, assim, então por exemplo, eu tenho uma ilusão do... como é... bom selvagem, você poderia dizer (risos), né, de que tem sociedade mais concisas, né, culturalmente, na forma de cuidar do bebê, ou na forma de ser. E a gente é muito influência de muito lugar, então, tipo “ah, minha mãe cuidou”, eu não aprendi com a minha mãe a cuidar de bebê, eu aprendi... quer dizer, claro que eu aprendi, tem coisas que eu faço com os meus filhos que são iguais à minha mãe e eu nem sei. Mas tipo, as coisas concretas, tipo amamentar, embalar, eu não aprendi com a minha mãe! Isso não é bizarro? Eu aprendi lendo, eu aprendi com outras mulheres da minha idade dos grupos de pós-parto que eu participava. Então tem outras formas de troca cultural que vão possibilitando um monte de influência. Fecha parênteses (risos). Mas eu acho que cuidar de um bebê é fazer aquilo que o adulto - mas que não é ele sozinho, pensando no ‘eu social’ que tem uma história daquela cultura – acha que o bebê precisa, entende? Então tem lugar que cuidar de um bebê vai ser x e tem lugar que cuidar

de um bebê vai ser y. Mas eu vou, como que eu vou trazendo isso pra mim?... como se eu sentisse que cuidar, mas cuidar... de verdade assim, eu, pra além do que as pessoas pensam, ou dos olhares esquisitos, cuidar de um bebê é fazer aquilo que eu acho que eu preciso fazer por ele. E não outra coisa.

E: Então tem tudo a ver com você implicada naquilo, né?

Branca: É. Então por exemplo, vou dar um exemplo. Eu sou uma mãe, tá, - tem tudo a ver com mãe isso, - que não se incomoda ter uma fralda cheia de xixi. Nunca me incomodei. Tipo, meus filhos eram crianças que tinham super assaduras, enfim, histórias, mas eu, a criança lá está brincando, está feliz, tal. Deixa a criança brincar, depois eu troco, está tudo bem. Né, “ah, fez um cocô”, sempre tem... de que... me... é... eu gosto de valorizar os momentos de relação que a criança tem com um objeto, com outra criança, uma coisa, mais do que esse cuidado do físico da higiene, na-na-na-na... então pra mim isso é cuidar. Pra mim, deixar o cara brincar em paz é cuidar dele. E pra outra, garantir que a fralda é trocada de três em três horas é cuidar. Não que pra mim não seja cuidar, entende o que eu estou querendo dizer? É uma coisa do que está na frente, assim, então pra mim o que está na frente é a relação. Então uma criança precisa de colo pra dormir. E chora. Pra uma educadora, por ela no carrinho desde cedo pra ela se acostumar é cuidar. Porque ela está pensando que “lá na frente, pra ela não sofrer, eu preciso acostumar ela a ficar no carrinho, pra ela não sofrer”. Pra mim não, eu penso, se agora ela quer colo, agora ela quer colo. O lá na frente é lá na frente, depois a gente resolve. Eu sou muito assim. Mas não que aquele outro não é cuidar, aquele outro também é cuidar, mas ele está baseado em uma outra coisa. Que ele só sente como cuidar, ou seja...

E: tem tudo a ver com a pessoa, né?

Branca: Tudo, é... não só com a pessoa, né, também tem a ver com as vozes né... também tem vozes que me motivam a pegar no colo. Né, mas... as pessoas são as vozes dela, né, não são coisas separadas...

E: Aham... muito interessante.

Branca: é... é... eu acho que tem vozes que são mais nossas, e tem vozes que são mais dos outros. Eu sinto isso na minha história como mãe. Tem voz que eu falo: ah, essa voz é a voz daquela pessoa, eu vi ela no blog e achei o máximo, e ela faz muito sentido pra mim. Aquela outra eu acabo reproduzindo, mas não é tão minha. Então você tem níveis, né, do que você vai reproduzindo. Vozes suas, das coisas que eu aprendi com a minha mãe, então “isso aqui que a minha mãe faz eu acho um horror”, mas “nossa, isso aqui que ela faz, eu acho que faz muito sentido, isso eu reproduzi na relação com os meus filhos”.

E: nossa, eu acho que você tem uma clareza de percepção e de expressão dessas questões, muito grande.

Branca: É, muito pensamento...

(risos)

E: É, outra coisa também que eu queria perguntar pra você, é, se você acha, se você percebe diferença entre cuidar e educar um bebê?

(Branca fica vermelha)

Branca: Não, não percebo diferença. Acho nada a ver essas duas palavras. Nem pras crianças, nem pra ninguém. Não acho que tem diferença. É.

E: Por que que você acha nada a ver?

Branca: Porque a gente educa o tempo todo e cuida o tempo todo. Na verdade foi... é uma coisa difícil de falar porque as pessoas ficam escandalizadas. Esse negócio de educar pra mim, ele está perdendo o sentido. Porque eu acho que a vida é isso, a vida é conviver com as pessoas. E conviver significa ensinar a ser gente, e ser gente desse jeito, gente que eu sou. Ser gente aqui é um jeito, ser gente na Tunísia é um jeito, cada lugar tem o seu “ser gente”. E tem alguma coisa comum entre esses ‘seres gentes’. Mas não acho que faz sentido esse educar... ele não sei... ele pra mim... é que as pessoas acabam colocando esse cuidar como coisas do físico, é como se fosse essa separação do mente e corpo, né, pra mim, essas duas palavras.

E: E que pra você não faz sentido?

Branca: Não, é como se fosse o cuidar fosse o físico e o cuidar fosse o da mente.

E: E o que que faz sentido pra você?

Branca: (pausa). Faz sentido pra mim quando as coisas são juntas, você diz uma palavra, né?

E: é, você começou a falar assim que educar está perdendo um pouco o sentido, e eu fiquei super curiosa pra entender o porquê.

Branca: É, mas eu acho que o que faz sentido é isso, é a convivência entre as pessoas. As pessoas tem características específicas. Se eu me disponho a conviver com as crianças, como um adulto responsável por elas, eu vou ter que considerar que elas são crianças, que elas tem necessidades de crianças, e que elas tem um jeito de se relacionar de criança, e tra-la-la-la-la. Né, não é assim, não to propondo: “gente convive e todo mundo é igual aqui, aí cada um sai e vai comprar a sua comida” (risos), não! É... mas é isso, eu estou convivendo com uma pessoa, e eu considero que ela tem necessidades específicas daquela faixa etária, daquele jeito daquela pessoa, e a gente convive. E eu tenho a impressão de que eu queria que a minha vida fosse mais próximo/, eu estou caminhando pra ser mais assim, de conviver. E aí o conviver, ele inclui o cuidar, né. Porque é um bebê, e é natural que inclua o cuidar. Então eu falo assim, se eu tivesse essa clareza que eu tenho agora quando eu tive os meus filhos, eu ia ser muito mais feliz. Mas eu vou ter outros, e vou ser muito mais feliz. (risos). É só uma pessoa que eu tenho que conviver, mas esse conviver implica em dormir, em acordar 5 vezes de noite, implica, eu tenho que saber disso. Que não é um conviver gratuito, ele tem responsabilidades, mas ele, em última instância, ou em primeira, ele é um conviver. E aí o conviver vai incluir, é normal quando você vai conviver com alguém, você quer ensinar uma coisa que você sabe, quer mostrar uma música que você gosta muito. Tipo, música infantil pra mim está perdendo o sentido. Pra mim música infantil é coisa da cultura infantil, quer dizer, coisas que as crianças vão ensinar pras outras crianças. Ou música infantil tem sentido quando eu vou ensinar pras crianças uma coisas que a minha mãe cantava pra mim. Mas CD de música infantil, tá cada vez mais, assim, é uma coisa que eu tenho na minha casa, eu ponho pros meus filhos, as crianças ouvem aqui na creche, mas eu olho e falo “nossa, isso aqui não faz sentido”. O que faz sentido? Faz sentido eu contar pra você o que eu gosto, o que faz sentido pra mim! Se não faz sentido pra mim não tem porque eu queria compartilhar com o outro, se é só porque é um conteúdo.

E: Aham.

Branca: e aí pode ser que faça sentido pra mim “astronomia”, não quer dizer que seja só as coisas cotidianas, mas os conteúdos acadêmicos, e... né... do conhecimento formal, ele vai entrar, mas vai entrar porque faz sentido pra mim. E como eu estou numa creche que não é um adulto naquela sala o tempo todo – as crianças convivem com muitos adultos -, se cada adulto

fizer o que fizer sentido, as crianças vão ter uma diversidade de conteúdos e de experiências muito grande. Mas como uma coisa viva, né, de um jeito vivo.

E: Sim... muito interessante isso, pra mim faz muito sentido também.

Branca: É difícil imaginar isso no concreto, né, mas...

E: Do jeitinho que você foi falando, eu não sei se eu entendi muito bem, mas eu fiquei com a impressão de que conviver acaba sendo uma palavra, como se fosse um guarda-chuva que abriga o cuidado, né?

Branca: Sim

E: que faz mais sentido do que a palavra educar... ou não?

Branca: Sim, sim, sim, exatamente. É um guarda-chuva que é: ser gente com quem está perto de mim, assim.

E: Aham. E o cuidado é uma das coisas que faz parte...

Branca: é, que faz parte assim, com aquela pessoa, é como se eu fosse conviver com, sei lá... sei lá, como se eu fosse conviver de igual pra igual com um adulto. Um adulto também precisa de cuidado, mas é de outro lugar esse cuidado. Mas a gente esquece que o adulto também precisa de contato físico, de abraço. O adulto também precisa que alguém se preocupe com a alimentação dele... que tudo isso é cuidar. Que eu pago em dinheiro pra mulher do restaurante fazer a minha comida, mas em última instância o que ela está fazendo comigo é cuidar de mim! Só que a gente transformou isso numa troca monetária, e eu nem sei quem é a pessoa que faz a minha comida. Mas isso é cuidar também.

E: pensando em você adulta, na creche, como profissional, quais são os cuidados que você acha que o educador tem que receber pra conseguir fazer um bom trabalho? Pra conseguir se sentir a vontade?

Branca: Como assim os cuidados, você usou a palavra cuidado, e agora misturou tudo. (risos)

E: eu estou pensando nos cuidados pro bebê e nos cuidados pro educador, né. Nessas relações que tem, e são muitas, devem ter muitos tipos de cuidado, mas talvez algum que te venha a mente, né.

Branca: O cuidado que a gente precisa ter...?

E: Você falou que como adulta você precisa de ter contato físico, precisa de ter...

Branca: Sei, sei.... ahm... Ah! Entendi! Quais as coisas que o adulto precisa ser cuidado pra que ele esteja bem com as crianças, é isso?

E: isso, mas dentro do lugar de educador na creche.

Branca: Sim. Isso, isso, entendi. Nossa, eu acho que a gente precisa de... de olhar de outros adultos, do mesmo jeito que as crianças precisam. Que são coisas que a gente... que a gente vai nomeando atualmente como reconhecimento, como prestígio... sei lá sucesso, ou outras palavras, mas eu acho que tem a ver com o olhar, né, quando você faz alguma coisa e você sente que alguém olhou praquilo, né. O olhar, que também tem a ver com interlocução, né, a gente precisa de pessoas, pais que a gente possa conversar, trocar... relações verdadeiras que possam te dizer o que de fato pensam sobre o seu trabalho, de um jeito respeitoso mas

verdadeiro... é... (pausa)... eu acho que a gente precisa de coisas que mexam no nosso corpo, e isso é uma coisa que a gente não tem. Né, as pessoas citam vários nomes, ginástica, exercício, ginástica laboral, dança, a gente precisa de corp/, a gente precisa do nosso corpo bem cuidado, assim, eu sinto que isso é muito negligenciado na creche. Todo mundo que eu conheço de professor, nenhum professor tem esse cuidado.

E: Também não conheço...

Branca: é... eu acho que a gente precisa de arte também, é um cuidado bem importante. Que, não sei o quanto que é função da instituição promover, ofertar, o quanto que é função da pessoa, porque também é a formação da pessoa, formação do indivíduo, mas não acho que é só do indivíduo não, acho que a instituição tem sua função também. Mas eu acho que precisa de arte, porque isso repertoria a gente na ação com a criança. Ahm... não sei se a palavra, mas me vem “memória”. Coisas que me ajudem a... lembrar das coisas como era... sabe, não estou falando de uma coisa “ah, a gente precisa ter oficinas de memórias pra gente”, que é um projeto da creche, super legal, mas eu não acho que é exatamente isso. Mas não sei se é um ambiente de um aconchego, de um aconchego, de uma intimidade, pra essas memórias, elas florescerem. Você lembra, que quando eu te falei do bebê, que quando eu ponho ele pra dormir, eu falei isso na outra entrevista né?

E: Falou.

Branca: tinha um espaço de intimidade que eu criava quando estava sozinha, eu cantava, e tal. Eu acho que a gente precisa criar isso no coletivo dos adultos também, que a gente possa usar um espaço de intimidade. Eu acho que é isso, porque num espaço de intimidade eu consigo SER... inteira, ser eu mesma. Né, esse acolhimento que não tem a ver com esse mundo das cobranças profissionais, tem a ver com o acolhimento de cada um, como cada um é, assim, mas que esse acolhimento, essa intimidade faz coisas de dentro da gente pularem pra fora, que são muitas importantes na nossa relação com as crianças.

E: sim, e até essa pergunta tem a ver com aquilo que você tinha me falado, que você falou que você canta músicas pras crianças que você falou que tem vergonha de cantar na frente de outra pessoa que não tem a ver com aquela relação ali, né. E como é possível criar essa intimidade em um ambiente que você não está confortável, que você se sente observado – não estou falando que é o seu caso – eu estou pensando nas condições pra que esse trabalho possa florescer, né, pra que você consiga acessar essa intimidade com a criança, e criar isso, né.

Branca: Por exemplo, deitar. É uma coisa que a gente não se sente confortável pra fazer. A Júlia é a única educadora que deita no módulo, sabe, ela deita, ela põe ele na perna, e isso é muito importante pra criança, o educador deitar, gente, eu poucas vezes deitei. O Eduardo, né, na época em que ele não sentava, uma vez eu lembro que eu deitei e fiquei olhando pra ele. Gente, isso é de uma intimidade, uma coisa tão importante! Então, assim... o que que é o deitar, né? “eu estou confortável nesse lugar!”. Eu exponho todo o meu corpo, então é muito sério.

E: De novo o corpo da educadora, né?

Branca: É, é... e aí você “como que eu to aqui deitada, e vai chegar alguém? Eu posso estar pulando, eu posso estar de cabeça pra baixo, mas deitada não”. Porque deitar tem a ver com vagabundo. Com cansaço, com descanso. E aqui a gente não pode descansar. Né, eu acho que tem uma intimidade mesmo. A Júlia, ela está grávida, e toda hora ela fala “ah, vou deitar”. E ela deita, põe uma criança na barriga dela, e ela vira de lado, tipo, e ela sempre usa uma justificativa que é “ah, preciso me alongar”. Mas que a gente sabe que é uma brincadeira que ela

está fazendo, do tipo “eu quero deitar agora”, é uma brincadeira que ela está fazendo, né. Ou às vezes eu sinto vontade de deitar, e eu invento... eu invento uma brincadeira com as crianças, pra justificar o meu corpo que quer fazer aquilo. Mas é de uma não inteireza desse corpo, né, desse espaço de intimidade. Mas acho que tem, não sei se é possível... eu acho que é possível aumentar os níveis de conforto, de intimidade, de acolhimento, tal. Mas eu não sei... por isso que na escola é um pouco esquisito. Porque é uma coisa que tem a ver com trabalho, com prestígio, com aprovação. Claro que na vida eu acho que também tem a ver né. Sei lá, na frente do meu marido às vezes eu não cantava as músicas pro Diguinho, né, mas é outro nível, não tem nem comparação, né.

E: É, é uma instituição, né, existem limites da instituição...

Branca: Existem limites, né, existem combinados coletivos, ok. Eu acho normal isso pra uma instituição, acho que é isso. Mas que pena que as crianças estão convivendo tantas horas num ambiente que tem tanto de artificial, tem tanto de mundo adulto nesse sentido né, que não tem nada a ver com eles, com as crianças.

E: Mas muito interessante isso, me fez pensar sobre a autorização do corpo da educadora mesmo, né, o quanto que esse corpo está autorizado nessa relação. Porque talvez tenham muitas, eu acho, muitas educadoras que devem se sentir desconfortáveis em fazer gestos mais espontâneos ali, né.

Branca: Inclusive essa coisa que a Ivonete falou, assim, uma das coisas mais interessantes que ela já falou assim. Que ela via pouca gente nessa relação de... de como que é a palavra... não é de tesão... de... como é essa palavra na psicanálise, de eu vou “comer esse bebê”...

E: Investimento pulsional?

Branca: Pulsional, isso, essa palavra, essa expressão. Ela falou que ela via pouco isso na gente. Porque é isso, né, da intimidade. Quase que eu falei pra ela “lógico! Se a gente faz alguma coisa, leva bronca”. Mas é isso, eu vejo pouco daquela coisa “ai, ai, esse bebê, olha, que gostoso, vou comer” (caras e bocas e muito investimento pulsional). Não! E isso é muito importante, né, mas isso tem a ver com a intimidade, né, “o que vão pensar de mim?”. E eu acho que essa é uma análise muito interessante de fazer, algumas coisas do corpo é permitido de fazer, né? deitar não, mas agachar sim, mas levantar o pé lá em cima não. Sabe, essas coisas? É muito sutil, né.

E: E é uma coisa que é fundamental nesse trabalho, né, o corpo do bebê e o corpo da educadora, né.

Branca: É, é. Então, um corpo num ambiente... Porque ali a gente está num corpo, que tem que ter uma relação de intimidade, mas estamos num ambiente de trabalho. Então não cabe em um ambiente de trabalho, “X”. E isso pras pessoas vão ter várias variações. Pode ser que na creche, o coordenador fale “é importante que a educadora sente no chão”. Uma coisa permitida, incentivada, mas se aquela pessoa sente muito internamente que sentar no chão não é uma coisa do ambiente de trabalho, ela não vai sentar no chão. E não é porque ela é fresca, porque ela não quer sujar a calça dela – pode ser que seja, mas não é só por isso. Sabe, aquela educadora nem sentar no chão ela não senta, mas o que ela entende como trabalho, como ambiente de trabalho.

E: Na verdade é super interessante, foge um pouquinho e daria uma outra dissertação. Mas tem a ver com o meu trabalho.

Branca: Mas só um parênteses sobre isso. A gente sempre sentou no chão nas formações. Nos momentos de adulto. A gente sempre sentou, a gente, as meninas mais novas, da mesma maneira como a gente fica com a crianças, a gente deita no chão, a gente fica no colo uma da outra, a gente fica fazendo cafuné. A gente se comporta de um jeito muito natural. E as pessoas se incomodam muito com isso. “Olha, tudo bem que você fica com o bebê e senta lá no chão. Mas aqui, olha, aqui é uma reunião”. Todo mundo com dor no joelho, não tem cadeira pra todo mundo, deixa quem tá com dor no joelho sentar na cadeira, gente. A gente senta no chão. E isso incomodava, incomoda muito as pessoas. Eu sei que a gente ganhou um apelido, a gente chamava a turma do tapete. Ah, a turma do tapete, não sei o que, senta no chão. “ah, senta na cadeira”. Sabe, era uma brincadeira, eu sentia que era um incomodo que as pessoas tinham com o comportamento do nosso corpo no espaço que era adulto, que era formal.

E: Mas quem se incomodava, as outras professoras?

Branca: as outras professoras, a coordenação, a gente ouvia vários comentários, assim, que era uma coisa que incomoda. Não era uma coisa assim, tem códigos, né, nesse corpo.

E: Parece que ele está bem limitado, né?

Branca: É, é.

E: Nossa, muito interessante. A gente já deu uma hora de entrevista, você acredita?

Branca: Acredito.

E: Então eu acho que a gente pode encerrar por aqui. Queria agradecer você de novo, porque você é incrível, você fala coisas super preciosas pra mim, está sendo super importante.

Branca: Bom, fico feliz. E pra mim é uma oportunidade muito importante de elaboração das coisas que eu penso, assim, muito importante.

E: Que bom que tem uma contrapartida também.

Branca: Tem uma contrapartida, porque isso, eu penso muitas coisas, mas eu nunca tive um tempo assim, de duas horas, pensando 1 + 1, de elaborar aquilo que eu penso. Eu tenho conversas rápidas, assim, você conversa com os amigos, é difícil você. Depois eu queria, você vai transcrever inteira.

E: Sim.

Branca: Não, eu ia te perguntar se depois você poderia me passar essa transcrição.

E: Lógico

Branca: É um registro que eu vou ter de mim mesma com 30 anos.

E: É legal você ter.

PRIMEIRA ENTREVISTA COM ROSA, OUTUBRO DE 2015

E: É, então, eu queria que primeiro você contasse um pouquinho como que foi o seu percurso até você ser educadora de bebês, algumas coisas você já comentou agora (enquanto preenchia a ficha de 'sujeito de pesquisa'). O que te levou a procurar isso, o que você estava buscando, o que você encontrou?

Rosa: Tá, então, olha. É assim. Eu sou de São Carlos, eu nasci lá. É... quando eu era criança eu sempre pensava muito em sair da cidade, assim, eu já tinha essa coisa meio na minha cabeça, né. Mas como eu tinha, tem duas faculdades lá, eu nunca consegui fazer (risos). Eu tinha pensado, "ah não, quando eu for fazer graduação eu não quero fazer aqui não", mas acabei fazendo lá, né. Bom, acabei optando na época, nunca tive assim, de criança, de adolescente, nunca pensei em ser assim professora, né. Quando foi pra escolher um pouco assim, "ah, o que eu vou prestar no vestibular, que curso", eu acabei indo pra uma coisa que eu tinha muita facilidade que era Matemática. Bom, entrei no curso de/, fiz na UFSCar. É... entrei, fui fazendo curso, e falei assim, "ah, mas eu não quero continuar, eu não quero fazer o bacharelado, eu não quero continuar aqui nessa universidade". Eu gostava mas eu também não queria ficar eternamente lá. Então eu optei pela licenciatura. Nessa época da licenciatura eu frequentava muito um lugar que chama CDCC é uma, como se fala, é como uma extensão da universidade, mas da UNIVERSIDADE, que promove cursos pra professores como atende alunos da rede lá. Nessa época, é... eu me candidatei pra ser uma bolsista assim, pra ser monitora de matemática. Então assim, pra mim foi muito bom, porque assim, foi como eu rever essa facilidade que eu tinha, de matemática, pra ajudar os outros, né. Quando eu consegui isso, eu meio que desencanei que eu tinha que terminar o curso em quatro anos, tanto que eu fiz o curso de graduação em licenciatura em seis anos. Falei, "ah, não, agora eu ganho um dinheirinho, eu ajudo", e fui assim ficando bastante tempo. Bom. Quando eu me formei, eu acabei depois me casando, meu marido também foi aluno de lá, mas foi da Física da UNIVERSIDADE, e ele conseguiu um trabalho aqui em São Paulo, na UNIVERSIDADE. Eu falei "ah, também quero trabalhar na UNIVERSIDADE, eu quero achar um emprego na UNIVERSIDADE, como você". Então, e aí foi uma época em que eu frequentava muito bibliotecas aqui no campo, porque, porque era onde tinha o diário oficial. Então eu vinha, eu lia os editais dos concursos, e, e aí via onde eu podia. Foi quando apareceu o da creche. Na época era um processo bem diferente porque você, porque assim, ele era em três etapas. Você entregava o seu currículo, se eles gostassem você era chamada pra prova escrita, se eles gostassem você era chamada pra uma dinâmica, uma entrevista, uma dinâmica. Aí, quando eu vi, eu não cabia muito bem naquele edital, porque assim, tinha que ter o magistério, e eu não tinha, eu fiz o segundo grau comum, né. Tinha que ter 2 anos de experiência em trabalho com criança, e foi aí que eu consegui. Eu falei "não, mas eu tenho", quando eu encerrei a monitoria lá eu pedi pra eles me darem um documento que atestasse que eu tinha trabalhado lá, por tanto tempo, que eu tinha sido bolsista, né. Foi com esse documento que eu consegui convencer o pessoal a aceitar, a aceitar o meu currículo, primeiro. A aceitar o meu currículo, ela ficou com o meu currículo e pediu pra preencher a ficha, lá, que eu tinha interesse naquele concurso. Aí eu fui chamada pra prova, e quando eu fui chamada pra prova eu não sabia assim, muita coisa de criança. Eu conhecia assim, história infantil. Mas me virei. Me virei e fui chamada pra entrevista. (risos) Aí, eu consegui, na época, classificaram 15 pessoas, e eu fiquei em décimo, aí, eu fiquei super feliz, falei "um dia vou ser chamada". Foi aí que eu consegui em outra escola, particular, eu era aquela pessoa que ficava lá na escola durante o ano, e faltava algum professor eu entrava pra dar uma revisão de matemática. Eu detestava. Eu falava "ah, eu acho que não é muito isso que eu quero". Mas tudo bem. Aí quando eu fui chamada aqui na UNIVERSIDADE, eu vim, mas assim, eu não conhecia, nossa pra mim era muito uma coisa assim a parte, eu não conhecia essa coisa

de criança, assim, né. Eu lembro que no começo eu tinha muita dificuldade, foi bom porque eu entrei como... ahm... como chama, volante, que eles chamam, que é aquela pessoa que fica a mais no módulo, pra dar um auxílio, seja pra ajudar com as crianças, seja pra preparar material. Eu fui ser volante justamente do módulo 1, só que eu trabalhava no berçário maior. Eu entrei em maio. Aí eu passei todo aquele ano como volante, e assim nossa, gostei bastante, fui aprendendo. Tinha dia que era difícil, eu ia pra casa e falava assim "nossa, acho que eu estou precisando voltar a procurar outro concurso, porque acho que ali não é muito meu lugar", mas assim, aí fui ficando. Aí quando chegou o final do ano, tem aquele remanejamento, então perguntam quem quer continuar como volante, então eles sempre procuravam ver o interesse das pessoas, né, das professoras. Aí eu falei "ah, eu quero um grupo". Aí eu peguei o grupo 4, também, ali do módulo 1 ali. Era um perfil de crianças, as crianças eram um pouco mais velhas do que essa faixa etária que a gente tem, mas assim, foi um lugar que eu fui aprendendo as coisas. Né, e depois eu tive o meu primeiro filho, eu fiquei de licença, ele entrou na creche e eu não podia mais trabalhar no módulo 1. E fui pro módulo 2. Aí eu fiquei no módulo 2, enquanto ele ficou no módulo 1, quando ele ia no módulo 2, a tendência natural era eu ir pro módulo 3, e eu falei "não, eu não quero ir pro módulo 3, eu quero voltar a trabalhar com os pequenos, que é o que eu gosto mais, né". E foi aí que eu voltei, eu voltei e fiquei 4 anos seguidas, seguidos no G2, e foi uma época assim que eu acho que assim, eu continuei aprendendo muitas coisas, e foi interessante porque as funcionárias que chegavam novas entravam, geralmente, no módulo 1. Então foi uma época que, ao longo desses 4 anos, eu quase que todo ano eu trabalhava com uma funcionária nova, que todo ano estava chegando. Mas assim, foi uma época que pra mim foi de muito crescimento, porque assim, eu também não tinha experiência de 20 anos ali na creche. Mas assim, o que eu tinha já dava pra caminhar bem com elas, né. Assim, eram pessoas super interessadas em aprender, estavam vindo às vezes de uma outra formação, de um outro cotidiano com crianças, mas nossa, foi muito bom. E te diria que assim, a minha formação, do que eu aprendi pro trabalho com crianças foi ali na prática. Agora, eu fiz essa licenciatura em pedagogia, eu brinco que foi uma coisa meio de tapar buraco, assim, pra conseguir o diploma, porque em termos de formação não foi nada de... não houve um acréscimo. Então, a minha formação, o trabalho, o jeito que eu trabalho com crianças hoje eu tive aí, na instituição. Foi aí que na verdade eu me formei. E assim, eu acho que ao longo desses anos eu vi que crianças maiores, do módulo 2, ou do módulo 3, eu ainda prefiro os pequenos. Assim, eu gosto dessa coisa do... mais um a um... dessa coisa mais calma, né, não é que você deixa de fazer uma proposta, mas assim, a proposta ela é em segundo plano, né, primeiro você o atendimento, ali. Eu acho que, algumas coisas, eu brinco todo ano com o pessoal. Todo ano tem o remanejamento da creche, e sempre houve um incentivo das pessoas não ficarem 10 anos com o mesmo grupo, ou no mesmo módulo. Mas assim, às vezes, chega no final do ano, eu falo assim "ah, mas ali eles precisam de uma pessoa mais velha". Mais velha, porque assim, eu acho que quando chegam famílias, eu por exemplo, sempre olhei assim, nas escolas, se tinham só mocinhas ou se tinha alguém mais velho. Então assim, eu sempre brinco com eles, talvez precise de alguém mais velho, talvez dar uma outra cara ali pro ambiente, né.

E: eu fiquei curiosa, assim, de que forma você acha que as famílias olhariam diferente?

Rosa: eu acho que... que é uma coisa da experiência. Eu assim, é. Bom. Eu acho que eu já estou numa idade que, eu não concorro em certas escolas, porque assim, às vezes você vai visitar outras escolas que trabalham só recém formadas, que trabalham inclusive nessa faixa etária de bebê. Mas assim, eu não sei se é uma coisa minha particular de mãe, essas coisas, assim, é uma coisa que eu sempre olhei na escola, assim. O meu mais velho ficou aqui na creche, foi muito tranquilo. O meu segundo filho, eu não morava aqui no Brasil, e aí foi uma outra experiência. Foi horrível. Assim, eu não gostei. Porque eu tinha como parâmetro a CRECHE, o ACOLHIMENTO, uma coisa assim muito bacana. E que eu não via muito isso enquanto eu

estava lá, assim. Mas isso ainda eu prestava atenção, se eram recém formadas que iam ficar com ele, ou se eram pessoas mais velhas. Eu não sei, eu acho que dá uma cara assim de experiência, então ela sabe o que fazer se chora, se está com febre. É como se você conseguisse ao longo dos seus anos de convivência com a criança você fosse aumentando a sua bagagem em termos de conhecimento das reações, assim. Então a criança se manifestou assim, se manifesta desse jeito, você fala "ah, então pode ser isso". Parece que você tem um leque grande, sabe, na sua cabeça, de coisas que você pode tentar pra tentar solucionar aquela questão que foi colocada ali no momento, entendeu. Eu acho que é isso. E tem outras coisas assim, que, eu acho que precisa um pouco, principalmente, eu acho que precisa pra creche inteira, mas que precisa pra esse grupo, precisa de um grupo de profissionais bastante estável, assim, no sentido assim, que sejam pessoas que não saiam de licença, que não se atrasem, que não falem, porque eu acho que é muito importante pra eles ter essa coisa da presença, você está numa semana e na seguinte não vem... porque eles ainda tem essa coisa... eu acho que isso torna o ambiente mais tranquilo, porque eu vejo assim, quando chega visita, alguns estranham isso de ter outra pessoa lá. Tem criança que não, que vai no colo, que solicita, independente da pessoa que está ali. Agora, outros, assim, eles, eu sinto que eles procuram um olhar que seja conhecido. Então assim, eu ainda acho que pra esse grupo ainda é importante ter um grupo de educadoras (pausa), não descaracterizo, imagina, o pessoal que é novo, não é por isso que não é capacitado, mas eu acho que tem que ter isso, talvez pessoas assim, um pouco mais velhas e que conheçam bem o trabalho, e ter assim um grupo bem, é... ASSÍDUO, de estar lá sempre... e sempre bem disposto, sempre chegar feliz pra trabalhar. E tocar ali, assim, a gente vem bem disposta, a gente faz o trabalho da melhor forma que a gente pode. (risos).

E: Com certeza. E você poderia contar um pouquinho como que é o envolvimento que você tem com os bebês?

Rosa: O envolvimento assim que você diz da... do... em termos da relação?

E: É...

Rosa: Porque é assim, olha, eu sinto algumas coisas. No começo do ano a gente fica um pouco curiosa pra saber quem a gente vai receber, né? Esse ano não, porque esse ano a gente recebeu crianças que mais ou menos a gente já conhecia, que foram crianças que nasceram o ano passado, e como os irmãos são da creche também, a gente encontrava com essa mãe grávida no corredor, eu lembro do João vindo no colo da mãe pelo corredor na última festa da creche, então a gente, não foi um encontro a primeira vista. Nos anos anteriores isso acontecia: porque tinha uma primeira reunião com os pais que tinham sido contemplados com a vaga na creche, e tinha uma coisa que era até um sorteio, que era assim, da ordem que a creche estabelecia da entrada, dessas crianças, né. Então era muito assim, você olhava, e tinha família, tinha família que trazia o bebê, tinha família que vinha só o casal, tinha família que vinha só um, e no começo você pensava assim "ai, como que eu vou conseguir conquistar, será que ele vai ficar bem comigo?". Então assim, o primeiro envolvimento assim, eu acho que é isso, é você conseguir conquistar a confiança da criança, saber que ela fica bem com você, ela pode até sair do colo da mãe chorando, mas, você sabe que passou um momento ali, ela já ficou bem com você ali e vai passar bem a tarde, né. Então assim, num primeiro momento eu penso dessa conquista um pouco, né. De ir conhecendo também, a manifestação dela quando ela está desconfortável com alguma coisa, seja do corpo, seja do ambiente, né. E depois, assim, a gente vai afinando isso meio que no dia a dia, assim, na hora do banho, quando você troca a fralda, mesmo essa sua disponibilidade assim de estar sentada no chão e eles vierem sentar no seu colo, de você brincar junto, de você ajudar quando ele está nesse momento de começar a andar, dar esse apoio, eu acho que assim, é um dia que não está tudo bem, que ela está chorosa por

algum motivo, né, seja de doença, ou não. Mas acho que assim, que é ao longo do ano que a gente vai meio que afinando, né, mesmo de conhecer as reações delas e tudo o mais. Não sei se eu te respondi ou fui me perdendo aí.

E: Eu acho que você está contando um pouco que esse envolvimento vai sendo construído, né?

Rosa: Sim, sim. Porque assim.... é... Eu não digo que pros maiores, assim, eu me lembro que, eu me lembro do módulo 2 de algumas coisas, assim. Eu tive grupos bem difíceis no módulo 2, tive grupos que eu até acompanhei, eu passei já do maternal e passei pro G1 e G2, passei pro G3 e G4. que a gente chamava de maternal e de jardim, naquela época. Tinha duas salas de maternais e duas salas de jardins. E.... mas eu lembro que assim, eu tinha um grupo que era muito difícil, eu piscava o olho e eles estavam aprontando, né. E aí eu ficava pensando, né, o que que eu vou fazer pra, né, pra conseguir conter, pra conseguir trabalhar, né. Porque tinha uns assim que não davam trabalho, coitados, que parecia assim que passavam batidos, parecia que eu estava sempre atrás, correndo atrás dos que davam trabalho, que aí uma vez foi uma coisa de assim: "Hoje, você", era um menino, ele chamava Leonardo, "hoje você vai ser o meu ajudante, você vai pra cá, a gente vai fazer coisas juntos, a gente vai guardar brinquedo", e foi uma coisa engraçada, que ele foi sendo meu ajudante mesmo, depois de um tempo. Mas foi assim, foi algo que eu fui afinando depois de um tempo com o grupo, sobretudo com esse menino, que me ajudou muito. Porque depois ele não me dava trabalho na sala, né. Ele ficava muito envolvido naquilo. E também eu acho que mesmo os maiores a gente vai conquistando com coisas diferentes, né, são outras formas, mas eu acho que tem muito da sua predisposição, assim: "eu estou com vontade, né, é um trabalho que eu gosto, é um trabalho que eu venho disposta a fazer, né", então eu acho que tem tudo muito isso, né, se no módulo 2 eu não precisava tanto sentar no chão, mas eu tinha que estabelecer um vínculo com as crianças pra que eu chamasse e elas viessem, eu conseguisse propor atividades com tesoura e que fosse tranquilo, que eles conseguissem me escutar naquilo que eu estava pedindo, né. E ali no módulo 1 também tem o envolvimento que a gente vai fazendo. Mas eu vejo também muita coisa da gente, né, do indivíduo em si. "Eu estou com vontade, né, eu acho que eu posso, eu sou capaz, eu quero fazer desse jeito", eu vejo muito isso, o Módulo 1, que é uma coisa que eu não tenho muito como preocupação, eu acho assim, que a gente tem um projeto, às vezes a gente escreve e planeja, mas eu acho que acima de tudo é você estar disposta, então eu estou disposta a ir no gramado e sentar, a pegar folha, a pegar flor, a fazer, a entrar naquela brincadeira que eles gostam. E não chegar "hmm, 16:00. Agora a gente vai ler, turma, agora a gente vai ler o livro que eu escolhi. Eu quero que você fique sentado, por favor fique sentado me olhando". Eu acho que assim, isso a gente vai aprendendo bem, sabe, assim, O QUE É POSSÍVEL. No módulo 2, "ah, é possível a gente fazer uma roda das cadeiras, eles te ouvirem, eles ficarem, eles recontarem coisas pra você". Ali, é uma coisa diferente, é possível eles escutarem uma história diferente, mas é aquela história: muitas vezes ela é individualizada, eu conto pra um que está mais ali próximo, às vezes eu faço com o outro. Então é uma coisa assim que eu acho muito... ainda muito da pessoa, assim. Eu vejo que tem gente da creche, que assim... Eu acho legal poder dizer isso, que assim, elas dizem "não quero ser dali, não quero ser desse lugar, não quero ser do módulo 1, não, não acho que tenho habilidade". Por outro lado eu gosto de dizer que eu quero ser dali porque eu gosto de trabalhar ali. Não é uma coisa que me aflige todo início de ano, de ter a chegada de famílias novas, isso não me angustia. Sabe, pelos anos que eu passei, todos se adaptam. Demora mais tempo, menos tempo, mas todas as crianças acabam ficando bem. E assim, eu acho que é um trabalho ali, um trabalho de você dar uma segurança pra família, né, tem a conquista, tem a conquista da família tem a conquista da criança, é o conversar, estar disponível pra conversar com essas famílias, né. Às vezes eles perguntam sempre a mesma coisa "se comeu. Ele comeu? Comeu bastante? Não comeu?". E assim, você

vai conversando disso o ano inteiro, mas isso não causa aborrecimento, entendeu? É... do trabalho, entendeu? Então eu acho que é um pouco isso, assim.

E: Aham... tem mais alguma coisa que você acha que é importante pro educador de bebê? Pra ele ter, pra ele conseguir oferecer pros bebês? Porque talvez tenham pessoas que não possam oferecer algumas coisas pros bebês porque não é da pessoa, né?

Rosa: Ah, então, eu acho que assim, que é da sua disponibilidade, né. Disponibilidade de estar ali presente, entendeu. Não é eu estar ali e falar assim "nossa, quando eu chegar em casa, tem esse problema... tem que fazer isso, tem"... não. É lógico, às vezes eu chego na creche e ainda penso "nossa, de noite eu ainda tenho que tentar resolver isso". Mas assim, quando eu chego ali, eu estou ali pro trabalho, o da noite vai ser a coisa da noite que eu vou fazer, quando eu sair dali. Enquanto eu estou ali, eu estou ali. Eu estou ali pra segurar no colo, pra dar comida, pra brincar no gramado, pra, às vezes a gente vai vendo, porque assim, a gente entrou num grupo que não andavam, alguns não sentavam. Eles começaram a sentar, a engatinhar, e é engraçado, porque você vai vendo esse evolução física, e você vai vendo do comportamento também. Então assim, alguns agora, eu acho que já conseguem... é... te expor até certas frustrações, do conseguir ou não aquilo que eles querem, entendeu. Ontem, por exemplo, estava chovendo, e o solário, nós não fomos pra lá. Porém ali tinham alguns carrinhos estacionados. E tem uma criança, o João, ele gosta muito de brincar. Então ontem, a frustração dele, é que ele chorava, ele mostrava, ele queria brincar com aquele/ lá fora. Então eu acho bacana isso, eu conheci ele quando ele só sentava, aí ele andava, aí aprendeu a andar, ele fala, você vai vendo essa construção, né, o falar o "na". E Você "ahhh!! Você está apontando pra lá!". E agora você vê que eles já verbalizam certas coisas. E agora você vai vendo essas coisas, o desejo que eu tenho e que não dá pra ser aprendido, a forma que eu me expesso, né, pra demonstrar essa frustração, porque é uma placa de acrílico que está me impedindo pra fazer algo que eu gosto, entendeu. Porque a gente não anda de carrinho dentro do salão, isso é um combinado nosso por causa do... chão lá... ((enfraquece o tom de voz)). Então assim, não dava pra satisfazê-lo, e eu consegui sentir a frustração dele e era disso, de não poder alcançar aquilo, de não poder fazer o que ele realmente queria. Então eu acho assim, que a gente tem sempre que estar atendo às coisas, pra ver como ajudar a sair desse contexto, mostrando outras coisas, ou brincando. Mas eu vejo muito isso, da sua disposição. Às vezes você pode fazer o curso e vim com aquela ideia, "não, quando eu tiver o grupo eu vou desenvolver esse, esse e esse projeto". Dá certo, não é que não dá. Mas acho que tem os momentos. Eles são capazes de mexer com a terra, de ajudar a gente a cuidar de uma horta, mas assim, não é hoje às 16:00 às vezes que isso vai ser possível de acontecer. Entendeu? Eu acho que, assim, é muito essa coisa de você ser, como direi, sensível, talvez. De você dizer... agora... agora não. Agora sim, agora não. De ter um pouco de jogo, sabe, pra conseguir trabalhar ali. Mas eu acho que assim, quem vem trabalhar na creche geralmente vem bem disponível. Nesse período agora não, mas nos 9 anos que eu trabalhei, ela tinha uma frequência de entrada e saída assim, muito grande, né, de pessoas. As pessoas que prestaram concurso porque ouviram falar mas quando chegaram ali pra trabalhar, falavam "nossa, mas não é isso que eu quero, que eu imaginava," e aí saíam, né. Então eu acho que quem ficou, quem fica ali é porque vai se identificando um pouco com essa forma de trabalho que a gente tem, né. Bom, mas enfim, eu acho que a nossa disposição, de cada pessoa ali, é fundamental, assim. Você vai me falando se eu to me perdendo no que você quer saber (risos).

E: Não, o formato da entrevista é assim, você vai falando e a gente vai reconduzindo. É assim mesmo, você está falando coisas super importantes.

Rosa: Tá...

E: E... é... você acha que o bebezinho, quando ele chega muito pequenininho, ele te vê como? Ele te coloca em que lugar, você acha? Se a gente pudesse imaginar, né?

Rosa: Ó, uma vez, né, a... como que se fala... a psicóloga falou que a gente era um objeto como um outro qualquer, então ele queria, pra subir naquela cadeira, ele queria a gente, assim, na mesma coisa. Eu acho que tem uma identificação também um pouco maior. Eu acho que talvez pela própria relação que vai se estabelecendo, esse ano não, mas há dois meses atrás nós recebemos um menino que agora ele está lá no módulo 2, a mãe é aluna. Ele chegou, ele tinha 4 meses e meio. Ele era uma criança só de peito, ele só mamava, ele não comia nada, a introdução de fruta, essas coisas, foi feita na creche. E eu me lembro que ele chorava muito, muito, muito, muito, MUITO, porque ele queria o peito da mãe, e a mãe não estava ali. Ela tirava o leite e deixava na mamadeira pra gente oferecer. Eu lembro, (risos) assim, de ficar muito tempo a tarde com ele, naquele ritmo assim, ele mamava um pouco na mamadeira e dali a pouco não queria mais. Aí eu oferecia, dava um tempo, oferecia de novo, dava um tempo, oferecia de novo... e muito essa coisa, eu observava, da brincadeira que a mãe fazia com ele. Ela tinha, era uma mãe de origem africana então ela tinha muito essa brincadeira de, não é muito do nosso jeito, ela fazia que nem uma gangorra com a perna, né, era uma brincadeira assim até que mais corpulenta, ali, com aquele bebê. E ele ia, nossa, ali naquele conjunto, era muito legal. Nessa época de adaptação, eu que fiz a adaptação dele, eu olhava muito o jeito que ela mexia, manuseava ele, e ela não tinha muito ele como uma coisinha assim, "ah, que pequenininho...", não, ela brincava, ela jogava, ela punha pro alto, na perna, fazia ele sentar, punha ele de volta. Eu fiquei sempre observando isso, e depois, quando ela voltou pra, pras aulas, né, pro estudo, eu às vezes ficava um pouco com ele, eu brincava com ele, via como ela fazia, punha ele na minha perna. E tinha que dar todo esse leite, de pouco em pouco ele ia ficando com fome. Mas assim, eu fui vendo que assim, a gente foi criando um vínculo que eu acho que não era só de objeto, eu acho que assim, ele depois me reconhecia como uma, como uma cuidadora. Como uma cuidadora assim: alguém que ele poderia, que ele poderia contar ali, naquele espaço, no sentido de... se ficava, quando ele ficava em uma situação de aperto, aí ele meio que me procurava pra ajudá-lo. Então assim, eu acho que vai se estabelecendo esse vínculo, né, de parceria mesmo. Estou em alguma situação difícil, ah, quero resolver alguma coisa que não consigo, por si só, eu vejo muito que eles se dirigem a quem eles foram criando um pouco esse vínculo. Não é o fato também de eu ter feito a adaptação de certa criança que esse vínculo está garantido. Não, eu acho que passa muito depois também por uma afinidade, um olhar, porque assim, algumas crianças eu percebo que assim, quando nós recebíamos o grupo completo, eu fazia em média 5 adaptações. Então assim, eram cinco crianças, entravam 15. Eram cinco crianças que eu tinha uma proximidade maior com a família e com a criança, com a família e com a criança. Mas não necessariamente no final do ano, essas cinco estavam me requisitando da mesma forma. Muitas vezes, ah, elas tiveram mais empatia assim com uma outra professora que trabalhava, que dividia o grupo comigo. Mas algumas eu via que isso era importante, que assim, é como se isso fosse crescendo, crescendo, crescendo, e ali você é assim, era o ponto de apoio. A mãe, continua com o papel dela, chegou, nossa, super importante. Mas assim, numa situação assim, de creche, é como se você fosse aquela outr(pausa), ele precisa, né, da sua presença, da sua... nesse momento aqui pra eu consegui resolver. Então eu acho que não é só uma coisa assim, que você é um objeto que está ali, que ele se pendura, que... eu acho que vai se criando esse vínculo afetivo também. Não é que eu gosto mais de quem eu fiz adaptação. Às vezes, outras crianças, assim, a gente vai, ah... às vezes por uma característica ela te desperta assim, sentimentos, ela te desperta um olhar, né. A gente procura atender a todas da mesma forma. Não é que eu vou dar água só pras minhas 5 "ah, vou dar água só pras 5 que eu gosto, as outras, né" (risos), não. A gente dá comida, né, faz dormir, brinco com todas. Algumas a gente vê que elas se aproximam mais, elas vão sempre

pedir coisas pra você, mas eu acho que é uma coisa que é do convívio diário, né, são os gestos diários, são as atenções diárias, às vezes é o jeito que você dá um banho, que você propicia aquele banho que faz com que vocês se entrem bem, entendeu, é... eu acho que é uma coisa muito... dali do seu trabalho, do dia a dia assim.

E: Nossa, você está falando coisas super importantes, né, assim. Do conhecimento que você tem e que você construiu na sua experiência, né.

Rosa: Sim, sim, eu vejo assim, eu consegui trabalhar com essa faixa etária no trabalho diário ali. Foi realmente, porque, em termos de formação... mesmo uma coisa engraçada que, quando eu optei em fazer matemática, ah, aquele curso vai me passar assim fácil. Mentira. Sofri muito pra terminar ele, porque eram coisas muito difíceis, né, que não estavam ali no meu total domínio. Mas, é... eu vejo que assim, talvez se eu tivesse feito pedagogia eu não teria entrado melhor do que eu sou assim, hoje. Não sei tudo, mas assim, vejo que grande coisa eu consegui aí do trabalho cotidiano, né. E nessa coisa, né, é um grupo que eu gosto de trabalhar, gosto de atender as famílias, não digo que assim, "nossa, olha, se me puserem no módulo 3 é o momento de eu sair da creche". Não. É um trabalho que eu acho que tem várias coisas que me agradam. Me agradam: o trabalho em si, né. Me agrada ser seis horas, ser meio período, porque assim, pra mim sempre foi muito importante poder acompanhar o crescimento dos meus filhos, entendeu. Então isso foi uma coisa que eu sempre coloquei. Gostaria sempre de manter um trabalho em que ele vai pra escola e eu vou pro trabalho, e enquanto eu não estou no trabalho ele também não precisa estar na escola. Ele está comigo. Então isso foi um casamento feliz, entende, entre a possibilidade de trabalhar, e esse trabalho ser de meio período, então eu acho que tem muita coisa assim que me faz prezar esse trabalho, entende. Então não é "Ah, ano que vem você vai pro módulo 3". Tudo bem, acho que vão ser descobertas coisas novas, não foi ruim trabalhar no módulo 2, ter grupos difíceis é uma coisa interessante até pra você mesma, ver que você pode, né. Eu pude, né, eu pude por 3 anos ficar naquele módulo e fazer trabalhos com aquelas salas por mais difíceis que elas me parecessem, entendeu. É um desafio pra pessoa, mas te mostra coisas boas, né. Te mostra que você é capaz, você é capaz de pensar em coisas que vão trazer interesse pra aquelas crianças, né. Então é... é tudo isso.

E: E você estava contando um pouco do envolvimento que você vai construindo aos poucos né? Que é um processo que precisa de muita sensibilidade, né? Eu ia te perguntar, como é pra você poder se afeiçoar pelos bebês?

Rosa: se afeiçoar assim de gostar? Ah, é tão engraçado assim, né, "ah"... vamos dizer uma coisa grosseira, vai. É... é engraçado, eu só tenho filho homem, né. Então às vezes você podia pensar que eu só vou gostar das meninas. Não, gosto das meninas e dos meninos. Eu acho que, como direi, deixa eu ver, ah, pode ser assim, "ah, esse aqui tem características do meu filho, ele é magro como o meu filho é"... não sei muito te dizer assim... eu acho que pra mim é uma coisa que surge tão assim... NATURAL. Eu não sei se no início assim seria fácil você falar pra mim "olha, você vai ter que por quatro bebês que você não vai gostar". Entendeu? Eu acho que não é/ não dá. Aquilo que eu te contei daquele menino dos quatro meses, mas ele CHORAVA TANTO, MAS TANTO, eu ficava com ele no solário, as meninas no salão estavam fazendo coisas e não dava pra ficar com ele. Mas assim foi uma criança que eu tive tão bom relacionamento, entendeu? É engraçado porque, é legal isso, porque isso meio que perdura. Perdura assim, eu digo, porque eu fui professora dele por dois anos, fui nesse ano e no ano seguinte, que foi o ano passado. Então por exemplo, de sexta feira, que a gente faz a brincadeira no quintal. Ele é uma criança que sempre vem me procurar pra brincar junto, né. Mas assim, foi, como se fala... alguns pode ser até pelo primeiro olhar, "nossa, esse é tão AGRADÁVEL, né, ao olhar", já te cativa. Mas tem outros que é pelo trabalho diário mesmo,

entendeu. Acho que por você conseguir enxergar que você fez algo de melhor. Ele não passou o ano inteiro chorando pela ausência da mãe, entendeu. Ele, depois de um tempo, ele foi conseguindo se alimentar, a gente foi vendo que ele estava crescendo, que ele começou a sentar, que começou a engatinhar, agora ele é uma criança maior. Mas assim, você vai acompanhando todo esse desenvolvimento, e você se vê parte disso, que eu acho que você se afeiçoa a todos. Porque assim, ali tem algo que você - em cada um, né - tem algo que você fez. "Ah, esse eu adorava dar banho nele, pelo jeito de brincar, né". Ele só gosta de tomar com banheira cheia. Porque às vezes tem criança que é grande, tem um do módulo 3 que quando eu o recebia eu às vezes brincava com as meninas "ah não, deixa que eu dou banho nele porque eu sei. Ele gosta da banheira super cheia" (risos). Mas então são coisas que você vai ao longo do ano, trabalhando todo dia com a criança e muito assim. Fala "Nossa, cheguei no final do ano e eu não consigo ainda ter um carinho". NÃO! Porque por todos você vai fazendo coisas, né. Você às vezes vai dando leite do jeito que gosta, porque "ah, não gosta de tomar no bebê-conforto", você segura. Às vezes o jeito de você segurar, isso também vai criando uma coisa entre você e a criança, né. E pra ela faz diferença, e pra você faz diferença porque você vê que você está fazendo um trabalho que tá tendo uma coisa boa, né. Então... (risos).

E: Você poderia contar um pouquinho mais que importância que tem pro bebê esse carinho, essa afeição, essa dedicação, e pra família?

Rosa: Eu acho que pra família é no sentido assim, de... poder deixar ali o seu filho e... e ficar assim meio que despreocupada que ali vai estar sendo bem tratada, entendeu, você não sair com uma certa desconfiança. Né, "nossa, será que, né... como que eu vou pegar na volta, dali a algumas horas". Eu acho que isso é importante, né, da família conseguir deixar, e deixar bem, né. Mesmo que, e você da essa confiança, né. Você fala, né "olha, mesmo que ele chore, ele vai passar, ele não vai passar o dia todo chorando, ou a manhã inteira chorando". Eu me perdi um pouco na sua pergunta....

E: Eu estava aqui curiosa pra entender um pouco mais como você vê a importância desse afeto, desse carinho, pro bebê e pra família. E aí você falou que a família talvez se sinta mais segura.

Rosa: Sim, mais segura, de quando eles saem. E pro bebê, eu acho que ele se sente querido ali naquele ambiente, né. O jeito que você fala com ele, que se dirige, o seu tom de voz, então eu acho que assim, tanto pra um quanto pra outro, é você conseguir transmitir que ali você é bem-vindo. Assim, você vai ficar aqui, mas eu estou aqui, eu estou aqui disponível pra cuidar de você, pra ver o que você precisa, nos horários que você precisa, vou tentar fazer o melhor pra ir te satisfazendo. E eu acho que você poder dizer pra família que você vai tentar satisfazer as necessidades dele da melhor forma possível, eu acho que é muito gostoso de poder escutar isso, de você poder passar essa garantia, né, assim "nós estamos aqui pra poder acolher ele, pra cuidar dele da melhor forma possível, enquanto você não estiver", entendeu. Acho que é nesse sentido, tanto pra um quanto pra outro. Pra um você verbaliza, né, oralmente, né, pra família, você explica que você vai fazer certas coisas, né, ou que a demanda dela, o pedido, né, "olha, por favor, olha, quando você for dar banho, você pode fechar as janelas do banheiro?". Você diz assim "sim, eu vou estar atento a isso quando eu for dar banho nele". Ou "ah, hoje quando for dar o banho nele, mas você não lava a cabeça?". É como se eu conseguisse acolher as demandas, as solicitações da família e fazer a mesma coisa com a criança, ela verbalizando mas corporalmente, né. Eu acho que é você juntar essas duas coisas, né, seja por parte da família seja por parte da criança, e meio que conseguir, assim como você recebeu bem, você no final do dia entregar e poder falar "olha, o seu pedido foi feito, né". Você também, eu acho que uma coisa muito impor ante e a gente procura sempre ter uma boa comunicação é, como que ela passou de manhã, a gente se inteira disso, pra poder ter essa boa conversa também no final da

tarde. É como se você pudesse contar isso, algumas famílias pedem isso, e outras nem tanto, mas contar pra família como foi o dia da criança ali, entendeu. E às vezes você consegue descrever situações pra família, que ela vê esse comportamento do filho em casa, né. Mas assim... não é que você descreva aquilo como uma crítica, né, você relata, né. "nossa, ele chorou bastante por conta daquela situação, nossa ele brincou assim", ou "você viu, ele já começou a andar", então assim, poder compartilhar algumas coisas com a família e ver que elas também vivenciam isso. Ele faz às vezes umas coisas, né, não é diferente, mas eu acho que você poder contar da criança isso eu acho que é muito bom. Mas com PROPRIEDADE, entendeu. "ah.... não sei se ficou", NÃO, você ter segurança na sua fala, né. Às vezes tem famílias que falam assim: "ah, você sabe se meu filho tomou o antibiótico às 10 da manhã?", sim, eu sei, ele tomou. Porque, porque eu sei que a família pergunta, então é coisa que eu procuro me inteirar, saber. Tomou? Passou bem de manhã? Fez a inalação, que às vezes a família... então, eu acho que traz uma confiança pra família, você poder responder a esses questionamento, ou você poder contar coisas, né. Coisas que eu vejo que é muito, não sei, pelo menos pra mim particularmente é muito também de como experiência como mãe, entendeu. De eu querer que as outras pessoas também, outras professoras conseguissem também fazer dessa forma. Como pessoas que cuidam da sua criança, né, de poder contar isso do dia, e de tudo mais, né. (risos)

E: Como que é a sua experiência de ter sido mãe duas vezes, né? Como que ela ajuda no seu trabalho com os bebês? Ou como que ela aparece no seu trabalho com os bebês?

Rosa: eu acho que foi o contrário, porque primeiro eu aprendi a trabalhar um pouco com crianças, e depois que eu tive o meu primeiro menino, né. Então, é engraçado, porque eu diria assim, que muitas coisas que eu fiz pra eles eu tinha de vivência na creche. É engraçado isso, porque quando eu entrei na creche eu não demorei tanto tempo pra ter o meu primeiro filho. Mas parecia que eu já tinha, eu não sei, eu acho que eu já entrei de um jeito, assim, como que eu entrei pra aprender. Então eu era muito observadora, eu via muito a atitude que as educadoras tinham com as crianças, talvez esse jeito, né, essa possibilidade de ter sido volante. Por um lado eu achava horrível, porque eu queria ficar naquele módulo mas eu tinha que ir lá e cobrir a falta, a licença, a saída de outras no outro módulo. Mas por outro lado, me deu a oportunidade de, em pouco tempo, conhecer a faixa etária do começo ao fim da creche. Bom. Mas eu tinha muito isso, né, de observar, assim, a atitude delas diante das mais diversas situações, né. Situações de conflito, de choro, das mais diversas situações, até de alimentação. Eu prestava atenção no que era oferecido, nas preparações dos alimentos, tudo eu procurava saber. Quando eu tive o meu primeiro filho, muitas coisas que eu fazia com ele, era em função do que eu já tinha vivido na creche, entendeu. Quando eu tive o segundo era um pouco diferente, entendeu, porque eu queria que fazia igual à da creche, mas não fazia igual ao da creche, entendeu. Então, isso pra mim foi uma coisa que foi sofrida, foi um período meio de sofrimento, então eu falava, "ah, não, mas é possível se fazer melhor, é possível se fazer de um outro jeito", mas isso não acontecia. Então eu acho que teve muito essa coisa, eu acho que muitas coisas do que eu fiz eu acho que mais me ajudou eu ter trabalhado na creche pra ter um filho, do que ter um filho em trabalhar na creche, entendeu. Porque eu me lembro muito, entendeu, não era o pediatra que me falava assim, o que que eu vou introduzir de alimentação, era o que eu já tinha visto, entendeu. Assim, "não, olha, isso deve dar certo porque eles comem". Então tinha muito dessa coisa assim, eu me lembro bem essa situação do pediatra, não era ele que falava assim "olha, a primeira sopa você mistura isso, isso e isso". Não, eu já tinha visto isso ali, né, então eu acho que foi muito mais de eu passar pra eles coisas que eu já tinha vivido ali do que o inverso, né.

E: E você acha que tem coisas, né, no seu trabalho com os bebês, que se parecem como lugar da mãe? Ou não? Se tiver alguma coisa que parece, o que que seria?

Rosa: mas você fala, se parece no sentido de você... tomar aquilo pra si? Aquele lugar pra si? ((a entrevistadora não tem tempo de falar qualquer coisa)). Eu vejo um pouco assim, por exemplo, é... essa... G1, né, mais do que G2. G1. São crianças que demandam muito o colo. Né, elas gostam muito do colo seja pra chegar em um lugar mais rápido, né, seja por que estão cansada, seja porque o colo é um lugar acolhedor pra ela naquele momento. É um lugar acolhedor porque chegou alguém estranho no módulo, é um lugar acolhedor porque estou cansada, porque não dormi bem a noite. Então eu não vejo a gente tirando o lugar da mãe. É engraçado porque esse grupo, das 5, 4 crianças são amamentadas de peito. Então tem o João, e às vezes ele fica... ((imita ele procurando o peito)) e eu falo "ah, João, aqui não dá, João, porque aqui não tem" ((indica o seio)). Agora nem tanto, mas às vezes, a mãe dele deixou de vir amamentar no horário de 14:00-14:40. Mas ele via outras crianças serem amamentadas ali, né. Então, às vezes ele vinha e eu "ah, João, aqui não tem. Isso precisa esperar a sua mãe. Eu posso te dar um colo aqui, entendeu"., eu vejo a gente fazendo coisas que a gente faz, e que ao longo do dia, as crianças, como não estão com elas ((mães)), é com a gente que vai ter que ser. É meio feito, entendeu, essa coisa de pegar no colo, às vezes quando está com alguma indisposição, sentar no colo pra comer, sentar no colo pra tomar a mamadeira. Entendeu, eu vejo muito essa coisa... de fazer coisas que talvez eles quisessem que fosse feito com a mãe, mas num... num tem ali, entendeu. É assim, eu acho que é natural isso, né, deles quererem coisas que assim... eu acho que eles conseguem bem discernir "estou na creche e não estou, estou em casa", né. Mas eu acho que a vontade de chupeta, dá em casa, dá na creche. Vontade de ter um colo, dá em casa, dá na creche. Vontade de tomar um banho, dá em casa, dá na creche. Sabe, são coisas que a gente vai fazendo ora lá ora cá, são coisas que a gente não assume o papel da mãe, mas eu acho que a gente tenta, é... suprir essa necessidade ali daquela criança naquele momento. Eu estou ali também pra isso, né, também pra pegar no colo, também pra dar banho, também pra dar, não é porque "não, todos mundo está de acordo que se deve tomar leite no cadeirão", NÃO, se hoje não está bem, não tem porque eu não pegar no colo pra dar o leite, entendeu, não existe nada que diga não, é proibido. NÃO, se a gente vê que tem a necessidade, não tem problema nenhum.

E: Então você está contando que do papel de professor, né, é um lugar diferente do lugar da mãe, você não está tomando o papel da mãe. E você já tinha falado isso antes, né. Mas é, o que que é diferente, então?

Rosa: Do papel da mãe? Eu acho que toda essa intimidade, essa intimidade que você tem com um filho, seja porque você amamenta, seja porque você vive aquela noite que a criança não dormiu bem. Assim, é... essa coisa do amamentar eu acho que é bem isso. Não dá, tem certas coisas que são... E eu acho que tem certas coisas que são também diferentes, porque pra mim eu acho que é muito fácil falar não. Porque às vezes pra mãe não é. Eu acho que assim, eu sou capaz de te dar carinho quando você está aqui, te fazer coisas parecidas, assim, "ah, eu queria o colo da minha mãe", não tem o colo da mãe, mas tem o meu... né, eu posso tentar suprir essa sua necessidade. Mas pra mim, falar não pra certas coisas é super, como direi... despreocupada. Então, essa relação, é como se ela fosse assim, não culposa... mas eu sinto um pouco, que às vezes em algumas famílias, elas tem uma certa dificuldade em falar não pra criança, porque assim, "nossa, eu já passei fora o dia todo, né, a criança fica boa parte do tempo acordada, ali. Né, então, ainda vou ficar pouco tempo com ela e vou falar isso não pode, não é, não pode, isso não deve." Então eu vejo um pouco isso, e eu vejo que pra mim é muito fácil falar não. "Não agora não dá. Não, hoje está molhado, a gente vai fazer outra coisa, não vai entrar com o carro, não dá". Tem certas coisas que, eu não sei, eu acho que isso te dá possibilidade, te dá quase que um certo - não sei se é - distanciamento, a palavra correta. Mas assim, te dá certas liberdades, assim, "eu ainda sou um profissional, não sou a mãe". É lógico que, eu brinco que, eu te contei que eu sabia muita coisa na creche, que eu aprendi, e colocava em prática com

meus filhos. O segundo foi mentira isso. Porque ele era tão difícil de comer, e eu descobri que ele adorava suco de laranja. Então era uma colherada de comida, e uma colherada de suco de laranja. E isso é uma coisa que eu fiz só porque eu era mãe, entendeu. Então tem os dois lados, tem coisas que você só tem a liberdade porque você é mãe, e tem coisas que você só tem a liberdade porque você é a professora, não tem aquele... é... aquela coisa, né, de ser a mãe da criança. Mas é lógico, que eu, por exemplo, não permito, não permitiria com as crianças da creche, e com o filho você acaba fazendo, entendeu. É como ter uma distinção, né, aqui é lugar do trabalho, e aquele é o meu papel como mãe. Mas eu acho que, pra mim, tem essas coisas, é como se eu pudesse negar certas coisas, assim, como diria, tão NATURALMENTE, entendeu (risos).

E: Seriam liberdade diferentes, então? Da lugar da mãe e do lugar da professora?

Rosa: Sim, sim, do lugar da mãe e do lugar da professora.

E: Você poderia dar um exemplo? Você já deu alguns, né... você poderia dar mais um exemplo, só pra eu ir entendendo melhor?

Rosa: Dessa liberdade?

E: É... essa liberdade do lugar da mãe e essa liberdade do lugar da professora.

Rosa: ahm... (pausa longa)... vamos ver... ahm... quando você é mãe você meio às vezes tenta negociar pra deixar, né. ahm... como que eu posso te dar um... um exemplo... (pausa longa)... ai... (pausa longa)...

E: Não te vem alguma coisa em mente?

Rosa: Eu penso assim nessas coisas assim de negação, sabe, assim, “agora não, desculpa, o carrinho está lá fora e não dá pra andar aqui dentro”. E acho que se fosse em casa eu deixaria andar dentro. Entende, um pouco assim? É assim, ó, é como se aqui fosse a instituição e eu, apesar de ter uma certa liberdade ainda eu sigo regras da instituição, né. E quando eu saio da instituição é como se eu repensasse essas regras. Não é assim no sentido “ah, na instituição ele não pode me bater, e em casa pode”. Não, ele não pode na instituição e não pode em casa. Mas o que eu digo é que tem certas coisas que, vamos dizer... ah, eu lembrei de um exemplo. Na instituição a criança, os nossos, né, do G1. Não pode comer bolacha. Da porta pra fora pode comer bolacha no carro. Entendeu, tem uma coisa que é dali, porque é institucional e tem algo que, saiu fora dali e é outra coisa. É como assim, às vezes, é, como a gente tem... eu não sei se eu respondi a sua pergunta, mas eu ia falar uma outra coisa. A gente vive, convive bastante com essas crianças, né, mesmo que eu trabalhe meio período, eu sei o que acontece de manhã na creche, porque, porque eu converso com as outras professoras que estavam ali de manhã. Então a gente vê que tem certas famílias que precisavam quase que de uma reestruturação, assim, reestruturação assim que eu digo é, talvez, ah, repensar um pouco nos horários, né, se ela pensasse um pouco nesse assunto, se ela não viria uma ideia de fazer diferente. Mas, por exemplo, com o sono da criança, né. Mas a gente sabe que a gente tem um certo limite, né. mesmo que assim, que eu veja que essa minha sugestão de alteração de dinâmica familiar a noite, fosse caminhar pra algo que daria mais tranquilidade pra mãe, ou talvez organizaria melhor a noite dela, o café da manhã, essa saída de casa e a chegada na creche, sabe assim, você vai fazendo o círculo ficar melhor, né. vai embora melhor da creche, dorme melhor, chega melhor. Mas a gente tem um limite, que é um limite assim: aqui a gente é uma instituição, e a gente pode até enxergar isso, mas o da casa é o da casa dela, entende? O da casa é o que ela consegue fazer, o jeito que ela consegue se organizar, se estruturar, o jeito que ela pensa. Então

assim, tem bem essa, às vezes eu enxergo bem uma linha divisória, né. Mesmo que você tenha uma ideia, pode ser que você tenha um conceito errado, mas às vezes a gente vai montando essa ideias por causa das conversas com as famílias, né. Elas te põe: ah, difícil, noite difícil, elas te põe, né, então a gente vai moldando algumas ideias na cabeça da dinâmica dessa família. Eu não posso passar dessa linha “ah, olha, se você seguir o meu conselho, olha não vai passar dessa hora, caso você faça a janta,” mas tem a coisa de não poder, né, como, a gente está ali pra aquele trabalho. A gente, lógico, a gente pode até dar sugestões assim, de vez em quando: olha, tenta assim,né, mas, não passa muito disso, né.

E: Eu vou ver o horário, tá. Já deu hora, eu acho que a gente passou quatro minutos.

Rosa: Não tem problema.

E: Eu não vi o tempo passar, eu achei que estava bem mais cedo. Desculpa.

Rosa: Magina.

SEGUNDA ENTREVISTA COM ROSA, DEZEMBRO DE 2015

E: Desde a nossa última entrevista, que já faz um mês e pouco, depois que você saiu daqui, teve alguma coisa que você lembrou que você gostaria de acrescentar? “Ah, eu lembrei de uma coisa assim, que me ocorreu, e eu queria falar?”

Rosa: Não, assim, é engraçado, porque eu estava pensando, né, ontem elas comentaram da entrevista, da outra vez eu estava até mais concentrada, sabe quando você já está esperando já há algum tempo? (risos). Essas elas falaram “ah, ela voltou a fazer as entrevistas, já fez comigo, talvez ela venha amanhã”, (risos), ai, tá bom! (risos).

E: Foi meio no susto?

Rosa: Não, mas não tem... eu assim, coisas que eu fiquei pensando, pra te falar a verdade, assim, nós conversamos, mas assim, não voltei a pensar muito naquilo, assim... acho que porqueeee.... não é uma prova (risos), entendeu? Numa prova às vezes a gente pode ficar “ah, poderia ter melhorado essa questão, acrescentado naquela”, mas aqui não. E assim, o que a gente passou sexta-feira foi o dia da nossa formação, eu vejo que tem algumas coisas que aconteceram em decorrência desse último ano aqui, que dá um aspecto um pouco diferente, que foi essa história assim: até então a gente vinha sempre naquela organização, ah, no final do ano a gente faz a escolha dos períodos, quem trabalha de manhã e quem trabalha a tarde, e a gente discute a escolha dos grupos, né. Como esse ano já teve essa surpresa, que pra gente, em janeiro, foi uma grande surpresa o anúncio de não ter a entrada de crianças novas. Então assim, não teve a formação de grupos nos moldes dos anos anteriores, né. Então eu percebi assim, um pouco essa mudança, o pessoal só se preocupou assim, se vai trabalhar de manhã ou se vai trabalhar a tarde, mas ainda não tanto na configuração dos grupos. Porque a gente também tentar antecipar, antecipar pra nós mesmo quais serão as novas surpresas, agora, pra volta das férias. Então, mas eu percebi uma coisa engraçada, não se se agora é também por conta disso, que como não tem essa expectativa de entrada de crianças novas, eu vejo que as pessoas não tem assim muito interesse de pedir um grupo novo, né. As pessoas que eu converso estão mais com a ideia de acompanhar o mesmo grupo, e até essa é a minha ideia, assim, se fosse há dois anos atrás, eu diria “ah, eu não quero acompanhar o grupo, eu acho que eles precisam de professora, é interessante pra mim e pra eles, e tudo o mais, né, e assim, ir diversificando as relações aí dentro da creche”. Mas assim, diante dessa situação, né, eu sinto que cada um quer o grupo pra si, dos que já estão aí na creche. Então assim, isso foi uma coisa que aconteceu um pouco na sexta, que deu um pouco pra perceber, meio na pessoa assim, “ah, agora eu estou no módulo 2, mas eu quero ir pro último grupo do módulo 3”. Não, o pessoal parece que está assim mais nessa coisa de “ah, então eu fico com o grupo mesmo e eu vou acompanhando esse pessoal”. (risos). Mas assim, o que eu posso te dizer é que apesar dessas questões, dessa incerteza, que às vezes a gente acha que ele não vai manter a nossa creche, a creche da, a creche Oeste, porque assim, são dois gastos em dois pontos diferentes que em um possa atender a todos, né. Mas apesar de todas essas questões, eu acho que eu tenho a mesma esperança, eu ainda continuo com a mesma esperança de trabalho, entende? Assim, o meu jeito de trabalhar, porque às vezes tem gente que fala assim “mas você já foi procurar em outro lugar?” Não, eu não fui procurar em outro lugar. Porque assim, hoje até eu estava conversando com o meu menino mais novo que está de férias, eu falei assim, eu preciso ter muitas vantagens em outro lugar pra me fazer sair daí, entende, como instituição, como local de trabalho, que eu gosto muito, como projeto de trabalho e tudo o mais. Então eu me vejo um pouco essa situação, apesar de existir essa incerteza, também, por outro lado, eu não me sinto menos, é... empolgada pra retomar o ano com as crianças de ficarem, entendeu, eu não penso assim, “ah, vou ser mais

displicente, nem vou pensar tanto nas minhas atitudes com eles, ah, vou fazer projeto pra cinco? Vou pensar em atividades pra esses cinco? Ah, deixa pra lá, a gente vai levando”, eu não me vejo assim, apesar de toda essa situação, a gente continua o trabalho, e continua com o mesmo empenho, dedicação, o mesmo gosto de vir trabalhar, seja com cinco, com dez, ou com quinze.

E: O que te faz ficar com tanta determinação?

Rosa: Ah, com tanta coisa? Ah, eu acho que assim, é uma coisa que eu acho que, talvez seja minha mesmo, eu sempre tenho esperança, eu nunca fico “ai, nossa”, eu acho assim, sempre... isso não só na creche, na nossa vida mesmo, né. Nossa, tem dias que são tão difíceis, mas eu falo assim “não, ainda vai melhorar”. É uma coisa acho que de mim, faz parte da minha pessoa, da minha personalidade. Por exemplo, honrar compromissos, assim, eu não sou uma pessoa que me atraso pro meu horário de trabalho, mas assim, como direi, isso é uma coisa que eu não faço com grande esforço, já é da minha pessoa, entendeu. Mesmo, da mesma forma que levo a sério o meu trabalho, que me reverte em um benefício em termos monetário, de dinheiro né, as outras coisas da minha vida eu também tenho compromisso, assim, compromisso: eu prometi pro meu menino que eu vou escrever um cardápio pra semana dele. Entendeu, é coisa que eu faço pra ele, faço pras coisas aqui da creche... Mas eu acho que eu me vejo que eu tenho um pouco disso, eu acho que as coisas ainda podem melhorar, ou eu ainda acredito nesse trabalho. E se um dia eu sair daí eu acho que assim, eu também vou ser uma boa pessoa só que em outro lugar. Acho que é do meu jeito de vida, mesmo assim, né. (risos).

E: E tem uma pergunta que eu queria fazer, mudando um pouquinho de assunto, se você tivesse que explicar pra alguém o seu trabalho com os bebês, né, como que você descreveria a sua função com eles?

Rosa: Ó, eu acho que a minha função com eles é assim, ó. Tem assim a parte que a gente diria assim que é bonita a pedagógica, assim, pra certas escolas é o que interessa. Então assim, tem essa parte pedagógica, de tentar pensar em atividades que sejam desafiadoras pra eles, mas que caibam a essa faixa etária, é... que não necessariamente ela tem que ser naquele horário de todo dia, mas eu acho que assim, é... o meu trabalho que eu vejo, assim, que eu desenvolvo com eles... eu acho que assim, uma... acho que a parte que eu vejo como a mais importante é a minha predisposição, entende. Então assim, eu venho sempre assim, disposta. Eu vejo que não adianta eu falar assim, hoje eu planejei que eu vou colocar um papel no chão, vou pingar algumas gotas de tinta, lá, de guache, e vou cobrir com uma camada de plástico porque é uma forma deles fazerem um trabalho de artes, terem esse tipo de experimentação, e isolar eles desse contato direto, que ainda não dá. Mas eu penso assim, eu posso ter planejado isso, mas eu acho que uma grande coisa do meu trabalho, e do trabalho com essa faixa etária, é você ter a sensibilidade do dia, então assim, não adianta eu ter planejado isso, que essa atividade deve começar às 14:00. Mas nossa, esse dia eu cheguei, foi um almoço que eles não gostaram, algumas crianças chegaram atrasadas, fora do horário, não dormiram, entendeu? Assim, eu vejo um pouco de você ter algo que você sempre pensa, que possa ser boa pra eles, que eles possam experimentar coisas novas, mas assim, saber e ter um olhar, se aquele realmente é um bom momento de oferecer, “ah, eu tenho que produzir algo, se aquele é o final do período fazer uma exposição pras famílias, ou então ter que preencher aquela pasta que a família traz pra levar pra casa”. Então eu vejo muito dessa disposição e de você no dia a dia, é... fazendo essa leitura “é possível nesse momento, ou não é, olha, agora, o melhor, é você estender alguns colchonetes no chão, levar alguns livros, ler ali com ele sentado no seu colo”, entendeu? Eu acho que um pouco é conseguir ter essa... não se frustrar porque você preparou algo, planejou, separou material e aquilo não acontece naquele tempo, né, mas você saber que pode ser que aconteça, pode, mas mesmo que não aconteça, que você tentou propor algo que era apropriado

praquele momento. Porque, uma coisa que eu gostei muito desse ano – eu vou às vezes talvez não responder caminhando muito pra sua pergunta, mas aí você vai... bom (risos). Uma coisa que eu gostei, até, que desse ano, por exemplo, foram poucas crianças, né. Mas eu não senti isso como muita tristeza porque não tinha o grupo das 10 crianças, por que? Porque me proporcionou por exemplo um banho diferente com eles, então assim, é aquele momento que a gente conversa, que foi possível por exemplo, depois que eles começaram a ficar bem de pé, eu já eliminei a banheira, porque assim, o box nosso é super fundo, né, então assim, eu colocava um tapete que cobrisse assim, todo o espaço, então eu juntava dois tapetes. E aí a gente teve a troca da ducha, e isso foi legal. Então eu colocava lá dentro, a gente conversava, às vezes eu levava um potinho – não tinha muita preocupação com a água, tá, nem com o gasto, assim, o pessoal com a economia. Não, assim, era um momento assim, a gente brincar com aquela água, a gente conversa, porque assim, eles vão respondendo pra gente essa coisa assim, às vezes eles falam “mamãe, papai”, que são as primeiras palavras que eles aprendem, que vão surgindo, ou mesmo água, por causa de pedir água pra beber. Então, mas eu acho que, por exemplo, essa quantidade reduzida aí proporcionou esses momentos diferentes, o momento da troca, o momento do banho, essa tensão na hora de dormir praticamente individualizada, “ah, hoje você não quer deitar no seu colchão, você quer um colo? Ah, não tem problema, eu posso ficar com você no colo até você dormir”. Entendeu, então foram coisas, no começo, a Rafaela, quando ficou doente, ela dormia a tarde inteira no colo!! Mas era possível, porque assim, eu não tinha os outros oito ali, ou dividindo as outras crianças com a Branca, que sobrecarregasse a Branca, dava pra Branca ficar com as outras três e eu manter a Rafaela acomodada no colo que ela precisava naquele momento. Então assim, eu prezo muito isso, né, eu acho que não é só o fazer a atividade, produzir, ensinar eles a fazer coisas novas, eu acho que assim, isso eles vão aprendendo, eles vão aprendendo comigo, e se não foi tudo comigo esse ano, vai acontecer em outros momentos com outras professoras. Mas assim, eu acho que pra mim é importante que no momento que eles ficaram comigo eu me dediquei, eu não dei só essa coisa, né, da parte pedagógica, mas eu acho que eu parti pra essa outra coisa, de ver a necessidade, o que você quer agora, você quer um colo? Você está com saudade da sua mãe? Eu posso, eu não sou ela, mas eu posso te oferecer um colo também, a gente pode dar uma saidinha pra passear no corredor, então assim, essa predisposição, esse olhar das necessidades até que meio que individuais, eu prezo muito isso, então não só o fazer, né, a hora da atividade, mas essas coisas, é poder sentar pra dar a comida com tranquilidade. Porque agora, eu percebo, eles foram crescendo, e a gente vai vendo outros pedidos deles. Por exemplo, às vezes eles não querem sentar no cadeirão, eles querem sentar na mesinha, junto com as outras crianças do G3 e G4. Então é poder “ah, você quer sentar na mesinha? Você está me apontando?”, então, essas coisas pra mim eu vejo que fazem um diferencial do meu trabalho, então não é só o ser professora como ensinando coisas o tempo todo, mas é também olhar essa outra parte. Não deixa de ser também um ensinar, mas é um ensinar que eu não vejo o ensinar ali quadrado, né, é um ensinar de você ir observando, e a gente vai um pouco afinando bem esse diálogo, né, eles não falam, mas você vê o quanto eles vão crescendo, te compreendendo, entendendo os seus pedidos. É mesmo a gente, né, a gente vai entendendo os pedidos que antes eram um “ahhh”, mas agora sim, você sabe “ahhhh, você quer ir lá fora”, ou às vezes fala alguma coisa e você “ah sim, estou entendendo, está molhando tudo lá fora por causa da chuva”, então isso eu acho que a gente precisa sempre estar atento, né. Então, pra mim isso é o importante no meu trabalho com eles, essa disposição de estar ali, não só pra aplicar alguma coisa, “ah, é hora da sua alimentação, eu respeito, é hora do seu sono, eu respeito”, mas assim, fazer um pouquinho, um pouco a mais, não é só o cuidar de trocar a fralda, mas é de trocar a fralda, você conversar, a gente conversava até de uma, eu e a comadre que tem ali, tem a figura de um nenê. A gente conversa até disso, do ser nenê, o que faz. Então é muito legal, assim, é algo que... é... que me cativa nesse trabalho. (risos)

E: Disso tudo que você foi contando agora, o que você qualificaria como cuidado?

Rosa: Como cuidado? Olha, eu acho assim, eu acho que o cuidado seria mais assim no sentido de preservar a integridade deles, então estar atento a onde eles sobem, onde eles vão, o que eles mexem, estar atento assim, a fralda está cheia, você fez cocô, ahm... eu cheguei perto de você, eu te abracei, eu achei que você estava mais quente do que o normal, ahm... então eu vejo um pouco isso como cuidado, ta?

E: E quando você vê que ela está com sono e precisa dormir, que você estava falando, né, que ela precisava dormir naquele momento, isso também seria cuidado?

Rosa: Sim, sim, de observar. E esse ano, assim, eu nunca tinha trabalhado com esse grupo de, eu conheço a Esmeralda e a Celeste de muitos anos, né, que eu trabalhei um tempo, saí e voltei. Então eu conheço as duas desse período anterior. Mas esse grupo das educadoras da tarde, que é a Branca, a Júlia, a Flora, a Maria, que eu conheço há mais tempo também, e essa coisa que elas tem de interessante é essa união que elas tem, assim, de se ajudar. Então assim, observar que a criança está com sono também faz parte do seu olhar do cuidar, mas assim, eu acho interessante esse ano o quanto, você comentar o quanto você está precisando, ela comentou que agora ela (bebê) não está mais tão aproveitando esse espaço, eu acho que eu preciso me ausentar pra dar banho e colocar ela pra dormir. Então foi um grupo que ajudou muito pra que essas coisas fossem atendidas mais de imediato. Então, ver se está com sono. E a gente sempre tem assim uma preocupação de perguntar pras meninas comeu, o quanto comeu, apesar de ter sempre marcado naquela prancheta de controle nosso. Por que? Porque muitas vezes a gente adianta o lanche da criança, por que, porque a gente observa assim, “ah, ela está chorando, será que ela quer colo? O que será que ela quer? Será que ela quer dar uma voltinha?” Até que a gente se pergunta “será que ela está com fome?”. Então a gente vai fazendo tentativas pra tentar tirar aquele incômodo, né. E muitas vezes a gente pede adiantamento do lanche, quando a gente vê necessidade, a gente pede a troca de fruta, porque não é uma fruta que a criança gosta e a gente percebe, principalmente a criança que não toma o leite na creche e depende da fruta pra ser esse lanche que faz a transposição até o jantar, então... ai, então tem uma que ela não gosta, então vamos ver se tem pelo menos uma... banana pra ela, que é uma coisa que ela aceita bem, ou uma outra fruta? Então a gente, eu acho que tudo isso faz parte desse olhar pro cuidar, e eu diria que assim, o olhar pro cuidar bem, assim, de tentar dar um conforto pra elas que ficam ali com a gente...

E: Aham... muito interessante... e pegando um gancho nisso, você percebe alguma diferença entre o cuidar e o educar, pensando na função com os bebês?

Rosa: Eu acho que está tudo assim, bem, entrelaçado, um pouco, assim? Eu não conseguiria muito te dizer “olha, assim, aqui é só o lado cuidar, e aqui é só o lado educar... porque por exemplo, quando a gente vai... mesmo trocar uma fralda, eu sinto que eu estou cuidando, cuidando do bem-estar, e tudo mais... mas também ali eu não acho que eu não estou educando, educando eu digo assim, é... com o gesto, entendeu? Com o gesto de tirar a fralda, porque assim, tem aquela Rafaela, às vezes a gente vai trocar a fralda dela e ela fala assim “cocô”. Eu falo “não, e fralda está pesada, está cheia, mas não tem cocô, só tem xixi”, e eu mostro pra ela a fralda, né. Então por isso que eu te digo, pra mim não tem muito assim, não consigo fazer muito na minha cabeça “olha isso é o educar e isso é o cuidar”, entendeu? Porque é... eu vejo que até nessas atitudes, assim, de lavar as mãos, de troca de fraldas, eu acho que tem a parte do educar ali também, né, quando você ensina que ali passa sabão, pra se higienizar, não come sabão, a gente enxuga a mão depois, eu não vejo só com um lado “eu estou cuidando, eu estou ensinando ele a se cuidar”, eu acho que tem algo que.... mas eu não conseguiria te dizer “olha,

essa palavra que eu digo, ou essa atitude que eu tenho, é só do cuidar, e nessa parte eu já passei pro educar”, entendeu? Porque eu acho que é tudo sempre, pra mim está tudo ali junto, entendeu? Por exemplo, eu acho interessante, às vezes as mães dos mais velhos, elas falam assim “nossa, ele atende o seu pedido?” eu digo “sim, atende”. É uma outra relação, né? Se a criança, ah, espalhou todas as canetinhas que estavam lá em cima da mesa, no chão, eu não tenho problema de falar pra ela que não é pra ser desse jeito. As canetinhas estavam na mesa, a gente vai deixar na mesa pras outras crianças que quiserem, eu vou te ajudar e nós dois vamos recolher tudo o que está no chão, nós vamos tampar e vamos organizar a mesa. Entendeu? Eu não me sinto constrangida, e na verdade nem me passa pela cabeça que ela não vai ajudar, entendeu? Porque é uma coisa diferente, e mesmo as mães desse grupo, a mãe do Tiago, por exemplo, “ah, ele não faz escândalo na hora que toma banho?”, não faz! Ele toma o banho dele, ele deita, eu ponho a fralda dele, ah, eu mostro a roupa que eu vou colocar nele, e ele fica deitado ali comigo, porque a relação é diferente, né, é diferente porque quando ela chega ele quer mamar, aí ele não quer colocar a roupa, porque ele quer aquela outra parte primeiro, né, pra satisfazer dessas outras coisas. Então eu vejo bem essas coisas, que nem você falou do educar e do cuidar, acontecendo com os outros grupos também, né. Porque é o que eu te disse, né, eu nunca assim, não é que as crianças me atendem do jeito tal, às vezes eles não recolhem do jeito, mas assim, ele faz aquilo, ele nunca, nenhuma criança vira as costas e fala assim “que se dane, não faço”, ou “vai fazer com outra pessoa, procura outra pessoa”, porque a gente vai tendo conversas diferentes, relações diferentes, entendeu. Ontem no final da tarde a nutricionista colocou sorvete na porta da creche. E a mãe não queria dar sorvete pra menina e a criança insistia. Eu não dei o sorvete antes, porque o sorvete estava da porta para fora, e a gente não sai com as crianças que não estão acompanhadas pra fora, né. Então depois a mãe acabou se convencendo que a menina queria muito aquele sorvete, e aí eu fui e coloquei uma colher, e a mãe falou assim “ai, nossa, ela insiste tanto comigo, e isso me cansa, essas coisas”, mas, porque a relação é muito diferente, com o filho da gente também é muito diferente. Lógico que o professor consegue coisas com os filhos que às vezes a gente não consegue em casa, e é por causa disso mesmo.

E: Você poderia falar um pouquinho mais dessa diferença do lugar da professora e da mãe, eu fiquei muito curiosa.

Rosa: Ah, da diferenças das relações, assim? Então, porque eu acho que tem uma relação que é dali, do local. É como se fosse sempre mais do lado prazer, se a gente fosse pesar, eu veria que assim, é uma relação mais do prazeroso do que do ruim. É como se eu demandasse mais coisas às vezes gostosas pra criança do que os pedidos que são das obrigações, de fazer. Eu acho que...

E: E isso é o lugar da mãe ou da educadora, que você está dizendo agora?

Rosa: Da educadora, da professora. Então, porque assim, eu estou ali pra trabalhar, então assim como eu sento, a criança pede pra sentar no meu colo e senta pra gente ler um livro, num outro momento, eu sou capaz de falar pra ela, “ah, eu não gostei do que você fez, entendeu, não achei correto, você foi lá e puxou o cabelo, não precisava”, entendeu, é como se eu não tivesse... ah, eu acho que vou conseguir um pouco te explicar. É como se eu não tivesse culpa de nada, então eu venho aí, eu venho pro trabalho e eu venho bem disposta, então eu sou tanto capaz de pegar ela, está chorando, pegar ela no colo, ficar com ela no colo, a gente sentar pra fazer alguma coisa juntas, assim, e depois no momento seguinte eu posso dar uma bronca nela “olha, não gostei, você saiu daqui, você foi lá, você puxou o cabelo, você mordeu, mas mordeu por que? Não foi bom”, porque assim, a minha relação com ela é a de uma pessoa que cuida, que educa, que está ali naquele período, mas é uma pessoa que chegou um certo momento, ela vai pra

casa dela, eu vou pra minha, e as coisas são distintas. Às vezes o que eu sinto muito é que assim, com algumas famílias, é como se elas se sentissem culpadas assim, parece que já chega com aquela carga de “eu precisei trabalhar por 8 horas, eu fiquei ausente mais do que 9, longe do meu filho, e quando eu chego assim, ele me faz pedidos que eu assim, eu estou cansada, ele quer brincar comigo, depois ele quer fazer outra coisa, às vezes eu sinto um pouco que alguns pais tem um pouco quase que dificuldade de dizer um pouco “olha, isso não pode, olha, isso eu não gostei”. Porque assim, a família já ficou longe dessa criança por tanto tempo, que você fala assim “ai, deixa passar um pouco isso, eu não vou... assim, eu estou num momento gostoso de interação com o meu filho, e logo eu vou precisar dar uma bronca, me exaltar”. Então eu vejo que isso eu não tenho, e daí eu acho que isso que eu sinto que é o gostoso do trabalho, porque se eu tenho que falar que foi legal, eu também em outro momento eu não me sinto constrangida de falar “eu não gostei, não achei bom desse jeito”, entendeu? Pra mim, por que? Porque eu acho que não é o meu filho, né, entendeu. É como se eu tivesse, eu viesse, me relacionasse, sem medo de agradar tanto ele, ou de não demonstrar uma desaprovação, uma rejeição, em vista de que eu fiquei tanto tempo fora, eu acho que se tece uma relação bem diferente entre o professor e quem é da família e pesa. Eu acho que... que nem, por exemplo, eu tenho dois filhos que são super diferentes de idade. Mas eu percebo que às vezes eles jogam um pouco com isso “nossa, meu, você conversou uma hora com ele? E agora fica 15 minutos comigo”. Mas eu acho que isso na creche não é coisa que me passa, que me faz pensar “ah, vou ficar mais com esse, vou dar mais atenção pra esse, porque eu quero preservar mais a minha relação com esse”, não, eu acho que pra mim é tudo muito parecido, das atenções, assim.

E: Entendi. E eu acho que é uma diferença importante essa...

Rosa: sim, sim. Eu acho. E assim, esse ano foi engraçado por essas coisas, como eu disse pra você que pra mim foi legal essa possibilidade de dar uma atenção bem individualizada em momentos que teriam que ser mais acelerados, como o banho e fazer dormir, por exemplo, a gente teve mais contato com as famílias, porque um número reduzido, essas famílias tem uma particularidade que é já ter um outro filho na creche, então, às vezes a gente já passou com a outra, com o irmão, né. Mas também possibilitava essa coisa de, às vezes elas também chegavam, sentavam, conversavam, às vezes elas conversam até mais de manhã do que a tarde. Mas às vezes é delas se expressarem mesmo dessa coisa da... às vezes da dificuldade, depois de um dia de trabalho manter os filhos em harmonia na casa, em harmonia que eu digo do desejo dos filhos casado com os dos pais, de horário de descanso, ou do que vai fazer depois, né. E às vezes a gente percebe isso, por exemplo, deixar o filho na creche chorando de manhã impacta o dia da pessoa, entendeu, às vezes dela ligar pra saber. Às vezes a pessoa não tem a dimensão: virou as costas e está tudo bem, entendeu? (risos) Está assim, a criança (faz expressão de disposição), parece que fez aquele teatro, foi embora ela já se recompõe e vai fazer outra coisa. Mas a gente percebe que isso de deixar o filho chorando, “nossa, cheguei hoje de manhã já comecei com um conflito, porque queria trazer um brinquedo, e eu não permiti, então já veio uma discussão”, então a gente vê que isso pesa pra mãe, às vezes, deixar a criança nessa situação. Então a gente vê, às vezes brincou o dia inteiro com esse carrinho aqui, mas ele não vai pra sua casa, o carrinho fica aqui na creche. Entende, então isso pra gente a gente não tem... a gente não tem... não é cuidado, a gente tem cuidado no explicar que o carrinho é da creche, ele fica aqui, amanhã ele vai estar disponível de novo, quando você chegar a gente pode até combinar de vir recuperá-lo de novo, mas eu vejo que a gente não tem esse constrangimento de “ai, será que eu falo, não falo, será que eu negocio ou não”, a gente tem essa coisa dos papéis bem definidos, assim, bem... estipulados, né, que é daí do nosso trabalho, e eu não me sinto, assim, mal de falar “não, você não vai levar o carrinho”, entendeu, dizer que eu vou mal pra casa por que não deixei? Não. É tranquilo, é tranquilo, não me sinto uma

maldosa que no dia seguinte ele nem vai chegar e nem vai querer me olhar, não. Não penso nisso (risos).

E: Eu vou olhar o horário. São 13:45, vou fazer só mais uma pergunta, então. Você estava falando desse entrelaçamento do cuidar e educar no trabalho com os bebês, né. E pensando lá no começo da sua carreira, quando você estava aprendendo, era claro esse entrelaçamento?

Rosa: Não, pra mim não foi. Eu acho que essa compreensão foi vindo, ela foi sendo construída, porque agora que nós estamos conversando, por exemplo, talvez no começo dos meus anos aqui na creche eu não tivesse essa firmeza toda de dizer “você não vai levar”, você está entendendo? Porque eu acho que no começo, agora que você perguntou isso, eu tinha muito mais preocupação por eu ser aceita pelo grupo de crianças...

E: De crianças ((repeti para confirmar a fala)).

Rosa: de crianças, entendeu. Ah não, de adultos, eu acho que assim, elas me receberam super bem, era uma coisa interessante o que acontecia, porque a gente entrava em muitas. Então assim, quando eu entrei, eu entrei mas entraram mais umas 4 ou 5. Então assim, era como se a creche sempre se preparasse pra estar recebendo educadoras novas, e sempre teve uma preocupação de “ah, você fica me observando, você observa um pouco o módulo 1 hoje, depois amanhã você observa o módulo 2”, era como se a gente tivesse um período de formação, vai. Então primeiro a gente... era um momento da creche, de quem já estava lá nos conhecer, e a gente conhecer o trabalho do pessoal daí. Então tinha toda essa passagem pelos módulos. A preocupação muito deles gostarem de mim, não era algo que me causava tanto medo, assim “ah, se não gostarem de mim vão me mandar embora”, isso assim não tinha muito, eu que eu era mais nova e não tinha muito essa preocupação, se fosse me mandar embora eu encontrava um outro emprego, né. Mas eu acho que eu tinha muito mais a preocupação de ser aceita pelo grupo de crianças, entendeu? Ah, eu acho que eu tinha mais essa preocupação de “vamos tentar chegar num ponto comum, que esteja bom pra mim e esteja bom pra eles também”, ou, ah, talvez de não fazer nada que desagradasse tanto, porque eles vão fazer bagunça, né, vão... mas eu acho que eu tinha mais essa preocupação talvez de ser aceita pelo outro lado, né, que era o lado do grupo de crianças, e eu acho que isso depois foi se modificando de certa forma dentro de mim. Talvez porque eu fui ganhando segurança no trabalho, na forma de trabalhar, na forma de conversar com as crianças, na forma de interagir, de propor coisas, a forma de propor coisas, de fazer uma proposta, não é “pega aí”, é “vamos recolher juntos, vamos fazer as coisas mais juntamente”. E eu acho que o medo vai passando conforme você vai construindo uma relação afetiva assim com elas, então tanto você vai gostando, e elas vão gostando de você, é como se a demanda fosse como uma escada, você vai pedindo um pouco mais e elas pedem um pouco mais, e vocês vão meio que caminhando nessa coisa junto, né, até a ponto de você falar “não, você não leva isso pra casa que você gosta, você encontra isso aqui amanhã”. Entende? Mas eu acho que foi por esse período né, de trabalho, ganhando experiência que isso vai se fortalecendo dentro de você, e você vai ganhando segurança nas suas atitudes, mesmo, eu acho que você vai criando como que uma lista de isso pode, isso não pode, isso é negociável, isso não, né. então eu acho que é por esse período de experiência. Eu não me vejo muito indo trabalhar num outro lugar, entrando em uma outra escola e sabendo com clareza tudo o que pode e tudo o que não pode. Eu acho que se acontecer isso vai ser um outro período de experiência, né, de conhecer o jeito de trabalhar daquela escola, daquela instituição, e eu acho que isso é sempre pra gente, né, de você ir se fortalecendo de algumas coisas, porque a gente vai ganhando idade e tudo mais, mas eu acho que cada vez que você vai pra algum lugar tem esse período de descobrindo as coisas, tá.

E: Deixa eu ver aqui, eu acho que já deu. Já. Eu queria te agradecer muito, pra mim está sendo muito rico, obrigada da sua disponibilidade. No começo do ano que vem eu procuro você para dar um retorno sobre as entrevistas.

PRIMEIRA ENTREVISTA COM ESMERALDA, OUTUBRO DE 2015

E:Então Esmeralda, será que você poderia contar um pouquinho como que foi o seu percurso, como que você chegou a ser educadora de bebês, o que que você procurou, assim, a sua motivação?

Esmeralda: Então, eu na verdade comecei assim, pelo Magistério, logo que terminou o magistério eu fiz a inscrição na creche, então assim, eu terminei o magistério num ano e no seguinte eu já comecei porque na creche você fazia, assim, praticamente as inscrições para educadores no começo do ano, em janeiro, então aí eu passei na seleção mas eu já trabalhava em uma escola particular, né, e não trabalhava no berçário, e quando eu comecei a ir na creche, então eu ia trabalhar no berçário, que eu nunca tinha trabalhado no berçário, e a minha intenção era trabalhar com os bebês, mas só tinha vaga no berçário. E aí eu comecei no berçário, fiquei 10 anos no berçário, aí a creche falou “ah, você já está há muito tempo no berçário, você vai trabalhar no pré, e eu não queria, eu gostava de receber a família, porque assim, é o primeiro ano com eles na creche, então assim esse primeiro contato com as famílias, fiquei um pouco resistente. Aí eu fui pro pré, fiquei nove anos no pré. Nove anos no pré. Aí, eu pedi, já tava cansada, fiquei 9 anos no pré e quero voltar pro berçário, voltei e estou mais dez no berçário. São 19 anos no berçário. Então maior parte do trabalho, são 19 anos de berçário, né, e os outros foram no pré. Mas assim, é bem diferente, né, o trabalho tanto é que quando a gente começou, quando eu comecei né na creche em 1988, era uma outra coisa, a recepção era diferente, né, tinha assim, como ainda tem, o educador referênciava, mas assim as reuniões eram diferentes, os pais que estavam chegando, a matrícula a educadora participava, e isso era muito bom. Então nessa minha volta eu voltei com a gestão nova, pro berçário. Então assim, teve muitas mudanças, que assim, no começo pra nós que já estamos lá há muito tempo, é difícil, né, a gente questionava muito, porque assim, o berçário é diferente da creche, é um grupo diferente dos outros na creche, é um grupo que tem que ter uma atenção maior, eles são menores, então assim, a rotina tem que ser diferente, a participação deles nos eventos tem que ser diferente, a gente brigou muito por isso, não que a gente não gostasse de interação, né, eu e a Celeste, mas assim, né, é uma outra coisa, eles tem o tempo deles, a rotina deles, então quando, nessa nova gestão, mudou um pouco aquele foco que a gente tinha quando eu comecei, e a Celeste no berçário

E: Interessante... e o que que o professor precisa ter para dar conta dessa tarefa do berçário que é diferente dos outros anos maiores?

Esmeralda: Então assim, no berçário, eu acho que não são todas as educadoras que conseguem trabalhar, porque eu acho que tem que ter, a primeira coisa, tolerância ao choro, você entendeu, porque assim, você está naquela coisa com a criança, está uma tranquilidade, mas em 5 minutos... né, e o que a gente sentia era isso, é muito bonitinho, é muito gostosinho, mas as pessoas, assim, no berçário não tinha isso, por isso até que eles deixaram eu voltar, porque eu tinha essa insistência, tolerância ao choro, colo o tempo todo.... não dá pra você falar: “ah, tenho restrição ao colo”, não dá. Em outros grupos você até pode fazer isso, mas no berçário não dá. É muito chão, você está com eles o tempo todo no chão, você tem que ter uma roupa confortável, estar sempre no chão, porque é o tempo todo, eles demandam muito, é muito corporal. É muito corporal, e é colo o tempo todo, tem dia que eles não estão bem, a família não está bem.... o acolhimento com a família é diferente, a cobrança de um material é diferente... é muito, né... e assim, esse primeiro contato com a família, porque os outros grupos eles já vão conhecendo a creche, porque a maioria das crianças começam no berçário e vão seguindo até o pré. Um ou outro que entram, principalmente no último grupo, o grupo já está formado, e aqui

não, a gente vai formando, e então com os pais você tem que ter né, aquele jogo de cintura com a família, ele nunca deixou o bebê em outro lugar, às vezes você repete várias vezes a mesma coisa, todo dia, a mesma coisa pro pai. Né, é muito engraçado, essa coisa dos pais “ah, vou sair escondido ora ele não ch(pausa) pro bebê não chorar”. Não, você tem que falar tchau, ele tem que saber, que você vai. “Ah, mas ele vai chorar!”, ele vai chorar, mas ele vai parar, e ele vai entender que todo dia você vai fazendo a mesma coisa. Então eu acho que é isso, assim, a tolerância ao choro e o colo. Porque a gente teve até casos de pessoas que entraram pra trabalhar e “ai, ele não para de chorar, ai, o que eu faço?”, e não conseguem ficar.

E: O que você acha que pega nessa pessoa, que não pega pra você, né? Dessa tolerância ao choro?

Esmeralda: Fica muito aflita. Fica muito aflita. Então assim, quer acalmar o bebê de qualquer jeito, mas ela está tão aflita, tão aflita, que ela não consegue acalmar o bebê. Porque na adaptação tem muuuuito choro. Esse ano não, que foi tranquilo, porque eram cinco bebês. Mas naquele grupo de bebês são 20, são 10 para cada grupo. Já teve 25, 15 no G2 e 10 no G1. Então pensa, 25 crianças entrando juntas, né, é 2 por semana, um do G1 e um do G2, o choro, e a primeira que já está adaptada, quando entra o último, volta a chorar porque, né, fica com ciúmes, vê a atenção que você dá, e é mais difícil, é mais difícil. E a gente assim, e muito engraçado, porque quando eu saí, quando eu entrei no berçário, eu aprendi tudo o que eu sei na creche, porque eu não trabalhava em berçário. Então assim, eu fui acreditando nesse trabalho, eu fui pegando pra mim esse trabalho, então assim, educadora referência, eu nunca tinha ouvido falar em educadora referência, eu vim ouvir falar aqui na creche, então assim, o primeiro contato, é você e a Celeste? Mas o primeiro contato é com você, é você que vai fazer a ponte com a família, depois que o bebê vai passar pra outra educadora, né? e eu fui conhecendo isso, a primeira troca... e a gente “ai, mas o pai vai fazer a primeira troca?”, o que significava essa primeira troca? “ah, essa primeira troca é para o pai não falar um tchau já, rapidinho”. Não é fato do pai entregar a criança limpinha, não é isso, então ele vai ter esse espaço com a criança no banheiro, vai trocar, vai conversar, vai brincar, e depois ele faz a passagem. Então assim, esses dez primeiros anos, eu fui acreditando nisso, fui fazendo isso, porque eu achava que era correto. Né, alimentação, então assim, muitas crianças a introdução é na creche. Principalmente filho de aluno, que voltam pra gente, que chegam pra gente com 4 meses. Então a gente que faz a introdução do suco, da fruta. Aí eu fui pro pré, fiquei 9 anos. Quando eu volto pra esse gestão, assim, no primeiro ano, não, foi muito assim, essa coisa nossa mesmo. Aí eles foram mudando algumas coisas, sabe, desacreditando em algumas coisas que eu e a Celeste que já estávamos lá há um tempão acreditávamos, a gente estava acreditando. Então aí foi difícil, então por exemplo, essa coisa da primeira troca, não tem mais.

E: Não tem?

Esmeralda: Não tem. “ah, mas por que o pai tem que trocar?” Não era isso. Então a gente tinha, a gente acreditava na primeira troca por conta dessa passagem, e a gestão que chegou achava que era pra entregar a criança “limpinha”, vamos dizer. Então foram tirando algumas coisas, né. Mas a gente bateu muito o pé, assim. A questão do educador-referência ficou, mas a gente não participou mais da matrícula, que eu achei que foi outra coisa ruim. Porque assim, eu participava da matrícula, e era a criança que eu era a referência, então eu já saia dali com um primeiro contato com a família, que é muito importante, já saia dali sabendo os hábitos de alimentação, principalmente, que é diferente dele falar pra você e depois vir a nutricionista e passar, na fichinha, então a gente tinha isso a gente perguntava pro pai, o pai perguntava, então tinha esse espaço. E aí, depois, nessa nova gestão eles tiraram isso, por conta de não conseguirem organizar. E foi muito ruim pra gente, porque aí, você recebe a fichinha, você não conhece a mãe, você

também fica naquela ansiedade, né, “ai, como será essa mãe, quem é, como é a cara da pessoa, e esse bebê”, tudo o que você tinha na primeira, né, e aí a gente faz, a reunião também era feita de uma maneira diferente, que a gente mostrava o espaço, então, por exemplo, era só do G1. Então assim, a gente mostrava o espaço do berçário, no berçário, na sala de sono, sentava no chão, fazia como a gente faz com os bebês, contava uma história, explicava porque que era que umas crianças tinham um berço e outras tinham o colchão, e isso era, e quanto ao espaço, a mesma coisa. Agora não, a gente faz uma reunião com todos os pais, onde quem participa mais é o coordenador, que ele conta isso, e a gente só faz uma apresentação das educadoras, e faz uma visita. Então assim, essas coisas que foram mudando, então assim, pra gente, que está lá, que começou no berçário, foi um pouco difícil, assim, de você conseguir, porque parece que é um outro lugar.

E: Talvez algumas coisas você tenha sentido que se perderam, né.

Esmeralda: Que se perderam, né, a gente sente bem isso. Mas o bom é que a gente consegue colocar, a gente consegue falar.

E: Vocês se sentem ouvidas, nesse sentido?

Esmeralda: em algumas sim, porque assim, eu acho, que é uma coisa assim, que eu brigo muito, assim, na creche, em relação a isso, porque assim não tinha... eu comparo muito o berçário com o pré, porque assim, são os dois extremos, eu peguei o começo e o final, as crianças saindo e as crianças, né, as crianças chegando e as crianças saindo. Que assim, o berçário, quem sabe das crianças são os educadores. Quem tem garantia pra dizer pro pai que ele passou bem, que ele ficou bem, que ele comeu, são os educadores. Você entendeu, não dá pra você, você passa as coisas na reunião, assim, mas todas as intervenções a gente quer estar junto com as crianças, porque nós que sabemos o que está acontecendo. E isso eu não consigo ainda, a gente briga muito, temos muitas divergências por conta disso. Se eu estou dizendo que você tem que chamar a mãe, eu falo pra coordenadora, você tem que chamar a mãe, porque eu que conheço ele, ele está assim, ele está com febre. “Ah, mas ele está....” Não, não está. Essa parte ainda a gente tem algumas divergências.

E: seria melhor se vocês tivesse mais espaço para serem ouvidas?

Esmeralda: Mais espaço para a gente, porque assim, pra gente ser ouvidas e pra eles, como eu posso te dizer, assim, é o que eu digo até pra para a auxiliar de enfermagem, quem sabe se a criança está bem, você pode saber se ela está com febre ou se ela não está, mas somos nós que ficamos com eles, né, porque assim, a gente tem total segurança de dizer isso pros pais, e os pais se sentem muito seguros quando a gente fala, né. Então eu acho que assim, pros outros grupos foi super 10, que nem assim, essa interação, tanto é que a gente conseguiu voltar pro módulo 1 agora. Porque como era, as crianças eram recebidas no módulo 2, agora, nesse segundo semestre. Final do primeiro, e começo do segundo. Porque o Sérgio, que era o coordenador, achava que era importante essa interações do menor com o maior, do parceiro mais experiente. A gente dizia, olha, os bebês, eu acho que eles podem ir, mas fazer a recepção no berçário, porque é um ambiente que eles conhecem. “Não, mas vamos fazer, tentar no módulo 2, que são as crianças maiores”. Então iam os três módulos pro módulo 2, o 1, que é o berçário, o 2 que é naquela faixa de 3 a 4, e o 3 que é de 5 a, não de 4 a 5, né, que agora estão saindo mais cedo. E todos no mesmo espaço. Por exemplo, o Eduardo não ficava no chão. Ele ficava no meu colo e no da Celeste das 6:45 que ele entrava, até as 8:30. Eu e a Celeste saíamos de lá esgotadas, porque assim, colocava no chão ele chorava, chegava um educador perto ele chorava, ele não, a gente montava um espaço pros bebês que estavam chegando e eles não queriam ficar, eles até interagiam com as crianças maiores mas no nosso colo. Então

no meu colo vinha uma criança maior, ele brincava, tudo, mas não poderia vir um outro educador. E aí a gente até perguntava, “que interação é essa? Pra quem é essa interação?”. Né? e as crianças estão brincando, mas os bebês estão lá, comigo e com a Celeste, eles estão interagindo com quem, com o grupo deles, porque ficava um em cada colo, um aqui e um aqui, e eles não, e a gente conseguiu que fizesse, né, conversando com os pais, os pais também acharam isso, e depois de muita conversa e muita luta com o Sérgio, conseguimos voltar para o nosso espaço. Então agora a gente faz a recepção no nosso espaço, as crianças maiores vão pro nosso espaço, e eles conseguem, agora a gente consegue ver essa interação. E o que que mudou? Só o espaço. São as mesmas crianças, as mesmas educadoras, mas acho que eles ficam mais confiantes no espaço que eles conhecem.

E: Você acha que também foi importante vocês serem reconhecidas no conhecimento que vocês tinham?

Esmeralda: ah sim. Sim.

E: Porque de certa forma foi um reconhecimento, né?

Esmeralda: Sim, porque, e a gente, e assim, e a gente vai pontuando, e assim, a gente tenta, sabe. Né, não dá assim pra não fazer. A gente tenta, mas, quando não dá, a gente tem que voltar. Porque assim, a gente tem um projeto, esse ano já não teve por conta do número de crianças. Que é assim, trabalhar a água, trabalhar o meio ambiente. Os bebês entraram nisso. Que nem agora, da horta, o bebê não vai entrar, ele não precisa ir pra horta. Ele não vai entender, ele não vai plantar a plantinha. Ele vai participar disso de uma outra forma. E eu falo, ele vai ter um tempo na creche que ele vai poder fazer isso, não é no primeiro ano quando ele está chegando. Você entendeu. Eu acho que esse primeiro ano é uma coisa assim, a gente vê pelos alunos que foram, que saíram, é uma coisa assim. Que eles nem lembram depois da gente. Mas é uma coisa assim de ter contato com a família, até a família ter mais segurança com você, e eles terem segurança com o espaço, porque no final do ano eles já vão estar maiores, já vão ter idade maior e já vão estar andando para os outros espaços. Mas nessa chegada, eu e a Celeste a gente sempre fez projetos assim, a gente fazia a adaptação, montava os espaços com eles, fazia assim essa coisa da brincadeira, da música, que é uma coisa que eles gostam muito, depois a gente começava com os projetos, que a gente fez vários, era assim, no final do primeiro semestre e no começo do segundo, que eles já voltam diferente, porque eles entram muito pequenininhos, com quatro ou cinco meses, é muito pequeno, muito pequeno.

E: E você poderia contar um pouquinho como que é o seu envolvimento com os bebês, e talvez alguma diferença com o envolvimento com as crianças maiores?

Esmeralda: Então, assim, com os bebês eu acho que é aquela coisa mais afetiva, é diferente dos maiores porque, com os pequenininhos é aquela coisa afetiva. Deles assim, a gente o tempo todo falando, conversando, e eles procuram muito a gente, do que as crianças maiores. Onde vai a gente vai acompanhando, a gente não podia sair do espaço. Daí então assim, essa coisa da troca, de você dar o banho, e você vai conversando, essa coisa, essa proximidade com eles, o vínculo com eles é muito maior. E deles com a gente. E com os maiores, você tem um vínculo, claro, a gente estabelece, que nem no pré a gente sofria muito com a saída, eles sofriam muito com a saída, de estar indo embora. E é muito engraçado, porque eles não esquecem da professora do pré, mas eles não lembram da professora do berçário.

E: Não?

Esmeralda: Não, mas do pré eles lembram, é muito engraçado, e assim, e no pré, eles voltam, eles vem me procurar, é assim, onde eu estou eles vão. É engraçado, mas assim, no berçário eles não lembram não, viu? Não lembram. E quando eu peguei muitos irmãos, eles queriam que eu contasse como eles eram. Porque assim, eu fiquei 10 anos no berçário. O último grupo meu de berçário eu peguei no pré, então eles queriam que eu contasse como eles eram quando eram pequenininhos, então tinha muita foto, eu levava, ah, mas eu chorava, eu chorava, “ih, você usava chupeta”, eu levava essas fotos, e isso do berçário. E agora eu estou com os irmãos. E eles perguntam: “Esmeralda, como que eu fazia? Como que era quando você era a minha professora do berçário?”, porque agora eles estão maiores e esse grupo é só de irmãos. E é muito engraçado, mas assim o vínculo que você estabelece com o bebê é diferente do vínculo que você estabelece com as outras crianças. É diferente, porque você que faz, nós que fazemos a adaptação deles, porque o outro grupo do G2, do berçário maior, no primeiro, assim, nos dois primeiros meses, é como se fosse assim, a adaptação que a mãe fez com a gente, a gente faz com a outra educadora. O vínculo é diferente. Você entendeu, essa coisa do colo, é diferente dos maiores. Muito diferente, o vínculo é outro.

E: Pensando no bebê que chega bem pequenininho, é, como você acha que ele te vê? Em que lugar você acha que ele te coloca?

Esmeralda: então, assim, a gente pega bebê muito pequenininho, que nem assim, tem bebês que, assim, e a coordenadora fica brava quando a gente fala, que a gente faz o papel da mãe, ali. Porque por mais que você sabe que, a gente tem claro que a gente não é a mãe, que o vínculo é outro. Mas por exemplo, o Abraão, quando entrou, a mãe veio da África, ela estudou, conheceu o pai lá, vieram pra cá, começou a estudar e engravidou. Não tinha ninguém aqui, ninguém aqui. E ele chegou, ele ia completar quatro meses, porque ela tinha muitas faltas, muitas, ela ia ser jubilada da universidade, e aquela coisa. O foco dela, ela chegou com aquele bebê, que só mamava no peito, que ela não sabia o que fazer com ele, entregou pra mim e pra Celeste, e dizia: “eu volto pra amamentar. Porque eu tenho que fazer os trabalhos”. E o Abraão nunca tinha tomado uma mamadeira na vida. Então a gente se viu, ali, com aquele bebê, a Nelma “ah, mas você, volta, volta”. Mas ela ia, ela tinha que ir, e a gente tinha que ali bancar aquele bebê. E a coordenadora perguntou isso pra gente “o que que eu faço? Cobro da mãe a presença?”. Ela conseguiu ficar três dias. E a gente dizia, não, a gente vai ter bancar esse bebê. Porque a mãe está aqui pensando lá. Ela estava desnorteada, ela não tem ninguém pra deixar esse bebê, não tem ninguém pra fazer a adaptação e o pai estava fazendo faculdade em Santa Catarina, era ela e o bebê. E ela depositava toda a confiança na gente, sem conhecer a gente. Então assim, a primeira mamadeira ele chorava muito. A gente colocava ele no colo, tentava dar a mamadeira não ia, ia na colher, se não ia, ia no copinho. Então quando a gente conseguia dar 20 ml, pra gente, era como se ele tivesse tomado 100, então, era uma coisa. E a gente foi se apegando, a gente foi com a mãe, e essa coisa, a gente sabe que a gente não é a mãe dele, a gente tem o nosso lugar, e a mãe tem o lugar dela, mas muitas vezes a gente fazia esse papel. Então às vezes ela chegava na creche e a gente dizia, “ah, hoje ele comeu bananinha”, então, ela nunca tinha experimentado dar em casa. Né, e “ah, e como foi? Então a gente contava. E ela “ah, em casa eu não consegui, o que eu faço”, né. E quando o bebê entra maior é diferente, porque aí eles estranham mesmo a gente, entendeu, eles choram, aí eles sabem que eles vão sair do colo da mãe e vir pra gente. Quando eles entram com 9, 10 meses, porque 9 meses é aquela fase que eles estranham mesmo, então eles sabem que tem esse corte. Você entendeu, mesmo sendo muito pequenininhos eles sabem. Porque elas saíam escondidas e eles ficavam procurando. E você falava o que, né? E a gente falava “não, você tem que dar o tchau, pra saber que você está indo embora. E aí assim, então é diferente a relação que a gente vai tendo com o bebê, a gente fica o tempo todo falando dos pais, o pai volta, o pai foi trabalhar.

E Que bonita essa história, né, do Abraão e da mãe dele.

Esmeralda: É...

E: E que parceria que vocês foram fazendo, né pra dar conta desse momento difícil.

Esmeralda: Você sabe que ela ficou doente. Ela ficou internada, e assim, não sabiam o que ela tinha e quem ia ficar, não tinham quem ficar com o bebê. Aí, eu falei assim pra, né, na creche a gente... né, é o papel, que nem a Ivonete fala, tem o seu papel, e a família (pausa), e você não pode entrar muito. Aí eu e a técnica de nutrição fomos até o hospital e pedimos pra vê-la, porque a gente não sabia o que fazer com o bebê. E ela chorava muito. E falava assim, eu não sei, eu não posso ir, ela estava em uma semi-UTI. Então eu levei pra minha casa. E na minha casa não tinha mais nada de bebe, e eu falei, ai meu deus, o que que eu vou fazer com esse bebê na minha casa? Mas ele tinha um vínculo comigo muito forte. Né, então o que que nós fizemos, levamos o carrinho da creche, e levamos ele para a minha casa. Ficou dois dias comigo. Ficou o final de semana, na segunda eu trouxe pra creche, aí o pai veio de Santa Catarina pra poder ficar. Mas ele não estranhava ninguém, mas também não podia sair do espaço. E ainda brinquei, foram dois dias que não podia sair de perto dele, ele ia comigo, ia comigo. Então é muito engraçado, você acaba, por mais que, já perdi muitos pontos em avaliação por conta disso. Porque assim, você não pode se envolver muito, mas eu não consigo. Você acaba se envolvendo tanto com a família, que assim, você não consegue não falar as coisas pros pais, você não consegue, e eu acabo me envolvendo tanto com as famílias, tanto com as famílias, que eles me procuravam pra falar coisas até que não era nem da criança, era da vida deles. Isso ia tomando o rumo, e a Ivonete falava: "eu vou tirar ponto de você até você aprender". Mas eu não conseguia. Agora está mais fácil por conta do número de crianças, eu falo. Por causa disso. E que nem o ano passado, entrou uma criança, o Pedro, que adaptação foi muito difícil. Ele, nós o conhecemos assim, na reunião, não teve dúvidas, assim, nada que, e ele não queria deixar o filho na creche. E foi muito difícil, porque a mãe trabalhava, e não podia ficar na adaptação, ele entrou com 6 meses, e quem ficou foi o pai, que não queria o filho na creche. Ficou contrariado porque ele não queria, e eu era a referência, e ele ligava de 5 em 5 minutos pra mãe. Por isso que eu falo, você tem que ter muito jogo de cintura, você tem que engolir muito sapo, pra não responder pro pai, e ele ligava de 5 em 5 minutos pra mãe, pra dizer "a cuidadora pôs esse macacão, pode ser?". A cuidadora. Pode ser? E eu fazia de conta que não ouvia, eu interagia com a criança. "A cuidadora pôs a criança no chão, não está muito frio? E eu não sabia a resposta da mãe. E eu fazia que não ouvia, eu fazia o meu trabalho, com as outras crianças e que era o que eu acreditava. Aí, assim, ele toma mamadeira no colo. Eu falei, então, eu vou por no bebê conforto porque vai ficar mais confortável pra ele. Olha as outras crianças, ele vai poder ver as outras crianças que estão... Aí ele deixava. Aí ele ligava. "olha, a cuidadora colocou pôs ele pra tomar leite no bebê conforto, tudo bem? O tempo topo! E isso ele foi ficando, um dia, dois dias, três dias, quatro... aí ele foi já me chamando pelo nome. Não me chamava mais de cuidadora. E a gente recebia o Pedro, o pai, numa boa, nada assim, eu e a Celeste que contrariasse. As meninas ficavam incomodadas, assim, as outras educadoras que estavam ali. "ai, mas ele é chato, ai, mas fica chamando de cuidadora". E eu nem ouvia. Até que um dia, ele foi pra creche, ele trabalhava na manutenção e ele tinha essa disponibilidade de entrar e sair toda hora, e na creche eles podem fazer isso no berçário. Só que a gente tinha um combinado com os pais, que é assim: quando a criança começa a estranhar, assim, você entrar, porque tinha um horário que eles podiam entrar como visita que os outros grupos não tem. Mas assim, o que acontecia, acabava fazendo duas despedidas. Porque a criança já estava calma, o pai entrava para ficar 5, 10 minutinhos, dava tchau e ia embora. E eu dizia isso. Mas pro pai do Pedro eu não dizia, eu dizia, olha você pode vir se você quiser. Porque eu falei, eu não posso, se agora ele está confiando na creche eu não posso dizer pra ele que ele não pode entrar. Isso

gerou uma polêmica muito grande, porque só ele entra, a coordenadora bancou isso comigo e ela dizia "não, ele vai ficar". Um dia ele entrou na creche, isso depois de mês depois que o Pedro estava lá, com um outro pai, que o filho foi meu quando entrou na creche e que hoje está com 18 anos. E aí quando ele me viu, ele falou "Esmeralda, não acredito que você é educadora do Pedro", e o Geraldo já ficou meio assim. Eu não tinha intimidade com ele, ele não me chamava mais de cuidadora, mas não tinha intimidade comigo. Falou pra ele assim, ficamos muito sem graça, falou pra ele assim "você reclama tanto da creche, você está reclamando com essa educadora? Essa educadora foi educadora do meu filho, há quantos anos você está aqui?" Aí ele foi contanto, ele foi contando a minha história pro Geraldo, ele me conhecia. Né, eu e a Celeste fomos ficando muito sem graça. Muito sem graça. Aí o Geraldo foi ficando mais... "e você está reclamando desse espaço? Que escola o seu filho vai ter esse espaço? Não vou nem falar das pessoas, mas desse espaço, uma alimentação não sei o que.... E ele foi ficando mais... porque ele dizia pra mulher dele, ele telefonava na nossa cara "ele não vai ficar na creche. Ele não vai ficar na creche". E ela na verdade tinha que bancar sozinha, porque ela queria a creche, e ela não conhecia nada, porque ela não é daqui. Aí, o Geraldo foi ficando mais maleável, mais maleável, aí a visita que era pra ser de 1 em 1 hora passou a ser de 3 em 3 horas, depois ele entregava de manhã e vinha só na hora do almoço, depois... As meninas diziam que ele atrapalhava, porque ele entrava, mesmo, ele pegava o filho, ele saía.... mas aí a coordenadora falou: "não podemos falar pra esse pai não entrar. Não dá pra falar pra ele que a visita acabou". Aí ele foi ficando tão confiante, mas tão confiante, que aí ele não vinha mais. Mas foi muito difícil, aí a gente falava assim, não pode, não é contrariar o pai, mas até ele ter confiança com a gente, ele só me chamava de cuidadora. Só de cuidadora. A cuidadora deu banho, a cuidadora deu... e tudo ele ligava pra mãe, tudo. Até pra perguntar se o body, ele tirava foto pra mandar pra mãe. E as meninas "ai, mas esse homem isso, ai, mas esse homem não sei o que...". né, na hora da comida, ele falava: "você esfriou a comida?". A gente falava: "a gente não pode assoprar a comida". A gente lógico que não vai dar a comida quente, a gente "você quer experimentar?". Coisa que nem podia, colocava num potinho pra ele experimentar.... então, essas coisas que eu falo que tem que ter diferença, o berçário tem que ter diferença. Se fosse um grupo de pré você ia dizer pro pai "você não pode comer na creche", que é o que eu também fazia "você não pode comer na creche, não tem horário de visita, você tem que ligar... é uma creche aberta? É uma creche aberta, mas não dá pra você entrar e sair". O que é uma creche aberta? Porque pra eles, uma creche aberta é isso, é entrar e sair toda hora, eles não entendem o que é uma creche aberta, né?

E: aham... e você acha que no berçário precisa ter esse olhar mais singular pra família e pro bebê?

Esmeralda: Com certeza, pra família e pro bebê. Com certeza, não dá pra gente olhar pro grupo, porque não tem o grupo. É o individual ali, né, no berçário não dá pra ter, a gente não vê. É o G1, é o G1. Mas cada um ali é um G1. Não dá pra ver, como... e o pai, cada família...

E: Porque você contou duas histórias bem singulares, né, tanto do Abraão quanto do Pedro.

Esmeralda: E assim, esse ano a gente vive isso, com 5 crianças e a gente vive isso. Né, porque é muito diferente, o berçário.

E: Eu ia te perguntar do Abraão, que, que lugar você acha que ocupou com a família naquele momento, né, porque você teve um envolvimento, você deu uma sustentação pra essa mãe, até eles se reorganizarem, né, que lugar você acha que você ocupou?

Esmeralda: Eu acho que, eu acho que como a mãe mesma diz, foi um lugar assim, de mãe, de salva-vidas, de mãe da mãe, não do filho. E ainda brincava e falava: "não tenho idade pra ser a

sua mãe!". E assim, foi uma coisa muito sofrida. Ela nunca tinha se separado do bebê, era ela e ele, já teve que fazer uma adaptação, ela estava pra ser jubilada e não podia perder isso, você entendeu, esses quatro meses que ele chegou(pausa), quatro meses, ele ia completar 4 meses depois de uma semana, ainda abri uma exceção pra ele ficar essa 1 semana pra ele completar 4 meses, né. E assim, foi, e pra ela, porque assim, ela não tinha ninguém, ela não tinha a quem recorrer. Então assim, ela tinha tão pouco tempo que ela me conhecia... 1 mês, não me conhecia, né? E assim, já deixar o seu filho na casa de uma pessoa? Né, pra ela foi muito difícil. E eu dizia pra ela, eu deixei o meu celular, e ainda brinquei com ela "vou devolver o seu filho". Porque assim, ela estava muito aflita, e não tinha o que fazer. Não tinha, ela não tinha onde deixar, ela não podia deixar o final de semana na creche, a creche fica fechada, não tinha com quem contar, né, e depois, agora, assim, tudo o que ela faz, né, assim, o Abraão já está no maternal, no G4, assim, no G6, ela me pergunta, que nem assim, ela fala "ah, ele está muito mal educado, não sei o que...". Eu tomei assim, eu fiquei tão próxima, tão próxima, que ela falou que ela quer voltar pra Guiné, que ela quer voltar pra lá, mas assim, ela fala coisas do marido, ela fala coisas dela agora, e eu não tenho mais assim uma intimidade com ela na creche, agora é fora, porque eu não sou mais educadora do filho dela. Né, e eu acho assim super interessante, porque quando ela se formou ela mandou uma mensagem assim super bonita dizendo que eu ajudei nessa formação, e eu não ajudei, porque eu peguei ele no último ano, ela já estava pra sair da faculdade. E Ela vai contando como se eu tivesse participado de toda a formação dela aqui, e eu nem a conhecia. Então isso, eu até estava conversando isso com a coordenadora, ela deu um valor tão grande pra esse tempo que ele ficou comigo, que tudo o que aconteceu na vida dela, que eu nem a conhecia, ela falou que eu que ajudei, que eu que fiz. Acho isso tão interessante!

E: Que importância você teve, né?

Esmeralda: Eu achei isso tão interessante! E agora ela está fazendo outro curso aqui pra não perder esse vínculo, porque senão ele tem que sair. E ele nem liga mais pra mim. Ele me vê assim ele fala "tchau", e às vezes ela cobra isso dele, e eu falo Anita, o Abraão era muito pequeno, ele não lembra de toda essa situação que a gente viveu junto. Lógico que ele tem um vínculo, comigo, que ele tem até hoje, mas não é o mesmo vínculo que ele tinha quando ele era bebê. Que nem agora ele fala assim, ele me dá um beijo e fala "agora eu vou com a minha professora nova". (risos) eu acho tão interessante, que ele vem, me dá um beijo e fala, pronto, já acabou.

E: E pra você, como é que é?

Esmeralda: Não, pra mim é tranquilo, é tranquilo. Não tenho essa coisa assim, eu me apego a eles, mas eu não tenho essa coisa de posse deles, de ciúmes quando eles vão com os outros educadores, eu não tenho. Eu acho que por isso que a minha parceria com a Celeste foi tão boa. Porque a Celeste, é a mesma coisa. A gente tem na cabeça que não somos mães deles, que eles vão entrar e vão sair da creche com outros grupos. Eu acho que isso é muito bom. Porque assim, quantas crianças que passaram por nós, por exemplo, a Alice, eu era a referência da Alice, mas ela não queria ficar comigo de jeito nenhum, ela queria a Celeste. Ela chorava, e chorava e chorava comigo, e a Celeste pegava e fazia ela dormir. A gente trocava entre nós mesmo, sem comunicar a direção nem nada. "Fica com ela". Porque eu falo, pra mim, o importante é o bem-estar deles. Não adianta falar "não ela vai ficar, eu sou do grupo e ela vai ficar", a gente nunca teve isso. Várias crianças não ficavam com a Celeste e ficavam comigo. As nossas referências sempre foram muito trocadas. E eu acho que isso é importante, isso é muito importante. Pra mim isso é muito tranquilo, eu acho tão bonitinho ver ele hoje, o grupo, que nem, as crianças que saíram... a minha primeira aluna do berçário, minha primeira bebê, me convidou

pra formatura de veterinária na universidade!! Então, isso pra mim é o mais importante. Você entendeu? De ver assim, e eu vou acompanhando eles, os mais, assim, que você tem o vínculo maior, você vai acompanhando fora. Então você vê, olha, já sou vó não sei de quantos, sabe, já ganharam bebê e eles ligam pra mostrar, manda foto, convida pra aniversário de 15 anos, então assim, pra mim isso é bem tranquilo. E mesmo na creche, mudou de grupo, eu continuo indo lá, continuo mandando beijo e as meninas já sabem, porque assim, não tem essa coisa "ah, não ele vai ficar comigo", porque tem muito isso lá. Tem muito essa coisa da profissional, "ah, agora ele é meu!", eu falo, ele não é meu! Você entendeu? Tem muita coisa, e por isso que a Celeste e eu foi bom por conta disso, porque tem muita coisa que eu falo, "não vou deixar ela sofrer, ela quer ficar com a Celeste, qual o problema?". Você entendeu, se ela gostou mais, se ela teve mais afinidade, não sei, fica. E o contrário, a gente assim, e na adaptação a Ivonete até fala, "sua referência é essa, essa e essa, mas eu não sei até quando sua referência vai ser essa. Que nem esse ano, a Catarina, a Cecília tem uma coisa com a Celeste, A Cecília fica super bem comigo, comigo ela come no cadeirão, sem chorar nem nada, com a Celeste, parece até coisa de mãe, sabe aquela birra que a criança faz com a mãe? Ela faz com a Celeste. Então assim, o jeito que a Celeste dá o suco ela cobra, e ela tem 1 ano. 1 ano e três meses. Eles comem a gema de manhã, e pra ela comer, porque ela não queria comer, o que que a Celeste fazia? Ela pingava o suco, mexia e dava pra ela, ela comia. O dia que a Celeste não veio, eu pus a gema, ela não comia, ela apontava pra mamadeira. Eu falei "ah, igual a Celeste faz". Pingou, comeu! Então assim, "não, eu sou a Celeste?", não eu não posso dizer pra ela que eu sou a Celeste, ela sabe que eu não sou a Celeste, mas ela está me ensinando como a Celeste fez. Então essas coisas, assim, pra mim e pra ela é muito tranquilo, tanto é que a gente está parceira já há 8, 9 anos no berçário por conta dessas coisas, e assim, tem horas que eu acho, assim, que nem a Branca, ela é bem diferente, assim, é 8 ou 80 eu e ela. Mas a gente se entende bem, porque assim, a Branca, eu adoro ver ela trabalhar, porque assim, tudo pode, é um carinho com os bebês, "é tranquilo", e pra mim já não é! Eu falo, "ah, mas Branca, eu vou por o bebê na areia... Branca, um bebê de 6 meses, ele não senta, eu não vou por ele na areia. E ela ia me conhecendo ao poucos, entendeu, e ela falava, "então tá, eu vou por os EVAs tudo, eu vou forrar tudo, ele vai ficar"... então pra mim ele não estava na areia, ele estava no EVA. Você entendeu? (risos) Aí então ela ia tirando, eu falava "Branca, pelo amor de Deus!". Então tem algumas coisas, que foi muito boa a parceria com ela. Ela é uma funcionária nova, tem 5 ou 6 anos na creche, e ela tem uma outra cabeça, então assim, eu fui aos poucos... que nem, eu jamais ia deixar um bebê numa multidão, que nem eu falo pra ela, e ela fala "não é multidão, são crianças de 5 ou 6 anos", eu falo, "é uma multidão", eu falo pra ela. E aí a gente foi começando a perceber junto com ela, que eles vão tomar alguns cuidados sim, que eles não vão atropelar... é muito engraçado, porque eu ficava observando, e eles vinham correndo, eles viam o bebezinho eles andavam rápido!!! Os maiores! (risos) Eles vinham correndo, na hora que eles viam o bebê eles começavam a andar rápido!! (risos). Eles diminuía e andavam rápido. Aí eu fui me convencendo, então eu brinco com ela, porque assim, ninguém acreditava que ia dar certo essa parceira, porque é ou 8 ou 80. Ela consegue por todo mundo numa banheira e dar banho, eu não! Eu não. Eu não. Então assim, ponho lá um, dou banho naquele, depois levo o outro, você entendeu, então assim, isso foi muito legal. Porque com a Celeste eu já mesmo essa coisa, né. E no berçário, é diferente, porque assim, você está dentro dos módulos, é diferente, é uma educadora por sala. Então você só tem a parceria da tarde. No berçário não, são muitas. Que nem, sou eu, no berçário sou eu de manhã com a Celeste, no G1 são quatro educadoras. Mas tinha o G2, que era mais 4. Então, pra você resolver isso, ficar no mesmo espaço, são 8, diferente de 2, né. Então é muito...

E: Você falou uma coisa que eu fiquei aqui pensando, né. Você falou: "olha, já sou vó de não sei quantos"

Esmeralda: É! (risos)

E: E antes você falou da mãe do Abrahão, que você falou assim "Olha, não tenho idade pra ser a sua mãe não!". Será que às vezes você se vê mais no lugar de vó, mais do lugar de mãe?

Esmeralda: porque assim, a gente brinca, porque assim, que nem, a Catarina, que está na creche, eu falo, eu brinco a mãe dela, porque quando eu entrei na creche, o pai dela era aluno da creche. Então agora ver, é muito engraçado, porque você se sente mesmo, né, você olha e "nossa, outra geração!!". Porque o pai dela, nossa, e o pai dela dava muito trabalho na creche, nossa, ele mordida todo mundo, a gente lembra do Gabriel Apeldini, quando a gente viu "Catarina Apeldini, é filha do Gabriel Apeldini????". (risos). É tão engraçado!! Assim, você fica tão curiosa pra ver, pra reencontrar! Você entendeu? Então você fica mesmo nesse papel, pra ver, pra reencontrar, eu brinco com a Marta "é minha neta!!". Né? Porque...E a gente tem muito isso, que nem assim, eu tenho isso muito claro, que nem eu falo pra ela, e eu ainda brinco até com os pais "eles não são meus". Você entendeu? A gente tem um afeto, a gente tem uma afinidade, mas eles não são meus. Você entendeu? Que nem a coisa assim da chupeta, que era uma grande questão. Eu dizia, "não sou eu que...". Teve uma mãe que me perguntou: "você acredita que é bom dar chupeta?". Eu falei "eu acho que sim, tem crianças que sim". Então assim, ou a chupeta, ou um paninho, um apego! Porque facilita muito na adaptação, principalmente. A gente percebe que as crianças que usam a chupeta, que tem um paninho, elas quando vem pra creche, que tem um choro, tudo, ela é muito mais fácil de acalmar. Porque elas tem um consolo. Daí a mãe, com uma criança de um ano, ela me pergunta: "você acha que eu dou a chupeta?", e eu falo "o que que você acha?", porque assim, ele não é meu. E ainda brinco com ela "não sou eu que vou tirar a chupeta, não sou eu que vou negociar o horário da chupeta, não é verdade?". Porque assim, eles acabam pedindo interferências pra gente que eu deixo bem claro, não é eu que tenho que fazer. Você entendeu? Como no pré, chegava criança sem escovar o dente, de manhã, e a mãe falava pra mim "você faz ele escovar o dente, porque ele não quis em casa" e eu falava "não". Você entendeu, "esse papel é seu, você tem que " e eu falava isso com muita tranquilidade, e o pai acabava entendendo o que eu estava falando, porque eu tinha muita segurança e falava isso com muita sinceridade pra eles. Eu falava "não, o papel é seu, você que tem que conseguir fazer com que ele escove o dente em casa. Por que que ele tem que escovar o dente?" Aí eu perguntava "por que que você tem que escovar os dentes? Qual a importância disso?". "Não conseguiu em casa, vai fazer na creche, mas você vai fazer, não eu".

E: Você acha que você ajudava o pai a separar os papéis?

Esmeralda: Eu acho. Muitas vezes, a gente tem que fazer isso. Porque assim, o que a gente percebe e que eles delegam muitas coisas pra creche. Tendeu? Pro educador, como negociar brinquedo... não pode trazer? Não pode trazer. Hoje não é dia? Hoje não é dia. Negocias brinquedo, eles delegam muitas coisas pra creche. A gente tem crianças assim que chupa chupeta a noite, e em casa a mãe deixa livre, chupa a hora que quer, e deixa ali perto. E na creche ela diz: "só na hora do sono". Aí eu digo pra ela "se ele quiser em outro momento, eu vou sim oferecer". Aí ela... sabe assim, você tem que tentar fazer a creche de um jeito e a casa de outro. É a mesma criança, é a mesma criança, mas os papéis são diferentes. A mãe que tem que tentar organizar a rotina, não é a creche. A creche tem a rotina dela, a criança entra na rotina. A gente está com um grupo de bebês que não dorme a noite. Eles dormem a manhã inteira. Você entendeu? Então a gente está tentando negociar isso com os pais, como uma criança não dorme a noite? Que nem a Cecília, de hora em hora mamando, não é a creche que não vai deixar ela dormir de dia, ela precisa dormir de dia porque ela não dormiu a noite. Então, pra eu mudar o sono dela, porque a partir de um ano eles tem um horário de sono diferenciado, que a gente não conseguiu ter com esse grupo ainda, eu digo pra mãe "pra eu conseguir não

deixar ela dormir de manhã, ela tem que dormir a noite toda, e você tem que ajudar, porque ela chega muito cansada". E eu não vou deixar ela chorando e sofrendo a manhã inteira pra organizar uma rotina que é da mãe. Você entendeu, então isso a gente consegue dizer, e as quatro desse grupo, eu acho, a Branca, a gente consegue dizer isso pro pai, a gente vai colocando cada um no seu papel, pra ajudar. O nosso foco é o que eu digo pro pai, é a criança, é o bem-estar dela. E pro bem-estar dela, eu não vou fazer o que o pai quer, eu vou fazer o que eu acredito que é pro bem-estar dela. Mas eu tenho que dizer isso pra ele, senão parece que eu faço melhor que ele, e não é isso. Ainda até brinco com eles, eu falo "filho dos outros é uma coisa, a gente consegue fazer, e às vezes com o seu você não consegue!". Não é verdade? (risos)

E: E você falou que tem diferença nesse papel, né?

Esmeralda: É

E: Você saberia dizer, contar um pouquinho mais, pensando no bebê, o que que é parecido com o lugar da mãe e o que é diferente com o lugar da mãe?

Esmeralda: Eu acho que assim, parecido com o lugar da mãe eu acho que é, por exemplo, os que entram muito pequenininho... essa coisa do aconchego, do colo, você entendeu? Você vai fazendo coisas pra ele que você acre(pausa), que é como se fosse filho mesmo, ali. Você entendeu. Que nem o Abrahão, era tudo na creche, era tudo iniciado na creche, a primeira mamadeira, o (pausa) primeira papinha, que nem o Eduardo que chegou agora, ele estava de 5 pra 6 meses, a mesma coisa. Então assim, não quer de um jeito, vamos tentando de outro, porque assim, os outros grupos a gente até tenta, as crianças maiores, mas assim, é o que tem. Você entendeu, e pro bebê não. Não quer de laranja, vai tentar maracujá, não quer maracujá, vai tentar na colher, não quer na colher, vai tentar no copo, coisas que você faz em casa, que eu acabava fazendo em casa pros meus filhos, você entendeu? Mas assim, a gente tem que ter muito claro isso, eu sempre falo pros pais, assim, eles não são nossos. A gente faz essa coisa do afetivo, do colo, de conversar, a gente acaba conversando com eles, a gente faz essa linguagem de bebê "nhe-nhe-nhe" (imita um maminhês), sabe, assim? É muito.... e assim, é muito próximo, é muito, o vínculo é muito bom, é muito forte, depois que eles estabelecem o vínculo com a gente, é sair do colo da mãe e ir pro seu. E aí você passa um tempo maior na creche, do que, a gente tem criança que entra às 8:00 e vai embora às 19:00. Então assim, ele passa um tempo tão grande com as educadoras, e um tempo que eles não passam com o pai e com a mãe. É por isso que eu falo, aqui o ambiente tem que ser o mais agradável possível. Né, que eles se sintam seguros, né, e eles tem isso com a gente. E assim, por isso que eu falo, quando está doente, sabe quando você vai abrindo "ah, não quer comer comidinha, então vamos tentar uma sopa, vamos tentar..." né? Você vai fazendo coisas que é tudo assim pra garantir o bem-estar deles. Isso é muito forte.

E: e pensando nessas semelhanças e diferenças com o lugar da mãe, você acha que é tranquilo sentir essas coisas, talvez falar algumas coisas, você falou que parece que a coordenadora não gosta que fale desse jeito, né...

Esmeralda: A Ivonete sempre fala assim, que a gente tem que entrar até, assim, que na creche a gente tem que ouvir, claro, as famílias, e ela acredita nisso também, mas ela fala "olha, vocês tem que ouvir e saber que o papel da creche é um, e o de vocês é outro". Mas muitas vezes não dá, você entendeu, tem coisas ali que não dá pra você ouvir e dizer "ai, não, não estou ouvindo, esse não é o meu papel...". Você entendeu? Eu, eu acho assim, que eu cobro muitas coisas até da creche, por exemplo, de encaminhamento de criança, porque assim, eu não acredito que muitas coisas, e isso foi até a experiência do meu filho, porque o meu filho ficou na creche e ele

tinha muitas questões assim de escrita, e eu só ouvia assim que ele vai amadurecer, e eu dizia "ele não vai amadurecer". Você entendeu? Você está vendo a coisa ali, e depois pra mim eu também acho que foi difícil, assim, me desvincular de família, não ouvir família, porque quando o meu filho saiu da creche ele entrou na escola de aplicação. E, as crianças que estavam na creche, eu conheço as crianças há muito tempo, as famílias há muito tempo, eu converso muito com as famílias, e a gente foi estabelecendo um vínculo, e aí eu vi as crianças na escola de aplicação com os mesmos problemas que eles tinham na creche. E isso me incomodava muito!! Problemas de relações, problemas com o pai, problema com a mãe, então isso me incomodava muito, eu falava "meu, eu só ouço que eles vão amadurecer, e eu estou vendo o problema". E eu falava desses problemas na creche, eu cobrava da creche isso, eu falava, olha, tem que encaminhar sim, essa criança foi nossa, olha esse relatório, olha não sei o que... você entendeu? E eu fui representante de sala durante 11 anos, na escola de aplicação, e eu ia vendo e isso me ajudava muito no trabalho, porque eu cobrava isso da creche. Dizendo não, a gente tem que fazer alguma coisa sim, não dá pra dizer que esse papel não é o nosso. E eu não sei, até hoje eu te falo com sinceridade, eu não sei qual é o meu papel e qual é o papel da família em algumas vezes, quando ela me procura com alguma questão.

E: Pensando nos bebês?

Esmeralda: Pensando nos bebês. Quando uma mãe me procura com uma questão super séria com o bebê, você entendeu, que a gente tenta falar com a Ivonete, que a gente tenta encaminhar essa mãe... o encaminhar essa mãe, pra mim o problema não acabou... o que eu faço com esse bebê ali? Você entendeu? Esse bebê está me mostrando exatamente isso, o fato assim de estar congestionado já há seis meses, da gente vê que é uma questão de saúde... "ah, mas já falei com o pai 1, 2, 3, ou mais vezes", não, mas tem que procurar mais vezes, tem que procurar outra pessoa. Procura a fono, você entendeu? Então acho que assim, não dá pra falar que "eu falei com o pai, eu encaminhei o pai então a questão está resolvida", não, pra mim não está resolvida. Está resolvida a hora que esse pai encaminhar essa criança pra uma fono, a hora que ele descobrir porque que eles está congestionado desde que ele entrou na creche, por que que está com tanta secreção, por que que tem que dormir sentado. Você entendeu? Então ainda pra mim isso é um pouco difícil, porque eu sei, eu entendo que o papel da creche vai até um ponto. Mas pra mim ainda, esse ponto, é muito pequeno, sabe, não dá pra... e é difícil, é difícil...

E: Aham.... deixa eu ver... são 13:03.

Esmeralda: Só estou preocupada com a Rosa pra dar tempo dela vir.

E: Vamos até 13:10?

Esmeralda: Vamos. Porque aí dá tempo de eu ir e ela vir.

E: É, e tem mais alguma diferença que você acha importante assim, da sua relação com o bebê e da relação que a mãe tem com o bebê...

Esmeralda: Eu acho que não... eu brinco com a Celeste, né, até que eu falo assim "gente..." assim, o que me incomoda na creche, e que me incomoda no berçário, é a questão da criança ficar 12 horas. Ou 10 horas. E isso eu não consigo não verbalizar pros pais, Eu falo assim pra Celeste: "ai, eu vou escrever um livro", né, a Celeste fica brava comigo, "que é tudo mentira isso, que os pais choram que não querem ir embora, depois que eles conhecem a creche deixa 12 horas a criança", eu falo isso pros pais. (risos). Porque é verdade. Que nem o banho, eu acho tão importante o banho na creche, eu acho, mas eu acho que o banho tem que ser em casa. Você chegar com seu filho, você dar um banho... ah, mas eles estão tão cansados, eu falo pros

pais, e eles vão ouvindo, entendeu, saber que eles estão cansados, que eles saem daqui 18:00, porque a gente acaba fazendo relatório, e eu chegava em casa e tinha prazer de fazer comidinha, dar um banho e tudo. Porque eles deixam pra fazer tudo na creche. O berçário faz tudo, eles jantam, eles saem, daqui prontos pra ir pra casa e dormir. Então eu acho, eu falo, que nem a Ivonete diz "Não é papel de mãe dar banho de creche". E não é papel de mãe dar banho de creche, mas é o prazer de fazer isso, você entendeu, então você tem que passar isso pros pais, por mais cansado que está, tem um bebezinho ali, e o prazer de estar com esse bebê. Né...

E: Que importância você acha que tem esse prazer que você sente na sua função, o afeto que você deposita no bebê, que importância você acha que tem pro bebê e pra família?

Esmeralda: Ah, eu acho que pro bebê, muito, muito, muito, porque assim, eles estão, eles se sentem em um lugar seguro, eles tem esse aconchego com a gente, eles tem, você entendeu, eles procuram a gente, principalmente quando estão doentes, é aquela coisa de colo o tempo todo, a gente divide, se esse está com febre, é mais grudadinho com a Celeste, a Celeste vai ficar só com esse (pausa). Você entendeu, e pra família eu acho que é essa coisa da segurança. Da segurança, porque assim, os pais perguntam pra gente "como que está o cocô dele? Como que está?". Porque muitas vezes os pais não sabem. Né, porque, tudo eles perguntam, de chupeta, de mamadeira, tudo, tudo, é com os educadores de berçário, diferente dos outros maiores. Por isso que eu falo que berçário é diferente, tem que ter um outro olhar. Você entendeu, da rotina, de tudo. Os pais perguntam "nossa, mas que suco que ele toma? Qual que ele mais gosta?" então todas essas informações, quem dá somos nós.

E: Vocês descobrem coisas dos bebês que os pais mesmos não sabiam?

Esmeralda: Ah, sim, e muitas vezes a gente nem fala. Nem fala, por exemplo, o dia que saiu os dentinhos do Dudu, que a gente viu, nós fizemos uma festa. E a mãe foi falar depois de três dias "vocês viram, olha o que eu vi hoje", então a gente, né, não dá, eu fico até assim, "não vou falar, nós vimos, mas eu não vou falar".

E: Tirar o prazer dos pais?

Esmeralda: Tirar o prazer dos pais. Várias crianças que vem andar com a gente, e os pais vem "ah, você viu, ele deu os primeiros passinhos", e a gente "ah, nós vimos", mas assim, já está andando! Então assim, essas coisas eu acho assim, porque a gente, eu acho assim, eu fico com dó de dizer isso pra mãe! Eu espero que ela venha me dizer, né, e aí a gente faz aquela festa. "Ah, é verdade, né, que legal". Porque assim, é complicado, e aí assim, na segunda-feira chegou uma criança com um baita de um galo na testa. E eu perguntei "nossa, o que aconteceu?" e a mãe "não foi aqui?", e eu falei "não, não foi aqui". (risos) "Ah, então será que foi com o meu marido?". Aí, foi tão engraçado, ela começou a rir, nós também começamos a rir, tal. No dia seguinte ela veio e falou assim "olha, caiu, bateu na porta, meu marido que estava com ele, não sei o que". Você entendeu? Depois, tem coisas, tem muitas coisas que passam despercebido. E tem muita coisa que a gente não pode esperar eles vim, né, principalmente essas coisas... né, e é engraçado, que eu vou até perguntar pra Ivonete se você pode ter acesso às cartas que os pais escrevem na adaptação, seria legal pra você

E: Mas é uma carta pras professoras?

Esmeralda: Não, é uma carta assim que eles escrevem contando pros filhos sobre como foi essa adaptação no berçário. Na verdade essa carta era até os alunos do pré, e agora não, é só do G1, eles fazem as cartas, a gente coloca as cartas numa exposição - acho que não vai ter problema. Faz uma exposição, e vai prum livro que a gente faz no final do ano e entrega.

E: Deve ser bem bonito esse livro.

Esmeralda: É muito engraçado como eles falam dos educadores-referência, parece que a carta é pra nós, assim, não é pro filho. Então assim, as angústias que eles tinham, quando eles chegaram, aí como eles foram recebidos, isso é muito 10, você vai lendo as cartas, e é muito engraçado.

E: Você sente como se estivessem endereçadas para você?

Esmeralda: Pra gente, assim, porque eles vão contando pros filhos, assim, como que foi essa recepção, e aí eles citam a gente, olha, porque a Esmeralda te recebeu assim, olha, porque a Celeste fez assim, porque nossa, eles deram mamadeira desse jeito, a gente não tinha percebido, e fala da angústia dela de deixar seu filho na creche com uma pessoa desconhecida.

E: É, mas quanta confiança também, né?

Esmeralda: É, mas como eles vão adquirindo essa confiança, ah, é muito legal de ler. E aí a gente põe numa exposição, e um pai lê a do outro e vai vendo que é a mesma coisa!! A mesma angústia desse pai era a desse!

E: Aham! Você acha que essas cartas falam de um lugar que você ocupa junto a família?

Esmeralda: Falam, falam. Falam de um lugar que a gente, muito, nossa, essas cartas, é exatamente isso, da angústia que eles sentiram, da recepção que eles tiveram, dessa primeira, desse primeiro contato com o educador, e depois como isso se modificou, através da confiança, de todo dia você dizendo, ainda tem uma mãe que diz "ah, nossa, as professoras do berçário parecem que não tem tristeza! Porque a gente chega e está sempre..." e o berçário todo, o menor e o maior, porque a gente está sempre tentando fazer daquela recepção o mais prazeroso possível. Então assim, é música, é aquela cantoria, aquela coisa, e nos outros módulos é diferente por conta da faixa etária, não porque o berçário é melhor ou pior que os outros. É por conta da faixa etária. E muitas vezes isso vai gerando uma coisa pras famílias, principalmente quando eles estão saindo do berçário, eles tem a mesma cobrança com as educadoras de lá, e mesmo quando vai uma educadora acompanhando, essa educadora acompanhando tem que fazer a recepção no dia seguinte. Porque os pais só procuram ela, então é, assim, o berçário é muito, mas eu queria que você lesse uma carta. Vou falar com a Ivonete.

E: Eu fiquei super curiosa.

Esmeralda: Pra você ver assim, eles vão se endereçando, a importância das angústias, o quanto eles não queriam a creche, isso eu acho legal, eles verbalizam isso muito. E no final, o quanto foi importante, né, essa chegada,

E: Quem sabe, né, se a Ivonete permitis, ia ser muito bonito, eu fiquei muito curiosa mesmo. Muito obrigada, nossa, você falou coisas super bonitas pra mim, eu vou olhar esse material, vou ver se vamos precisar de outra entrevista, então eu acho que até metade de novembro eu já consigo falar pra você.

SEGUNDA ENTREVISTA COM ESMERALDA, DEZEMBRO DE 2015

E: então, desde a última vez que a gente se encontrou, já faz bastante tempo, se tiver alguma coisa que você pensou depois, que você gostaria de acrescentar, “nossa, lembrei de uma coisa assim”? Alguma coisa te ocorreu nesse tempo?

Esmeralda: Não... Eu acho que é legal agora que eu voltar pra creche eu mostrar um livro que tem as cartas dos pais, lembra que eu falei pra você?

E: Eu lembro...

Esmeralda: Então, agora que eu lembrei, vou falar pra Rosa, só pra você conhecer.

E: Eu posso ter acesso a esse livro?

Esmeralda: Pode, pode. Aí você dá uma olhadinha...

E: Ta bom, obrigada. Então eu vou fazer algumas perguntinhas, tudo bem? Imaginando que você fosse explicar pra alguém qual o seu trabalho junto com os bebês, como você descreveria sua função?

Esmeralda: Eu acho que a primeira coisa assim, da nossa função, é o bem-estar do bebê. É essa adaptação, é o que a gente fala pros pais. É essa adaptação, essa recepção, e os cuidados mesmo, o bem-estar com os bebês. Por que assim, a gente se preocupa muito com algumas atividades, mas principalmente com a rotina e o bem-estar deles. Porque na verdade quem faz a rotina são eles. Esse ano a gente tem um grupo assim, que um dorme um horário, outro dorme num outro horário, e a gente tem que respeitar isso. Porque assim, a gente não consegue ainda ter um grupo, né, que a gente fala, é um grupo de bebês que fazem tudo juntos, não fazem. E esse é o grande desafio do berçário, que é o grande desafio do berçário. Que a gente, né, na creche, a gente estuda muito, a gente lê muito sobre os bebês, e na rotina no dia a dia é outra coisa. Que nem assim, a gente sabe que os bebês a partir de 1 ano ou 1 ano e meio começam a fazer dois sonos. Esse ano nós estamos com um grupo de bebês de um ano e meio que faz um sono só. Então pra isso a gente precisa primeiro criar esse vínculo, conhecer a família, conhecer os hábitos do bebê e respeitar essa individualidade de cada um, que muitas vezes o livro não traz (risos).

E: Vocês tem um conhecimento que é da experiência, né?

Esmeralda: E é muito engraçado isso, porque assim, que nem agora, que vai fazer o remanejamento, essa coisa do berçário, primeira coisa assim, essa mesma pergunta que eles fazem pra gente, né, “por que você quer ficar com o G1”? Porque eles acham que você tem que ficar um tempo em cada grupo. Eu já passei por todos os grupos da creche, e aí a gente coloca “principalmente porque a gente é um grupo comprometido com falta, a gente não falta”, que é muito ruim isso pras crianças, porque assim, eles estranham muito. E essa coisa do choro, que você aguenta o choro, porque tem muito choro principalmente no primeiro semestre. E a rotina mesmo, saber que hoje você está com um bebê dormindo, que nem eu e a Celeste, a Celeste fica lá dentro com os que estão dormindo, eu fico lá fora com os que estão acordados, essa coisa da rotina, que é muito importante.

E: Você usou alguns verbos, né, você falou receber, acolher, cuidar, você poderia falar um pouquinho mais sobre o que qualificaria a sua função com os bebês?

Esmeralda: Principalmente no início do ano, né, que nem, no ano que vem vai ser um ano diferente no berçário, como foi esse ano. Nós temos 5 bebês de 1 ano e meio, e vão entrar quatro de cinco e seis meses. Eles vão ficar juntos, eles vão formar um grupo. Então a gente já está se preparando pra receber esses bebês. Né, porque assim, como que você vai fazer, se é um grupo só, como que você vai acolher essas famílias, porque por mais que os pais conheçam, porque são irmãos, né? Mas nunca aconteceu do grupo estar misturado, interidades. A gente trabalha com interidades mas não com o berçário. E eu acho que esse acolhimento, essa chegada dos bebês, é muito importante pros pais, principalmente pros pais, mais até do que pras crianças. Né, e acolher mesmo, é colo, é ouvir o pai, ouvir as lamentações, você entendeu, é ouvir o desabafo deles, o quanto é difícil, né, e saber, deixar claro pra eles. Eu estou vendo escolinha agora prum... junto com uma amiga, pro bebezinho, que eu falei pra ela “meu deus do céu, eu não vou mais”, porque eu interfiro muito nessa coisa assim do pai não poder entrar, eu fico imaginando se fosse com os MEUS FILHOS HOJE. Então eu acho assim, essa coisa de deixar o pai junto, fazer a adaptação junto, tem pai que fica um mês! Né, então isso facilita muito na nossa relação, e bebê é estabelecer vínculo. Às vezes eu começo uma adaptação e quem termina é a Celeste, às vezes ela começa com uma. Isso tem que ser claro também pra gente, e até você tem que ter uma tranquilidade de dizer “nossa, não estou conseguindo, vou passar pra outra”. Né, e isso ajuda muito também. E essa coisa do acolhimento você tem que acolher a família e a criança. Principalmente a família.

E: Disso tudo que você foi falando agora, do acolhimento, do estabelecer vínculo, do receber, do cuidar, seriam os elementos mais importantes na sua função com os bebês?

Esmeralda: Eu acho, eu acho.

E: Faltou algum?

Esmeralda: O cuidar, porque é o cuidar mesmo. Por mais que você vai inserindo eles no ambiente da creche, nos cantos organizados, com a história, com a música, mas o cuidar, né, você está atenta a tudo, né, porque eles não falam. Você tem que estar atenta se ele está bem, se a fralda está sequinha, se está quente, se está com febre, garantir esse bem-estar. E essa coisa da proximidade, é colo mesmo, é esse vínculo mesmo que vai estabelecendo.

E: Você poderia dar mais um exemplo do que você qualificaria como cuidado, pensando nisso?

Esmeralda: Eu acho assim, que... cuidado... eu acho que não é só também o bem-estar, claro. Mas assim, você vê que o bebê está feliz nesse espaço, você entendeu, que ele está seguro. Porque assim, até hoje, eu nunca vi assim, em todo esse tempo, eu nunca vi assim de você não conseguir estabelecer um vínculo com o bebê.

E: Nunca aconteceu?

Esmeralda: Nunca aconteceu, de você... ou se não estabelece comigo de primeira, de imediato, estabelece com a outra parceira, mas sempre tem, né. E acho que, então, o cuidar pra mim é isso, você entendeu, você dar o colo, você respeitar o dia a dia até da família, eu faço de um jeito e a família faz de outro, mas na creche é uma criança só. Né, eu acho que o cuidar é bem isso. Esse acolhimento, esse acolhimento, porque o berçário é o tempo todo. Nós temos uma criança agora que vai sair de férias agora e vai pra França volta só em Setembro. Ele vai ficar um tempo fora, e a gente já está pensando na recepção dele em setembro. Ele vai pra um outro país, é uma outra coisa, vai se adaptar lá, vai se adaptar aqui na volta. E eu acho que é bem assim, hoje um pai que estava se despedindo falou assim, pra mim e pra Celeste, eu achei lindo, ele falou “eu cheguei aqui desconfiado. Minha filha – mãe da Clarice – ela ia ficar só uma tarde,

pra não perder a vaga, porque ela era muito pequenininha. Mas aí passou a ficar três vezes na semana, só a tarde. Aí depois ela passou a ficar a semana toda, e agora ela está período integral”. E ela falou que ela nunca achou que fosse conseguir. E ela fala o quanto ela se sentiu segura até nisso, de a gente dizer pra ela “uma vez por semana? Está ótimo”. Que ela falou que era o que ela precisava ouvir naquele momento. “Três vezes na semana, melhor ainda. A semana toda, ótimo. Integral, tá bom”. (risos). Então acho que é isso mesmo, esse acolhimento primeiro com a família. Porque o bebê responde. O bebê responde, eu falo pra Celeste, a gente já teve adaptações MUITO DIFÍCEIS, mas assim, todas se adaptam.

E: Você falou que nunca aconteceu de não haver um bebê que não cria vínculo com nenhuma educadora, é... você acha que tem os mais difíceis?

Esmeralda: Tem sim, porque às vezes você começa com a adaptação, e um não quer ficar com você. Os bebezinhos, os mais novinhos não. Mas aqueles que entram com 9, com 10, eles já começam. Né, assim, é difícil separar da mãe, quando a mãe sai não quer ficar, e muitas vezes acontece, aconteceu na creche várias vezes comigo e com as outras educadoras, por exemplo, eu comecei a adaptação da Nina, estava indo tudo bem, aí ela não queria ficar, não queria ficar, e a Celeste pegou na hora do sono, e estabeleceu uma relação ali com ela que era a Celeste que recebia a criança, sabe, e pra gente é tranquilo isso, e a gente dizia isso pra família. Porque na verdade a educadora referência é mais pra orientar a família, né. Assim, pra você receber aquela família, pra criança ir criando um vínculo assim devagar com você, depois com o todo. E pra gente isso é muito tranquilo, que nem o Diego, não queria a Celeste e queria ir comigo, e a gente troca isso no meio do caminho, e isso a gente faz sem comunicar a Ivonete (psicóloga). Por exemplo, são 10 bebês, são cinco adaptações pra mim e cinco pra celeste. E às vezes acaba que ali no meio do caminho a Celeste faz 6 e eu faço quatro, ou ela faz 4 e eu faço seis. E a gente acaba vendo o que é melhor pra criança, e a gente diz isso pros pais. E depois que passa a adaptação o vínculo se estabelece com todos, não é só comigo e com a Celeste, mas todos do módulo também.

E: E pra vocês, essa mudança, né, que a criança elegeu uma e depois elegeu a outra, como é pra vocês?

Esmeralda: Tranquilo, tranquilo, a gente sempre brinca assim, não é nosso filho, né? Que eu digo que não é nosso filho porque assim, essa coisa do CIÚMES, né, a gente não tem isso. Porque quando a gente esbarra nisso, eu falo assim, não vai dar. Porque assim, já teve até casos, assim, a Celeste estava com uma adaptação difícil, entrou uma difícil, esta queria a Celeste, mas a outra não me aceitava. Então aí, você entendeu, a gente vai fazendo meio assim, aí fica difícil. Mas assim, a gente não tem problema com isso não.

E: Nessa ocasião que você comentou agora, você acha que vocês esbarraram nessa questão do ciúmes?

Esmeralda: Não. Mas assim, em relação às crianças, não a nós. Você entendeu? A Celeste estava com uma adaptação difícil e que queria ficar com ela. Eu estava com uma adaptação difícil e que no começo estava super bom, mas aí quando o bebê percebeu que eu que fazia essa despedida, ele chorava muito. Então o que a gente fazia, quando a Celeste não estava com o outro bebê, ela fazia essa recepção. E depois que ela fazia essa recepção, ele ficava bem comigo, então era só na despedida. E a gente não tem isso não. Mas as vezes esbarra sim, das duas estarem com adaptações, mas a gente sempre garante mesmo que eles fiquem bem. Pra gente é isso. Se está dormindo bem com ela, e se está comendo bem comigo, porque acontece, muitas vezes eu fico na alimentação e ela fica no sono. A gente vai tentando trabalhar assim, e a tarde a mesma coisa. A Rafaela ficou o semestre inteiro só com a Branca. Aí eu comecei a ficar

a tarde alguns dias eu trocava com a Rosa pra ir estabelecendo vínculo com ela, porque ela é período integral, e quando ela veio pra manhã o vínculo, ela não tinha com a Celeste, era comigo por conta dos períodos que eu fiquei a tarde. E hoje ela está com as quatro (educadoras), que nem eu brinco, ela é minha amiga, ela é amiga da Celeste e de todas nós. Mas é bem isso mesmo, porque a adaptação é muito difícil. Quem entra de fora, quem vem, até mesmo pros pais, por exemplo, o primeiro é uma tranquilidade, são dois bebês, um pra mim e um pra Celeste. O último, pega tuuudo, pega os quatro que já estão com ciúmes, porque quando o último começa a adaptação, o primeiro volta tudo. Né, então eu falo, coitado de quem são os últimos, por conta dos pais. Porque aí presencia o choro, toda aquela recepção, e aí você precisa até dar um colo maior pro pai do que até pro próprio bebê.

E: Como é importante esse olhar pros pais, né?

Esmeralda: Pros pais, né, muito, muito, muito. Tem meninas né, educadoras, que esse ano não conseguiram colocar os filhos na creche, estão esbarrando com isso, de entregar na porta, chorando ou não chorando, um dia é o porteiro, um dia é a secretária, então isso eu acho que é o principal, essa coisa do vínculo mesmo que os pais estabelecem com a gente. E a segurança mesmo, deles poderem ficar junto, ver o que está acontecendo, e a rotina acontecendo normalmente e o pai ali dentro. Então assim, tem o choro, tem um que não quer comer, aquele que mordeu, e o pai vendo tudo isso. Então isso eu acho importante. Acho que é a grande questão do berçário.

E: Pensando assim nessa disponibilidade que você tem que ter pra família, pro bebê, né, pra você estar bem nessa relação, pra você conseguir fazer essa entrega pra criar o vínculo, já teve alguma coisa que aconteceu que a instituição não ajudou muito?

Esmeralda: Eu acho que antigamente era mais rígido, assim, por exemplo, o pai ligava – pode ligar e pode entrar na hora que quiser – mas muitas vezes quando ligava, muitas vezes eles pegavam o recado, e o pai queria falar com a educadora. E não dava, porque muitas vezes não dava mesmo pra gente sair. Agora não, eles arrumaram um jeito, um telefone sem fio que leva lá, pode estar aquela confusão, você fala com o pai e pronto. E assim, eu não sei se a gente também não está há um tempo no berçário, então tem algumas coisas que mesmo a instituição fala que não, a gente banca falando que sim, porque a gente sabe que é pro bem da criança, não que estamos fazendo uma coisa totalmente fora da concepção da creche, não é isso. Né, mas muitas vezes, que fala “nossa, mas esse pai está aí”, mesmo as outras companheiras, dos outros módulos, “nossa, esse pai está aí de novo?”, sim, ele está porque ele precisa estar aqui de novo. “Nossa, será que esse pai entra pra vigiar?” Não, ele vem porque ele quer ficar mais seguro pra poder deixar o filho. Então tem algumas coisas que a gente vai conseguindo, a gente coloca, a gente leva muita coisa pra reunião, principalmente coisas assim que muitas vezes a gente fala que tem que encaminhar a família, que você vê algumas que assim, está mais difícil, e isso a gente vê refletido na relação dos bebês, quando está mais chorando, quando não está, essa coisa de saúde, que os pais tudo pra eles é dente, então a gente vai um pouco brigando com a instituição, pra não deixar o bebê com febre, pra pegar no pé desse pai. Porque assim, a gente vai até um ponto, é mais fácil a coordenadora chamar e conversar, do que eu ou a Celeste, a Rosa chamar. Porque o que a gente não quer é entrar em conflito com esse pai. Então quando ele fala pra mim “ah, não vou levar porque eu acho que é dente”, eu falo pra ele, “olha, mas pode ser isso, pode ser isso, pode ser isso”. Mas se a gente vê que a coisa não caminha, aí sim a gente pede interferência da instituição.

E: E o que você acha que foi mais importante nesse processo que vocês foram se empoderando nesse conhecimento que vocês tem, né? Eu imagino que foi um percurso, e nesse percurso o que que foi importante pra vocês perceberem e assumirem o conhecimento que vocês tem?

Esmeralda: Eu acho que tem o lado positivo e o lado negativo. O lado negativo é assim, que nem, esse grupo que está com o berçário, está no berçário há um tempo, nós estamos no berçário já há seis anos. A Branca que entrou agora. Então eu acho assim, tudo o que a gente sabe de berçário a gente aprendeu na instituição. O que a criança pode comer, o que ela não pode comer, a tinta que eu posso usar, a tinta que eu não posso usar, né, e quando sai disso, a gente fica muito brava. Então assim, por exemplo, o bebezinho de seis meses só pode comer a gema. Quando vem, aí a gente escreve num quadro, a gente escreve tudo lá. Quando vem, e já dá, por exemplo, um ano e a gente vê que a coisa não caminha, ele já pode comer a clara, já pode comer, a gente faz por conta própria. E isso é ruim. Você entendeu? Por que que é ruim, porque não passa pela nutrição, porque a gente cobra muito deles essa parte, principalmente esse ano que tinha só cinco bebês. Você entendeu? Então, por exemplo, se o bebezinho que está comigo não pode fazer argila, não pode, a gente já sabe que não pode, se a gente ver na interação um grupo que está fazendo isso, a gente não leva. E aí as pessoas cobram isso “ah, mas isso é ruim, porque o bebê tem que interagir”. O bebê tem que interagir, mas eu falo pra elas, isso que eu acho ruim, porque a gente vai se apoderando, a gente vai fazendo algumas coisas, que a gente passa até por cima da instituição. Se tem um projeto comum que é água pra todo mundo, o bebê não deu naquela semana, o projeto do grupo inteiro, da creche inteira acabou e os bebês não fizeram, não tem problema. Eu falo, eles vão ficar ainda seis anos na instituição, eles vão ter essa experiência em outros lugares. E muitas vezes a gente esbarra até no próprio colega, que assim, porque a gente acredita nisso, e as meninas, eu falo, essa pedagogia nova, então assim, é tudo muito nov/, pra mim eu ainda não consigo, pra mim é muito difícil ver um bebezinho lá no meio das crianças maiores, eu acho legal e tudo, mas no espaço deles, não eles saírem pra fazer. Tanto é que é uma proposta pra creche pro ano que vem, é o interidades, e o bebê, a gente já estava falando, a gente nem sabe se vai ficar nesse grupo, mas a gente já estava dizendo que o bebê vai participar dessas interações, mas no espaço do módulo 1, que é o espaço conhecido dele. Ele não precisa sair daqui pra ir interagir com uma criança lá do módulo 2, ou 3. Então eu acho que muitas vezes a gente acaba não ouvindo o outro, nem tentando modificar, pra ver se ele é capaz, se ele consegue. Eu acho que isso também fica um pouco ruim. Eu acho que a gente tem uma clareza muito grande do trabalho, a gente acredita nesse trabalho, a gente sabe, mas muitas vezes a gente acaba deixando, né, entrando em atrito por coisas que a gente acredita, né. Essa geração nova que está chegando, que fala “ah, o bebê na areia, não sei o que”. Eu não consigo ainda. Eu acho que com a Branca foi muito bom esse trabalho porque a Branca conseguiu tirar a gente desse lugar, um pouco, você entendeu. Eu falava “meu, ele não come ainda, vai comer areia”, você entendeu. Então pra gente, a gente até brinca que a gente quer continuar junto essa parceria porque a Branca trouxe isso pra gente. “Por que que não pode? Vamos tentar assim, vai um de cada vez”. Então tirou um pouco nós três desse lugar, então é algumas coisas assim. E outra coisa também, até que você falou dessa coisa do ciúmes, porque muitas vezes, não é que a gente tem ciúmes dos bebês, não é isso, mas por exemplo, se chega uma pessoa que quer pegar de qualquer jeito, uma educadora “ai, que lindo, não sei o que”, ele não vai, ele chora muito. Então a gente acaba também “não, agora não dá, por conta disso, disso e disso”, então a gente acaba criando essa coisa, e daí elas falam: “ah, porque vocês estão há muito tempo no berçário, vocês tem que sair”. Mas mesmo as pessoas – a gente já saiu, já voltou – mas mesmo as pessoas que entram acabam tendo essas mesmas atitudes. Que é uma coisa da faixa etária, não é uma coisa... é uma coisa que é difícil assim.

E: Mas você acha que essa postura que essa colega teve, por exemplo, seria uma coisa que não ajuda muito na sua função com os bebês? Porque questiona, porque repreende?

Esmeralda: Não, mas eu acho que assim, a maioria não faz nem por mal, mas na hora – depois a gente conversa, a gente tem as reuniões – mas lá, na hora, como tem a cerquinha baixa, essa coisa, AS PESSOAS NÃO ENTENDEM. Que ali, que nem, eu estou há muito tempo no berçário, mas tem gente que está há muito tempo no módulo 3. Né, que elas não entendem. E é muito engraçado, que quando os bebês começam a ir pro colo delas aí elas vão percebendo que não é uma coisa do ciúmes, que não uma coisa que a gente não quer que vai. Que é uma coisa que agora é possível, mas que antes não era. Por que que vai causar um sofrimento no bebê sem necessidade? Tem criança que até se eu sair do espaço eles choram. Mesmo estando com a Celeste. Que nem, tem criança ali que fica super bem com todo mundo. Mas na hora do tumulto, sabe, na hora que está todo mundo junto, não consegue, não quer, então a gente tira do espaço, sai uma com ele. Então isso que eu acho que é o respeito com esse grupo tão pequeno. Porque eles não precisam fazer... porque no discurso é isso, eles tem que estar juntos, eles tem que estar inseridos – mas eles estão inseridos, eles estão juntos, mas eles não precisam fazer tudo o que os outros fazem, que eles vão ter esse tempo na creche, que eles vão adquirir essa experiência nesse tempo que eles vão ficando na creche. Então pra gente é um desafio o ano que vem, né. Porque vai ter um grupo que anda, um grupo de um ano e meio, e um grupo de crianças que tá chegando. Vão ser oito crianças, mas oito crianças assim, quatro que seriam G3 e quatro que seriam G1, mas não dá pra fazer um grupo de quatro, então juntou os dois grupos. Então já vai ser um desafio pra gente.

E: Serão duas educadoras?

Esmeralda: Serão duas educadoras e uma volante. Né, então, por exemplo, enquanto a Celeste estiver lá fora com as crianças eu vou estar no sono. Né, a gente não sabe como vai ser essa adaptação. Porque quando eu estou fazendo a adaptação, a Celeste está com o grupo, quando ela está fazendo, eu estou com o grupo, por isso que a gente pediu essa terceira volante, só pra essa parte de adaptação. Porque assim, a Celeste fica, ou eu, a pessoa que está na adaptação fica disponível pra família. Né, pra família, enquanto a família está lá dá pra ela ajudar a trocar, tal, mas depois que essa família sai você fica direto com essa criança, pelo menos uma semana.

E: Outra coisa que eu queria perguntar pra você, você percebe alguma diferença entre educar e cuidar, pensando na função com os bebês?

Esmeralda: eu não consigo ver diferença. Porque eu acho que o tempo todo ali você está fazendo os dois papéis, no berçário. Eu acho que o tempo todo, você está fazendo as duas coisas. Eu não consigo ver uma diferença entre o educar e o cuidar. Tanto é que na hora de escrever, né que a gente faz os relatórios que a gente fala sobre o educar e o cuidar, a gente não consegue separar, porque não dá pra separar. Porque eu acho que o cuidar ali, também está presente em todos os momentos, desde a troca de fralda, né, até o momento de grupo que a gente tem feito com eles, com as atividades, as brincadeiras, eu acho que está ali presente o tempo todo. Né, eu acho que é... (pausa)...

E: No comecinho você falou, né, cuidado, acolhimento, são coisas que estão entrelaçadas mesmo, né.

Esmeralda: é... é... não dá pra... e é muito assim, a gente vê o dia a dia deles. E agora que a gente está chegando no final do ano, e hoje a gente estava dando lanche e a Rafaela olhou pra Celeste e falou “quero nanar”. A gente falou “vamos terminar o lanchinho”, “quero, quero nanar”, entrou pra sala de sono, pegou a chupeta e dormiu. É muito assim. É engraçado, essa coisa da

rotina, o quanto eles incorporam a rotina, o quanto os pais passam a contar pra gente que em casa está a mesma coisa, que eles estão fazendo. Né, que nem, chegou uma mãe pra gente hoje que a gente quase não via, né, porque a vida dela também é uma loucura, o horário que ela vem ela não encontra com a gente, quem traz de manhã é a avó, que ela falou que ela foi perceber que o bebê comia uma banana na mão, sem ser amassada, agora no final do ano, porque ele parou de comer fruta em casa. E quando ela pegou o relatório ela falou que também nem parou pra perguntar. E pra gente também é uma coisa tão comum, que você também não parou pra falar, né? “ó, vó, fala pra mãe”... e ela falou que quando ela leu o relatório ela falou “putz, tá aí porque ele não come mais fruta aqui”. Aí ela falou que na mesma hora, ele já tinha mamado e tudo, ela cortou um pedaço de pera ele pegou e comeu tudinho. Né, então eu acho que é muito engraçado, e a gente vai percebendo que a nossa relação com a família se estabelece de um tal jeito assim que eu falo que as crianças esquecem quem é o educador, quando eles chegam lá no pré, eles sabem que eles passaram por ali, tudo, mas eles, assim, esquecem desse educador. O educador que fica na cabeça deles é o do pré. E a família não. Todas as famílias, as crianças que estão saindo esse ano foram da Celeste no berçário, todos os pais vieram falar tchau. Né, eles não esquecem da educadora do berçário, que eles dizem, é o mais sofrido pra eles. Eles falam, “é a educadora que a gente mais odeia”, eu acho tão engraçado quando uma mãe falou “é a educadora que a gente mais odeia porque o bebê começa a sair do nosso colo pra ir pro colo dela, é uma educadora que consegue coisas que a gente não consegue em casa”, mas ela falou que é a mais que fica, né. E pras crianças não, só quando a gente começa a contar: “ah, quando você ficava aqui, eu trocava a fralda assim, você chorava, você não gostava de comer isso”, eles adoram. Mas a que marca é a última, é a do pré. Engraçado, né?

E: É uma relação de intimidade com a família também, né?

Esmeralda: É, é, tão engraçado. E eles adoram, e as crianças é muito assim, o berçário é muito forte, porque quando, as crianças que nós tivemos, nós tivemos duas crianças que entraram no ano passado, então ficaram no grupo 10 e nesse ano no grupo 11, e não passaram no berçário, então parece que ficou faltando alguma coisa pra eles. Então eles querem que a gente conte história, mesmo sabendo que eles não passaram por ali. “Mas você não veio aqui pros bebês”, “não, mas conta uma coisa de bebê?”, é tão engraçado! Parece que está faltando, que tem um buraco ali. Então é muito engraçado isso. Parece que ficou um buraco mesmo. E esse ano a gente tentou, como era um grupo pequeno, foi um ano diferente e a gente queria mostrar, até pras famílias, a gente fez reunião de pais, a gente pensou em atendimento individual, mas aí a gente pensou, “nossa, já é tão individual”, porque esse ano foi muito individual. Era quase como se fosse atendimento individual todos os dias. Né, a gente falou, “não vamos fazer uma reunião com esses cinco pais”, e foi muito bom. Né, porque assim, eles mesmos disseram, né, o quanto foi bom e não foi, né, essa coisa dos cinco bebês. E a reunião foi muito engraçada, então a gente falou pra eles do livro que a gente ia fazer, toda a rotina deles, com as fotos da entrada, da recepção, da alimentação, nossa, e os relatórios também, foram todos nesse livro. Estavam assim super, e hoje a gente finalizou e hoje, que é o último dia, eles vão levar. Eu vou pedir pra Rosa trazer pra você ver.

E: Eu acho que eles devem ter ficado emocionados.

Esmeralda: Nooossa, eles falavam “mas a gente escreveu uma carta contando pro filho como foi muito bom”, e na carta da Rafaela, ela conta um pouco disso, dessa coisa da Rafaela, desse vínculo que ela estabeleceu logo que ela entrou com a Celeste. E o quanto isso foi respeitado. Assim, foi uma coisa de imediato, com a Celeste e com a Rosa. A Celeste nem ia ser a referência dela, mas assim, sabe, do primeiro dia aquele bebê já ficou com a Celeste, já queria

ficar, e o quanto isso foi respeitado. Dela chegar, eu entregar pra Celeste e não ter essa coisa, “ah, só a Celeste, só a Celeste”, e ela vai contando um pouco disso na carta. Contando pra Rafaela, né, desse vínculo que ela estabeleceu com a Celeste. E é muito engraçado, porque assim, a Celeste faltou, a Rosa ficou de licença, né, e a Celeste teve umas faltas, e até, todo mundo, o pessoal da cozinha ia servir, o pessoal que servia falava “nossa, a Rafaela está uma lady”, que ela não tinha os ‘pitis” que ela dava com a Celeste! Eu falava, não, Rafaela, vamos me ajudar. Eu punha no chão, ia no banheiro, tudo o que ela não queria fazer com a Celeste, sabe aquela coisa pra chamar a atenção mesmo, que eu quero você, quero o seu colo? Ela não fazia comigo e com a Branca. Muito engraçado, né? ela falou, “ah! Eu consegui ser amiga da Rafaela agora que a Rosa não está” (risos). Muito engraçado. Então, e a mãe coloca um pouco isso, quando ela vai descrever a adaptação pra Rafaela. Muito legal.

E: Devem ser relatos muito tocantes. Deixa eu ver aqui que horas são, a gente ainda tem mais 10 minutos. É... você falou em alguns momentos hoje do quanto que vocês estão empodeiradas nesse saber que vocês tem que é da experiência de vocês. E eu entendo que isso faz com que vocês, em alguns momentos até se coloquem um pouco contra algumas posições que estão ali dentro da creche, porque vocês tem muita certeza daquilo que vocês sabem, né. E pensando lá trás no começo, quando você foi aprendendo, né, e que aos poucos você foi se empodeirando disso, o que que foi importante e o que atrapalhou esse processo de reconhecer o próprio saber?

Esmeralda: No início, e isso era uma coisa que a gente conversava muito, pra mim o que era mais sofrido era cuidar da alimentação. Assim, olha, choro não me incomodava, receber o pai eu adorava, ficar com o bebê no colo, o sono, pra mim, era tudo tranquilo. Mas na hora da alimentação, eu falava “meu deus, como eu vou dar conta de dar comida pra cinco bebês de cinco a seis meses”. Porque assim, os (filhos de) funcionários entram com seis, mas os bebezinhos filhos de alunos entram com quatro meses e meio. Então a primeira alimentação é lá, e eu tinha muito medo, eu ficava muito tensa na hora de dar alimentação. Então assim, eles ficavam no cadeirão, mas cada um no bebê conforto, cada um tinha um horário, então isso facilitava, mas aquela coisa de saber o quanto de comida, “ele comeu?” Então por exemplo “ah, mas ele comeu só um pouquinho, será que ele vai chorar porque ele está com fome?”, qualquer chorinho que tinha depois da alimentação eu achava que era fome, e aí eu ficava enchendo a paciência da nutricionista “pelo amor de deus, faz uma mamadeira”, e ela “não precisa agora, não é isso, é uma adaptação”, e eu não me conformava com isso, entendeu, se ele tomasse 30 ml de suco pra mim era um sofrimento, era um sofrimento mesmo, porque eu achava que não ia dormir. Se ele acordasse eu não ligava todo esse processo à adaptação, eu ligava à alimentação, era muito difícil. E depois, né, que aí a nutricionista entrava e chamava a gente todos os dias de manhã pra mostrar um pouco isso “olha, o bebê, ele vem, ele já tomou um leite em casa, ele já mamou em casa, esse suco não é pra encher a barriga do bebê, é uma hidratação, é só pro bebê hidratar, essa frutinha é inicial, se ele não conseguir a gente vai dar o leite”, então aí a gente foi se acalmado. E conforme a gente foi se acalmado a gente foi vendo que ficava muito mais fácil, porque o bebê mesmo ficava muito mais tranquilo. Porque a gente estava mais tranquila com relação a isso. Porque pra mim todo choro era fome, todo choro era fome “ah, ele não comeu direito, ele só comeu um tantinho”, né, eu falava, principalmente os que estão sob livre demanda, que estão o tempo inteiro no peito, esses pra mim era um sofrimento, né. E aí depois foi acalmado, e hoje pra gente é tranquilo isso, a gente sabe que o choro pode ser de um outro lugar, como é de outro lugar, não é só de fome, não é só de sono, é de saudades também, tem criança que fica muito tempo na creche. Você vê que ele está chorando, está chorando, você leva na enfermaria, fica chorando, fica chorando, a gente vê que é de saudades, e isso foi deixando a gente mais tranquila. Hoje pra gente receber o bebê é mais tranquilo, até de alimentação, até de acalmar o pai é mais tranquilo: “ai, não comeu nada, não

sei o que”, “ah, mas é o processo”. E aí a gente consegue ter um outro discurso, que eu não conseguia. Que eu tinha até esse discurso no começo, mas EU não acreditava nele. Né, eu não acreditava nele, eu falava “ai meu deus, eu estou falando pro pai que está tudo bem ele tomar só 30 ml, mas pra MIM não está tudo bem”. Eu tentava tranquilizar o pai mas o pai percebe que pra MIM, né, pra VOCÊ não está tudo bem. Então eu acho que esse, pra mim, foi o grande desafio.

E: Quais pessoas te ajudaram a se tranquilizar?

Esmeralda: Assim, além da parceira, que era mais tranquila, que era a Celeste, tinha a Maria (nutricionista) e a Ivonete (psicóloga). Eu acho que a Ivonete foi também, assim, muito engajada nisso. O João (coordenador pedagógico) a gente entrava muito em atrito. Mas o João é a função dele, ele cobrava muito essa parte pedagógica, que a gente falava assim “**não tem**”. “ah, mas e a adaptação?”, ele queria mostrar pra gente que a gente fazia um grande trabalho na adaptação, então a gente começou a escrever tudo o que a gente fazia na adaptação, e era um projeto enorme. Mas não era aquela coisa como era no segundo semestre, quando a gente começa a fazer um trabalho PARA OS BEBÊS, tipo assim, de história, um trabalho com tinta, com meleca, com não sei o que. Então quando ele vinha cobrar, a gente ficava muito brava, e ele dizia pra gente “não, vocês estão fazendo o trabalho que eu estou pedindo”. E o momento de grupo nosso é 15 minutos, é 10 minutos, é O TEMPO DELES. Não adianta fazer coisas mirabolantes que não é isso. Eles tem que aprender, eles tem que ter contato, por exemplo, com o livro, com o joguinho, mas assim, naquele tempo deles. Eu acho que o grande desafio... tanto que é o João nem entrava nas nossas reuniões de primeiro semestre, porque ele era bombardeado, coitado, porque a gente fala NÃO, o nosso papel aqui é outro. Né, e aí a gente começou, quando ele pediu pra gente escrever tudo o que a gente fazia na adaptação, a gente foi vendo que era muita coisa, o projeto enorme, que tudo o que ele orientava, tudo o que ele falava, estava dentro desse projeto.

E: No que que vocês discordavam nesse momento?

Esmeralda: A gente discordava dos momentos de grupo, por exemplo. A gente discordava, por exemplo, do bebê “ah, mas agora já dá pra vocês ficarem mais juntinhos, separar do outro”, não dava, a gente discordava de tudo isso. Pra gente cantar uma música, ler uma história, conseguir um dia fazer isso, já estava de bom tamanho. No outro dia, a gente até fazia o momento da rotina de grupo, porque ele pedia mesmo, a gente até fazia o momento da rotina de grupo, mas não era uma coisa assim, por mais que a gente planejasse o nosso planejamento sempre acaba não acontecendo. Porque um não estava bem, o outro não estava, depois era do outro grupo que não estava. Então a gente sempre falava pra ele “a gente faz o planejamento, mas a gente tem que ter uma carta na manga”. Porque o planejamento era muito assim, de não acontecer, tudo bem, é flexível, mas de semana que a gente não conseguia fazer nada, só ficava com o bebê no colo, então a gente não conseguia.

E: O que que ele estava qualificando como pedagógico, que vocês estavam qualificando de outra forma?

Esmeralda: Na verdade, a gente falava a mesma língua, só que um não queria entender o outro, você entendeu? Porque assim, as orientações que ele dava, eu acho que o que facilitou – é que a gente não queria ouvir, né, porque a gente achava que o bebê... – o que facilitou foi quando ele pediu pra gente escrever o projeto de adaptação, que a gente viu que tudo o que ele falava, que todos os momentos que ele falava estavam ali no projeto de adaptação. A organização do espaço, que ele falava, é muito importante, e é mesmo, da criança chegar com a família e o espaço já estar organizado. Tanto é que até hoje, quando os pais chegam já tem todos os espaços organizados, tanto os de fora quanto os de dentro. Então isso que ele ia pontuando,

então por exemplo, vocês trocarem isso, não deixarem o dia todo o material. E a gente falava, tinha dias que não dava, acaba ficando esse livro a manhã inteira, né. E aí ele falava o quanto a diversidade era importante pra isso. E aí a gente ia fazendo, um dia a gente conseguia, outro dia não. Você entendeu? E eu acho que aí depois a gente começou a entender o que o João queria, né, e assim, aí a gente fez uma pesquisa sobre as tintas, né, porque o bebê não podia nenhuma tinta, e aí a gente começou a fazer tinta de beterraba, tinta de cenoura, aquelas tintas naturais, então a gente às vezes pedia, porque quem fazia era a cozinha, e chegava na hora às vezes a gente não conseguia fazer a atividade. Então assim, quando a gente estabeleceu essa coisa, e o João brinca “nossa, eu acho que eu demorei muito pra pedir pra vocês escreverem esse projeto”, que aí que a gente foi entendendo que o que ele queria estava ali, que não era pra mudar nada.

E: Ele escolheu a palavra pedagógico pra qualificar isso, né. você escolheria outra palavra? Que fizesse mais sentido pra você?

Esmeralda: Ah, eu acho que... (pausa) ah, não sei... não pensei (pausa)... não sei... ah, seria mesmo... ah, deixa eu ver, pensando nos bebês? Eu acho que o pedagógico que pegou mesmo, é isso que você fala. Eu acho que atividade, sei lá, uma outra coisa. Né, que a gente fala, eu acho que as experiências mesmo dos bebês, eu acho que não deveria nem ser pedagógico, mas as experiências mesmo dos bebês, do dia a dia deles, né. E aí era muito engraçado, porque ele falava “gente, tudo o que eu falo, tudo o que eu oriento”, e é verdade, ele não estava fora, você está entendendo, a gente fala “João, a gente faz isso, isso e isso”, e ele falava “está vendo?”, “Mas João, a gente faz isso, isso e isso, isso está presente”, “mas era isso que eu dizia”(risos). Né, e aí foi mais fácil. Tanto é que a gente falava “não, não quero você aqui, a gente não quer você aqui no primeiro semestre, o primeiro semestre é só a Ivonete, é só adaptação”. E ele muitas vezes fez a gente voltar e falar o que é essa adaptação. “Então como é, na adaptação vocês não fazem nada?” E a gente “não, não é assim”, “não, o que vocês fazem na adaptação? Só essa tenda que vocês colocaram com essa malha já mudou o espaço, já é uma atividade diferente para os bebês, então a gente foi agora ficou mais tranquila, eu acho que a gente conseguiu entender, né, o que ele queria.

E: Você acha que tem uma questão de comunicação aí?

Esmeralda: é, mas assim, eu achei bem legal também porque ele esperou o tempo, sabe, ele tinha uma paciência. Ele entrava – e a gente ficava muito brava quando ele entrava – e dizia “olha, o que vocês estão fazendo é isso, isso e isso”. E a gente ficava “putz, é verdade, ele está certo”. “Olha, o que vocês estão fazendo, nossa, que legal, olha, um bebê sentado e lendo, né, virando o livro, lendo e o outro ali olhando”. Né? então tudo isso a gente começou a escrever e a gente conseguiu entender o que ele estava querendo.

E: Nossa, que importante ele esperar o tempo de vocês.

Esmeralda: Eu achei isso muito legal, e hoje isso é muito tranquilo, hoje a gente já, né, consegue. Por que, o que aconteceu, a faixa etária diminuiu muito, porque antigamente os bebês não entravam assim tão pequenos, né.

E: Antigamente com que idade que eles entravam?

Esmeralda: Ah, eles entravam assim, eles entravam, os pequenininhos entravam, mas assim, era só o berçário. Eles entravam com seis meses, mas eram dois grupos de seis meses. E depois foi mudando. Né, o G2, ficou menor. O G2, antigamente, o berçário maior era até três anos, agora é até dois anos, então o que eu fazia quando eu estava com o G4, com o berçário de crianças de três anos, eu não consigo fazer com o G4 de hoje de dois anos. E pra gente se

adaptar também a essa mudança, mudar também o planejamento, principalmente as meninas do maior, foi difícil. Que nem o G2, que hoje tem um ano, eles já tinham um ano e meio, dois, porque eles já eram maiores, eles saiam com seis anos por conta de estar com sete na primeira série. Agora não, eles saem com cinco. Pra mudar, não foi só o berçário, pra mudar essa concepção da creche –as crianças saiam alfabetizadas – eu quando estava no pré, a criança saia lendo e escrevendo - escrevendo com letra cursiva! Então hoje o pré não tem mais essa cara, então as professoras que ficaram lá tiveram que se adaptar a tudo isso, e foi uma entrada também do João, muito ruim, porque quando saiu essa lei trocou de pedagogo, e ele chegou. Então imagina, você tem toda aquela concepção de creche, você tem toda essa concepção de alfabetização, porque o berçário maior que eram os bebês até três anos brincavam com guache, e de repente muda tudo isso, ele ter que orientar isso, os grupos entenderem que hoje os grupos são menores, que as crianças são menores, foi difícil, foi um aprendizado. Tanto pra ele, coitado, ele sofreu, como pra nós. Então é...

E: São muitas adaptações...

Esmeralda: São muitas adaptações... (risos).

E: Já deu o nosso horário.

Esmeralda: Eu vou, peço pra Rosa trazer o nosso livro.

E: Muito obrigada pela sua disponibilidade!

PRIMEIRA ENTREVISTA COM CELESTE, OUTUBRO DE 2015

E: Então, Celeste, eu queria que, pra gente começar, que você contasse um pouquinho sobre a sua formação, o que que te levou a procurar trabalhar com bebês, né, como que foi a sua trajetória.

Celeste: Tudo bem. É, como eu te falei, eu sempre gostei de crianças, né, e a minha primeira experiência de trabalho foi num consultório de psicologia, aonde eu recebia as crianças que os psicólogos iam atender, então eu ficava fazendo uma recepção com eles esperando até a hora de eles entrarem para a sessão e depois aguardando até os pais virem retira-los, né. Aí veio o interesse de fazer psicologia, aí me formei em psicologia, aí surgiu a oportunidade de eu prestar o concurso aqui, pras creches. Aí eu prestei o concurso, entrei, e aí comecei a atuar como professora. E a minha primeira experiência foi com os bebês, né, há muitos anos atrás, mas eu não trabalhava aqui na creche B, eu trabalhava em outra. E aí eu logo comecei a trabalhar com os bebês, e fiquei alguns anos trabalhando com bebês mas trabalhei também com outras faixas etárias. E aí dos quatro anos pra cá que eu estou direto no berçário e que é a área, (parece corrigir-se), a área, assim, a idade que eu mais me identifiquei durante toda a minha trajetória.

E: E aí foi depois que você foi procurar fazer pedagogia? (já tinha essa informação dada no momento do preenchimento da ficha do sujeito de pesquisa).

Celeste: Isso, eu já estava atuando aqui na creche, aí eu fui fazer pedagogia, eu já tinha experiência, toda a prática eu já tinha, aí eu fui buscar a teoria e fui estudar pedagogia. E aí, fiz a pedagogia, conclui, só pra complementar mais a formação, né, porque a prática eu tinha, já tinha psicologia que dava os conhecimentos, né, mas eu precisava da pedagogia também, né, pra... então foi por isso, né, que...

E: e você falou que os bebês é a faixa etária que você mais se identificava, né?

Celeste: Sim.

E: E o que que te atraía, você saberia contar um pouquinho sobre isso?

Celeste: é como eu te disse, eu já trabalhei com todas as faixas etárias, eu acho que cada uma tem a sua, a sua particularidade, né. Todas são boas de trabalhar, ele te dá um... ele não te dá um retorno imediato, que as crianças maiores te dão, que você faz um projeto e as crianças automaticamente respondem. Mas o bebê é uma relação muito sutil, é uma relação muito íntima que você tem com aquele bebê, e com a família também, porque, é, com a experiência que a gente vai adquirindo, a gente vai vendo que quanto mais íntima for essa relação com a família, melhor é a relação que a gente tem com a criança também. Porque na verdade você tem que ter uma troca, que a gente não está ali pra dizer que a gente sabe mais ou sabe menos que a família, né. E (pausa) e essa relação íntima com o bebê foi, não explicar o que é, mas assim, dá conforto, né, de você vê aquele bebezinho, de você ajudar, você vê o desenvolvimento deles, porque eles chegam muito pequenos pra gente, com 4 ou 5 meses, né. E aí você vai vendo todo o crescimento deles. Depois eles não lembram de você mais, né (risos). Mas é muito gostoso ver esse crescimento deles, assim, eu acho que é muito, eu acho que é um ano, mas é um ano que tem muitas mudanças, né, e você consegue visualizar todas essas mudanças neles, né. Um senta, depois começa a sentar, começa a engatinhar, começa a andar, então... eu acho que você tem esse 'boom' todinho nesse um ano de vida deles, né, então... é por isso que eu gosto, né, de ver todo esse desenvolvimento.

E: É um privilégio, né?

Celeste: É (risos)... eu acho...

E: E nesse comecinho, né, antes de mostrar esses sinais de desenvolvimento que você disse, logo no começo quando vocês recebem o bebê, como que é pra você?

Celeste: é sempre uma expectativa, porque você não sabe quem é esse bebê, você não sabe quem é essa família, né. Uma experiência que nós já tivemos na creche é de você participar desse primeiro contato com a família, antes de você receber esse bebê. Hoje em dia não acontece mais isso, mas eu achava interessante, porque você sabia, é, assim... você tinha oportunidade de fazer algumas perguntas pras famílias que já te davam alguma segurança pra receber esse bebê... então, é, perguntava se, tem algum... objeto de apego, se usa chupeta, como gosta de dormir... então isso são alguns dados que foram ajudando a gente na hora de receber a criança, né, que você vai aprendendo, claro que você respeita muito o que a família te traz, porque eu acho que é a partir daí que você tem que seguir, mas ao mesmo tempo você vai dando o seu contorno pra essa recepção, e aí ela tem que ser muito delicada. Então você tem que escutar muito a família, você tem que respeitar esses tempos do bebê, porque é muito importante, senão você acaba fazendo alguma coisa que vai truncar, que vai ficar ruim, tanto a sua relação com o bebê, quanto a relação com a família.

E: Esse contorno que você disse que você vai dando pro seu lugar é uma coisa que você vai construindo aos poucos junto com a família?

Celeste: Sim, sim, sem dúvida, e você, é uma família nova. Embora a gente tenha experiência, cada família que você recebe funciona de um jeito, ela tem as suas particularidades, ela tem as suas manias, ela tem o seu jeitinho, e a gente tem que ir com muita delicadeza, né, porque senão a família vai te ver como uma pessoa que quer ensinar, como uma pessoa que quer concorrer com ela, né, e não é esse o nosso papel, né, o nosso papel é outro. Eu acho que isso é muito delicado, né, pra dar esse contorno, tem que chegar bem de leve, ouvir mais do que falar, né, por isso que a gente faz essa adaptação na creche onde a família pode entrar, onde a família pode participar, onde ela pode te conhecer um pouquinho, eu acho que isso é muito importante, né, eu acho que isso dá uma segurança pra família, né.

E: E assim, você tem muitos anos já de trabalhar com bebês, né? E esse aprendizado, né, como que foi pra você, como que você foi aos poucos conseguindo fazer com que esse processo de dar contorno pra esse lugar, de receber as famílias, de escuta... você acha que agora você faz isso diferente do que no começo?

Celeste: ah, sim, com certeza... não desmerecendo, né, a idade, porque eu acho que cada idade, mesmo a do educador, ela tem um tempo. Quando você é mais novo, você tem mais pressa que as coisas aconteçam, né, e conforme você vai amadurecendo, você vai percebendo que tudo tem o seu tempo, né. E quando você vai privilegiando esse tempo mais lento, esse tempo mais devagar, esse ouvir, eu acho que vai te dando uma segurança maior pra você fazer o trabalho. E claro que a maternidade foi também me dando esse sinais, né, porque você ser mãe e você não ser mãe, existe uma diferença, né, você dá até um conforto pra família quando você fala assim, né: "ah, não, é assim mesmo, chora muito, a minha filha também chorava muito, é assim mesmo, a gente tem que ter paciência, né". Eu acho que vai te dando esse aprendizado pra fazer as coisas, não precisa de pressa, eu acho que é a tranquilidade. Quanto mais tranquilidade você tiver, eu acho que melhor você consegue fazer as coisas, né.

E: Aham... e você poderia contar um pouquinho de que forma que a maternidade ajudou, talvez, nesse processo de aprender a construir esses contornos, ou em outras coisas da profissão?

Celeste: Hum... eu acho que, é... você poder trocar essa experiência com uma mãe, ou você entender o que ela passa, é só você passando. Não adianta você falar de uma coisa que você nunca viveu, né. Então você sabe que é assim mesmo, que a criança fica grudada no peito, que a mãe muitas vezes passa a noite sem dormir, então eu acho que muitas vezes você tem mais tranquilidade pra falar, “olha, é assim mesmo, daqui a pouco vai passar, você vai ver”. Muitas mães vem se queixando “Ah, eu não dormi a noite inteira”, “Ah, é assim mesmo”. (risos). “Mas vai melhorar, você vai ver”. Porque eu acho que ... é... essa experiência vai te dando um... ai, como que eu posso explicar.... (pausa)... uma parceria. Porque você também viveu, e você sabe que as coisas tem um tempinho pra acontecer, né, sei lá, de você trocar com a família, né. De você até entender mesmo, né, mesmo quando a criança está chorando, agora colocando a família de lado, aí você acalanta, você pega no colo, você dá uma volta, você vai usando essa experiência que você já teve, de maternidade com o seu próprio filho, também como um aliado para que você consiga essa cumplicidade com a criança, né. Claro que cada um vai fazer do seu jeito, não estou dizendo que o meu jeito é o melhor, claro que não, mas acho que me deu mais segurança pra fazer isso, né. Pra.. com jeitinho, e com calma... então... não sei se é isso... (risos)

E: Ah, pra mim faz muito sentido. E você falou assim, né, pelo menos eu entendi assim, que quanto melhor for a parceria sua com a família, mais fácil é o trabalho com bebê. Você poderia contar um pouquinho mais como que essas coisas se ajudam, né, colaboram uma com a outra?

Celeste: Eu acho que a família vem cheia de expectativas, né, ela deposita na gente, ao mesmo tempo que ela quer que o bebê esteja na creche, ela tem esse receio “ah, será que o bebê vai gostar mais dela do que de mim”, porque eles tem essa fantasia. E eu procuro sempre mostrar que o nosso papel não é esse, o nosso papel é totalmente diferentes, né, eu não estou ali pra concorrer. Porque eles vem cheios de medos, também, “ah, será que a criança fica chorando o dia inteiro”. Porque muitas vezes na adaptação a gente vai fazendo com que eles vão saindo aos poucos, né, e muitas vezes nas despedidas, às vezes, ao longo do ano, eles vão chorar quando a família sai. E aí a gente costuma falar pra família, “olha, não é assim, depois ele fica bem, se você quiser olhar de longe, vê”... porque fica com essa fantasia de que chorou o dia inteiro, né. Aí eu procuro conversar muito com eles, de perguntar, olha como que ficou, o que que você imaginou, o que que você pensa, como você acha que é melhor que eu faça, mesmo que depois a gente vá dando o nosso contorno, mas acho que naquele momento a gente precisa ouvir a família, porque a família precisa ficar tranquila pra deixar a criança lá. Porque senão a família sobre, a criança sofre, eu sofro. Porque a gente já teve casos assim de todo mundo sofrer, sabe. Aí a família estava ansiosa demais, a criança chorava demais, e às vezes chega num ponto que a família não aguenta, e aí tira a criança, porque é tanta coisa, e... E o jeito, porque o jeito de alimentar aqui é um, porque a gente segue uma norma, né, porque é diferente de casa, que se a criança não comeu vai dar uma outra, né. Aqui a gente não pode fazer isso, mas a gente vai tentando tranquilizar essa família, né, eu acho que o diálogo com a família é fundamental. Então...

E: Quando a gente conversa sobre isso te vem algum episódio em mente? De, Você falou desse que foi mais complicado, né? E o que que você costuma falar, só pra dar um exemplo, pra tranquilizar e acolher essa mãe e esse pai?

Celeste: Porque no caso, essa criança que não ficou, já tem uns 3 ou 4 anos... (pausa)... porque assim, o problema dele, que ela se queixou, é que ele não comia. Mas com a gente, é como eu te falei, a gente vai sempre aos pouquinhos. A criança chegou, ela tem um ritmo em casa, ela tem todo um jeito de comer que é da família, é particular da família. Ele chegou já um pouquinho grandinho, ele devia ter um ano, uns 9 meses, 10 meses. Não, ele devia ter um ano e pouquinho, porque eu era do grupo 2, não era do grupo 1, ainda, dos pequenininhos mesmo. E

assim, ela se queixava que ele não comia, que ele não aceitava as coisas. Aí, ela chegava sempre em cima do horário, e a gente sempre dizia pra ela “olha, seria bom se você chegasse um pouquinho antes, porque aí ele vai ter a oportunidade de brincar antes de receber esse lanche”. Mas ela não conseguia ouvir isso e ela chegava sempre depois e ele não queria comer, aí ela trazia mamadeira de casa, aí não podia ficar mamadeira de casa, você entende? E mesmo na hora do almoço “ah, ele não come nada, ele anda pela casa comendo”, só que aqui a gente tem o nosso jeito de fazer, senta no cadeirão... claro que no primeiro dia muitas vezes não vai sentar no cadeirão, muitas vezes vai sentar no colo, a gente vai andar com ele. Já chegou momentos que a gente dava comida lá fora, porque era onde a criança ficava melhor. Mas aos poucos a gente vai ajustando até que a gente consiga fazer do jeito que a gente costuma fazer, mas isso é muito devagarinho. E aí a gente vai contando pra essa família: “não, olha, a gente, hoje ele conseguiu comer, é, 3 colheres”, e a mãe se desesperava. Até que ele já (pausa) estav(pausa) ficand(pausa) bem, já estava comendo, tudo, aí ela resolveu tira-lo. Não sei se ela não aguentou que ele ficasse bem, não sei te explicar. Mas ele ficava bem. Mas ela tinha aquela fantasia de que ele só chorava, que tudo era complicado, e não... aí, é difícil, e a gente fica chateada “nossa, agora que ele estava ficando tão bem, né, ela tirou...”... mas é a opção da família, né. Mas o que eu tenho pra mim é que eu fiz o meu melhor, eu fiz o que eu acreditava, né. Mas fica complicado muitas vezes, né.

E: E você falou que, é, às vezes a mãe já vem com a fantasia de que teria uma rivalização, uma competição assim, que você sente, né? Algo assim. E você saberia dizer, porque aí você falou assim que na verdade o seu lugar não é esse, o seu lugar é outro. Você saberia dizer o que é parecido e o que é diferente com relação a esse lugar da mãe, pra você, na sua experiência?

Celeste: Eu acho que talvez essa relação, dessa relação de intimidade. Desse carinho que a gente deposita na criança, e que a criança também deposita na gente, né. E tem algumas crianças que a gente tem uma coisa afinada, não sei explicar porquê, mas tem crianças que é muito mais. Tem famílias que é muito, é, confortáveis com isso, porque sabem que o seu bebê está bem, com aquela pessoa vai ficar bem, então procuram deixar com aquela pessoa, não vai deixar nem com aquela parceira. A gente tem isso, então a Esmeralda, nessa parceria, eu acho que nós somos felizes nessa parceria porque a gente não tem ciúmes uma da outra. Tem criança que vai ficar melhor com ela e está tudo certo pra mim, e tem crianças que vai ficar comigo e também está tudo certo pra ela. Já teve parcerias que as próprias parceiras sentiam ciúmes uma da outra, porque a criança gostava mais dela do que de mim. E a gente se colocar nesse papel de que você é ali, você está ali de passagem, você é uma pessoa que vai contribuir ali naquela formação. Depois, vai passar, eu não sei te dizer porquê pra mim é tão tranquilo isso. Talvez se você tivesse feito essa entrevista comigo há anos atrás não seria, mas hoje é muito tranquilo isso. E eu como mãe eu ficava super feliz que a minha filha era super apegada à professora. Eu me sentia super confortável, que eu sabia que ela ia ficar bem. Né, eu acho que algumas mães veem isso, e outras talvez sintam ciúmes disso. E eu acho que talvez essa relação íntima com a criança faz com que, sei lá... talvez seja fantasia minha essa rivalidade, talvez nem exista, talvez... a gente sinta em alguns momentos mas talvez não seja assim, ou de algumas famílias sim, e de outras também não, né...

E: (Senti que me interrogava) Eu não saberia te dizer...!

Celeste: É, eu também não sei, então, porque muitas vezes a gente acha, não é que a gente acha que a gente vai fazer melhor, não é isso, a gente faz diferente, mas ah, a mochila vem toda bagunçada, aí você fala "ah, poxa vida", mas você não sabe o que aconteceu lá trás, de repente você não sabe se estava tudo transtornado, sei lá, quebrou o carro, e não deu tempo de arrumar a mochila. Ou talvez pra aquela mãe seja tranquilo a mochila estar daquele jeito. E eu acho que

a gente tem que amadurecer e respeitar isso. Eu faria diferente, como outras mães fariam diferente pra mochila estar impecável. Mas é o jeito dela, e está tudo certo pra mim. Eu falo, "não, gente, está tudo bem". Desde que tenham as coisas suficientes, desde que dê pra dar conta da criança naquele dia na creche, está tudo tranquilo. Claro, que a gente já teve episódios da roupa vir molhada, da roupa vir embolorada, sabe, de um jeito que não dava pra vestir. E aí você tem que falar com a família, e nesses momentos a família acha que a gente está dizendo pra ela que ela não sabe cuidar, entende. E depois, isso é muito delicado, porque muitas vezes as próprias professoras não tem essa sutileza, porque tem que ter o jeito de falar. Tudo bem que a gente vai falar "olha, essa roupa veio assim, assim", mas tem que escolher as palavras pra falar. Porque a gente já teve problemas com isso, porque a roupa veio embolorada, e aí a mãe ficou chateada, então... a pessoa não soube falar, então eu acho que só o amadurecimento pra enxergar esse ponto de perceber essas sutilezas. Porque eu sempre me coloco no lugar do outro, porque se fosse comigo eu também ia ficar chateada. Né, e às vezes você não gosta de escutar algumas coisas, às vezes você não está preparada, às vezes você nem percebeu que você fez aquilo, né. E a pessoa vem e te fala, e você fica chateada, né.

E: Vou fazer uma pergunta que você já respondeu de outras formas, né, mas talvez você queira acrescentar alguma coisa. Você falou que quando você era mãe, por um lado, quando você deixava seu bebê com a educadora, ver que ele era apegado com ela era uma coisa que te tranquilizava. Mas por outro você sente que algumas mães tem essa fantasia de competição. O que que mais faz diferença na sua postura pra não deixar isso acontecer?

Celeste: (pausa). Eu acho que o diálogo mesmo, né. De você, e mesmo nas suas ações, de você evitar falar algumas coisas, "ah, ele só fica comigo, ah, ele só gosta de mim", sabe, eu acho que você ir diluindo isso nessa relação, mesmo que a criança seja super apegada a você, mas ao mesmo tempo você, diluir mesmo, nas brincadeiras, se chega uma criança, talvez agir de um jeito natural, você dá a mesma...(pausa)... a mesma... (pausa)... como eu posso dizer (pausa)... a mesma atenção, não é atenção que eu queria dizer, mas pra todas essas crianças. Mas como eu te disse, mas tem aquela criança que te eleger, como tem na vida da gente, acho que na vida é normal a gente gostar mais de uma amiga, gostar mais de um parente, e acho que está tudo bem. Mas acho que na função de professor você tem que fazer com que isso se dilua o máximo, embora lá no fundo você saiba "ai, adoro essa criança, gente, ela chegou, adoro". (risos). Porque é assim a vida, né. Mas você não vai, porque aquele outro você não gosta tanto, não é nem questão de gostar, mas é questão da uma afinidade mesmo: você faz tudo pelo outro, mas essa criança te desperta um sentimento que... né... às vezes não é uma, às vezes são duas, três... então, tem algumas que leva pra vida, né. Que você lembra, e que a criança te reconhece nos lugares, e você fala ai, que delícia, desde bebê e a gente... e acho que também às vezes depende da própria mãe, né, que a mãe era às vezes a mãe, também cultivava essa amizade com você, e aí vai levando ao longo dos anos na creche. Tem casos assim, né, às vezes a mãe te reconhece, depois quando saiu encontra no lugar mais inusitado, a pessoa vem, te abraça, sabe, é uma coisa gostosa de você sentir, você fala: "nossa, ela lembra de mim, ai, que bacana, né". Adorava aquela criança. Não sei te dizer o porque que acontece. Talvez porque você se permite também, talvez tenham pessoas que não se permitam tanto, né.

E: O que você se permite sentir com relação às crianças?

Celeste: Acho que esse carinho mesmo, que eu não confundo com a maternidade, o que eu sinto com as minhas filhas não tem nada a ver com o que eu sinto pelas crianças. Eu acho que o tempo que elas ficam na creche eu tenho que tornar esse tempo um tempo gostoso. Eu não estou ali pra... meu papel não é ali corrigir, a gente vai falar se uma coisa não dá, mas você não vai entrar num embate com a criança de "ai...". Sabe, como se você fosse ter que corrigir o

máximo ali. Porque, embora a gente tenha essa função de educar, mas não é a educação da casa. Né, que a gente sempre brinca, né, que a educação vem de casa... não sei se você está entendendo o que eu estou querendo dizer... (risos)

E: Que tem umas coisas parecidas e outras nem tanto.

Celeste: isso. (risos). Tem coisas que é o nosso papel e tem outras que é o papel da família, né. Que nem por isso você vai deixar de fazer, mas que você faz de um outro jeito, a sua função é outra, o seu papel é outro.

E: E aí você falou assim, que tem algumas crianças que despertam coisas especiais, né, eu entendi. Te lembra uma criança em especial essa conversa?

Celeste: Ah, lembra várias, né. Várias crianças.

E: você poderia contar como que foi com alguma delas?

Celeste: Tem algumas que nem estão mais na creche, foram para a... pro Ceará, que a família dele se mudou. O nome dele era Pedro Miguel, e quando ele chegou, ele... ele era pequenininho... tinha o que... ele era do grupo 1, porque era pequenininho... não, era do grupo 2, grupo 2... mas, é aquela coisa que a criança te elege, como eu te disse, aquela criança te elege, e ele era uma criança sapeca, sapeca de muitas vezes bater, ele mordida muito, e eu chamava a atenção dele, tudo. Mas ao mesmo tempo, é... tinha alguém, como tem outras pessoas, que reage de um jeito diferente, mesmo outras professoras que às vezes brigavam com ele. Eu brigava com ele, mas eu acho que você tem que ter um cuidado com esse brigar. Não adianta você berrar com a criança. Muitas vezes eu falava, não, deixa que ele fica comigo, e elas ficavam assim. Pra evitar que ele mordesse eu deixava do meu lado. E eu acompanhei essa criança durante dois anos. Essa criança também, a mãe procurava toda vez pra entregar, então ficava esperando se eu estava no lanche, e ela tinha uma amizade comigo e com a esmeralda, só que aí a esmeralda ficou no berçário e eu fui pro berçário maior, e aí eu acompanhei esse grupo. E aí a outra educadora que faltava muito, e as famílias me procuravam. Ao mesmo tempo que você acha MUITO BOM, essa coisa de acompanhar grupo, fica muito sufocante, a família só me procurava. Não só essa, as desse grupo em especial, porque acho que você ficou/ fica dois anos, como eu te falei, tem criança que ao longo da vida você vai lembrar, mas quando você acompanha um ano, dois anos, às vezes três anos seguido o mesmo grupo, as vezes a relação fica muito/ que nem a família deixa que o outro entre nessa relação. E nesse ano, foi 2012, eu sentia muito isso. Eu gostava de ficar com eles, não é só o Pedro e o Miguel, tinha o Vicente, tinham outras crianças que me solicitavam muito, e que tinha essa relação muito forte, né. Então... vira e meche eles vem na minha cabeça, o Miguel foi embora, infelizmente, né, mas... e fica um carinho grande né, por ele, que já foi embora.

E: E como é pra você poder se afeiçoar pelas crianças que você educa e cuida?

Celeste: (pausa). Pra mim eu acho tranquilo. Né, porque muitas vezes chega em casa e comenta, meus filhos tem ciúmes.

E: Tem?

Celeste: Tem. Ela ah, já está você de novo falando dessa criança. Aí eu começo a mostrar fotos dela, e aí ela "nossa, que legal". E aí conforme vai passando o tempo, né, que agora a minha está com 12 anos, né, quando ela era menor ela falava assim "ah, não gosto de ver essa criança que você só fala dele. Você gosta mais dele do que de mim?" e eu falava "não, você é minha filha. O meu gostar de você é incondicional, é pra vida inteira. Ele não, é esse ano, que a gente

está junto", né, então, vai diferenciando isso, né. Como eu te falei, é uma passagem, e eu acho que cada criança que passa ele te ensina alguma coisa, porque você precisa se adaptar aquele jeito. Tem criança que é difícil, né, tem criança que tem um gênio difícil. Porque quer, porque quer, e você mais uma vez vai dando o seu contorno ali e aos poucos a criança também vai aprendendo com você, e ela sabe até onde ela pode ir com você, até onde ela pode ir com o outro, né, então ela vai te testando e ela fala "ah, ela é mais boazinha então e consigo as coisas com ela, né". Então a gente vai percebendo isso nos bebês, né... Pra mim é tranquilo, embora, como eu falei, tem as crianças que são mais geniosas, e dá aquele calor às vezes, né. Você fala "Ai meu deus!!!" ai você fala "fica um pouco com ele" (risos). Porque às vezes você tem que passar. E eu e a Esmeralda a gente tem essa parceria, né. Muitas vezes ela fala "não, agora você fica com ele, porque deu, já não dá mais". E eu acho que aí que está o bacana de você ter uma parceira. Porque, somos humanos, tem hora que a gente cansa mesmo, né. Aquele choro intenso, aquela criança que só bate, que você já falou duas, três vezes, "agora você vai lá e pega, né. Agora você vai lá e fala, né". Porque te dá um, um conforto, ali, te dá um equilíbrio ali, pra você. E muitas vezes até com a família, né. Ai, lá vem de novo aquela família, né, ela vai falar a mesma coisa, agora vai você Celeste. Vai você Esmeralda. Eu acho que isso é o bom da parceria e de você, né, porque senão fica muito numa pessoa só. E eu acho que nada que é demais é bom, eu sempre brinco que na vida a gente tem que procurar equilíbrio, nem tanto pra lá, nem tanto pra cá. É difícil, né, às vezes em algumas relações é um pouco difícil, né.

E: E desses afetos, o que você pode falar com a sua parceira de trabalho? Das afeições, ou de quando você está cansada, quando você já não quer ficar perto daquela criança? O que você pode falar com a sua parceira, e com a coordenação, com a direção, com outros espaços da escola, dá pra falar?

Celeste: Às vezes dá. Como eu te falei, tem que pensar as palavras que você vai falar. Como eu te falei, com a parceira você já tem uma intimidade, né. Aí você fala assim, "ai meu deus, de novo, vai lá". Né, e na reunião você vai falar assim "olha, às vezes é difícil você lidar com essa criança", você tem que ter um jeito mais formal de falar a mesma coisa, de um jeito diferente. (risos). Mas a gente tem abertura pra falar sim, tanto é que quando a gente detecta uma diferença na criança a gente também tem essa abertura pra falar, né. Muitas vezes a/ a coordenação não vai ouvir, né. Mas a gente fala. E a gente insiste muitas vezes, né. Pra que também a gente não desgaste essa relação com a criança, eu acho que ela tem que ser cuidada em algum lugar, quando você não dá conta, e a sua parceira não dá conta, nem as outras parceiras, a gente tem que ter um lugar que nos ajude nessas relações, né. Acho que aí o papel da coordenação, da psicóloga nesse sentido é mais efetivo, né. Eu acho que tem que ter o espaço para falar.

E: E com as famílias, o que que dessa vivência afetiva você consegue compartilhar com elas? Que talvez tenham coisas que você não queria compartilhar, né? Mas o que você consegue compartilhar com as famílias?

Celeste: Eu acho que todos os avanços das crianças, muitas vezes as gracinhas que as crianças fazem, eu acho que é muito gostoso de compartilhar com a família, do mesmo jeito que a família vem te contar coisas da intimidade do lar deles, que eles não teriam nem obrigação, né, de contar, e elas contam, né. E muitas vezes a gente também vai contando as coisinhas, a nossa intimidade da creche, né. Eu só não gosto muito de ficar contando, por exemplo, uma criança que bate muito, que briga, porque a gente tinha/... eu digo tinha, porque muitas coisas foram mudando ao longo dessa trajetória na creche. Por exemplo, o Pedro Miguel que era uma criança que mordida, a gente não contava pra família que ele mordida. Mas chegou um ponto de que nem todo mundo tinha discernimento. Porque acho que você expõe a criança de um jeito e a família

não está lá para resolver, quem está lá somos nós. E a gente tenta conversar e achar jeitos para que ele se manifeste de outro jeito. Se ele está se manifestando mordendo é porque ele não está conseguindo se manifestar de outro jeito. E acho que a família não precisa saber disso, porque ela não está lá pra resolver, quem está lá sou eu, quem está lá é a minha parceira. Então às vezes você aflige a família de uma coisa que ela não está lá, né. Talvez, como foi o caso do Pietro, que foi tão exagerado, que... todo dia a mãe chegava e falava assim: "ele mordeu hoje?". Eu falava, eu sempre falava pra ela "fica tranquila, que o que acontece aqui a gente resolve". Porque senão ela vai trabalhar pensando que o filho dela está mordendo 10, tá mordendo 20 (risos) e ela não vai resolver. E a gente falava "pode deixar que a gente está resolvendo". Sabe, mas nem todo mundo consegue ter isso "ah, ele mordeu de novo", aí conforme eles vão crescendo eles já começam a falar, e aí fala "quem mordeu?", foi o Miguel... era assim. Então, eu acho que tem coisas que a gente tem que resolver. Não estou dizendo que a gente tem que falar só o que é bacana da criança, mas a gente tem que saber falar pra família, porque ao invés de a gente ajudar a gente acaba prejudicando, né. De repente a família acha que bater na criança vai resolver. Né, às vezes acontece da família achar que bater na criança vai resolver, né. Então eu acho que, acho que dá pra gente tentar escolher aquilo que vai falar, né. Falar do que é bom é melhor do que falar do que é ruim, né, o que vai falar, né. Muitas vezes a gente passa pra coordenação, dependendo do que for, pra que ela converse com a família, né. Muitas vezes eu acho que a gente não faz bem isso. Porque, como eu disse, a gente sempre brinca no módulo "a gente que conhece a criança, porque a gente está lá todo dia com ele".

E: conhece mais do que quem?

Celeste: Do que a coordenação, porque a coordenação passa lá e vê, então ela não sabe muitas vezes que ela vai dar um chique lá, mas que daqui a pouco vai ser contornado, que muitas vezes ela quer ficar lá naquele canto sapateando mas daqui a pouco ela vai parar. E aí já quer falar pra família, você entende, e aí uma coisa que é pequenininha já vai crescendo, crescendo, sem necessidade, né. Então às vezes a gente tem que tomar cuidado com o que a gente vai pedir pra falar. (risos).

E: Entendi.

Celeste: Então... não sei se eu respondi, né...

E: sim, sim. E você poderia falar um pouquinho mais sobre que diferenças você vai percebendo desde o momento que o bebê chega, até quando ele vai ficando mais independente, aos pouquinhos, e o que você vai sentindo nesse processo? Como é que é pra você?

Celeste: é que quando ele chegam, né, digamos que todos chegam com 5 ou 6 meses. Eles são muito pequeninhos ainda, né. E muitas vezes a gente não percebe se tem alguma diferença ou não. Por exemplo, vou te falar de uma criança que, ele tinha uns traç/... a gente não sabia o que ele tinha. (risos, fala algo que não compreendo). Mas a gente sabia que ele tinha alguma coisa, e a gente chamava a atenção da coordenação e falava "não, mas tem alguma coisa diferente". Porque ele ficava muitas vezes num movimento repetitivo assim, pegava uma rodinha e ficava assim (simula movimentos repetitivos), e a gente falava assim, "não"... porque a gente observa os outros, né. E, a família estava muito calada nesse sentido, ele chegou já grandinho, mas ele não comia sozinho, sabe, muitas coisas que ele/... a família fazia muito, como se ele fosse um bebê bem pequeno. Né, então a gente vai percebendo essas diferenças. Mas por exemplo, chegou lá um bebezinho com 5 meses, é, a gente não conhece. Conhece a família, a família conta lá, ele dorme assim, ele dorme assado, mas aí você vai conhecendo aos pouquinhos, né. Aí fica, "ah, ela falou que ele dorme no colo, ele dorme no berço mas não..." e vai, e aí a gente vai conhecendo o jeitinho, a gente vai se afeiçoando e a criança também vai mostrando, né, e

conforme a gente vai a gente vê essas diferenças, né, que você perguntou, que tem criança que é mais quietinha, tem criança que é mais, chora mais, tem criança que só consegue as coisas no choro, que é o jeito que ela aprendeu a funcionar, e a gente tem que ver/... aprender a ler isso. Tem criança que tem sono demais, tem criança que dorme menos, e isso a gente vai percebendo essas diferenças. Num grupo de 10, tem crianças que dorme 40 minutos, tem criança que dorme 3 horas. Então a gente vai aprendendo também com eles... seu lá, qual o jeitinho de cada um, né. Acho que, no caso, a gente tem mais, como é... mais sorte, a gente tem vários ali, e eles só duas pra escolher (risos). Eles só tem duas, e as duas da tarde, né, mas de manhã eles só tem duas, né. Muitas vezes, é, eles gostam, (parece corrigir-se) gostam, lógico que nós não somos insubstituíveis, nunca tive essa ilusão, mas por exemplo, no meio do período a gente vai embora, às vezes a gente falava "ah, mas vai ter que sair escondido? Ai, mas se a gente de tchau, chora todo mundo". (risos) Já teve época, anos da gente sair escondida, porque senão as crianças ficavam chorando. E não era maldade. E aí, pô, a gente fala pra mãe que ela tem que se despedir da criança pra ela saber que ela está indo embora mas ela volta, e eu saio escondida? É, fica incoerente. Mas era isso, a gente dava tchau e todo mundo chorava, e as meninas ((da tarde)) ficavam "poxa vida, né... agora vocês vão embora e fica todo mundo chorando, né" (risos). Não sei, acho que é muito sutil esses sentimentos que a gente vai, que a gente vai tendo, né, ao mesmo tempo que, que tem que ter o profissionalismo, que a gente sabe que a gente está ali pra trabalhar. Mas quando eles são bebês, o trabalho é outro. Não que a gente não vá... é... porque eu acho que, eu brinco que no berçário a gente não ensina, a gente apresenta algumas coisas, né. Porque a gente vai apresentar o gramado, né, chegou com 5 meses e a gente vai apresentar o gramado. Então, vai apresentar o gramado, vai apresentar uma melequinha com farinha, porque eles são muito pequeninhos então eles não podem, né, uma brincadeira com água, então é tudo apresentar, e é tudo bem pouquinho, porque o tempo deles também é pequeninho. Então, pra você... então você vai apresentando aos poucos, né, tudo devagarinho... pra chegar no final do ano eles já estarem inteirados, já, brincando, de corpo e alma na areia, não há tinta, guache, nada, então eu acho que tudo isso tem que ser olhado, né, que tem criança que nasce com alergia, e a gente nunca, é, se propõe a uma atividade, a gente nunca obriga que todo mundo participe, a gente vai aos pouquinhos. Tinha até o caso de uma criança... que ele... ele não gostava de pegar nada na mão. Né, então a primeira vez que ele conseguiu colocar alguma coisa na mão, espremer, sentir, pra gente foi "nossa! Ele conseguiu! Ai, ele está gostando daquilo!", né, você vai tentando, talvez a primeira vez não seja, mas... eu acho que é muito sutil, é muito.. eu acho que você tem que ir muito delicado, muito...

E: Aham... e que importância você acha que tem a afeição que você sente pelo bebê no trabalho como professora, e mesmo pro próprio bebê?

Celeste: (pausa)... ah, eu acho que pro bebê é dar essa segurança pra ele experimentar esse mundo que está por vir aí, né. É, porque, a gente vai apresentando aos pouquinhos, então eu acho que você dá uma segurança, você dá um conforto pra que ele sinta essas coisas de um jeito tranquilo, de um jeito confortável, sem forçar, nem nada. Eu acho que pra minha experiência (pausa)... é sempre ver que um ano é diferente do outro, e que eu posso sempre fazer melhor. Porque com essa criança funcionou, mas com a outra criança não vai funcionar. Eu acho que sempre aprimorando essa experiência, embora, muitos professores acham que quem trabalha no berçário não é professor. Né. (risos). Porque tem essa coisa, né, de achar que você só é professor quem está ensinando, né, que vai estar com um lápis, né, que vai estar fazendo um projeto. Não que a gente não faça, mas as coisas são muito mais, mais físicas ali, eu acho que com o bebê é tudo mais físico ali, né. Fora o emocional, mas o emocional ali não vai aparecer num... num... num projeto, né, vai aparecer ali na nossa relação. No nosso... numa foto, vai

aparecer num... "que bonitinha, estava tão bem aqui"... mas pra alguns professores isso não é... né, tem gente que não trabalha com bebês, né, de jeito nenhum...

E: E pra você, É?...

Celeste: sim, com certeza é. Acho que até mais do que com os outros. Porque, eu tenho que estar... o tempo todo ligada no que a criança está sentindo, se ela está confortável, se ele, sei lá, se ele está bem, se ele quer, se ele não quer, porque a criança maior, ela te fala. E o bebê não. Então eu tenho que ficar lendo na entrelinhas, né, o choro, o resmungo dele, o incomodo, então "ah, mas será que ele sentou ali, será que ele está bem acomodado?". Porque ele não/ ele vai chorar, vai gritar, vai espernear, eu acho que até mais, né, você tem que estar atenta o tempo inteiro.

E: e o afeto talvez seja uma coisa importante nisso?

Celeste: Eu acho que ele é imprescindível nisso, né. Porque se você não está aberta pra esse afeto, eu acho que nem você consegue trabalhar ali. Porque aí você vai valorizar, (corriga-se), valorizar não, não é essa a palavra... é... (pausa) acho que você vai dar mais importância praquele choro, sabe, vai deixar tudo maior do que realmente é. "Ai, mas ele não para de chorar", mas ele não para de chorar porque tem um motivo, né. Hoje mesmo, numa situação "ai meu deus, essa criança só chora", e eu, "gente, ela está doente, ela não está bem, a mãe falou", e eu acho que a gente tem, tem que respeitar isso. Claro que tem crianças que só funciona no grito (risos). Mas você tem que aprender também com isso, vai conversando, "ah, você não está bem, né, vem aqui, vem no colo", porque tem pessoas que não gostam muito disso, e falam assim "ai, mas você também, ai, você é muito mole, né". Mas não é questão de moleza, né? Já está aqui, está longe da família, conhecendo um espaço novo, não tem por que, né? Você ser dura com um bebê? Eu acho que você pode falar, eu acho que não, agora você vai esperar um pouquinho. Dali a pouco eu venho e faço. Agora não, agora eu vou pegar o fulano, né. Espera um pouquinho. E acho que, eu acho que é isso, né... não sei? (faz expressão de quem me questiona se está respondendo bem, se está indo por um bom caminho).

E: E... pra mim está fazendo muito sentido o que você está falando. E... e como que você acha que o bebezinho que acabou de chegar no berçário gostaria de ser cuidado?

Celeste: (pausa)... como ele gostaria de ser cuidado... (pausa)... ah, eu acho que, tendo suas necessidades saciadas ali, mas não só isso, porque trocar fralda e dar uma comida acho que você depois, você, educadora, professora, você deposita naquela criança um sentimento ali, né. Claro que ele chegou, não come nada, não é com você, né. Comia com a mãe porque... e quando a criança está no peito? Quando a criança está no peito então! (risos). Porque se a criança está no peito, pra gente começar a introduzir a mamadeira você tem que estar tranquila, você tem que saber que num dia ele vai tomar 10 ml, que no outro dia ele pode tomar 20, que no outro dia ele pode não tomar nada... acho que você tem que estar tranquila com isso. Claro que você não vai estar, porque você vai estar com fome, mas tenta na colher, você vai tentando... acho que você precisa estar disponível pra que... é (pausa)... pra que ela seja atendida ali. Já tivemos casos de ter que dar na colher, de ter que, sabe, um pouquinho, não deu, é no colo. É como eu te falei, tem que estar disponível pra fazer de tudo, não dá pra colocar no bebê conforto e achar que está tudo certo, se ele comeu, se não comeu está tudo certo. Vai dando direitos. Porque muitas vezes a gente fica aflita mesmo, porque a gente quer que ele coma alguma coisa, né. E é difícil. Mas eu acho que você tem que estar disponível ali. É difícil, não vou falar pra você que é fácil, mas quando você tem o prazer de fazer isso, embora seja difícil, eu acho que um dia é sempre melhor do que o outro. Precisa sempre estar consiste de que o outro dia vai dar certo, hoje não deu, mas no outro dia vai dar certo, eu espero (risos), vai dar certo. Então...

E: E o que é mais difícil pra você no trabalho?

Celeste: Mais difícil? Com certeza não são as crianças. Eu acho que algumas relações com os adultos. E não digo a dos pais. Adultos, até companheiros de trabalho, que muitas vezes pegam um recorte daquela situação e intervêm de um jeito ruim. Sabe, por exemplo, a criança lá gritando, ela estava lá gritando, chorando, o grito dela é estridente. Veio uma pessoa do nada e "ELA ESTÁ CHORANDO DE NOVO?!?" ((fala em tom alto e agressivo)). Entendeu, isso que incomoda. Porque ela não sabe tudo o que aconteceu, porque ela está chorando. Está chorando porque não dormiu a noite, porque está saindo vários dentes, porque está com dor, está incomodada. Então você tem que ver o todo, não só o recorte, e isso me incomoda.

E: entendi. E você acha que teriam alguns cuidados que vocês como professores precisariam receber? Talvez esse seja um exemplo, não sei?

Celeste: (pausa) Como assim, não entendi?

E: Porque vocês ali estão junto com os bebês educando e cuidando né.

Celeste: Sim.

E: E vocês como educadoras precisam também de alguns cuidados. Quais seriam esses cuidados? Talvez receber esses cuidados da instituição? Dos colegas? Quais seriam esses cuidados pra conseguir fazer o trabalho.

Celeste: eu acho que quando você tem um espaço que você pode ser ouvida, eu acho que já alivia bastante, né. Porque muitas vezes a gente conta com a gente mesma. Então muitas vezes não dá pra contar com a instituição porque (pausa)... ah, não sei é, como eu posso dizer (pausa)... porque são os seus sentimentos ali, por exemplo, não consegue, "tem aquela criança que está me deixando louca". Mas você não vai falar isso pra instituição! Né, talvez se tivesse um espaço em que você não fosse tão julgada no sentido profissional assim, mas que você fosse ouvida como um ser humano, como uma pessoa que cansa. Muitas vezes o choro te deixa cansada, te enlouquece. Eu acho que ajudaria nesse cuidado de ser ouvida mesmo.

E: Na instituição mesmo, com as colegas professoras não tem esse espaço, né?

Celeste: Mais com as colegas. Quando eu falo... com as colegas de grupo sim. Com elas sim, porque existe uma cumplicidade entre a gente. A gente pode contar com a gente mesma. Você entendeu. De falar assim "ontem, nossa, aquela pessoa chorou tanto que meu deus do céu". "Já chegou"... sabe, de falar assim? "ah, não, mas hoje vai ser diferente, né, hoje vai ser melhor" e muitas vezes a gente não tem isso. Ou aquela família que fala, e reclama, e reclama de tudo, porque... que é normal também, eu acho nós também reclamamos de muitas coisas, né. Eu não tenho isso, eu acho que eu escuto e... mas tem gente que se incomoda muito, e às vezes não tem com quem falar "ai meu deus, vem falar a mesma coisa"... (risos). "Já falei com ela e ela vem falar a mesma coisa". E muitas vezes a gente não tem esse respaldo da instituição, né. Ou a instituição, como eu te falei, ela atravessa de um jeito que piora a situação, em vez de ajudar piora a situação. Eu acho que seria bom, um cuidado. (risos).

E: tendi. E nesse caminho que você percorreu, né, ao longo da sua experiência foi aprendendo a construir esses contornos, aprendendo a dar importância para o afeto que circula entre você e os bebês. Quem ajudou você, quem te autorizou a fazer isso, quem te ajudou ao longo desse tempo?

Celeste: (pausa)... quem me ajudou.... (pausa)

E: Você comentou que a maturidade foi algo importante.

Celeste: Eu acho, que essa experiência mesmo, da maturidade. Alguns parceiros que passaram pela creche, que passaram por nós, eu acho que te ajuda. Eu acho que um parceiro mais experiente sempre te ajuda. Ajudava, né, hoje em dia já não sei mais, porque como eu te falei, as coisas mudaram muito ao longo do tempo. Mas um parceiro experiente eu acho que te ensina um outro jeito de funcionar, eu acho que é sempre bem-vindo. Porque às vezes você vem com um jeito: uma pessoa que trabalhou com crianças de seis anos, de repente cai no berçário, vai precisar funcionar de um outro jeito, porque o jeito que ela fala com uma criança de seis anos não é o mesmo jeito que ela vai falar com um bebê de 9 meses, de 8 meses, né. Então eu acho que a experiência e os parceiros, eu acho que eles me ajudaram nessa trajetória assim.

E: E o que você precisa ter de diferente pra falar com um bebê de seis meses, em relação à criança de seis anos?

Celeste: (pausa)... (risos)... o que que eu preciso... (pausa)... eu acho que eu preciso ter mais (pausa)... não é mais (pausa)... não que ela não vá entender, é isso que eu quero (pausa)... elaborando aqui, porque uma criança de seis anos, por exemplo, você fala "não mexe porque você vai cair". Né, "olha, eu já falei pra você pra parar de bater no amigo, olha, o amigo não está gostando, né, se ele fizesse isso com você"... com o bebê, não que não vai entender, mas eu acho que é um outro jeito... eu acho que muitas vezes a nossa fala ela é atrelada (pausa) ao físico junto, sabe, vem tudo. Sabe, ela subiu, não dá tempo de você gritar, porque se você gritar você vai assustar, então você vai e já pega, sabe... eu acho que é um todo, sabe, porque eu acredito fielmente que eles são capazes de entender absolutamente tudo o que você fala. Eles entendem. Tá. Eles só não conseguem te responder verbalmente, mas eles te respondem com gestinhos, te mostrando com os dedos, te puxando com a mão. Né, eu acho que você precisa estar mais aberta a ouvir esses jeitinhos. Porque a criança vai gritar lá do outro lado, mesmo se for te xingar ela vai gritar lá do outro lado e você vai entender, acho que essa comunicação é mais rápida com a criança maior. E com o bebê você tem que estar atenta a essa sutileza, sabe, que ele mostrou só com o dedinho, ou que ele fez com o narizinho, que ele apontou a água com o dedinho, eu acho que você tem que estar mais atenta nesse sentido, né. (risos).

E: faz muito sentido pra mim, é uma sensibilidade super importante.

Celeste: Muito importante, porque você tem que estar ali, porque senão você perde, ali, você não viu, né, o que ele quis te dizer. Porque às vezes você faz uma brincadeira e daqui a pouco eles estão repetindo a brincadeira que você fez, mas você não tinha a intenção de que repetisse. Ou muitas vezes ele vai te mostrar a caixa do brinquedo que ele quer, então você tem que estar atenta ali, né. Ou se ele chora, e faz "ahn.." e você fala, "ai, ele já está cansado". Ele não te falou nada, ele só chorou, mas você percebe que ele já estava ali há um certo tempo, que ele quer mudar de posição, e tal. Acho que essas sutilezas, tem que estar atenta.

E: Isso que você está me contando me faz pensar uma coisa, né. Que você falou que às vezes uma professora de uma classe de idade maior, às vezes não considera que o trabalho com bebês seja de professora, e no entanto tem uma série de coisas que precisa ter o trabalho com o bebê, que talvez precise menos com as idades maiores, né. Essa disponibilidade, esse estar aberto, essa sensibilidade, né. O que você sente que essas coisas, de que forma elas são valorizadas, ou elas não são valorizadas, né...

Celeste: Elas não são valorizadas. (pausa)... Porque assim, a gente, assim, quem trabalha com as crianças maiores parece que tem (pausa)... uma importância maior, talvez um *status* maior. Hoje em dia talvez um pouquinho menos, mas já teve época que ficar no berçário ou na creche

era como se fosse um castigo. E pras crianças maiores era uma promoção, né, então, (risos), então... é, era bem isso mesmo, né. É como se no berçário não se fizesse nada, só fica com o bebê no colo e troca fralda. E não é isso, né, que se você, for pegar (pausa).. que a criança está... (pela)... pela PRODUÇÃO da criança, que é o que elas se apegavam, aí sim, mas não é que, você tem que estar muito atenta a tudo, né. Pra uma criança maior você fala "espera aqui, espera aqui que eu vou pegar a pomada ali, espera aqui que eu só vou virar", ou você leva o bebê junto, ou o bebê cai. Então tem muitas coisinhas, né, que você precisa estar atenta, né. Mas não é valorizado não, infelizmente não é.

E: Quem que valoriza?

Celeste: Os próprios professores, ah, quem valoriza? (pausa)... eu acho que, quem valoriza... (pausa)... que está lá!!! E eu acho que os pais também valorizam, né, os pais que estão ali, né, naquele momento, né. Mas... (pausa)... parece que tem menos importância, eu penso assim. (corrige-se) Eu penso não, porque eu não penso assim. Na creche funciona um pouco assim, funcionou mais, era mais assim, mas dá a impressão de que a gente não faz nada. Né, por mais que você faça, porque, ai meu deus, tudo de bom, vai lá, pega troca, é que esse ano, a gente tem um diferencial porque a gente está com um grupo pequeno. Mas dar comida pra dez, tudo bem que nós somos em duas professoras e muitas vezes quando o grupo estava completo vinha uma volante ajudar, porque já pensou 10 chorando ao mesmo tempo, né, pra duas, né, é bastante. Você tem que revezar as trocas, dar comida, dar água, né, é muita. E tem que estar atenta a todas essas sutilezas, né. Mas acho que os próprios professores não valorizam, porque muitas gente não gostam de trabalhar com crianças pequenas, né, então...

E: Não é pra qualquer um então?

Celeste: Acho que se a pessoa tivesse disponibilidade, disponível, acho seria pra qualquer professor, mas eu acho que tem professores que não, (pausa)... não casam bem ali. Estou falando por experiência, porque EU VI. Porque tem pessoas que são muito, como eu posso dizer isso (pausa)... são pessoas mais duras assim... (pausa)... não são horrorosas, mas pra dar uma bronca, é uma bronca imensa, sabe uma coisa que é muito pra um bebê. E assim, estou falando isso porque eu já vivenciei isso, e aí você fala pra pessoa "não precisa de tudo isso", e "ah, muito mimado. Ah, está fazendo manha". Ela está chorando, não está fazendo manha! Está certo que às vezes até a gente quer fazer manha. Mas eu acho que não cabe a gente julgar se é manha ou não. "ah, só quer ficar no colo". E você vai ouvindo algumas coisas que você... eu não vou gostando. É como eu sempre falo, se eu gosto que façam comigo, nem que façam com o meu filho, porque que eu vou fazer com o filho do outro? Porque eu acho que se todo mundo se colocasse sempre no lugar do outro, talvez o mundo seria um pouquinho melhor, né? (risos). Você fala assim, ó, dar um berro pra uma criança de 8 meses, de um ano?? Ele não sabe, ele está ali, né, aprendendo, cabe a você chegar lá e falar "não sobe, olha, pode bater, vai machucar", né? Não adianta você dar um grito, vai assustar! Né? (pausa) Eu acho que, realmente, eu acho que não é todo mundo não, eu acho que a pessoa não está disponível, ela teria que mudar, estar disposta a mudar esse jeito, né, porque você tem que aprender o jeito dos bebês, né. Não sei, eu penso que é assim. Se estiver tudo errado (risos).

E: Não, não. Aqui não tem certo ou errado, né? Eu estou aqui pra aprender com o que você sabe da sua experiência, né. Que é uma coisa que é um saber seu. Que eu jamais vou ter, né. Quem sabe assim eu posso aprender um pouco com você. E só uma última pergunta, deixa eu ver quanto tempo já deu de entrevista. Já deu uma hora.

Celeste: Ah é? (risos). Nem parece.

E: É... dá tempo de mais uma pergunta?

Celeste: Dá.

E: E pros bebês, das necessidades que você estava falando que eles tem, de serem cuidados, tem alguma coisa que a creche não consegue proporcionar pra eles?

Celeste: (pausa longa). Não... porque quando fala assim, cuidados, né... cuidados... alimentação, sono, bem-estar... que ela não consegue? Não, não, acho que ela consegue sim. Vou falar por nós que estamos ali, eu acho que a gente, a gente consegue sim. Ah, uma coisa, eu acho que quando a criança está doente, muitas vezes, eu faço o meu máximo ali, mas a gente vê que a gente tem um limite. Não é que a creche não consegue. Mas eu acho que quando a criança está um doente, ela precisa de uma pessoa só pra ela, ela precisa de um cantinho só dela, e muitas vezes a creche não consegue proporcionar isso, por se eu tenho mais 9 ali, deixar uma pessoa só para aquela criança... EU, estou falando, EU, Celeste, eu fico assim muito comovida ali, porque muitas vezes a família não pode vir buscar, porque está trabalhando, não tem como ir, e a criança está com aquele febrão, a gente tenta fazer o máximo, medica, dá um banho pra ver se a criança se sente melhor, mas a gente sabe que não é como estar sozinha dentro da sua casa, no aconchego do seu lar. Eu acho que nesse sentido a creche, a gente não consegue, mas não é porque... é porque é inviável, muitas vezes, é inviável, é isso. Mas acho que no resto a creche consegue sim. Eu acho que ela consegue fazer. E eu acho que faz bem, viu. (risos). Eu acho que criança de creche é tudo de bom, viu. A experiência para a criança, estar na creche, é uma experiência muito boa, sabe. Tanto dela conseguir se relacionar com outros adultos que não a sua família, é, quanto com as outras crianças também, né, eu acho que é muito valioso pras crianças que frequentam a instituição, assim, eu acho muito bacana. Eu aprovo. (risos). Não porque eu trabalho, eu acho que eu já tive experiência de ter filhos na creche e eu acho que essa experiência é pra vida, eu acho que é bacana. As crianças têm amizades que vão além, viu, eu acho que é muito bacana. Você vê...

E: Que especial, né?

Celeste: É especial. Eu falo que a minha filha tem amigas que foram da creche. Ela tem 18 anos hoje. Eu acho muito especial isso, sabe. E me emociona ver as crianças, que já saíram, que mantêm uma amizade, mantêm um contato, eu acho que é uma experiência muito... e eles, quando vem visitar, eles trazem isso, né, que o melhor momento da vida deles foi o momento da creche (risos). Então, realmente eu acho que é um momento muito especial deles, eu acho que vale a pena.

E: Que coisa boa. Celeste, eu queria te agradecer, porque você falou coisas preciosas pra mim.

Celeste: Eu espero que te ajude.

SEGUNDA ENTREVISTA COM CELESTE, DEZEMBRO DE 2015

E: Então eu ia te perguntar assim, desde a última entrevista, se te ocorreu alguma coisa que você gostaria de complementar, ou se você lembrou de alguma coisa que você achou importante.

Celeste: Hmmm (pausa)... não me ocorre não. Deve ter me ocorrido logo depois, mas agora...

E: Tudo bem. Se você lembrar e quiser falar enquanto estivermos aqui, tudo bem também. E você, eu queria perguntar um pouco mais, assim, se você percebe alguma diferença, pensando no trabalho com os bebês, entre o educar e o cuidar.

Celeste: Eu acho que está muito entrelaçado, né... eu acho que no caso dos bebês não dá pra você fazer uma coisa totalmente separada da outra, né... porque você está ali o tempo inteiro, se você vai trocar uma fralda você está ali conversando, cantando uma música, se você vai oferecer uma outra atividade, como de meleca, você também vai estar com aquele cuidado de não colocar na boca, de não colocar no olho, ou sei lá, de cair ali. Então você está o tempo inteiro no cuidar e educar, então não tem como dissociar isso, né, na criança pequena, não dá, é muito junto, né, não dá. Eu não vejo como separar isso, né, é muito junto. “Não, então agora eu só vou dar ‘aula de artes”, né (risos), com os bebês não tem como.

E: Aham. E pensando no seu processo de tornar-se educadora, lá trás, você acha que você pensava esse entrelaçamento da mesma forma, você sentia do mesmo jeito, né, algo mudou?

Celeste: Ah, mudou, né. Quando eu comecei eu trabalhei um tempo com crianças maiores, né, que isso é muito mais visível. Não que você vá separar totalmente, mas é mais pontual, né, a hora de você dar uma atividade de leitura, dar uma atividade de matemática, da hora de você “ah, gente, então vamos todos – um exemplo – passar repelente, vamos todo mundo lavar as mãos”. Eu acho que com eles você consegue ver mais essa diferença, né, no caso da criança pequena não dá. Eu acho que isso muda muita quando você trabalha com crianças maiores e depois quando você trabalha com crianças bem pequenas, né. Acho que muda, eu acho que a gente aprende né, essa diferença. Não que você vai deixar de fazer com as crianças maiores, não é isso, você também faz. Mas eu acho que você consegue pontuar melhor, né, um pouco mais essa separada.

E: Aham, e você saberia contar alguma passagem que ilustra esse cuidado e educação que estão entrelaçados?

Celeste: (pausa). Hmm... ah, por exemplo, vamos dar uma atividade, que a gente com os bebês, a nossa função é apresentar o mundo pra eles, né, então nós fazemos atividades com massinha, atividades com farinha, amido de milho, macarrão, pra eles irem sentido as texturas, os sentidos, os sabores, então eles pintam com manga, é... isso é a parte planejada, então acho que essa é a parte do educar ali. Então vamos ensinar que tudo tem um sentido ali, se é gelado, se é quentinho. Que a gente vai dando a possibilidade da criança experimentar tudo isso, né. Mas como a gente está lá o tempo inteiro, no caso do bebê você está inserido nessa atividade, e sempre com o cuidado de ver se ele não vai colocar no olho, por exemplo, fez um cocô (risos) e vai ter que sair da atividade pra trocar. Sempre junto nesse sentido, né. Por exemplo, uma atividade com areia, da gente estar num tanque de areia e mostrar “ah, não pode por na boca, esse daqui é só com a pazinha”, então é o tempo inteiro com a criança pequena, né. Eu acho que esse diálogo com a criança pequena é o tempo inteiro, e daí esse entrelaçamento desse cuidar e o educar, né.

E: O diálogo poderia ser um cuidado também nesse caso?

Celeste: Sim, nesse caso sim, porque não é só uma aula, digamos assim, né (risos), nesse caso. Porque se você não falar ele também não vai aprender que não pode colocar na boca, né, porque pra ela, ela está experimentando, então pra ela está tudo bem. E esse é o nosso papel, né, de dizer pra ela, olha, isso pode, isso não pode, doeu seu olho, não pode jogar areia porque acerta o olho do amigo, então... é difícil, né, a gente fica tão no dia a dia que a gente acha tão... é, tudo tão normal, né, tão...

E: Mas era isso mesmo que eu estava perguntando, né, porque você tem um saber que é da experiência. Né, então como que você vê isso, para além da teoria...

Celeste: Sim, mas na faculdade você não vai ver esse tipo de coisa, pelo menos eu não aprendi na faculdade.

E: A qual tipo de coisa você está se referindo agora?

Celeste: esse cuidado que você precisa ter. Né, de você estar sempre ali inserido e ver as minúcias, “olha, não pode colocar a areia na boca, isso aqui não é pra brincar, né”. Eu sei que você queria experimentar, mas isso não é bacana de por na boca, olha só como que está o seu olho agora”. Então eu acho que esse tipo de coisa é da experiência mesmo, da vivência, né, que você vai adquirindo ao longo do tempo, né.

E: Quem que foi te ajudando a trabalhar dessa forma, né, de cuidado e educação entrelaçados?

Celeste: eu acho que os parceiros mais experientes, as pessoas que eu fui encontrando ao longo da minha trajetória, né. Os colegas de trabalho mesmo. As pessoas que já estavam no berçário, as pessoas que já estavam ali. E não é nem uma questão de ensinar “olha, você vai fazendo assim, você vai fazendo assado”. É de você observar a ação do outro, você vai... não é imitando, mas você vê que aquilo é bacana, porque o quer é ruim você também não vai querer imitar, né. Muitas vezes eles falam “funciona assim, assim, assado, você pode fazer assim, assim assado, mas você também pode fazer do seu jeito”. Mas você vai misturando, né, o seu jeito com a experiência que eles tem, do que eles te trazem, né.

E: E você consegue pensar em algum momento ou situação em que você não se sentiu tão apoiada a fazer esse entrelaçamento de cuidado e educação? De alguma forma, situações que você sentia que te requisitavam que fosse mais uma coisa do que outra?

Celeste: Ahm, eu não sei se é isso que você está dizendo (risos), mas eu já senti assim, já tive grupos de crianças assim, mais, não é difíceis, não é esse o termo, mas é o que me ocorre agora. Mas de crianças que batem mais, de crianças que mordem, a gente sabe que tem crianças que tem esse movimento. E de repente você agir de uma forma, e a pessoa do seu lado achar que você tinha que ter sido mais dura, mais brava, e... não, eu acho que não é assim que você vai resolver a situação, né. “Ah, ele fez isso, e você está com ele no colo?”. Você vai e conversa, né. Porque a gente também tem que saber diferenciar o papel da mãe ali, né, a gente dá uma bronca sim, mas eu acho que não dá pra ser aquela bronca agressiva, eu acho que tem que ser uma bronca que mostre pra ele que aquilo não foi bacana, e nem por isso você tem que gritar, esbravejar, eu acho que, EU ACHO, da minha experiência, que não é esse o nosso papel, né. Eu acho que nesse sentido, eu, muitas vezes não me senti apoiada, né. Do tipo “será que eu estou fazendo errado?”. Não sei se é isso, né.

E: Você pode contar mais um pouquinho? Então essa parceira ou essa outra pessoa de alguma forma esperava que você tivesse uma postura mais incisiva, de algum jeito, né.

Celeste: Sim. Porque ela é uma pessoa mais assim, ela é uma pessoa que tem uma postura de... não é que ela seja agressiva, não é isso, ela não é. mas o jeito dela falar é um jeito agressivo, então às vezes ela “ahh”, dá um grito com a criança. Eu prefiro chegar mais perto, abaixar, conversar “olha, seu amigo está chorando, você morde, olha, vamos pedir desculpas pra ele, isso não foi tão bacana, olha. Eu estou brava com você”. Mas assim, você muda a expressão, você fala, mas nem por isso eu preciso berrar, né. Então... e muitas vezes eu me sentia muito desconfortável com isso, eu falava “gente, mas não precisa de tudo isso”. Ou às vezes a criança estava lá do outro lado e já era o culpado dessa situação, coitado. E eu falava “mas não foi ele”. “Ah, você está defendendo ele!”, sabe. Então a gente tem que aprender a lidar também com essas diferenças das posturas dentro do trabalho, né. Aí você é chamada de mole, você é muito mãezona, né, então. Mas eles são tão pequenos, que eu acho que muitas vezes não cabe uma bronca excessiva, ali, né. Não sei se é certo ou se é errado, mas é o jeito que eu acho que...

E: Eu também não sei se é certo ou se é errado.

(risos)

E: Eu acho que é o seu jeito e que é legítimo, né, é resultado da sua experiência. E... e você acha assim que os maiores desconfortos que você sente, com as parceiras, as parceiras de trabalho que você já teve, é... dizem respeito a isso, ou tem a ver com outras questões?

Celeste: Não, eu acho que é mais... eu sempre procuro que as coisas sejam mais relacionadas ao trabalho, assim. Porque eu sempre brinco, que as pessoas lá fora a gente escolhe quem a gente quer. Mas no trabalho muitas vezes não dá, você tem que trabalhar com a pessoa e vai ter que aprender a conviver com aquela pessoa. Muitas vezes você vai ter que ceder, outras vezes você vai ter que falar “olha, não gostei desse jeito, eu acho que não é assim que funciona”, né. Mas... fora, a gente escolhe, né... então, às vezes é mais difícil, né. Mas acho que é mais em relação a isso, né. Claro que tem parceiras que são muito bacanas, né, tem parceiras que só de você olhar já funcionou, já deu tudo certo. Ou às vezes você vai falar a pessoa fala a mesma coisa que você. Então você já está em uma sintonia bacana. Que nem eu e a Esmeralda juntas, a gente funciona muito bem juntas, né. Eu acho que às vezes isso incomoda as outras pessoas, né, porque sabe que a gente funciona muito bem juntas, então. As pessoas já ficam meio ressabiadas, e falam “com elas não adianta, que elas...”, a gente defende os nossos bebês ali.

E: Isso é muito interessante que vocês criam um espaço que é de vocês e vocês vão uma apoiando a outra, né.

Celeste: Sim.

E: Uma autorizando a outra, né. E de que forma você acha que esse espaço mais protegido, que vocês criam, de que forma você acha que isso ajuda no trabalho com os bebês?

Celeste: É, eu acho que em tudo, né, se você tem essa sintonia, acho que tudo caminha muito bem, né. Se você chega pra trabalhar e fala “ai, lá vem ela, ela não faz nada, ou ai, ela não ajuda em nada”... acho que não, acho que a gente consegue um equilíbrio, né, então se um dia ela fez mais, no outro eu vou procurar fazer mais, né, então se um dia ela falou mais... acho que é sempre bom ter um equilíbrio no grupo, né, uma que fala mais, porque a Esmeralda é mais ((gesticula e fala de forma expansiva)), às vezes, muitas vezes eu falo “calma, não é pra tanto, né”. E ela fala “ai, que bom que você está aqui, que você faz eu mais.... né”. Eu acho que a gente precisa disso, né? Prá... que e eu acho que a gente funciona bem nesse sentido, né, de uma autorizar, mas a outra também dá um breque quando precisa, né. Acho que a gente vai protegendo ali, o nosso espaço ali.

E: E pensando quando você estava começando a trabalhar com bebês, é... quais os espaços que você pode contar dessa proteção, que foi te autorizando, lá no começo, você consegue se lembrar o que foi importante pra você começar a se empoderar dessa forma de trabalhar?

Celeste: Eu acho que a parceria mesmo. Porque eu nunca tinha trabalhado com a Esmeralda, e foi uma parceria que deu certo, a gente nem esperava. “Vamos trabalhar juntas? Então tá, vamos”. E não era uma coisa que “ai, sempre quis trabalhar com essa pessoa”, e aí você vai e não dá certo, né. E a gente nunca tinha trabalhado juntas, e aí deu certo, né, porque eu acho que precisa ter esse compromisso. E aí uma foi apoiando a outra, né. Não que não tivesse espaço pra falar em reunião de coordenação, mas eu acho que a gente foi dando esse contorno nosso, a gente foi pegando as experiências anteriores e mesmo da coordenação que foi falando “olha, funciona assim, funciona assado”, porque eu tinha ficado muito tempo longe do berçário. Porque eu trabalhei lá no começo, depois eu só trabalhei com crianças maiores e depois voltei lá pro berçário, né. Então... a gente pode contar com esse apoio sim, né, tanto da Ivonete quanto do João, porque eles estavam também recém chegados, né. (risos).

E: E nesse percurso, o que não foi ajudando você, na sua perspectiva?

Celeste: Não foi ajudando? (pausa)... Acho que... ser muito turrona, sabe, às vezes você quer porque quer uma coisa, sabe? Você quer porque quer que “tenha mesinha baixinha pra todas as crianças”, mas você sabe que não vai ter. Sabe, você ceder na hora que é necessário. Então às vezes a gente pedia alguma coisa que não tinha, aí a gente tinha que se virar e fazer da melhor forma possível com o que tinha. “Ah, não tinha cadeira adequada,” mas nem por isso deixava de fazer um bom trabalho com as crianças, entende. Então nesse sentido eu acho que é ceder na hora que é necessário. Isso ajuda bastante, né. não é fácil, mas ajuda.

E: Posso te fazer uma pergunta bem ampla?

Celeste: Pode.

E: O que é pra você, pensando na sua experiência, né, no seu trabalho com os bebês todos os dias, o que seria cuidar deles?

Celeste: Ah, eu acho que é você se entregar também pra ele, né, porque se você não tem essa entrega com o bebê, eu acho que como se não rolasse aquela química assim. Porque quando você consegue se entregar pro bebê também, ele consegue também se entregar a você. É muito bonitinho você chegar e ver aquela criança que desce do colo do pai e vem te dar um abraço. Sabe, é muito bonitinho de ver isso, ou aquele que vem com a sacolinha e te dar o presentinho que você nem esperava que fosse, sabe. A criança bem pra entregar na sua mão, sabe. Se você não tiver essa troca com a criança, claro, ela chora, é difícil, até você conseguir essa sintonia, é igual mãe que tem o bebê, demora um tempo pra você se engrenar com aquele bebê novo ali. Então eu acho que é a mesma coisa, cada nova adaptação, se você não consegue se entregar praquela bebê, praquela família ali, e dizer que você está disponível ali, dizer que ele vai chorar sim, sabe, que muitas vezes vai ser difícil, muitas vezes vai ter que chamar a família sim, então o trabalho não vai funcionar. Eu acho que é isso, né. Igual a relação de namorado, né, porque se não tiver a confiança no que você faz, então... eu acho que o trabalho não vai. Porque cada criança é diferente, e a gente tem um relacionamento diferente com cada criança, e tem aqueles que a gente tem UMA COISA QUE É DIFERENTE, eu não sei o porquê... e tem aqueles que você gosta mas não é tanto. Mas que você faz muito bem com ele. Mas tem aquela, QUE PARECE QUE ELA TE ELEGE, E O PESSOAL FALA “MEU DEUS, SÓ FAZ COM VOCÊ, porque quando você não está...”, (risos) aí você fala, paciência, né... (risos). Não é? eu não sei se você cede mais praquela, eu não sei te explicar o que acontece nessas relações, que tem

umas que são muito mais fortes que as outras. Mas se você não conseguir se entregar, você não consegue. Porque trabalhar com bebê não é fácil. Tem dia que você fala MEU DEUS DO CÉU, COMO CHORA, (risos).

E: Você poderia contar um pouquinho mais essa parte difícil? Se de repente teve algum bebê que você não conseguiu se entregar tanto, não aconteceu, né.

Celeste: Não, eu acho que nunca tem aquele que não acontece, né, eu acho que tem uns que acontecem um pouco menos. Né, e eu não sei te dizer se você se entregou mais ou se entregou menos, é que aquela relação foi só até ali. Tem uns que vai, e vai por muito tempo. Tem pais que te encontram até hoje e falam “nossa, que bom”, então eu não sei te explicar direito o que acontece, mas tem crianças que é muito mais forte. Que nem, esse ano, a Rafaela esse ano é muito mais forte. E é dela comigo e eu com ela. Até a Esmeralda ainda brinca “ai, quando você não está ela é uma lady, ela faz tudo”. Mas ela é, ela não vai muito com a Esmeralda. Ela fica brava, a Esmeralda dá bronca e aí ela vem pro meu lado. Mas não é uma coisa de você elegeu “ah, vai ser aquela”, não é. E geralmente isso acontece... e não necessariamente vai ser a da adaptação, porque a gente divide lá, então se são 10 crianças eu receberei 5 e a Esmeralda receberá cinco, e a tarde a mesma coisa. E a gente reveza entre a gente, manhã e tarde. Às vezes é a adaptação dela que vai me elegeu, como já teve ano que uma criança dela me elegeu, igual a gente brincava, “adotada” (risos), que a princípio não era eu, mas ela me escolheu, então a gente também deixa livre. Então a parceria, eu digo, entre eu e a Celeste, porque já teve parceira que sentem ciúmes, que não gostam, aquelas coisas, né. A gente não liga. Então se uma criança que era minha adaptação fica mais pro lado dela, não tem problema, “ta adotado – a gente brinca assim – tá tudo certo”. Então eu não sei te dizer o porque que é isso. Às vezes tem mais que uma crianças, às vezes gêmeos, mas é um que é mais e o outro é menos, né. Tem as gêmeas que estão saindo esse ano. Elas entraram elas tinham um ano e pouco. Uma até hoje me vê e sai correndo, as duas vem, mas uma é muito mais.

E: Tem coisas que são difíceis de explicar porquê acontecem, né? Mas talvez você possa contar um pouquinho, como que você se sente...

Celeste: Ah, eu me sinto feliz. Sabe... não é questão de reconhecimento que o seu trabalho foi bom, não é isso. Mas que você fez diferença na vida de alguém, e aquela criança também fez diferença na minha vida, porque ela também fez com que eu mudasse.

E: O que que você muda com elas?

Celeste: Ah, eu acho que a gente fica com mais paciência, ah, a gente fica com o coração mais leve assim, sabe, eu acho que cada criança que passa você fala “eu aprendi isso com a criança, eu aprendi a ter mais paciência, eu aprendi que choro é assim”, sabe, vai aprendendo, né, e eu acho que é isso que vai mudando a gente. Eu acho que a experiência vai tornando mais tranquilo, mas paciente pra executar o trabalho, né. Pelo menos eu acho que eu faço um bom trabalho (risos).

E: Você acha que você aprende coisas sobre você também?

Celeste: Ah, sim. Com certeza. Porque, eu acho que as crianças te testam o tempo inteiro, né. aquela criança que é difícil de comer, e você “ah, o que eu posso fazer”, e aí você vai aprendendo os jeitos, né. “ah, eu fiz assim com fulano de tal, em tal época, eu acho que eu posso tentar de tal jeito”. Então é sempre um aprendizado, né, eu acho que tem que ser um aprendizado. A gente nunca pode se acomodar e pensar que todo ano vai ser igual, porque não

vai. Porque as pessoas não são iguais, as famílias não são iguais, as crianças não são iguais, e eu também não vou estar igual de um ano pro outro, né. (risos).

E: E você saberia contar uma passagem, do que é mais difícil na relação com os bebês.

Celeste: O que é mais difícil.

E: Você comentou algumas coisas, você disse que é difícil quando chora muito.

Celeste: Eu acho que, porque assim, eu sei que o choro faz parte da comunicação deles, né. a criança muito pequena, o jeito dela se comunicar é através do choro. Mas isso me incomoda, me incomoda porque eu quero fazer de tudo pra ela não chorar. Não que ela não chore, mas tem criança que chora MUUUUITO. Né, tem um período, às vezes você acha, você tem CERTEZA, que é pura birra. Às vezes ela quer esse caderno ((aponta o meu caderno)), mas esse caderno não dá pra dar porque não é meu, não posso te dar. Ou ela quer a caneta, “mas a caneta vai te machucar, não posso dar”. Então você tem que aprender a dizer não, muitas vezes, né. então, às vezes é difícil, né, então são crianças que choram um pouco mais, porque elas sentem falta do peito, né. e a gente não tem, a gente vai dar mamadeira e não quer, a gente vai dar isso e não quer, então esse período de adaptação é um período mais exigente, eu sempre falo, que tem bebê muito exigente. E está certo, tem que ser mesmo, na vida, tem que ser. (risos).

E: E de que forma que esse choro pega pra você?

Celeste: Ah, porque você vai fazendo as coisas e não resolve, né, porque você quer resolver, você quer que ele fique bem. E aquele choro vai te consumindo, vai, vai deixando. E a criança não quer outra, ela quer você. Não adianta, passa pra outra e ela quer você, até você fazer o que ela quer. Por exemplo, a Rafaela é o exemplo clássico desse ano, a Rafaela só queria dormir no meu colo. Mas não dá pra dormir no meu colo o tempo todo, e não adiantava ela dormir no meu colo, porque se ela dormisse no meu colo ela ia ficar uma hora, uma hora e meia dormindo no meu colo, porque não conseguia passar um carrinho, não conseguia por no colchão, nada. Um simples movimento... então, às vezes ela precisou ficar chorando um pouco, pra eu falar “não vai dar, Rafaela, porque você simplesmente não consegue dormir no meu colo”. Porque com aquela criança que dorme no colo mas você ainda consegue fazer... ela já chegou a dormir quatro horas no colo, mas não dava, nem sempre dá, às vezes dava, mas nem sempre dava. E claro que é um aprendizado, tanto dela quanto meu. Até encontrar um jeito x dela dormir bem, então inventa alguma coisa (risos), dá um boneco, dá um carinho, dá uns carrinhos, vai passear lá fora, então você vai ter que aprender qual o jeitinho que essa criança fica melhor, acho que esse é o x da questão, x da.

E: Aham. Vou te fazer uma outra pergunta ampla. Como que você descreveria o seu trabalho com os bebês?

Celeste: Eu acho que é prazeroso, eu gosto de estar com eles. Muitas vezes eu brinco, é melhor estar com as crianças do que estar com os adultos, porque... é o que eu gosto de fazer, é o que eu aprendi a fazer e me sinto bem estando com eles, então... é muito prazeroso estar com eles, né.

E: E o que vocêalaria sobre a função de estar com eles, né? O que que é trabalhar com bebês?

Celeste: Ah, eu acho que é um aprendizado diário. E a entrega, né? Porque não adianta apenas você ler, o que as revistas e o que os teóricos dizem muitas vezes não cabe. Tem um exemplo típico desse ano, que a Ivonete dizia bebês, a partir de um ano, segundo os teórico fulano, beltrano e ciclano, podem fazer um sono só, no meio da tarde, por exemplo, né. chegou de

manhã, brincou, brincou, brincou, chega a tarde e dorme. Pra eles isso não cabe. Não existe isso pra eles. Já tentamos não dá certo!!! E a gente falou, eles dormem, eles dormem no cadeirão, eles gritam! Hoje a Rafaela terminou de tomar o leite, virou e falou assim “qué naná”. Né, porque ela já aprendeu a falar. O Diego já entra e já vai direto pro colchonete, eu falo, “gente, não adianta!”. A Branca que estava de manhã, aí ele fez uma graça com ela e tal, e não dormiu. Aí ele estava assim em frente o espelho ((imita dormindo)), então eles não aguentam. E a teoria não consegue abarcar, você tem que fazer a leitura da criança no dia a dia. Talvez um pouquinho mais pra frente, mas agora não dá, o grupo não aguenta.

E: Interessante isso, né, você poderia contar um pouquinho como vocês vão se autorizando a ter uma posição diferente?

Celeste: (risos, transparecendo, a meu ver, certo orgulho dessa conquista), não é fácil, mas como eu te digo, a gente acredita naquilo que a gente faz, então a gente acha que a experiência da gente, com grupos de crianças, é... não sei se a palavra... mais legítimo do que muitos teóricos que a Ivonete traz... porque a gente sabe que vários grupos foram realmente desse jeito, um ou outro fugia a regra e tal, mas com esse grupo não funcionou assim, a gente tentou mas não funcionava desse jeito. Então eu acho que a experiência mesmo que vai nos autorizando, né, e a leitura que a gente faz das crianças, né, porque você está ali com eles todos os dias, então você conhece eles. Então eu acho que é isso, e a confiança que a gente tem no trabalho que a gente faz, né. Não foi fácil. A gente falou pra Ivonete, eles dormem, a gente tentou...

E: E, é... de fora dessa relação dos educadores e das crianças, tem outras pessoas, né.

Celeste: Sim.

E: quem você sente que apoia, que autoriza, que faz esse reconhecimento, né, do saber de vocês?

Celeste: Eu acho que a Ivonete, né, a psicóloga... não que o João não esteja, né, mas é que eles são tão pequenos... que a gente faz, a gente faz o planejamento, a gente apresenta pra ele e tudo. Mas... eu sinto, pelo menos esse ano, porque teve ano que ele já esteve mais presente, né, e esse ano ele já ficou um pouquinho mais longe. Quem ficou mais perto foi a Ivonete, né, então eu acho que a Ivonete tem nos ajudado nesse sentido, eles estavam o berçário, né.

E: E você poderia contar um pouquinho mais sobre a Rafaela, que é uma bebê que você teve uma entrega intensa, né?

Celeste: Ah, a Rafaela é geniosa, né, ela é toda brava, mas ao mesmo tempo ela é toda fofa, então eu falo que com aquele sorrisinho dela, ela apronta, apronta, e depois com aquele sorrisinho, e eu falo “meu deus do céu, o que ela faz com a gente”. Ela é muito determinada, né, quando ela quer ela grita, ela berra, ela urra, e você vai ver o que quer, vamos esperar. Porque agora que ela começou a esperar eu falo pra ela, “agora você tem que esperar, você entendeu que você tem que esperar?”, mas foi um trabalho quase que de um ano inteiro, né. porque, como era muito pequena, então, aprender a esperar, aprender que não é tudo na hora do jeito que ela quer, porque ela urrava, urrava e o suco não chegava, “vamos ver onde é que está o suco”, a gente vai pontuando essas coisas, né. que ela é muito geniosa, ela é... é mandona... a gente brinca, como uma criança tão pequena pode mandar na gente? (risos)

E: E essa relação que você tem com ela, né, dessa entrega, dos dois lados, você comentou algo sobre outras pessoas que talvez não se sentissem confortáveis com essa relação mais íntima de vocês. Como que é pra você, de que forma você sente que as pessoas vão te ajudando a entrar nesse lugar de entrega?

Celeste: Ah, eu acho que as pessoas... eu aposto falar da Esmeralda, como eu te disse, a gente tem o nosso pedaço ali, então a gente limita o nosso pedaço, então a gente não liga muito pro que os outros falam. Porque às vezes entra gente: "ai, Rafaela, chega! Ai, agora ela está com o Diego, você tem que esperar!", mas ela não quer saber. E a Esmeralda autoriza, do mesmo jeito que já tiveram crianças que só queria a Esmeralda, e tudo bem, pra gente. Que nem, teve uma criança no ano passado que só queria ficar com ela, e eu não conseguia entrar nessa relação. E tudo bem pra mim. Não que eu não conseguisse fazer as coisas com ele, lógico que ao longo do tempo você vai conseguindo, né, uma troca, um colo na hora que precisa, e tal. Muitas vezes acontece essa inversão no meio do caminho, a criança descobriu a outra pessoa. Então acho que é natural isso, a gente não determinada nada, não, a gente deixa correr, e muitas vezes acontece essa inversão, da criança querer ficar comigo e não com ela. Não que não fique, o que eu quero dizer é que a criança tem uma preferência maior de ficar com uma pessoa, e não com outra. Como tem aqueles que tanto faz como tanto fez, está tudo bem. E como tem momentos que a criança não quer aquela pessoa, quer é a outra, né. Eu acho que eles também vão entendendo o nosso jeito de funcionar, que uma é mais assim, que a outra é mais assado. Então eu acredito que vai acontecendo isso, né, um vai conhecendo o outro, né. Eu acredito isso, que eles vão conhecendo os nossos limites.

E: Eu acho que podemos ficar por aqui. Teve alguma coisa que você lembrou que você gostaria de acrescentar?

Celeste: Não, eu acho que está sendo muito bom poder falar tudo isso, né, porque nem sempre a gente tem oportunidade de poder falar desses sentimentos, né, desse nosso trabalho. Porque é muito intenso, né, esses sentimentos, às vezes é de alegria, às vezes fica brava, fica cansada, e acho que é bom poder falar e ver o quanto que é bom esse trabalho, né, pelo menos pra mim. Eu acho muito bom, né, porque é uma coisa que te renova, né, é uma coisa que você fica fisicamente cansada mas é uma coisa que te renova na alma, né. então eu acho que é isso, acho que é bom.

E: Alguma coisa te ocorre, que você gostaria de ter para melhorar o seu trabalho com os bebês?

Celeste: hm... eu acho que talvez um tempo pra gente, que lidamos com as crianças, que a gente pudesse conversar entre a gente e falar isso, né. entre nós mesmas, as educadoras, talvez a Ivonete em alguns momentos que a gente julgasse necessário. É bom falar disso, porque você foi fazendo as perguntas e eu fui me vendo no meu local de trabalho. É esse o exercício, que é bom, e que faz que você melhore, valorize o seu papel, o seu trabalho. Não sei... E eu gostaria muito de ter o grupo completo o ano que vem, porque esse ano, né, você sabe, só de pensar que nós temos um futuro incerto, dá uma angústia muito grande, de você pensar o trabalho de uma vida sem continuidade, né, então. A gente não sabe se vai fechar, se não vai, se vai ficar minguando as crianças. É triste de ver, né, porque é um trabalho valoroso o que tem aqui na creche, e eu acho que quem já passou, tanto os pais como as crianças, ex-alunos, eu falo como mãe, que a minha criança ficou na creche desde os 7 meses, e eu acho que é muito valoroso, né, esse espaço de convivência com outras crianças e outros adultos. Então é triste, né, pensar que essa possibilidade exista, né.

E: Também acho.

Celeste: Mas vamos torcer.

E: muito, vou torcer muito pro ano que vem continuar o trabalho de vocês.

PRIMEIRA ENTREVISTA COM VIOLETA, SETEMBRO DE 2015

E: Bom eu queria saber um pouco do seu percurso, como você se tornou educadora de bebês?

VIOLETA: Eu me formei em magistério primeiro, aí eu dei aula para crianças de quatro anos, em uma escola particular. Aí fui fazer faculdade, tecnologia em processamento de dados. Fiz estágio na área e não gostei. Aí passei a dar aula de informática em escola, de 3 anos a terceiro ensino médio, em escola particular. Aí, depois, em 2000 eu fiz uma pós graduação de tecnologia aplicada à educação, pra juntar o magistério com a faculdade, aí eu fiz a pós em 2000, aí eu fiquei um bom tempo trabalhando, né. Bom tempo, mais três anos, né, trabalhando nessa área como professora de informática e tecnologia, em escola particular. Aí em 2004 apareceu a oportunidade do concurso, prestei, passei e assumi em agosto de 2004, aqui a prefeitura. Aí como informática é 1 aula por semana, que cada sala tem, eu trabalhava em quatro escola na época. Porque uma aula eu pegava um período, na escola eu pegava um período e um a tarde, em outra escola, eu pegava um período de manhã e outro a tarde, pra pegar todas as crianças. Aí quando eu comecei a trabalhar aqui eu só consegui manter uma escola, que as crianças eram pequenininhas em período integral. Que aí eu ia duas manhãs pra contemplar toda a turma. Aí por causa do horário, não deu, aí eu fiquei só aqui. mas quando eu entrei eu peguei o minigrupo 1, que são crianças de 2 anos e meio, por aí. Por que a gente chegava e a contratada saia, então era uma lista de contratadas que tinha, e a Sueli, a diretora, não, então você vai pra tal sala, a gente não escolhia a sala. A gente chegava e era a lista de contratadas que estava saindo. Subi e fui pro minigrupo 1. Aí no ano seguinte, se não me engano, eu já vim pro berçário 1, que eu prefiro crianças pequenas, apesar de ter dado aula de informática até o terceiro colegial, ensino médio hoje em dia, né, eu sempre preferi os pequenininhos. Aí eu vim pro B1, acabei pegando o B2, no outro ano, porque aqui já tinham escolhido, porque acaba passando de professor, você não pode escolher sala. Em dezembro a gente escolhe sala, né, e outras professoras que estava mais bem pontuadas, digamos assim, escolheram o B1 e eu acabei caindo no B2, que eram 27 crianças para três professoras, que era a sala aqui agora, depois de um tempo foi dividida, mas era essa sala aqui, enorme, 27 crianças para três professora de manhã e três a tarde. Aí depois nos outros anos eu consegui pegar o B1, aí eu já estou, dos onze de prefeitura, uns 9 aqui no B1. Então eu já peguei bastante tempo, a sala que eu prefiro, uma faixa etária que eu gosto. Assim, me identifico com os pequenininhos, é um cuidado que a gente tem que ter, muita paciência, muito colo, a gente no começo substitui mesmo um pouco a mãe, eles ficam super carentes e passam muito tempo aqui dentro, né. Eles passam 10 horas aqui dentro. Ainda quando eu entrei eles passavam 12 horas, era das 7 às 19 o atendimento. Aí não sei te dizer que ano que é que começou esse horário individual e esse horário de estudos. Então as crianças ficam 10 horas. Aí o professor tem 1 hora de estudo, né, que ele trabalha de manhã e uma hora que ele trabalha a tarde. Tem essa hora de estudo, 3 horas semanais e duas individuais, que você faz o planejamento, né o que precisar na sala. O que mais você quer? Já me perdi (risos)

E: eu queria entender um pouquinho mais por que você se identifica com os menores, por que você prefere o trabalho com eles?

VIOLETA: ah, assim, os pequenininhos eu gosto dessa parte de cuidar, de carinho, então eles são muito, eles aprendem muito rápido, eles tem uma resposta muito rápida. Então a parte que eles chegam engatinhando, tem uns que nem sentam, que a gente tem essa diferença de idade porque a gente recebe crianças nascidas no ano anterior, então de janeiro até setembro, mais ou menos, então dá uma diferença de 6 ou 7 meses, entre uma criança e outra, então o desenvolvimento delas é diferente. Mas a resposta é muito rápida, eles começam a sentar,

começam a engatinhar, depois a andar, a parte da linguagem eles começam a falar, então no começo eles são muito dependentes, pra comer, pra mudar de um espaço pro outro, você tem que levar no colo, aí depois você vai ver essa evolução deles, eles ficam, né, vão sozinhos, você fala: vamos pra tal lugar? Eles entendem muito bem. Eles tem uma, apesar de não verbalizar, eles entendem tudo, eles entendem, você vai falando eles entendem, eles, te dão uma resposta pronta, assim, e a vontade deles de aprender. Eles estão sempre, tudo o que você ensina, às vezes você não percebe que você está, sei lá, mexendo no cabelo assim, dali a pouco a menininha está fazendo igual. Você é um modelo para aquela criança. E a gente, eles nem, você não percebe o quanto é importante pra ela, você percebe na atitude. Por exemplo, as trigêmeas, eu pegava o pãozinho, eu pegava no dedo pra dar pra elas, eu pegava um pedacinho, porque elas não mastigavam, né, vieram muito pequenininhas, vieram com seis meses mas parecendo quatro. As trigêmeas, então eu pegava sempre o pãozinho e dava. A L. quando eu passei a dar o pãozinho pra ela ela fazia igualzinho, ela não punha o pãozinho na boca, ela pegava um pedacinho e punha, as outras (trigêmeas) não. Mas você vê como é importante como elas prestam a atenção, e você não percebe isso no dia a dia, né, é uma coisa que eu estava fazendo pra elas não engasgarem com o pão.

E: Quer dizer que mesmo sendo trigêmeas tem um jeitinho diferente para cada uma?

VIOLETA: É elas tem. Elas, né, tem o desenvolvimento diferente uma da outra. Mas você vê, como a L. prestou atenção em como eu dava o pão para ela. Quando eu passei a dar o pão na mãozinha, pra ela levar pra boca, não, ela pegava, tirava um pedacinho, e punha pedacinho por pedacinho.

E: Isso faz da L. única?

VIOLETA: É lógico, as outras não, as outras, né, a K., M. pega o pedacinho do pão, da bolacha e põe na boca, a L. fazia igualzinho ao que eu fazia (risos). Aí que eu parei pra pensar, né, nossa, ela prestou tanta atenção que ela faz igualzinho. Agora não, já passou, mas as primeiras vezes que eu dei o pãozinho pra ela na mão, igualzinho ao que eu fazia.

E: E como você se sente, A?

VIOLETA: Ah, eu me sinto, é gratificante, o que você fala, quando você pensa, nossa, como eu sou, o sorriso quando eles veem a gente. Mesmo outro dia eu estava a tarde, na primeira sala, e já estava meio que no horário de saída, agora no segundo semestre, eu estava subindo na escada pra entrar naquela sala quando o P. (bebê da turma B1) me viu. “Olha a A.!!!” Aquela alegria, né: “Olha a A.!” Aí estava mais gente, a V. (bebê da turma B1): “Ahh! A A., a A.!!” Agora eles já estão falando. Até as trigêmeas estão me chamando de “Nana”.

E: Ahhhhh!!!!

VIOLETA: Que elas estão falando “nenê” e Violeta, então a Ana está virando “Nana”. Pra L e pra M. É que a K é mais... mignonzinha, mais miudinha a K, né. Mas assim, a vontade que eles tem, o sozinho que eles tem, porque assim, as vezes eles não verbalizam tanto, eles estão começando a falar, mas reconhece tudo, e tem esse retorno muito rápido deles. Por que você percebe, né, eles não fingem, né. Criança não tem fingimento, ou elas gostam de você, ou não gostam. Ou ela quer tal coisa ou não quer. Não tem aquela: “Ah, vou fazer tal coisa pra agradar fulano” (Risos).

E: Isso é uma coisa que te atrai no trabalho?

VIOLETA: É. Eu gosto mais dessa idade, não tem aquela coisa de fofquinha de crianças maiores: “Olha tia, ele fez isso”, eu não tenho muita paciência pra essas coisinhas, né. Então aqui assim, o trabalho que a gente oferece, então tudo pra eles é novidade, eles curtem, e essa sinceridade, essa troca que a criança tem. Né, de ser muito sincero. Então está bom está bom, não está bom é aquele berreiro e acabou. Ou então o C levanta a mão, o outro morde, mas é aquela coisa que ou é ou não é. Você não tem... não vou dizer fingimento pra uma criança pequena assim, mas assim, não tem aquela manha, assim, né, de ficar mudando as coisas. Não, ou gostou ou não gostou. E assim, esse carinho deles, eu gosto de pegar no colo mesmo, eu gosto de ficar junto, não tenho problema em ficar sentada no chão, e eles ficam todos aqui na minha perna (risos). Não tenho assim essa fresc... assim, esse problema. Tem gente que não gosto de ficar muito próximo, eu não tenho esse problema. Eu fico assim preocupada se a criança está comendo, não está comendo. É um cuidado mesmo, você fica: mas será que tá cuid (pausa) tá comendo? Não tá? A K. que às vezes não comia, eu falava, anota na agenda, ela não está comendo, está acontecendo alguma coisa, às vezes é dor de garganta, está tomando algum remédio que fica mais enjoadinha, né, então tem que ter também essa comunicação com a família, porque a criança não fala, ela expressa o sentimento às vezes com o choro, com descontentamento, então você tem que ficar, né, muito... não é em cima, né, é atenta, muito atenta a tudo, porque eles não verbalizam assim, né, eles tem as expressões e você fica: “Bom, será que é dor de garganta? Será que é dor de ouvido? Será que está com alguma dor, ou esse dia, né, não dormiu bem?” A gente tem que ser meio Bidu.

E: E você acha que esse trabalho de ser Bidú é uma coisa difícil, é uma coisa que você consegue fazer bem?

VIOLETA: Eu acho que tem que ser bem observadora, né, a pessoa tem que estar bem dedicada assim a estar observando, não é assim “Ah, essa criança está muito chata!” Não é bem assim, “Por que que ela está assim?” Então observando a gente começa a ver o porque ela está irritada, será que não dormiu? Será que está doente? Será que aconteceu alguma coisa em casa? Porque às vezes está com algum problema familiar, e a criança... do mesmo jeito que a gente é um exemplo, o pai e a mãe também, é um reflex (pausa) a criança, se tem violência em casa, ela vai ser uma criança violenta, se muda muito a rotina, às vezes tem algum problema que muda a rotina. E a gente teve um aluno uma vez que ele não queria sair do berço. Você punha ele no chão e era um transtorno. Solário então pra ele era um horror. Mas com o tempo, né a gente foi percebendo, né, não, está estranhando a escola, está estranhando tal. Mas aí era muito frequente aquilo, não estava se adaptando, passou a adaptação e a criança continua assim. E a gente conversou com a mãe, tal, e a mãe falou que eles moravam na (pausa) se não me engano, e que tinha ele, no B1, e um outro irmão no B2. Então era quase um ano, e dois anos. E o pai se enforcou na frente deles.

E: Nossa!!

VIOLETA: Ela não estava em casa, e quando ela chegou o marido estava enforcado, se matou, né, e as crianças viram. Então era um medo que esse menino tinha! Então foi importante a gente conversar com a família pra entender porque que ele não queria sair daquele cercadinho, então acho que a segurança dele era aquilo...

E: Entendi...

VIOLETA: Fora do berço ele ficava apavorado. No começo não, você acha que é adaptação, ele está estranhando muita gente, muita criança, e não era isso, era... uma vivência que ele teve traumática, lógico, né. Ficou assim.

E: Nossa, que estória!

VIOLETA: É por isso que a gente fala, é criança muito pequena que não verbaliza, então a gente vai percebendo algumas coisas que a gente consegue, com o tempo você vai, né, de tanto observar, de ver uma coisa, o que é dente, que está nascendo, a criança que é mais enjoadinha, você dá uma olhadinha que está vermelhinho, que põe tudo na boca que começa a coçar, coçar. Então acho que é dente que está incomodando, que dói mesmo cortar a gengiva e nascer o dente. Mas tem outras coisas que você fala: “Bom, não identifiquei, vamos conversar com a mãe”. A gente está com o A. que está mordendo demais. Segunda-feira é o dia, hoje ele vem virado. Você põe ele pra dormir depois do almoço as meninas (as educadoras do período da tarde) dizem que ele não acorda mais. Tem que acordar ele pra jantar às 15:30 da tarde. Então você imagina como é o fim de semana desse menino.

E: Nossa, de cansaço ele dorme tudo isso?

VIOLETA: Dorme. Dorme o que, perto das 11 e pouco, que acaba o almoço e vai até 15 e pouco. Ele acorda pra jantar, porque nem o leite acorda. Aí conversei sobre as mordidas, conversei com a mãe, não sei o que. “Ah, é com a irmã ele morde. Que eles estão lá, não sei o que, e ele acaba mordendo”. E continuaram as mordidas, passei o caso pra coordenação. Porque lógico, criança que sai mordida, a família está muito brava também. Parece que a gente (educadoras) não olha, mas não é, os dois estão brincando e dali a pouco sai uma mordida, não há um motivo, não tem um motivo aparente, eu não peguei o seu brinquedo, não te empurrei, não te bati, não é uma reação que ele foi agredido, alguma coisa, que ele está reagindo daquela forma. Não, ele está chega que chega atacado de segunda-feira. Aí a gente pediu pra coordenadora pra conversar, aí veio o histórico, diz que o pai era violento, que tem uma menina e tem ele, que o marido dela era muito violento e não sei o que, e depois eles acabaram separando. Então tem o histórico familiar que nem sempre eles passam, é quando acontece o problema que a família acaba abrindo, né. E a gente fica aqui as vezes sem saber direito o porque que está tão agressivo. Porque a gente fica de olho, a gente chama a atenção, mas tem sempre que ser um trabalho conjunto, quer dizer, as crianças ficam aqui 10 horas, mas elas são da família, a família tem o papel dela na educação da criança e a escola tem outro né? Então a gente tem que sempre fazer essa comunicação.

E: e essa construção desse lugar junto com a família, junto com a escola, como você foi fazendo isso ao longo da sua experiência?

VIOLETA: então assim, a gente tem algumas reuniões, são quatro reuniões anuais, então no começo do ano a gente faz aquela apresentação. Tem uma ficha que as crianças preenchem, que eu posso até te mostrar depois, que perguntam algumas coisas assim: se mora perto, não, vem a pé, de carro, de perua, de ônibus, se dorme com a mãe, né, porque às vezes tem só um cômodo na casa, se dorme junto com os pais, se tem mais irmãos, se tem algum bichinho de estimação, se tem algum objeto de apego, às vezes é a fraldinha ou a chupeta, se já teve alguma doença, se tem alergia a algum medicamento, medicamento não. Se tem alergia a alguma coisa, então só uma pincelada na criança. Por exemplo, agora entrou o A. né? Ele entrou no começo do ano, mas veio faz um mês só, ele tem problema no esôfago, ele não mastiga, tem que ser tudo papinha, ele tem todos os dentes na boca, tal, mas tem que ser tudo papinha. Porque ele tinha esse problema de engasgar. Então assim, tem alguns problemas que eles colocam nessa ficha, que é uma ficha de saúde que fica lá embaixo, fica lá no prontuário da criança. E essa outra ficha, que vem com alguns características da criança. Então você dá uma lida pra sentir. Geralmente eles vem muito pequenos, então muito tem refluxo. Então a gente põe travesseirinho porque ainda é uma fase de formação do corpo da criança, então se é muito

pequeninho, tem refluxo mesmo. Então tem essa ficha e uma primeira reunião que é importante, que a gente fala como é que a gente trabalha, ainda mais porque é a primeira vez que a criança está se afastando dos pais. Né, se a família não teve outra criança, também não sabe como é que funciona um berçário, como funciona uma escola da prefeitura, aí a gente passa as informações, fala um pouco sobre a rotina, os horários, por exemplo, sempre falo, aqui a janta é 15:30 da tarde, então a criança vai sair daqui 17, 18 horas, vai estar com fome, e não é porque ela não comeu, é porque o horário é cedo. Então ela tem que dar um reforço em casa, porque senão ela fala: “tomou café da manhã, lanchou, almoçou, jantou, chegou em casa ela vai estar pronta”. Não, os horários são todos muito cedo, eles almoçam 10:30, jantam 15:30 da tarde, então a gente vai passando essa rotina e sempre falo, olha, estamos aqui a disposição, no horário da entrada, no horário da saída, tem a agenda que é uma comunicação, a vezes a criança vai de perua, ou vem um outro parente buscar, que não é o pai ou a mãe, as vezes vem a avó, vem tio buscar, vem trazer, alguma coisa, né, então, se precisar, a gente escreve alguma coisa na agenda, mas senão estamos sempre aqui.... abertos a conversar. Não é que só tem o horário da reunião. Não.

E: Como que é pra você esse trabalho com as famílias, como você se sente quando você tem que envolvê-los?

VIOLETA: É, assim, é complicado do ponto de vista de horário. É sempre tudo muito corrido, às vezes o pai vem trazer a criança e diz “Ah, eu tenho que trabalhar!”. Então você fica.... a mesma coisa, aí vem buscar a tarde e diz: “Ah, estou com o carro parado não sei aonde e tenho que sair correndo”. Então você não sabe esse momento. Então a gente tem que marcar, né, que nem eu fiz agora com A, agora, por exemplo, com a coordenadora, mas foi na entrada também. Passa para a coordenação. Porque eu conversei com ela aqui, só que eu levei lá para o trocador, porque eu não queria que os outros pais ouvissem. Tem nada a ver, porque a gente não fala quem é a criança mordedora, digamos assim. A gente fala “Olha, foi mordido, numa disputa de brinquedo, a gente não procura dar nomes para não julgar, não rotular a criança, não fazer tipo um preconceito e não deixar a criança meio isolada. Então naquela semana, na segunda-feira eu chamei a mãe, falei “Olha”, na terça, né, “ele mordeu mais uma vez na segunda-feira, está complicado, a gente precisa ver isso, tal”. A mãe fala “Ah, pode por de castigo”. Eu falo, não é por aí. O que que está acontecendo em casa, porque... “Ela falou, não, pode por de castigo”. Aí na terça-feira que a coordenadora conversou com ela, ela veio aqui deixou o Antônio e ela falou “Você vai ficar no quarto escuro se você morder”. O menino começou a chorar. Então você fica naquela, eu não posso interferir na educação que ela dá, mas a gente fala, não, não é por aí, o que eu pedi na terça-feira é que você converse com ele, com as irmãs que estão em casa, porque às vezes ele acha que mordida é uma brincadeira, e não é, ou que é uma forma de carinho. E não é. Sei lá se mordem ele em casa, porque ele está com duas irmãs adolescentes, que vieram do nordeste, e mais a irmã que estuda aqui no CEI. Aí você fala, mudou a rotina dele. Porque eu mesma estava pegando ele, “vamos no solário?”, ele pegou, catou minha mão pra morder, do nada. Pegou, a altura da boca dele e foi. Só que a gente tem a reação de tirar, né, a gente é mais rápido. Os outros são mais inocentes, né. Só vai berrar quando sentir aquela mordida, né. Aí já ficou aquela beleza. Então é uma coisa que você vê que ele fica sentido quando você chama a atenção, quando põe de castigo, que a gente põe às vezes sentadinho. Falei, vai sentar aqui pra perceber que teve uma ação errada. Mas você não vai deixar, a mãe fala que deixa meia assim. A gente deixa no máximo 5 minutos, né. Se está aqui na sala, vai ficar no berço. Outro dia eu coloquei no berço e sentei, ele ficou assim, nas minhas costas, fazendo carinho (gesticulou). Ele está arrependido, quer voltar pra brincadeira, ele sabe que fez errado, mas assim, a gente tem que ter uma posição diante de uma atitude errada. Porque se você permite, pra ele aquilo é normal morder, é normal empurrar, tem outro que empurra, então você tem que ter, né, mostrar o que é certo e o que é errado, mas não ficar judiando da criança,

né, de forma alguma. Aí a mãe falou que vai deixar no quarto escuro, falei, meu deus, não é isso que a gente quer. Que eu falei com ela ali no trocador, que a gente quer que explique pra ele, que não é pra morder, que machuca o amigo, pra evitar mordidas em casa, né, fazer esse trabalho conjunto, não é castigando, põe sentado, põe no quarto escuro, vai apanhar, sei lá, né.

E: Nesse momento, que você estava conversando com ela, que você está contando que vocês tem pontos de vista um pouco diferentes, né? Que lugar que você ocupa junto com essa família?

VIOLETA: Ah, eu acho que a gente tem um papel bem grande, eles ficam 10 horas aqui, 5 com as professoras de manhã, 5 com as professoras da tarde, então a gente tem esse papel também de educar, de cuidar, de educar, como eu passo falar. Que nem eu te falei, a gente tenta fazer um trabalho conjunto, mas, por exemplo, eu não estou concordando com a postura da mãe. O menino começou a chorar, então eu mudei o discurso, falei, não, ele não vai fazer mais, né, A. Ele vai ficar bonzinho. Que às vezes você fica naquela que você fala, não é por aí, não é castigando a criança, então... a gente não pode interferir, eu acho que a gente não pode interferir e falar a gente tem que fazer assim, assim, assado. A gente coloca a situação, falo "Olha, conversa, explica, né, tentar uma maneira de fazer o trabalho". A gente fala muito aqui, é beijinho e carinho. Não é tapa, empurrão, esse tipo de coisa, que a gente tenta dar uma (pausa), são 13 crianças atualmente, então se começa a bater e morder... Não é pra, se eu fui mordido, vou morder também. Né, ele me empurrou, eu vou empurrar. Então não é por aí. A gente vai ensinando que é o beijinho, é o carinho, respeitar o amigo. Então a gente tenta. Não vou falar pra mãe, olha, você vai educar seu filho de tal maneira. Mas tentar mostrar pra mãe que tem alguma coisa errada. Se ela quer se abrir comigo, como ela se abriu com a coordenadora, comigo ela não falou. Ela falou que a irmã morde, morde ele. Então é uma reação dele. Então eu não vou falar, né, tenta conversar, explica pra B que não é pra morder, explica pro A. Mas ela veio com essa história de castigo, eu digo, ai, meu Deus. Porque ele começou a chorar, né, os pais entrando e ele berrando. Falei, "não, o A. vai ficar bonzinho que eu estou de olho nele, não sei o que, ah, vamos pegar um brinquedo lá dentro", pra poder mudar um pouco. E aquele dia ele ficou, com aquela boquinha do jacaré (mordedor infantil), ele ficou, aqui na boca. Aí, dali um pouco, a gente foi tomar o leite, ele ficou com o babador (gesticulou mordendo o babador). Aí nesse dia, com a coordenadora, ela falou que ia levar no pediatra e indicar a psicóloga, que ela faz a terapia, e a menina faz, ela ia levar o A. Aí depois ela veio, a psicóloga falou que ele está na fase oral. Falei, a gente sabe que ele está na fase oral, todos estão na fase oral. Isso não significa morder. É uma fase oral que tudo é com a boca, que ele sente, o sabor, líquido, os brinquedos, tudo vai pra boca, mas está uma coisa a mais, exagerada, né, porque ele está precisando demais desse sentido da boca. Então tem alguma coisa por trás disso. Porque é normal, realmente, eles vão atrás de morder aqui, eles vão morder, babar na mão, chupar o dedo, tudo eles põe na boca, tudo. É a fase oral. Mas não precisa ser agressivo. Isso que a gente falou pra mãe, está na fase oral, mas também tem todo um limite, né, senão estariam todos mordendo. Todos estão nessa fase. Então é sempre assim, né, conversar e mostrar, né. Porque às vezes eles não tem conhecimento da parte de psicologia, alguma coisa, né. Então, não sabe, é nesse sentido.

E: Você falou tantas coisas importantes, queria retomar, de que forma você acha que participa do amadurecimento das crianças aqui?

VIOLETA: Ah, eu acho que é todo dia, a gente dando o exemplo, que eu falei antes, tudo o que a gente faz eles prestam muita atenção. A nossa postura, o jeito que a gente fala, se é uma professora que grita demais, eles vão gritar. Se a gente fala mais baixinho, se você conversa, então, é muito a postura da gente aqui dentro, e esse é um período longo que a gente convive, e esse respeito, a postura, né... que nem, a gente fica o tempo todo, um pega o brinquedo do

outro, não, pega o brinquedo que está no chão. Então o tempo todo, pra ter essas relações de convívio, mesmo quando a gente passa, a gente fala “dá licença”, “dá licença pro seu amigo passar?”, “Deixa o seu amigo sentar?”. Não é “sai daí”. Acho que é muito a postura, a maneira que você fala, não é “sai daí”, não é empurra, é “dá licença”, “deixa o seu amigo sentar aqui”, “o seu amigo chegou primeiro”, “o brinquedo está com ele”, “você vai escolher o outro que está no chão”. Então é o tempo todo a gente está mostrando relações de convivência, de maneira harmoniosa, de preferência, né (risos). E sempre, como falei, prestando muita atenção esse negócio de respeitar o espaço um do outro, que nem eu falei “não, aqui está o seu amigo”. Que às vezes quer sentar na mesma cadeira, quer passar no mesmo lugar (risos). Que eles tem essa mania de imitação, né. Não só de comportamento nosso, como deles mesmo. Um fez uma coisa, o outro acha engraçado, acha que é legal, novidade, e quer imitar. Então essa coisa de convívio mesmo, as nossas atitudes, o exemplo, a maneira como você fala, o tom que você fala com as crianças, se você é grosseiro, se você é delicado, então eu acho que tudo isso, se você demonstra um carinho pela criança, ou se você “nem chega perto, heim, com esse nariz sujo, nem vem aqui”. O que que a criança vai fazer?

E: que importância o carinho tem?

VIOLETA: ah, toda, né, acho que é o que move, né, o afeto. A pessoa, a criança, no caso, se sente segura, acho que é uma segurança, porque ela está saindo do lugar dela, do conforto que ela tem em casa, com a mãe, com o pai, né, se tem irmãos... Mas aquele é o porto seguro deles né, é o que eles conhecem. De repente eles são deixados pela família em um lugar estranho. “por que estão me deixando aqui?”, “vão embora e eu vou ficar aqui sozinho sem uma pessoa conhecida?”. Então você tem que ter assim esse carinho, essa... não é apego, não é essa palavra que eu quero... esse aconchego, né? Eu falo, não, “vem aqui”... mostrar que é um lugar que é gostoso também. São pessoas que ele ainda não conhece no começo do ano, mas que vai ser um lugar agradável, vai ter experiências novas, que é importante conviver, porque filho único acha que o mundo pertence a ele, e não é bem assim, em nenhum lugar é assim, você vai ter que saber dividir, saber conversar, né, em toda a situação, na escola, o emprego, em qualquer outra situação. Você está o mercado, você está na rua, você precisa saber conviver. Dividir o espaço, dividir as coisas, que nem eu falei, filho único tem os pais só pra ele, tem os brinquedos só pra ele, então... é uma outra realidade, que não é o mundo lá fora (risos). É um mundo particular, digamos assim. Então acho que aqui a gente tem muito essa responsabilidade, digamos assim, de criar um ambiente que seja acolhedor, pessoas que saibam receber essas crianças que estão vivenciando uma coisa nova, não é o mundo deles, né, o mundo deles era a casa deles com os pais, com a família. De repente aqui amplia. Tem crianças de outras idades, que as vezes a gente encontra, ou divide espaço com essas crianças de outras idades, vem outros adultos que essas crianças estranham muito, esse dia tinham mais que uma estagiária, tinham umas quatro estagiárias aí. E elas vieram pra ajudar a carregar lá pra baixo, a gente estava no solário (que fica no primeiro andar). Quem disse que eles vão. (pausa) Quem disse. (pausa). Elas subiram pra ajudar a carregar, mas o C. não foi, a M. não foi, o T. não foi. Eles vem, a gente já virou o porto seguro deles. É o mesmo quando falta professor, vem uma professora pra dobrar período... não vai. Porque eu já fiquei dois anos praticamente sozinha aqui, né, o ano passado e o ano retrasado. Com problemas com a parceira de trabalho. Porque ela faltava, tirava licença de monte. Então se vem uma pessoa estranha, eles grudam em quem eles conhecem. A E. que está lá em cima (no andar de cima, no minigrupo 1), ninguém podia trocar a E. A E. berrava. Então, quer dizer, eu tinha que trocar a E. Eles ficam, tem aquela pessoa (estranha), eles dão aquela gelada naquela pessoa. Ou então, os maiores desafiam, vão testar tudo, vão pular do berço, vão fazer a arte que quiser pra ver se a outra professora vai chamar a atenção. “Oba, hoje estou livre! Hoje eu posso fazer o que eu quiser!”, né, os maiores testam até mais do que o bebê. E o B1 assusta, os bebês “opa, essa daí eu não conheço”.

E: Como você se sente quando percebe que é o porto seguro daquela criança?

VIOLETA: De um lado eu fico feliz, se você pegar as trigêmeas. A M. não aceita mamadeira de outra pessoa, se eu estou lá. Se eu não estou, se ela não me vê, tudo bem. Agora, se eu estou, às vezes a S. (educadora substituta) vai por ela no cadeirão, ela espicha inteira. Aí eu falo M. vamos sentar no cadeirão. Aí senta. Você vai dar leite, berra, berra, berra, e olha pra mim. Eu falo, ela está com fome, mas eu tenho que ir lá, pegar a mamadeira na minha mão, e dar pra ela. Aí ela toma o leite. Ela está morrendo de fome, mas ela não pega. Os outros não, é mais a M. e a L, as duas gêmeas. A L. tem mais fome e acaba aceitando, mas a M. berra e não aceita de ninguém. Então você fala, nossa senhora, até elas brincam, ah, eu sou a mãe postiça, que eu sou a mãe postiça das duas, né. Que a K (a terceira trigêmea), ela ficou afastada, né, ela tem os negócios dela assim, de comer, mas não é tão agarrada comigo. Mas a M. e a L é o tempo todo. Então você fica naquela, por um lado é gratificante, nossa, a criança, que nem eu falei, é sincero (risos). Ela gostou, ela confia, ela quer ficar perto, né. Então é gratificante por um lado, mas você pensa, pra criança, é complicado também, porque por exemplo, agora eu vou tirar férias. (pausa) Então ela tem que ter também uma outra pessoa, né. Vai ficar a M., não sei quem vai ficar no meu lugar, tudo. Como eu falei, se elas não me veem, até aceitam, mas elas aqui chegam berrando. Aí eu começo: “quem está chorando?”. Aí elas escutam a minha voz, aí já dá.... (gesticula algo que sugere um apaziguamento). Outro dia a mãe chegou com uma... elas vem com uma mantinha que tem um gorro dentro, na cadeirinha. Estava frio, estava chovendo, aí a mãe pôs em cima da mesa, pra tomar o leite e tirou da cadeirinha pra poder tirar essa manta, porque tem o cinto, tem não sei o que. E eu estava dando leite pras outras crianças, tal. E a M. na birra, esticada inteira que não ia sentar. A mãe: “M., a A. não vai brincar com você.” Aí eu falei “ai ai, heim M.”. Aí ela acalmou. Quer dizer, eu não vou brincar com ela, né, também é uma outra visão da mãe. Mas quer dizer, a importância né, “opa, né, eu quero A, eu quero fazer alguma coisa, vou ficar boazinha, não vou perder essa, né”.

E: Como você acha que a mãe dela te viu nesse momento?

VIOLETA: É, não foi como professora, foi como amiguinha (risos). Sou amiguinha da filha dela (risos). “Ela não vai brincar com você”, né. Eu senti uma... (pausa e risos)

E: Foi isso que você sentiu?

VIOLETA: “A A. não vai brincar com você”, olha a visão, né, que pra bebê, professor só... não é professor pra educar, né. É professor pra brincar, que é amiguinha, né. Porque as crianças às vezes tratam a gente como amiguinha, né, que pega na mão, quer mexer no cabelo, quer não sei o que.. mexe no sapato... tratam a gente assim, mas é criança, está na fase lúdica, tudo é brincadeira. Tudo eles aprendem na brincadeira. A gente propõe atividades mais... não é alegres, vai... mais... é, lúdicas, mais de brincadeira, mas a gente tem um propósito ali. Eu me senti uma menininha, né, amiguinha da M. (risos). Não é a professora que está lá pra educar, pra fazer as coisas, não. É a sua amiguinha, “ela não vai brincar com você hoje”. Aí a M. olhou e eu falei “ai ai, heim, M.”. Que aqui a bronca é o ai ai. “Ai ai que eu vou ficar brava, ai ai ai que eu vou pegar o fulano”, né, essa é a bronca do B1. Mas aí falar “a A. não vai brincar com você”... (risos) Mas tudo bem, né. Ela obedeceu.

E: Em que momentos que você se sente a mãe postiça que você estava falando?

VIOLETA: Ah, vários assim, tem, a S. era muito difícil no começo do ano, ela era muito arredia. Ela é bem apegada a mim, até. Eu que segurava para ela dormir, falava, não, tem que ficar, tem que acostumar, porque a S. gosta de mim, de resto, até hoje ela não vai com a M. A mesma coisa o P, o P não vem muito comigo. O P. gosta da M. O P. chega, eu falo, M. pega o P. As

vezes eu falo, a M. já vai pegar você, porque às vezes ele não vem comigo. Então tem essas preferências. Os meninos preferem a M. e as meninas preferem a mim, mas digamos assim, mas a gente tem que por alguns limites à criança... esqueci a sua pergunta, o que você falou?

E: É, em quais momentos você se sente como uma mãe postiça que você estava falando.

VIOLETA: Ah, então, porque as crianças tem esse apego à gente. E a gente acaba mesmo fazendo esse negócio de, tem momentos que você vai pegar mesmo um pouco no colo, você vê que... os pais da S. se separaram, né? Então, tem vezes que ela fica chamando muito a mãe. A semana que eles se separaram, as primeiras duas ou três semanas, porque ela fica uma semana na casa da mãe que é aqui perto, e uma semana na casa do pai que é mais longe. Então aí você percebe a mudança de comportamento que realmente ela quer mais colo, ela sente falta da figura feminina. A mesma coisa, tem criança que só dorme no colo. Tem criança que mama no peito. Bom, peito eu não posso dar, aqui não tem nada, não tem leite aqui. Mas você dá um aconchego, você dá um carinho. É, tem muito assim, a hora de dormir, tem criança que você precisa estar ali do lado, né, colocar no berço, fazendo carinho. A S., você acha que ela dormiu ela começa a dar uns trancos. Ela fecha o olho e você pensa, “agora ela dormiu”. Não, dá uns trancos porque ela percebeu que você parou de fazer carinho nela. (risos). Aí você vai lá de novo, fala, não, agora dormiu. Olha, fiquei até com lágrimas nos olhos de falar disso. Aí, então você percebe que...

E: O que que te emocionou agora?

VIOLETA: Não, que eu falei da M., da S., que tem esse carinho... que você falou, né, se eu acho que a gente é mãe, porque você acaba sendo um pouco, você dá esse carinho que é ainda necessário nessa faixa etária, né. Em outras também, mas cada uma na sua proporção. Aqui é muito colo, né, você pegar, mesmo e dar aquele aconchego, aquela segurança pra criança, né. Ainda mais, eu estava a tarde, até o ano passado, então era uma outra situação. Mas o momento que os pais vão embora, e a criança fica, eu acho que é mais difícil, né. Porque quando eles chegavam eles estavam acordando, então eu entregava para a família. Agora eu retiro da família (risos). Retiro entre aspas, né, no bom sentido, mas a gente que está meio que recebendo as crianças, então é meio diferente, né. Você tem que ser mais ainda afetuosa. Como eu falei antes, aqui é um ambiente gostoso, a gente não quer que a criança se sinta mal aqui, muito pelo contrário, a gente quer que a criança goste de ficar aqui, de brincar. Brincar mesmo com os outros, ter essa convivência, ir desenvolvendo. Explorando outros materiais, né. Outros espaços, outros momentos de convivência com crianças mais velhas, pa-na-na. Ou mesmo com crianças mais novas, eles chamam as trigêmeas de nenê. Desde o começo, né, que tinha que ter um carinho diferente com as trigêmeas, elas não sentavam. Então tinha que ter um cuidado maior, então a gente mesmo, igual eles falavam, era nenê. O A., o P., se achavam grandes, então era “cuidar do nenê”. Né, então tem que fazer essa relação de carinho, de afeto, tanto nosso com eles como entre eles mesmo. Porque eles tem as vezes... Uma vez estava ali no solário, estava o T., que é o loirinho, brincando com a K., que a K. estava sentando mas não estava se movimentando muito ainda. A gente punha o edredom com as almofadinhas, porque às vezes ela cansava e ia pra trás. Aí o T. ficava lá, fazendo carinho. Aí veio o N. O T. catou os cabelos do N, na mãe ele catou os cabelos do N, e na K ele fazia carinho. Então ele sabe, assim, ele queria que o N fosse embora, e a K ele estava cuidando. E eu só de olho, lógico, chamei a atenção quando ele puxou o cabelo do N né. Porque o N deita, né, delicado o N, deitou em cima do T e o T já deu um “chega pra lá”. Mas com a K, com a K ele estava brincando, ele continuou fazendo carinho brincando com a K, o N que vai pra lá. Quer dizer, eu fiquei de olho, sem interferir, falei “não machuca o seu amigo, só carinho”. Sempre aquela fala “É carinho, beijo, não machuca o seu amigo”. Mas ele deixou bem claro, ele não quer amigo, é a vez dele de brincar

com a K. Então eles tem muito isso, o A nunca mordeu nenhuma das três. Muito pelo contrário, desde o começo do ano ele é muito carinhoso com as três. Porque elas ficavam mais na cadeirinha, ele vinha e balançava quando uma chorava, enchia de brinquedo na cadeirinha, eles abaixava pra elas, fazia uma gracinha pra elas darem risada. Então, você vê que é diferente, com o P ele morde. Mas com as nenês, não, ele é o grande, ele está cuidando das nenês. Ele é o mais velho, ele é o grandão, é adulto já. Ele é grande, elas é que são nenês. Então tem muito isso. Vou precisar arrumar a sala.

E: Tá bom. Obrigada!

SEGUNDA ENTREVISTA COM VIOLETA, OUTUBRO DE 2015

Violeta: Mas vamos lá, no que eu posso te ajudar?

E: Do nosso último encontro, será que teve alguma coisa que você lembrou que você gostaria de acrescentar?

VIOLETA: Não... a gente estava falando mais do cuidado, né? Acho que não... a não ser que tenha ficado alguma coisa que não deu pra entender, né. As vezes eu viajo, vou falando uma coisa, vou falando outra, e a gente sai do assunto. Você já escutou tudo?

E: Já escutei sim.

VIOLETA: Ficou legal?

E: Ficou sim.

VIOLETA: Não estou lembrando de nada. A gente estava falando das crianças, como é que eles chegam, né, no começo do ano, das famílias... Ah, teve um negócio legal do Augusto, lembra que eu falei que ele estava mordendo, que segunda-feira é o pior dia, não sei o que, aí é o Augusto com o Pedro, como sempre, né. A Marlene não veio segunda, né, aí a mãe do Augusto já chega falando assim: “está virado hoje! Está virado!”. Aí chega o pai do Pedro e fala “Ah, hoje está dando muito trabalho, não queria nem por a roupa!”. Mas aí passaram o dia bem, tal. Quando o Augusto fica próximo do Pedro a gente já fica de olho. Aí o Augusto foi lá e deu um beijo no Pedro. A gente tinha medo de morder, porque o Pedro com Augusto já sai mordido, os dois e do nada sai mordido, né. Aí ele deu um beijo no Pedro. Dali a pouco deu outro beijo no Pedro. Falei, ai, que bom né, mudou. Aí quando a mãe veio buscar, eu estava aqui a tarde, e ela falou “E o Augusto?” Eu falei “é, ficou bem, né?”. Aí no dia seguinte ela comentou de novo e eu falei “Olha, ele deu até beijo no Pedro”, ela falou “Ah, é porque eu comentei com ele em casa, que os amigos a gente tem que tratar com beijo, com carinho”. Falei, está vendo como está funcionando, você conversa com ele em casa, explica, a gente está aqui também sempre falando de carinho e beijo, com o amigo, então está vendo, já está funcionando, a gente está encontrando resultado, né, porque está um morde-morde, que eu conversei com ela, né, aí que a coordenadora foi conversar, e que eu expus né, que o pai dele briga, batia, e ela falou: “Ah, eu tenho muito medo do A ser parecido com o pai. De beber, de ser violento”, eu falei “olha, o A. é muito carinhoso, ele não é uma criança violenta”. Até no relatório, eu lembro, fui eu que fiz o relatório dele do semestre, e eu coloquei que ele tem um carinho especial pelas trigêmeas. Eu comentei com você, né, que ele agachava, ele brincava, ele balança a cadeirinha delas, até hoje, se está chorando, ele balança, vai lá onde elas estão, brincar, tal. Então não é uma índole agressiva a dele, ele está com algum problema, alguma coisa que ele não está conseguindo expressar, alguma insatisfação, sei lá, né. Mas você está vendo, a gente fazendo um trabalho conjunto, olha como o A. está melhorando, e você está conversando, não está colocando de castigo, nem colocar no quarto escuro, aquelas coisas (faz expressão de reprovação).

E: Aham.

VIOLETA: É nesse sentido, você está conversando com ele em casa, a gente está conversando com ele aqui, olha como já está melhorando. Aí a mãe saiu feliz, quer dizer, já está tendo um retorno esse negócio de conversar com a família. Que a gente tentou aqui na sala, mas toda vez ele chega no Pedro e morde, do nada, não adianta. Eu pego na mãe dele e ele me morde. Quer dizer, não tem um motivo aparente que você fala: está disputando brinquedo. Não, é uma coisa dentro dele que não está legal, que ele está se expressando através da mordida. Aí eu conversei

com ela, a coordenadora conversou, aí essa semana foi bem tranquila em relação a mordida, não tivemos nenhuma. E ele dando beijo no Pedro, então está tendo uma mudança de comportamento que eu achei bem legal, é um trabalho conjunto de escola e família, a mãe está colaborando. A gente falou, não é pra castigar o Augusto, não é por aí, né. Ela falou que ia deixar no quartinho escuro e sair, o Augusto ficou chorando aqui outro dia. Não é por aí, né, é conversando com o menino e tal. Aí deu pra... essa semana ela deu esse retorno, que o menino está melhor...

E: Como você se sente vendo que você participa da vida dessa família?

VIOLETA: Ah, é super gratificante, você fala, assim... não dá pra saber se o problema dele foi resolvido. Mas ele pelo menos não está agressivo. E a mãe está tendo um tempo com ele, de parar e conversar. Porque a gente sabe que a vida dela, é quatro filhos, né. Mãe sozinha, assim, não deve ser fácil. Mas também pode ser olhado por esse lado, porque a mãe agora está olhando mais pra ele. Ela fala “fim de semana eu tenho que lavar roupa, eu tenho que não sei o que...” . Ela até falou outro dia, falou “ah, vocês querem uns DVDs? Porque agora eu coloquei televisão a cabo em casa”... que é pra deixar a criançada na televisão meso! Eu falei “não, pode, né, a gente usa DVD, tal.”. Ela não trouxe, mas ela falou que colocou televisão a cabo. Então você vê que assim, ela estava meio que ausente. De repente, por isso que na segunda-feira ele é mais agressivo, também, porque ele fica com outras pessoas, com outros tipos de comportamento das pessoas, não tem aquele cuidado que ele tem aqui, que a gente está sempre junto, faz tudo junto, você está de olho, você está conversando, você está educando. Porque ele é uma criança que não fala muito, mas entende tudo. O que você falar com ele, ele entende, a maioria deles, eles estão começando a desenvolver a linguagem. A Veridiana está uma tagarela, a Veridiana é a que mais fala daqui, o tempo todo. Ah é, a Veridiana, ontem, teve essa música do seu Lobato “laiaooo” (uma apresentação no pátio da escola, com todas as turmas, em função do dia das crianças), a gente veio almoçar e ela começou a cantar, e ela nunca tinha ouvido essa música. “laiaooo”, eu falei, olha que bonitinha. Importante a história, né, ela prestou atenção, ela ficou com medo, porque estava com microfone e muita gente, assim, ela ficou no colo da Sandra (professora substituta) e eu fiquei com as trigêmeas. E a Maria do lado, o Augusto fica andando, andando, você perde o menino. Aí chegou a hora do almoço, teve uma música, eles dançaram um pouquinho, aí a gente subiu pro almoço. Arrumamos eles na cadeirinha e ela começou a cantar “laiaooo”. Falei, olha, que bonitinha, né. Ouviu a história com a música e já estava repetindo, né, que ela gosta. Ela pede pra gente, ela ficou pra mim ontem “palma, palma, palma”. Que é da música “palma, palma, palma, pé, pé, pé”. Ela vem, né “meu pintinho amarelinho” (cantando). Então ela adora música, ela sabe pedir, ela tava cantando, então você vê, é um retorno, né. Digamos assim, você investe, você está lá, ali, né, e você percebe que realmente eles estão ouvindo. Aí outra coisa que a gente trabalha muito é com música, que acalma, né, a música acalma eles. Eles dão uma concentrada, eles gostam dos gestos, músicas com gestos. As vezes está a música do rádio, e você acha que eles não estão ouvindo. Está no meio da brincadeira, está todo mundo conversando, acaba a música... eles falam: “Acabou! Acabou!”. E aponta pro radio. Como a gente cantando lá no solário, e tal, aí você fala, ah, está no meio da muvuca, um está falando aqui, outro está brincando ali, conversando, falando alguma coisa, mas eles estão ouvindo a música. Não é só pra preencher espaço, digamos assim. Eles estão ouvindo a música, porque a gente sempre faz, desde o começo: “Ih, acabou a música! Será que tem mais? Não sei o que?”. Aí quando acaba eles vão ali perto do rádio, apontam - aqueles que não falam muito - e os outros já falam “acabou!”. Aí eu falo, vamos colocar outra música? Aí eles curtem, porque na entrada a gente já põe música. Às vezes não está ligado porque não deu tempo, a gente está fazendo outra coisa. Eu falo: “vamos por música”, eles já ficam esperando. Eu já tive criança de escolher música. Não esse ano, no outro ano tinha o Geraldo. que falava muito, e ele queria determinada música. Não adiantava colocar

outro CD. Eu não me lembro agora o que que era, se era balão mágico. Eu lembro é que ele gostava daquela. Era Sandy e Junior! Que tinha um CD da Sandy e do Junior que tinha umas musiquinhas, ah, Mariquinha, “Mariquinha, não sei o que” (cantarolando). Ele atormentava até você colocar aquela música. Ele já pedia, né, ele já tinha o gosto, a preferência musical. E os gestos, né, eles gostam muito. Agora já estão dançando de roda! Dá pra fazer roda com eles, porque eles já estão andando, então consegue parar em pé, né. Porque quando chegaram eram muito pequenininhos, né. Então já começaram a dançar de parsinho, eles fazem roda, dão mãozinha. Tem uns que não gostam muito de chega-chega, a Veridiana não gosta muito de chega-chega. Eu falo: dá a mão pro seu amigo pra dançar! Aí eles dão a mãozinha, começam a dançar em roda, sabe. A gente ensinou fazendo junto, mas agora eles mesmos já vão procurar a mão do amiguinho. Às vezes pra dançar caem, também, porque estão meio desequilibrados, tem um mais fortinho que o outro e acaba derrubando às vezes. E a iniciativa deles, porque começa a música, deles quererem dançar, não só mais sozinho, que é característico de bebê ficar mais sozinho, né, ter o mundinho deles. Mas eles já estão conseguindo socializar, eles já vão dar a mão, dançar em par. Ontem a gente estava ali fora e ligaram o som pro teatro, e colocaram a música. E assim, com as trigêmeas, se eu começo a me movimentar muito, elas berram, elas acham que eu vou sair. Eu coloquei elas mais pra cá e as crianças mais pro fundo do solário, olhando lá pra baixo, que tinha música, a Jandira (outra professora) estava dançando, as crianças da J dançando, né. E eles estavam mais na grade olhando. A Ingrid veio me chamar na cadeira, pra ir dançar lá com eles. E eu estava pra cá porque estavam as trigêmeas. E eu estava de olho aqui e a Marlene (outra professora) estava com os maiores mais pra lá, e olhando lá pra baixo, dançando lá com eles. E a Ingrid me viu, e a Ingrid veio me chamar pra dançar.

E: Como você se sentiu?

VIOLETA: Ah, é gratificante. Aí você fala, é, ela estava prestando atenção que eu estou sozinha, ela estava achando que eu estou sozinha, né? Está todo mundo brincando, dançando lá e eu estou aqui sozinha, né? Eu estava ali com as pequenininhas, né, com as trigêmeas, na verdade.

(entra outra professora na sala)

VIOLETA: Estou contando pra ela que a Ingrid veio me tirar pra dançar ontem, tão bonitinha! (riso). Então você fala, a criança não está nem aí com os outros, né, a criança ainda está no mundinho dela, mas ela está prestando atenção, que estava todo mundo dançando e eu não estava.

E: Você acha que do jeitinho dela, ela estava de alguma forma cuidando de você?

VIOLETA: Tava... porque, não pode ficar, sei lá, está sozinha, alguma coisa assim. Porque ela foi me chamar lá, ela fez sinal pra mim de longe, aí eu fiz tchauzinho, né, aí ela veio até onde eu estava pra pegar a minha mão (risos). Pra me levar pra dançar. “Ah, vamos dançar, Ingrid?”. Aí eu fui com ela, tal, rapidinho e voltei (risos). Mas aí eu falei com a... não sei que acontece com a Ludmila que toda vez que a Maria começa a se mexer elas começa a chorar. Então a hora que eu entro pra trocar eu tenho que fechar as três aqui na sala, porque é um desespero que ninguém aguenta. Ficam aqui na porta de vidro berrando. Aí eu trago pra cá e elas ficam bem. Eu estou lá dentro trocando, mas elas estão me vendo, elas vão ali no portão, tal, né, ficam por aqui. Eu também fico trocando e preocupada porque estão as três aqui, de repente cai uma em cima da outra, né. Mas eu tenho que trazer pra cá, porque aí elas ficam sofrendo lá, chorando. Quem está lá sozinha cuidando também é complicado porque vai ficar ali no vidro sozinho e chorando. Aí eu trago pra cá. Então tem esse cuidado. E esse dia eu estava lá com elas, a I que veio me tirar pra dançar, eu falei, “ai que honra”, né? Ai, que bonitinha, né.

E: Tem outros momentos que você sentiu que você estava sendo cuidada pelos bebês?

VIOLETA: Hmm, deixa eu ver, deixa eu tentar lembrar... é que tem tanta coisa, a gente lembra mais agora essa semana. O Augusto, como eu falei, ele é muito carinhoso. Outro dia eu estava em uma brincadeira e o Pedro veio com gorro, ele sempre vem com um gorro, e aí não quer tirar. Aí eu estava sentadinha ali antes do café da manhã e aí estava com a Maria (uma das trigêmeas). Aí ele queria por o gorro na Maria. Falei, tá bom, vamos por o gorro na Maria. Aí virou brincadeira, eu ponho o gorro em todo mundo. Aí ele ficava, “não, mas a Violeta tem que por também”. Não são só as crianças, né. Aí eu punha, então eles acham graça. Aí veio o Augusto, o Augusto gosta muito de fazer carinho. Mas assim, na brincadeira, eles põe a gente na brincadeira, né. A gente vira coleguinha, né, a gente acaba sendo coleguinha. Eles não tem essa coisa de ‘professora’, ‘adulta’, né. De uma forma geral eles querem que a gente brinque junto, que a gente esteja sempre por perto, aquela segurança, quando a gente muda de espaço a gente vê bem isso. Que o porto seguro, eu, Marlene, Sandra, as professoras da tarde, tal, são porto-seguro, não adianta vir. Quando foi, foi segunda, não foi semana passada, que eu também dobrei, fiquei a tarde. Teve um trabalho de uma estagiária, eu te contei? Que fez um trabalho sensorial.

E: Você contou que eles não queriam descer com as estagiárias.

A: Então, com elas eles não queriam descer. Quando tem gente estranha, imagina, eles grudam em quem eles conhecem. “Aonde ela vai me levar?” (risos). Tem a questão da confiança, e do carinho também que eles tem pela gente. Às vezes eles vem e dão um beijo, do nada. Quando você fica na altura deles, você sente mais esse carinho, porque se você está numa cadeira mais alta, ou se você está em pé, eles vem nas pernas, as vezes um gruda aqui, ali. Quer dizer, você vai andar e acaba tropeçando porque um já pegou na sua perna. Ainda mais quando estão começando a andar, que eles querem um apoio, né? Mas você sente quando você fica na altura deles. Você senta na altura deles, agacha, aí você percebe, eles vem mexer no cabelo, eles vem dar um abraço às vezes atrás, eu falo “quem está aí”, aí eles já estão rindo, já estão mexendo, né. É o coleguinha deles: “olha, agora eu consigo estar na altura deles, estar no mesmo nível”.

E: Eu queria entender um pouquinho se, pra você, você sente que quando eles te colocam nesse lugar de coleguinha, você sai do lugar de porto-seguro, ou não?

A: (pausa) eu acho que não. Porque se acontece alguma coisa, de morder, de empurrar, é ali, eles sabem que é ali que vai proteger, se um pega o brinquedo, eles vão atrás da... porque eu fico muito sentada, né, na hora que eles chegam, aí você percebe que sabe que vai defender de alguma coisa. Se é da brincadeira, se é de uma outra pessoa que eles não conhecem. Por exemplo, o Nilson (da equipe administrativa) eles estranham, porque é homem né, tem muita mulher aqui. Entra um homem, principalmente as trigêmeas, a Ludmila não vai. Ela chora quando entra o Nilson. Uma vez o Nilson veio ajudar a dar comida, imagina, elas choram, não querem, né, choram só de ver. Tem uma outra professora também, que às vezes ela olha e também já fica assustada. É uma professora altona, grandona, e tem uma voz mais forte. Então eles procuram, principalmente quando está no cadeirão, eles procuram com o olhar pra ver se a pessoa, né, tem alguém de confiança. Eu falo “estou aqui, fulano. Pode sentar, pode...”. Porque você está dando aquela segurança, não é porque chegou uma pessoa estranha que vai te levar embora. “Estou aqui, me espera um pouco”. Por que tem uma coisa, né, ainda mais quem é filho único, então tudo é pra ele no momento em que quer. O Cícero é assim. Tudo é pra ele, na hora que ele quer, do jeito que ele quer, senão entra nos nervos.

E: Você tem irmãos, Violeta?

A: Tenho! Mais velho (risos). Ele sempre foi mais calmo que eu, na época da escola né. O homem da casa era eu (risos)

E: Ah é?

A: Quem fazia arte era eu. Meu pai ficava doido comigo. Mas eu tenho um irmão que é três anos e meio mais velho que eu. Éramos só nós dois, né.

E: Você fazia arte por você e por ele então?

A: É, porque era assim, a gente estudava em parquinho, a EMEI chamava parquinho. Então entrava aos três e ficava até os seis anos. Até completar seis anos, né, antes dos sete. Então quando eu entrei no parquinho, ele estava no último ano, quer dizer, 3 anos e meio de diferença. Mas meu irmão era sossegado, minha mãe dizia que eu que defendia ele. Imagina, uma irmã de três defendendo um irmão de seis! Eu voltava de terra de cima abaixo!! Meu irmão voltava impecável. Minha mãe, eu lembro assim a conguinha vermelha, o uniforme era camiseta branca, shorts vermelho, meia branca, e conga vermelha. Eu me lembro, que era tanta terra na minha conga, que antes de tomar banho tinha que bater a conguinha na privada, né! Pra tirar a terra, tomar banh... a blusa, que era branca, voltava marrom, mas eu sempre fui, eu tinha que aproveitar, eu falava pra ela (mãe) "eu tenho que aproveitar!". Tá vendo, mãe, eu já era sábia. Se você não faz isso na infância, vai fazer quando? Vou rolar na terra agora? Faz sentido, né. Então eu sempre fui assim, né, mais arteira, mais de tal. Depois eu dei uma acalmada, e o meu irmão piorou, né. Inverso, que aí ele foi ficando adolescente e foi meio que invertendo. Mas quando eu era pequena, era aquilo lá, defender meu irmão. Meu irmão era muito 'batatão', eu que ia lá, me meter no meio dos maiores. Mas eu tenho, eu sempre fui assim, sei lá, né, agora você falando, é meio de defender os outros, né? Sempre cuidando, né, porque já desde 3 anos, o mais velho eu já estava cuidando dele.

E: Isso tem algum eco com o trabalho que você faz hoje?

A: Ah, eu acho que tem, porque você vê, eu fui trabalhar em outra área. Eu me formei na tecnologia, eu fui trabalhar na caixa econômica federal. Fiz estágio na caixa econômica. Eu já tinha dado aula em uma escolhinha, logo que eu me formei no magistério, numa escolhinha assim de bairro, tal, gostei. Só que eu estava fazendo cursinho, faculdade, e acabei largando. Aí quando eu fiz a faculdade eu fui fazer estágio na caixa econômica. Eu me sentia tão presa, assim, porque na época, eu ficava no computador, na salinha tinha o telex, o fax, era uma salinha com vidro. E depois tinha o departamento, não era a gerência, não era uma agência, era uma gerência lá do prédio da paulista. Aí você pegava o telefone pra falar com uma pessoa de fora: "fala comigo? Que eu não aguento mais ficar nessa salinha". Porque trabalho, era do computador. Mas eu tinha que ficar nessa salinha, ficava presa. É junto, mas na verdade eu ficava lá sozinha, porque todas as outras mesas, os funcionários tudo aqui. E eu lá só com máquina. Aí eu interfonava, pegava o telefone e interfonava pra uma outra, uma japonesa que era boazinha, falava D., vem aqui conversar comigo? (risos). Ela falava, tá bom, Violeta, vou tirar um Xerox. Aquilo ali foi me dando um negócio que eu falei pra minha mãe, "mãe, não quero trabalhar lá". Assim, era um estágio, era de um ano o estágio, seis horas também, até como era gerência de recursos humanos, quando acabou o meu estágio o gerente falou: "se você quiser, eu te coloco em uma empresa terceirizada. Você quer? Que aí você continua trabalhando aqui, só que não como contrato do estágio. Você fica com essa empresa terceirizada e continua o seu trabalho aqui". Não, pra mim foi uma libertação sair dali, porque eu não queria ficar fechada. Eu não gosto de ficar fechada, ficar presa. E assim, sem conversar, então aí que eu voltei realmente a dar aula de tecnologia, eu voltei pra sala de aula. E aqui, essa escola em especial eu gosto porque tem vidro. Porque eu não gosto de ficar fechada. Igual eu falei, era uma sala, tá tinha ar

condicionado, tinha não sei o que. Mas pra mim era uma tortura. Minha mãe começou a perceber “você está indo infeliz trabalhar”. Falei “ai, mãe, preciso fazer”. O estágio é obrigatório da faculdade. Mas acabando esse um ano, eu estava louca pra sair, né. Aí vem o gerente “Não, se você quiser ficar”, Eu falei “não, pelo amor de deus, eu não quero ficar. Prefiro ficar desempregada”. Não, lógico que eu não falei isso pra ele, né. Como o salário não é essas coisas, né, estagiário... Mas ele assim, gostava de mim, das minhas coisas, falou “não, se você quiser... em recursos humanos, eu coloco você em uma empresa terceirizada e você continua fazendo esse serviço que você faz”. Que eu fazia a atualização das agências, assim. O nome do gerente geral, do gerente adjunto, o telefone da agência. Se tinha uma agência nova, todos os contatos eu que fazia, se mudasse o gerente, eu alterava tudo isso, eu tinha todo um catálogo que saía regularmente e eu que controlava isso. Destacava funcionários pra viajar, então eu fazia negócio de passagem aérea. Era esse o meu trabalho. Então era tudo no computador, né, o que eu fazia. No computador ou no telefone, que era de passagem aérea. Eu falava, não eu preciso desse contato, eu preciso... não é que é falar, eu não sou tão tagarela assim. Mas assim, ter contato com gente, só com máquina pra mim, apesar de ter feito tecnologia pa-rã-rã, mas não é programação e essas coisas que era a minha praia.

E: Quais são as preciosidades que você encontrou aqui?

A: Em que sentido você está falando?

E: Que você disse que lá foi uma libertação, e talvez aqui você tenha encontrado coisas preciosas.

A: Então, eu gosto do meu relacionamento com as crianças, né. O relacionamento profissional são poucas as pessoas, é complicado, tem uma estrutura complicada do serviço público. Que eu era de escola particular antes, eu tenho 10 anos de escola particular antes de entrar aqui. então a estrutura de trabalho é muito diferente, você tem aquele engajamento pra fazer um projeto, você tem aquele apoio, tanto pedagógico quanto financeiro, tem aquele trabalho conjunto. Se você realmente está fazendo um trabalho, um projeto da escola, que está todo mundo envolvido, não é aquela coisa mais pessoal: se você está a fim você faz, se você não está a fim você não faz. E assim, eu não encaro o serviço público dessa maneira, eu tenho o meu comprometimento com as crianças, se eu estou aqui, eu tenho esse compromisso, eu tenho essa responsabilidade com as crianças. Independente se é serviço público, ou quando eu estava na particular. O meu compromisso é com as crianças, então às vezes você tem que deixar meio de lado essa parte do desinteresse: ah não, se fulano, ah, não tenho dinheiro, não tenho não sei o que... eu já comprei bala pra eles pra dar, não é o que vai me fazer falta, não vai me deixar mais rica ou mais pobre. Eu penso assim, se a escola me der o dinheiro, ou se não me der, paciência, não é o que dinheiro ou a quantia, não é o que vai me fazer falta. O importante pra mim é estar desenvolvendo um trabalho com eles, ver esse progresso deles que é muito importante, esse carinho, que a gente fala, do dia a dia, e assim, a gente realmente tem uma proposta, você chega agora em outubro e vê o resultado, você está colhendo o resultado do que você fez. Não tem que chegar em dezembro. Agora, no segundo semestre você já começa a colher, o primeiro semestre é bem, vai semear pra poder colher agora. E você vai plantando, você vai plantando...

E: E o que que você semeia?

A: Ah, eu acho que é tudo, né, essa parte do relacionamento, o desenvolvimento total da criança, tanto na independência, que é pra comer, ou na parte da linguagem, assim, se expressar, que a criança começa, não é só no olhar, no choro, bater em você, sei lá, uma coisa assim. Não é só no gesto, ela já começa a verbalizar mais o que ela quer, aí ela já está mais independente de andar, de comer... o que você fala, eles entendem, tudo o que você fala eles entendem. “Pega

tal coisa?”. Eles sabem, não vai verbalizar “a bola amarela”, mas eles sabem. Que a gente vai trabalhando cores também no falar, né? “Pega a bola amarela. Ah, essa é a azul, pega aquela ali que é amarela”. Então, de pouquinho em pouquinho você vai colhendo, tudo o que você for falando, ensinando, agora eles estão te devolvendo, eles entenderão tudo o que você falou, só que eles não tinham aquela facilidade em verbalizar ou expressar, mas vão crescendo. Eles estão prontos pra aprender. Tudo o que você fala é muito importante, o exemplo que você dá é muito importante. Tudo o que você faz, o seu gesto, a sua maneira de falar, o seu tom de fala. Tudo o que você ensina, porque às vezes só de olhar eles já sabem que está fazendo errado. Também, eles conhecem a gente, eles são muito observadores. Outro dia a Ludmila jogava tudo no chão, eu só olhei assim pra ela, e ela deu aquela disfarçada básica. Eu dou colher, dou não sei o que, porque elas (trigêmeas) dormem na hora do almoço, né. Eu dou colher, a Carolina só come com pratinho, e com maçã. Então eu dou colher, dou pratinho, dou maçã, porque aí ela distrai e abre a boca. Só que a Ludmila começa a ficar cansada, ficar com sono e começa a jogar tudo no chão. Eu falo: “também, não vou pegar”. Ela já sabe. Outro dia ela pegou a escova de cabelo e jogou no chão. Eu olhei pra ela e disse: “não dou. Acabou, porque você sabe que eu não vou pegar”. Então não tem aquela linguagem infantil “tititi, tititi” (faz em tom que ridiculariza o gesto). Não, é linguagem normal, também. Não é assim aquela linguagem que é pra criancinha. Igual, a gente conversa com as crianças o que a gente tem que falar mesmo, né. O jeito que a gente fala: não pode, pode, a comida, vamos comer, vamos sentar. Não é assim “Ah, que bonitinho, o bebê vai sentar aqui” (faz em tom igual ao anterior). Não, “vamos sentar pra comer?”. Não tem aquela coisa infantilizada, tem aquele tati-bitati, tem pai que adora fazer...

E: E esse jeito de falar tem a ver com aquela sinceridade que você estava falando?

A: Acho que tem, porque a gente trata assim, igual, criança de um ano já entende mais e responde mais uma coisa, né, uma reação melhor do que o bebezinho, mas lógico que todos eles entendem. Mas eles te testam também, porque criança não é boba desde que nasce. Eles testam muito, tem criança que faz birra, e se você der atenção à birra: “opa, vou fazer birra toda hora porque ela faz o que eu quero”. Então é aquela conversa: “Não, você vai ficar sentado aqui porque você bateu”. “Agora nós vamos almoçar, tem que sentar na cadeira, pé não é na mesa, pé no chão”. Aí aquela coisa, né, não vai ficar com brincadeira boba, na hora que é sério é sério, na hora de brincar vamos brincar. De imitar bichinho, de fantoche. Hora de brincar, está todo mundo brincando, mas hora de comer, hora de... como eu falei, a linguagem é muito clara, é assim, é assim. Não tem muito: pra você pode, pro outro não pode. Todo mundo tem as suas preferências, tanto a criança te elege quanto você gosta de determinada criança, de um ou de outro, mas todas são, você fala: “Não, fez errado, você vai sentar”. Fez bonitinho? Vamos elogiar, vamos incentivar uma coisa legal, né. Às vezes a Indrig também, ela é meio estabanada, né, quebra, sai e derruba todo mundo. Outro dia ela foi tão educada, eu falei “Ai, que linda! Você está fazendo carinho no seu amigo!”. Porque foi delicado. Então você saber reconhecer quando a criança está tentando. Porque tem horas que, como eu falei, vai passando e vai derrubando todo mundo mesmo. Não está nem aí, né.

E: Você falou que tanto as crianças elegeem como as professoras elegeem, né. Isso é uma coisa que vocês conversam aqui entre os professores, com a coordenação, com as famílias, com a direção?

A: Ah, a gente conversa assim com as professoras da sala, né, porque você percebe, né, a gente até comenta que as meninas vão mais comigo e os meninos vão mais com a Marlene. Então você percebe, né. Por exemplo, tem que trocar, eles não querem determinada pessoa para trocar. Mas assim, sabe que vai entrar pra trocar e que vai voltar pra brincadeira. Mas tem uns que não querem. Né, então você já percebe “Não, vai trocar”. Porque você não vai ficar toda

hora papericando. Porque a vida não é assim. Quando está na minha vez de trocar eu vou trocar, quando está na vez da Marelene, ela vai trocar. Não tem aquela de “Não, não quero”. Não, as duas são professoras, nós duas estamos aqui. Menos na hora do comida, porque se não não tem jeito, não come mesmo. Senão fica berrando. É importante, a gente fica preocupada em comer. Mas na hora de uma troca não, tem que haver essa, esse convívio, né, aqui é tudo ensinamento de convivência mesmo, porque a vida não é assim, né? Você vai ter que conviver com pessoas que você gosta mais, que você gosta menos. Que você tem mais afinidade ou não tem, mas a questão do respeito, da convivência, de dividir as coisas, então acho que é desde o começo, né, que eles vão aprendendo. Como eu falei, a Érica, que veio do abrigo, ela tem muito: “é meu! É minha! É meu!”. Mas é uma outra realidade. Então você entende que ela tem que se defender, ela tem que pegar, porque lá deve ser tudo muito coletivo, né. E naquele momento que ela chega, com a mochilinha dela, ela fala: “é minha”. Ela não quer me dar. Eu falo “nós vamos guardar isso no armário, é sua a mochila, mas nós vamos guardar lá no seu armário”. E ela vem atrás de mim pra ver se eu vou guardar no armário.

E: Conhecer a história de cada criança, o que ela vive fora daqui da escola, é uma coisa importante pra você se vincular a ela?

A: com certeza, porque você entende determinadas reações da criança, determinados comportamentos da criança.

E: Como seria a sua vinculação com as crianças se não você não conhecesse, você consegue imaginar?

A: Às vezes a gente não conhece, né, problemas mais pessoais eles não abrem pra gente. Mas a gente, tem aquela ficha, esse negócio do Augusto eu fiquei sabendo há pouco tempo, que tem esse pai agressivo, mas fica mais fácil de você identificar porque a criança tem aquela reação, aquela atitude, e aí você tentar mudar, assim. E aí lógico, né, ninguém é perfeito, eu acho que eu estou fazendo o meu melhor, não prejudicar alguém de maneira alguma. Mas assim, de tentar fazer com que aquela criança se expresse mais, às vezes é uma criança mais fechadinha. A Sônia é uma que se fizessem alguma coisa pra ela, ela fica no lugar que ela estava e chorava. Ela não tinha reação. Era de parar no lugar e chorar, e ia agachando, agachando, agachando.

E: Tadinha.

A: Então você fala, peraí, isso não é bom pra ela. Eu falo “que foi, Sônia? Não, o seu amigo vai te pedir desculpas”. Sabe, é ter uma (gesticula) pra ela, senão ela para e chora e ela começa a agachar. Porque eu comecei a prestar atenção nisso. Se eu deixo, ela fica lá chorando. Precisa de alguém pra defende-la. Não, você que tem que se defender. Porque isso eu não sei, depois que a gente ficou (gesticula, insinuando com o gesto uma reflexão), não foi só na separação dos pais que ela ficou muito amuada, ficou muito abatida, ficou ruim mesmo. Mas depois que a gente soube que era a separação dos pais. Ela ficou muito abatida, tipo uma depressão mesmo, muito desanimada. Só queria beijo, só queria colo, muito triste. Ela ficou triste mesmo. E a Sônia não tem esse negócio de reagir. Então eu falo “não, o seu amigo vai te devolver o brinquedo, você vai (pausa), né...” pra tentar melhorar o relacionamento dela, porque não adianta você parar e chorar. Que aí os outros vem mais em cima ainda, né, que a gente prepara pro mundo em geral, não só aqui, né, igual a gente falou, a gente não trata como bebezinho, já vai tentando desenvolver mesmo, porque...

E: Você poderia contar um pouquinho mais como é a sua relação com a Sônia? Se você pensa nela quando você não está aqui, como que é essa proximidade que você tem com ela, que lugar você sente que ocupa perto dela?

A: É, assim, a Sônia agora está um pouco mais solta. Mas a semana que ela fica com o pai ela chama muito pela mãe. Então aí é aquela semana que você tem que ficar mais próxima, digamos assim, dela. Mas igual eu falei, ela melhorou, ela ficou muito triste, muito triste, mas agora ela está reagindo melhor. Mas ela fica ali na grade olhando pra baixo e chamando 'mamãe'. Então a gente fala "mamãe está trabalhando. Daqui a pouco ela vem te buscar, agora você está aqui na escola, com seus amigos, nós vamos fazer tal coisa." E aí eu proponho uma outra coisa pra 'distrair', digamos assim. Porque não adianta ela ficar esperando a mãe vir buscar, né. Tem momento que não da, daí a importância da sinceridade "mamãe está trabalhando, nós vamos brincar com os amigos, nós vamos almoçar". Porque é verdade, né, não adianta você ficar inventando. Porque ainda ela vai embora às 13:00, a babá vem buscar, né, tal. A babá conta umas coisas da família que a gente fica meio chocado. Né, mas a gente procura deixar de lado, né, porque sei lá se é verdade, se não é. Então a gente fica muito nesse cuidado maior. Ela come, não come assim, macarrão, mas a Marlene que está com eles na mesinha já conseguiu dar o frango, por exemplo, que num dia é macarrão, molho e frango. Pelo menos o molho e o frango ela está comendo. Então assim, você tem uma atenção especial, não só com a Sônia, é que você perguntou da Sônia, mas com todos. Tem um que come o que dá, tem outro que não come isso, não come aquilo, o outro gosta de uma coisa, tanto de brincadeira, mas a alimentação é mais assim. Mas a gente tem aquele olhar com a criança, né, um olhar diferenciado, cada um é um, cada um tem uma preferência, tem um temperamento, tem um jeito de se relacionar. A gente tem que ter esse cuidado pra desenvolver pro mundo, mesmo. E tentar da melhor maneira, ver que a criança se sinta bem, acho que desde o começo, a gente quer que a criança se sinta bem aqui dentro. Não é o lugar que ela está presa, e que a família não quer e largou ela aqui. Não, é um lugar de convívio, que ela vai se desenvolver, um lugar agradável, né. Eu acho que a escola é bonitinha. É infantil, é bonitinha pra eles, isso chama muito a atenção deles. O visual, mesmo pra gente adultos, você vai num lugar feio, você já não quer entrar.

E: É verdade.

A: Se você vir que é um lugar limpo, que está pintado, que tem uma atmosfera boa, como a gente fala, você já se sente melhor, já se sente acolhido, a gente também se sente assim. A gente procura muito deixar a criança confortável, que ela se sinta, que ela queira vir pra escola. A gente vê, tem criança que chega sorrindo, a maioria chega sorrindo, e a gente já fala "oi fulano, bom dia". O Diego chega sorridente, o Fernando fica numa boa. Outro dia fez assim pro pai (gesticulou um sinal de positivo com o dedão), o pai estava indo embora, ele fez assim (gesticulou novamente). Daí eu comentei, "ele acabou de fazer assim" (gesticulou novamente), foi a primeira vez que ele fez. Daí eu falei "ele acabou de fazer um positivo pro pai que está indo embora, e tal". Então ele percebeu que o pai, a mãe, o pai, a família, vai e volta, que tem o compromisso. Aqui ela vai ficar bem, bem acolhida. E está aprendendo, está se desenvolvendo, tem essa ideia de... ideia não, né... esse respeito, tem a rotina, tem o respeito, tem o... a maneira de fazer as coisas, que entra na rotina, né, você vai almoçar, você vai sentar na cadeira, vai ter uma posição pra almoçar, vai comer com a colher, não com a mão, né, então é tudo assim.... comportamento, é coisa da nossa sociedade. Que tem lugares que come com a mão (risos). Mas assim, a gente vai colocando, educando de uma maneira geral, né. e da Sônia que você estava falando, é porque ela é muito quietinha, né. Desde o começo ela é muito quietinha, ela é introvertida. Uma vez eu coloquei um negócio assim na cabeça dela, não me lembro se foi pano, se foi chapéu, acho que foi chapéu da festa junina. Quando eu tirei ela estava chorando. Pegou um pouquinho olho dela e eu não vi. Mas assim, ela não teve a reação de tirar o chapéu que ela não queria. E ela ficou com o chapéu. E a gente aqui brincando, brincando, quando eu tirei ela estava chorando. Eu falei "Sônia...". Por que os outros não, os outros tiram, ou fazem alguma coisa. Então a Sônia é nesse sentido de colocar pra fora. Porque senão ela vai sofrer mais ainda. Você fala, "não Sônia, vamos lá, né", assim, agora faz tempo que ela não para e fica

chorando. Outro dia ela levou um empurrão aqui da Érica, mas na hora, já abriu um bocão, já levantou, ela está melhorando um pouco. Porque antes ela ficaria lá, às vezes chorando baixinho como esse dia do chapéu de festa junina. O chapéu estava meio grande pra ela. Mas na hora que eu fui tirar o chapéu ela chorando... Não é pra isso, né? Pelo amor de deus. Tira, se você não quer o chapéu, tira!

E: Esse cuidado, esse olhar que você tem, né, você saberia dizer o que que é parecido, o que que é diferente com o lugar da mãe?

A: É, eu acho que quando são mais bebês, é muito próximo, né, porque pra eles é o colo. Não tenho peito, não tenho leite, a única diferença é que não tenho peito ou leite. Porque eles tem aquele negócio mesmo de querer só colo. Porque se você não é filho único, essas coisas, tem menos (colo) em casa, né. E é a faixa etária que pega mais colo, você pega pra mamar, você pega pra tudo porque não anda. Eu acho que no começo é uma transferência. De achar que é mãe mesmo. Eles chamam a gente de mãe. Mas é que no começo eles não consegue falar mesmo, então é a primeira palavra que eles falam, de tanto ouvir, né. Mas agora já me chamam de Violeta, Nanda. Já fala o nome, né, porque aqui a gente não fala 'tia'. Os pais falam. Eles falam "o tia...". A gente se identifica pelo nome, Violeta, Marlene, Sandra. Então eles já estão chamando. Mas eu acho que quando é pequenininho mesmo, a criança, que nem a gente pega, de 4 a seis meses, ainda é essa transferência sim. Como mãe. Aí depois eles começam a diferenciar, que você está aqui como professora. Como professora, vai... como adulto. Todo mundo tem essa noção, mas assim, é uma relação diferente. Da mãe. Porque tem muita manha que eles fazem com a mãe, ou pai, quando vem trazer, quando vem buscar a tarde, que eles não fazem com a gente. A chupeta, sabe que é na hora de dormir. Aí, chega o pai e já dá a chupeta. Chega a mãe e já dá a chupeta. Ou então chega de chupeta. Aí faz aquele drama. Porque é uma compensação por deixa-los, por estar se afastando da criança. Então acaba dando a chupeta, cadê a chupeta. Porque à tarde, depois de um tempo eles não dormem (com a chupeta), mas pro final do ano eles não dormem. Então a chupeta está na mochila. A mãe chega "ai, cadê a chupeta". Está guardada, está na mochila. "Ah, deixa eu tirar porque vai chorar, fulana vai chorar". Eu falo, né, não é por aí. Mas essa diferença de um adulto cuidador, como é o professor, né. (Essa diferença de) Um adulto pra mãe vai aparecer um pouquinho depois, perto de um ano, acredito, dos 8 meses em diante. Porque quando é muito bebê, tem essa transferência mesmo. "Ah, agora eu quero colo, ela vai cuidar de mim, vai me por pra dormir", né. Porque pra eles, o mundo deles é isso, a rotina deles, né, satisfazer as necessidades básicas do bebê. Na verdade, no começo é isso, né.

E: Nossa, eu achei tão interessante essa mudança que você está contando.

A: É... (sorriso)

E: Você teria como contar um pouquinho mais pra eu entender melhor, como que acontece essa mudança que ele vai aos poucos reconhecendo você como uma adulta que não é a mãe?

A: Ah, eu acho que assim... não sei te dizer, eu nunca parei pra pensar, eu estou falando mais ou menos. Porque eu sinto muito que o bebê quer o colo e quer brincar junto. A Veridiana, ela chegava e tinha que ficar no colo ou encostar em você. Mas a Veridiana já era até mais grandinha, não era tão bebê. A Veridiana tinha que estar junto, tinha que encostar. Senão ela não estava bem, estava chorando. Mas depois, aos poucos, a gente "ó, vai la...", né, a gente vai sempre incentivando e aí vai desgrudando. Mas aí tem teoria, assim, textos que eles falam quando começam eles mesmos a perceber, que se desvinculam um pouco da mãe. Agora eu não sei, não vou lembrar a idade, né, quantos meses.

E: Não, mas me interessa como isso aparece na sua experiência mesmo.

A: É, assim, mas a partir do momento que eles vão ficando aqui, vão ficando um pouco mais velhos que a gente vai soltando mesmo, porque tem mãe que segura. Tem aquele apego com o filho e dá uma insegurança pra criança, mesmo, né. Ele só é importante se estiver com a mãe. Tem relações assim, não só de criança, como de namorado, marido e mulher, né, de adulto, tem essa relação de possessividade, a gente poderia chamar. Tem que estar junto, tem que ser dependente um do outro. E aqui não, a gente procura muito pelo contrário, deixar a criança independente. É uma outra relação. Então ela vai ver que ela pode fazer coisas sozinhas. Ela não tem que estar sempre com um adulto. Eu acho que aí vai distanciando um pouco, né, da mãe e do adulto que vai te colocar, que vai te mostrar as coisas, vai mostrar que você pode fazer. Você vai orientando, mas não está ali, fazendo tudo junto o tempo todo.

E: Essa seria uma postura diferente da professora com relação à mãe?

A: Ah, com certeza. Porque às vezes, a gente sabe que a rotina diária não é fácil, então pra mãe é muito mais fácil dar a comida na boca da criança, que não faz sujeira, do que você dar o prato e ensinar a comer com a colher. Porque vai sujar. Porque até ela conseguir ter esse movimento, de colocar tudo na boca, mesmo que ela consiga, às vezes cai. Suja. Então, pra mãe, é muito mais fácil dar a mamadeira, do que dar um copo que a criança vai virar e vai fazer sujeira. Vai molhar a roupa. Então aqui a gente sempre trabalha muito isso. Quando a gente muda da mamadeira pra canequinha a gente comenta, é caneca de bico, mais pra frente vai pra caneca normal, né, sabe que vai fazer mais sujeira. Então tudo isso, então pra mãe às vezes é mais prático, e a criança não questiona, também “aceito as coisas”. Mais fácil você educar assim (risos). Não dá trabalho, né, não dá tanto trabalho. E aqui não, a gente procura muito pelo contrário, tornar a criança cada vez mais independente. Porque aqui tem um adulto pra sete crianças. Em casa, dificilmente você tem uma mãe pra sete filhos.

E: É, é uma diferença já, né?

A: Então, quer dizer, a mãe tem um cuidado, geralmente, né, tem um cuidado maior e assim não quer ter esse trabalho de estar ali sentado, né, como eu falei do comer, do exemplo do comer, que é muito mais prático dar na boca, acabou, a casa está limpa e pronto. Do que você ficar lá, e tal... é que aqui a gente tem uma outra questão, porque aqui eles tem que comer sozinhos, senão eles vão ficar esperando. Você tem duas mãos. Quando muito eu consigo dar para três crianças. É o máximo que eu consigo dar ao mesmo tempo. Duas eu ponho dois pratos aqui, aí um prato na mesa, no máximo. Dois ainda dá, agora três é o máximo. Ou então no cadeirão. Quer dizer, quando eles começam a comer sozinhos, você vai orientando. Você vai ajudar a por na boca. Mas você não vai estar ali só pra essa criança, você está olhando mais quatro ou cinco. Então você vai passando e você vai ajudando, então se a criança está com fome, ela vai tentar e assim ela vai aprendendo. Ela sabe que não vai vir na boca dela as coisas. Então aos poucos ela vai percebendo que se ela quer ela vai ter que se virar. Mesmo as gêmeas, a gente fala “vem aqui!”. A Maria estava em uma cadeira, tal. Ela assim pra mim (gesticulando chamando a Violeta em sua direção). Falei “vem você!”. Que ela quer andar, né, não quer mais engatinhar. Falei “Vem aqui, Maria”. E ela assim pra mim (gesticulando). “Vem aqui você!”. Aí ela foi pro chão engatinhando e veio (risos). Quer dizer, vem aqui, né, vem socorrer. Mas assim, perceber que não é um adulto só pra você. A Maria essa semana está muito assim, não sei se mudou a rotina, se aconteceu alguma coisa. Quando dei café da manhã eu tive que tirar ela do cadeirão e ficar no colo, porque ela berrou o tempo todo. Eu fiquei do lado dela, estava servindo fruta, mas depois eu fiquei do lado dela e ela continuou chorando. Falei, também, né, vou pegar (a Maria) um pouco, senão tumultua tudo. Mas assim, eu tentei, pus no cadeirão, servi todo mundo, a

Marlene estava com a vasilha das frutas servindo todo mundo, e ela berrando. Fiquei do lado dela pra dar a frutinha. E ela berrando, berrando, aí quando eu peguei no colo ela começou a comer. Falei, o, meu deus do céu. (risos). Você fala, as vezes a criança não está bem, não dormiu direito, você vai dar um suporte diferente. Mas não dá pra ficar com uma no colo com os outros 12 precisando de mim.

E: Posso fazer uma última pergunta, não sei quanto tempo a gente tem mais...

A: Ah, já está na hora. Fala.

E: quando você vai vendo que a criança está nesse processo de diferenciar você da mãe, como você se sente? É tranquilo, é difícil?

A: Ah, o carinho não acaba nunca, né. O carinho não acaba nunca. Mas o de mãe é diferente mesmo. A mãe chega eles largam a gente. Mas saber separar, né. Eles estão vindo.

A: Violeta, obrigada!!